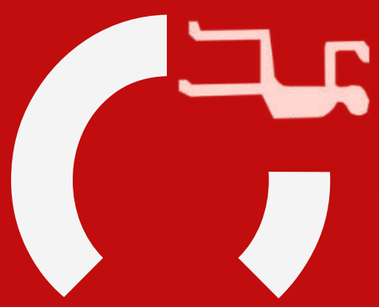
MARIA HELLENA BORBA LEAL

CASA CHICO

UMA PROPOSTA DE (RE)OCUPAÇÃO
DA ANTIGA CERÂMICA APIPUCOS

RECIFE, 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

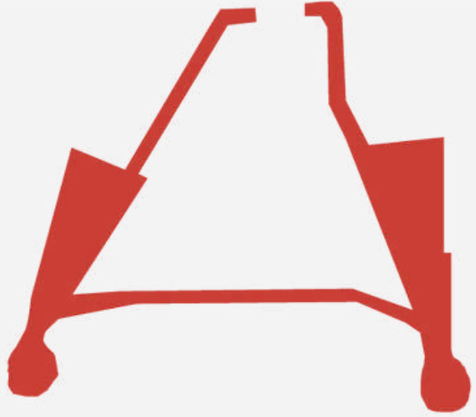
CASA CHICO

UMA PROPOSTA DE
(RE)OCUPAÇÃO DA ANTIGA
CERÂMICA APIPUCOS

Trabalho de Graduação apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a conclusão do curso, orientado pela Professora Lívia Morais Nóbrega.

MARIA HELLENA BORBA LEAL
ORIENTADORA: LÍVIA MORAIS NÓBREGA

RECIFE, 2023



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Leal, Maria Hellena.
Casa Chico: uma proposta de (re)ocupação da antiga Cerâmica Apipucos / Maria Hellena Leal. - Recife, 2023.
237 p : il., tab.

Orientador(a): Lívia Morais Nóbrega
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2023.
Inclui referências, apêndices.

1. Arquitetura. 2. Proposta de conservação. 3. Ocupação. 4. Fábrica. I. Nóbrega, Lívia Morais. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

Ata de sessão pública, via remota, de apresentação e arguição do Trabalho de Curso do(a) Aluno(a):

MARIA HELLENA BORBA LEAL

Ao 28º (vigésimo oitavo) dia do mês de abril do ano de 2023, realizou-se a sessão pública online de apresentação e arguição do Trabalho de Curso intitulado "Casa Chico: uma proposta de (re)ocupação da antiga Cerâmica Apipucos.", de autoria do(a) aluno(a) MARIA HELLENA BORBA LEAL, CPF: 708.578.864/01. O Comitê de Avaliação, indicado pelo Comitê do Trabalho de Curso, foi composto pelos presentes membros: Prof. Lívia Morais Nóbrega, presidente e orientador(a) do trabalho, Prof. Paulo Raposo Andrade e Prof. Ênio Laprovítera da Motta, Arquitetos(as) e Urbanistas do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco e o(a) Arquiteto(a) e Urbanista Bruno Firmino Costa da Silva, como componente externo à Instituição. Após a apresentação e arguição, em sessão secreta, o Comitê atribuiu as seguintes notas ao(a) candidato (a):8,0 (oito), 8,5 (oito e meio), 8,5 (oito e meio), ficando o(a) aluno(a) com a média final 8,33 (oito e trinta e três), sendo considerado(a) aprovada. Para constar foi lavrada a presente ata, assinada pelo(a) aluno(a), pelos membros do Comitê de Avaliação e representante do Comitê de TC – Trabalho de Curso.

Recife, 28 de abril de 2023.

Banca realizada por videoconferência
Prof. Lívia Morais Nóbrega
Orientador(a)

Banca realizada por videoconferência
Prof. Paulo Raposo Andrade
Comitê de Avaliação

Banca realizada por videoconferência
Prof. Ênio Laprovítera da Motta
Comitê de Avaliação

Banca realizada por videoconferência
Bruno Firmino Costa da Silva
Comitê de Avaliação

Banca realizada por videoconferência
Aluno (a) MARIA HELLENA BORBA LEAL

gov.br Documento assinado digitalmente
PATRICIA DE OLIVEIRA DIAS PORTO CARRI
Data: 28/04/2023 14:09:10-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Representantes do Comitê do TC
Danielle de Melo Rocha
Izabella Galera
Patrícia de Oliveira Dias Porto Carreiro

( ) Indicação para premiação

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que sempre me apoiaram durante o curso de Arquitetura e Urbanismo e sempre me motivaram em cada etapa e me ajudaram a persistir ao longo dessa reta final;
A minha avó, Creuza, que continua sendo parte fundamental da minha vida e motivação para minhas conquistas;
Aos meus amigos, que ganhei ao longo dos anos de curso por todos os momentos compartilhados ao longo dessa trajetória que me levou até aqui;
Um agradecimento especial aos meus amigos, quase irmãos, e companheiros de GE, Carol, Rafa, Willy, Lívia, Vini e Júnior que foram meu maior apoio na reta final deste trabalho, me ajudando a conseguir finalizar essa etapa;
A minha orientadora, Lívia Morais Nóbrega, pela orientação, partilha de conhecimento e motivação para finalizar esse trabalho durante um período bastante difícil.;
Aos moradores e lideranças da ocupação Chico Lessa do MUST - Jadson, Carlos e Bernardo - por terem me recebido tão bem e serem peça fundamental para a troca de diálogos e conhecimento para o meu projeto;
E por fim, à Deus por ter me dado toda força que precisei para vencer cada obstáculo neste percurso.

OBRIGADA.

EPÍGRAFE

> Os problemas são problemas demais se não correr atrás da maneira certa de solucionar.

Samda do Lado - Chico Science e Nação Zumbi



Ilustração: Maria Hellena Borba

RESUMO

O trabalho apresentado é resultado das disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco e foi elaborado entre os anos de 2022 e 2023 sob a orientação da Professora Arquiteta Lívia Morais Nóbrega. Com o tema “Casa Chico: anteprojeto de (re)ocupação da antiga Cerâmica Apipucos”, o presente trabalho tem como motivação o desenvolvimento de um anteprojeto para um conjunto edificado obsoleto situado no bairro de Caxangá, no Recife. A partir do propósito de reativar uma antiga olaria abandonada de forma a reintegrá-la à dinâmica da cidade e do entorno, se propõe uma reflexão sobre a ociosidade e a decadência dos bens edificados e as possibilidades que a arquitetura dispõe como instrumento de transformação



Palavras-chave: Conservação; Proposta; Fábrica; Ocupação.

ABSTRACT

The work presented is the result of the Course Completion Work disciplines I and II, of the Architecture and Urbanism Course at the Federal University of Pernambuco and was prepared between the years 2022 and 2023 under the guidance of Professor Architect Lívia Morais Nóbrega. With the theme “Casa Chico: preliminary project for the (re)occupation of the old Cerâmica Apipucos”, the present work is motivated by the development of a preliminary project for an obsolete building set located in the neighborhood of Caxangá, in Recife. From the purpose of reactivating an old pottery taking place in order to reintegrate it into the dynamics of the city and its surroundings, a reflection is proposed on the idleness and decay of built assets and the possibilities that architecture has as an instrument of transformation



Keywords: Conservation; Proposal; Factory; Occupation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - ESTAÇÃO EUSTON, TERMINAL LONDRINO DE LONDRES E BIRMINGHAM RAILWAY, 1840.....29

FIGURA 2 - EXTENSÃO DO MERCADO LES HALLES NO SÉCULO XIX.....29

FIGURA 3 E 4 - ESTRUTURAS RESTANTES DA ANTIGA OLARIA CERÂMICA APIPUCOS, NO BAIRRO DE CAXANGÁ EM RECIFE.....34

FIGURA 5 - OCUPAÇÃO MARIELLE FRANCO NO CENTRO DA CIDADE DO RECIFE NO EDIFÍCIO SULAMÉRICA.....37

FIGURA 6 - PRÉDIO DO INSS NO CENTRO DO RECIFE OCUPADO POR INTEGRANTES DO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA E LUTA PELO TETO (MRLT).....38

FIGURA 7 - PARQUE BIBLIOTECA FERNANDO BOTERO / G ATELIERS ARCHITECTURE.....41

FIGURA 8 - PARQUE BIBLIOTECA ESPAÑA / GIANCARLO MAZZANTI.....41

FIGURA 9 - COMPAZ ARIANO SUASSUNA NA CIDADE DO RECIFE.....42

FIGURA 10 - COMPAZ GOVERNADOR MIGUEL ARRAES.....42

FIGURA 11 - DESENHO DO SESC POMPÉIA, FEITO PARA A EXPOSIÇÃO "ACCESS FOR ALL: SÃO PAULO'S ARCHITECTURAL INFRASTRUCTURES".....47

FIGURA 12 - LOCALIZAÇÃO DO SESC POMPÉIA.....48

FIGURA 13 - IMPLANTAÇÃO INDICANDO O ACESSO DE ENTRADA E OS PERCURSOS A SEREM PERCORRIDOS.....50

FIGURA 14 - ZONEAMENTO DO PROJETO.....50

FIGURA 15 - GALPÕES.....51

IGURA 16 - EXPOSIÇÃO ''LAMENTO DAS IMAGENS'' DE ALFREDO JAAR EM 2021.....51

FIGURA 17 - ESPAÇO DOS CAFÉS SITUADO NA ENTRADA DA EDIFICAÇÃO.....52

FIGURA 18 - SETOR DE SERVIÇOS NO REMANESCENTE FABRIL E POR TRÁS O BLOCO ESPORTIVO.....53

FIGURA 19 - CANALETAS DE ÁGUAS PLUVIAIS.....53

FIGURA 20 - BLOCO ESPORTIVO.....54

FIGURA 21 - ENTRADA DOS GALPÕES COM A EXPOSIÇÃO ‘’LAMENTO DAS IMAGENS’’ DE ALFREDO JAAR.....55
FIGURA 22 - LOCALIZAÇÃO LX FACTORY.....57
FIGURA 23 - ZONEAMENTO DA EDIFICAÇÃO LX FACTORY.....58
FIGURA 24 - VISTA DE CIMA DA IMPLANTAÇÃO DA ESTAÇÃO DAS DOCAS.....58
FIGURA 25 - LX FACTORY. PLANTA DO PISO 0 COM ESPAÇOS OCUPADOS PELO FESTIVAL OFFF ASSINALADOS A CINZA ESCURO.....59
FIGURA 26 - CIRCULAÇÃO PRINCIPAL ENTRE OS EDIFÍCIOS G, H E I, COM PEQUENOS COMÉRCIOS COMO CAFÉS E LANCHONETES.....60
FIGURA 27 - VISTA INTERNA DA ESTRUTURA DO ARMAZÉM 2.....60
FIGURA 28 - BURACO EM UMA DAS FACHADAS.....61
FIGURA 29 - BIBLIOTECA.....62
FIGURA 30 - VISTA INTERNA DE UM DOS COMÉRCIOS.....62
FIGURA 31 - ESPAÇOS DE ESTAR NA LX FACTORY.....63
FIGURA 32 - CIRCULAÇÃO ENTRE OS EDIFÍCIOS G, H E I.....63
FIGURA 33 - CIRCULAÇÃO ENTRE OS EDIFÍCIOS.....64
FIGURA 34 - LOCALIZAÇÃO DA CASA ZERO.....65
FIGURA 35 - VISTA AÉREA DA CASA ZERO E A COMUNIDADE DO PILAR.....66
FIGURA 36 - CASA ZERO NA RUA DO BOM JESUS NO RECIFE.....67
FIGURA 37 - FOTOMONTAGEM DO TERRENO DA OLARIA COM O RIO CAPIBARIBE E A BR-101.....74
FIGURA 38 - MAPA LOCALIZAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL.....75
FIGURA 39 - MAPA LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DO RECIFE.....76
FIGURA 40 - MAPA LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO DE CAXANGÁ.....76
FIGURA 41 - REGIÕES POLÍTICO ADMINISTRATIVAS DO RECIFE.....77
FIGURA 42 - MAPA LOCALIZAÇÃO DA ANTIGA OLARIA CERÂMICA APIPUCOS.....78

FIGURA 43 -MAPA COM VIAS IMPORTANTES PRÓXIMAS AO TERRENO DA ANTIGA OLARIA CERÂMICA APIPUCOS.....79
FIGURA 44 - UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA (UCN) CAXANGÁ E ÁREAS DE CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL DAS PROXIMIDADES.....81
FIGURA 45 - FOTO AÉREA DA OLARIA NO ANO DE 1970.....82
FIGURA 46 - FOTO AÉREA DA OLARIA NO ANO DE 2013.....83
FIGURA 47 - FOTO AÉREA DA OLARIA NO ANO DE 2019.....84
FIGURA 48 - FOTO AÉREA DA OLARIA NO ANO DE 2022.....85
FIGURA 49 - TOPOGRAFIA.....86
FIGURA 50 - PARTE DO TERRENO AO NORTE ONDE ERA FEITA A RETIRADA DA TERRA.....87
FIGURA 51 - MAPA NOLLI DO ENTORNO DO TERRENO DA OLARIA.....88
FIGURA 52 - MAPA DE USOS DO ENTORNO.....89
FIGURA 53 - GRÁFICO COM PORCENTAGEM DA FAIXA ETÁRIA DOS MORADORES DOS BAIRROS DE CAXANGÁ.....90
FIGURA 54 - ESTRUTURA RESTANTE DO BLOCO CENTRAL DA ANTIGA OLARIA CERÂMICA APIPUCOS.....93
FIGURA 55 - DIAGRAMA COM REMANESCENTE FABRIL.....94
FIGURA 56 - DIAGRAMA COM AS INTERVENÇÕES POSTERIORES (OCUPAÇÃO CHICO LESSA).....94
FIGURA 57 - DIAGRAMA GERAL COM O ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO.....95
FIGURA 58 - MAPA COM O ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO.....96
FIGURA 59 - FACHADA SUDESTE (BLOCO CENTRAL).....97
FIGURA 60 - COLUNA INTERNA FEITA EM ALVENARIA DE TIJOLO CERÂMICO (BLOCO CENTRAL).....98
FIGURA 61- VEGETAÇÃO PRESENTE NO INTERIOR DO BLOCO CENTRAL, JUNTO COM A HORTA COMUNITÁRIA ORGANIZADA PELOS MORADORES DA OCUPAÇÃO.....98
FIGURA 62 - ANTIGA ESTRUTURA COM PILARES DE ALVENARIA NO BLOCO CENTRAL QUE SUSTENTAVAM A COBERTURA DA EDIFICAÇÃO.....99
FIGURA 63 - PAREDE REMANESCENTE DA ANTIGA OLARIA NO GALPÃO PRÓXIMO A BR-101.....100
FIGURA 64 - EDIFICAÇÃO UTILIZADA PELOS SEGURANÇAS.....101

FIGURA 65 - ESQUADRIA DANIFICADA NO TÉRREO DA EDIFICAÇÃO.....101
FIGURA 66 - MAQUINÁRIO DA FÁBRICA.....102
FIGURA 67 - ANTIGOS VOLUMES ONDE FUNCIONAM AS OFICINAS.....102
FIGURA 68 - ANTIGOS VOLUMES ONDE FUNCIONAM AS OFICINAS.....103
FIGURA 69 - MODELAGEM SHOPPING APIPUCOS.....104
FIGURA 70 - PARQUE ECOLÓGICO QUE FAZ PARTE DO PROJETO.....104
FIGURA 71 - IMPLANTAÇÃO DO PROJETO PARQUE APIPUCOS.....106
FIGURA 72 - CORTE ESQUEMÁTICO DE UM DOS BLOCOS DO PROJETO PARQUE APIPUCOS.....106
FIGURA 73 - RECORTE DO PERIÓDICO DIÁRIO DE PERNAMBUCO NO ANO DE 1961 QUE FALAVA SOBRE A FESTA DO CAUDILHO DE APIPUCOS.....110
FIGURA 74 - IMAGEM RETIRADA DO PERIÓDICO DIÁRIO DE PERNAMBUCO NO ANO DE 1961, ''A TRADICIONAL CERÂMICA APIPUCOS''.....110
FIGURA 75 - ANÚNCIO RETIRADO DO PERIÓDICO DIÁRIO DE PERNAMBUCO NO ANO DE 1886.....111
FIGURA 76 - IMAGEM RETIRADA DO PERIÓDICO DIÁRIO DE PERNAMBUCO NO ANO DE 1961, ''DANCING DO REINADO DE APIPUCOS, TENDO AO LADO A SUA MAJESTOSA PISCINA''.....112
FIGURA 77 - IMAGEM RETIRADA DO PERIÓDICO DIÁRIO DE PERNAMBUCO NO ANO DE 1961, ''ESCOLA DE FORMAÇÃO SOCIAL PATROCINADA PELO GOVERNO DO ESTADO''.....112
FIGURA 78 - RECORTE DO PERIÓDICO QUE FALAVA SOBRE A FESTA DO CAUDILHO DE APIPUCOS.....113
FIGURA 79 - RECORTE DO PERIÓDICO.....113
FIGURA 80 - BANDEIRA DO MUST (MOVIMENTO URBANO DOS TRABALHADORES SEM-TETO.....114
FIGURA 81 E 82 - IMAGENS DE DRONE DA OCUPAÇÃO CHICO LESSA.....115
FIGURA 83 - ILUSTRAÇÃO DE CHICO LESSA.....116
FIGURA 84 - ASSENTAMENTOS DA OCUPAÇÃO CHICO LESSA.....117
FIGURA 85 - ASSENTAMENTOS DA OCUPAÇÃO CHICO LESSA AO REDOR DA ANTIGA OLARIA CERÂMICA APIPUCOS.116
FIGURA 86 - GRÁFICO COM PORCENTAGEM DE PESSOAS DESEMPREGADAS EM PERNAMBUCO 2019- 2021.....116

FIGURA 87 - ACESSO A OCUPAÇÃO PELA BR-101.....119
FIGURA 88 - ASSENTAMENTOS NA OCUPAÇÃO CHICO LESSA.....120
FIGURA 89 - ASSENTAMENTOS NA OCUPAÇÃO CHICO LESSA.....121
FIGURA 90 - ASSENTAMENTOS DA OCUPAÇÃO CHICO LESSA AO REDOR DA ANTIGA OLARIA CERÂMICA APIPUCOS..122
FIGURA 91 - DIRETRIZES DO PROJETO.....125
FIGURA 92 - RAIO DE ABRANGÊNCIA 1,5KM.....131
FIGURA 93 - ESTUDO CONCEITUAL DO MASTERPLAN PARA A GLEBA.....132
FIGURA 94 - CASA CHICO.....135
FIGURA 95 - VISÃO AÉREA DA PROPOSTA.....136
FIGURA 96 - IMPLANTAÇÃO DA CASA CHICO.....137
FIGURA 97 - CICLOVIA PROPOSTA PARA O ENTORNO.....138
FIGURA 98 - BICICLETÁRIOS.....139
FIGURA 99 - ZONAS DE TRAFFIC CALMING.....139
FIGURA 100 - ESQUEMA COM OS AMBIENTES DO PARQUE LINEAR.....143
FIGURA 101 - AMBIENTES DE INTERFACE.....144
FIGURA 102 - AMBIENTES DE USO.....144
FIGURA 103 - AMBIENTES DE BORDA.....145
FIGURA 104 - AMBIENTES DE TALUDE NA BORDA DO RIO CAPIBARIBE.....145
FIGURA 105 - PASSARELA CAPIBARIBE.....146
FIGURA 106 - JARDIM DE BROMÉLIAS.....147
FIGURAS 107 - VISTA INFERIOR DA PASSARELA.....147
FIGURAS 108 - PRAÇA DA INFÂNCIA.....148
FIGURAS 109 - ESPAÇO PARA FEIRAS E PISTA DE SKATE.....148
FIGURAS 110 - ESPAÇO PARA FEIRAS E PISTA DE SKATE.....149
FIGURA 111- LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO.....150

FIGURA 112 - NÍVEIS E ATIVIDADES DOS TALUDES.....151
FIGURA 113 - CORTE COM ESQUEMA DE VISIBILIDADE.....151
FIGURA 114 - CROQUI COM A PROPOSTA DE MOBILIÁRIO NOS TALUDES.....152
FIGURAS 115 - MOBILIÁRIO E TALUDES.....152
FIGURAS 115 - MOBILIÁRIO E TALUDES.....153
FIGURA 117 - JARDINS DE CHUVA.....154
FIGURA 118 - ESQUEMA COM O FUNCIONAMENTO DOS JARDINS DE CHUVA.....154
FIGURA 119 - HORTA COMUNITÁRIA.....155
FIGURA 120 - VISÃO SUPERIOR DA HORTA.....155
FIGURA 121 - PROPOSTA PARA A ANTIGA OLARIA.....158
FIGURA 122 - ESTUDOS DE VOLUMETRIA.....159
FIGURA 123 - ZONEAMENTO CASA CHICO.....159
FIGURA 124 - GALPÃO CULTURAL MULTIUSO.....164
FIGURA 125 - DIAGRAMA COM O ZONEAMENTO DO GALPÃO CULTURAL MULTIUSO.....165
FIGURA 126 - VISTA INTERNA DO GALPÃO.....165
FIGURA 127 - FACHADAS (GALPÃO CULTURAL MULTIUSO).....166
FIGURA 128 - ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA A REALIZAÇÃO DE EVENTOS.....167
FIGURA 129 - DIAGRAMA COM FLUXOS E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS (GALPÃO CULTURAL MULTIUSO).....167
FIGURA 130 - PLANTA DE DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO SEM ESCALA (GALPÃO CULTURAL MULTIUSO).....168
FIGURA 131- ESQUEMA COM ESTRUTURA EXPLODIDA (GALPÃO CULTURAL MULTIUSO).....168
FIGURA 132 - ESTRUTURA DA EDIFICAÇÃO COM TRELIÇAS WARREN.....169
FIGURA 133 - JARDIM ENTRE A ARQUIBANCADA E SEGUNDA PELE DO GALPÃO.....170
FIGURA 134 - BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL.....171
FIGURA 135 - DIAGRAMA COM O ZONEAMENTO DO BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL.....172

FIGURA 136 - ALVENARIA EXPOSTA DA OLARIA.....172
FIGURA 137 - PLANTA DE DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO DO TÉRREO (BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL).....173
FIGURA 138 - PLANTA DE DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO DO MEZANINO (BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL).....173
FIGURA 139 - FACHADAS (BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL).....174
FIGURA 140 - ELEMENTOS ESTRUTURAIS EM AÇO.....175
FIGURA 141 - ESQUEMA TRAMA ESTRUTURAL E REFORÇOS.....175
FIGURA 142 - ESQUEMA PILARES E VIGAS METÁLICOS.....176
FIGURA 143 - SEGUNDA PELE EM AÇO CORTEN.....176
FIGURA 144 - ESQUEMA COM DETALHE DO ENCAIXE DA SEGUNDA PELE NAS VIGAS METÁLICAS E LAJE.....177
FIGURA 145 - ESQUEMA ESTRUTURA DA FACHADA.....177
FIGURA 146 - ESQUEMA COM ESTRUTURA EXPLODIDA (BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL).....178
FIGURA 147 - EIXO CENTRAL COM OS PILARES EM ALVENARIA DA ANTIGA OLARIA.....179
FIGURA 148 - DIAGRAMA COM FLUXOS E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS (BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL - TÉRREO).....180
FIGURA 149 - DIAGRAMA COM FLUXOS E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS (BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL - MEZANINO).....180
FIGURA 150- ESCOLA DE OLEIROS DO INSTITUTO BRENNAND.....181
FIGURA 151- SALAS DE AULA PARA CRIANÇAS.....181
FIGURA 152 - EIXO CENTRAL DA EDIFICAÇÃO.....182
FIGURA 153 - RESTAURANTE DA CASA CHICO.....182
FIGURA 154 - MEMORIAL DA SOCIEDADE FOLCLÓRICA DE PERNAMBUCO.....185
FIGURA 155 - CROQUI DOS BANCOS MODULARES DO MEMORIAL.....186
FIGURA 156 - BANCOS MODULARES COM ESPAÇOS PARA ANÚNCIOS DE EVENTOS.....186
FIGURA 157 - COOPERATIVAS, CAFÉ E LANCHONETE.....187
FIGURA 158 - DIAGRAMA COM O ZONEAMENTO DAS COOPERATIVAS.....188

FIGURA 159 - PLANTA DE DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO SEM ESCALA (COOPERATIVA CHICO LESSA, COOPERATIVA DE RECICLAGEM E OFICINA/LANCHONETE/CAFÉ).....188
FIGURA 160 - COOPERATIVA CHICO LESSA.....189
FIGURA 161 - PROPOSTA COM AS FACHADAS REQUALIFICADAS PARA A COOPERATIVA CHICO LESSA.....189
FIGURA 162 - FACHADAS REQUALIFICADAS DA COOPERATIVA CHICO LESSA.....190
FIGURA 163 - COOPERATIVA DE RECICLAGEM.....192
FIGURA 164 - ESQUEMA COM A RELEITURA DAS COBERTAS EXISTENTES PARA A PROPOSTA DA COOPERATIVA.....193
FIGURA 165 - ESQUEMA ESTRUTURA EXPLODIDA (COOPERATIVA DE RECICLAGEM).....194
FIGURA 166 - ESQUEMA COM PILARES DA CASA BARNES E OS PROPOSTOS PARA A COOPERATIVA.....194
FIGURA 167- COMPOSIÇÃO DE FACHADA (COOPERATIVA DE RECICLAGEM).....195
FIGURA 168 - INTERIOR DA COOPERATIVA.....196
FIGURA 169 - DIAGRAMA COM FLUXOS E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS (COOPERATIVA DE COLETA E RECICLAGEM).....197
FIGURA 170 - ÁREA DE CARGA E DESCARGA.....197
FIGURA 171 - OFICINA DE RECICLAGEM, LANCHONETE E CAFÉ.....198
FIGURA 172 - ESQUEMA COM A NOVA ESTRUTURA DA COBERTURA E DISTRIBUIÇÃO DOS PESOS (LANCHONETE/CAFÉ E OFICINA DE RECICLAGEM).....198
FIGURA 173 - ALVENARIA EXPOSTA (OFICINA DE RECICLAGEM, LANCHONETE E CAFÉ).....199
FIGURA 174 - FACHADAS EXISTENTES E PROPOSTAS (LANCHONETE/CAFÉ E OFICINA DE RECICLAGEM).....200
FIGURA 175 - INTERIOR DA OFICINA DE RECICLAGEM.....200

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - PROGRAMA SESC POMPÉIA.....49

TABELA 2 - NÚMERO DE EMPRESAS PRESENTES NA LX FACTORY EM 2019.....61

TABELA 3 - PROGRAMA CASA ZERO.....68

TABELA 4 - ÁREAS DO PROJETO PARQUE APIPUCOS.....107

TABELA 5 - TABELA DE ÁREAS (ZONEAMENTO).....160

TABELA 6 - TABELA DE ÁREAS (PROGRAMA).....160

TABELA 7 - FICHA TÉCNICA GALPÃO CULTURAL MULTIUSO.....165

TABELA 8 - NÚMERO MÍNIMO DE SANITÁRIOS ACESSÍVEIS.....167

TABELA 9 - FICHA TÉCNICA BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL.....172

TABELA 10 - TIPOS DE BIBLIOTECA.....183

TABELA 11 - FICHA TÉCNICA COOPERATIVA DE RECICLAGEM.....191

TABELA 12 - FICHA TÉCNICA OFICINA, LANCHONETE E CAFÉ.....197

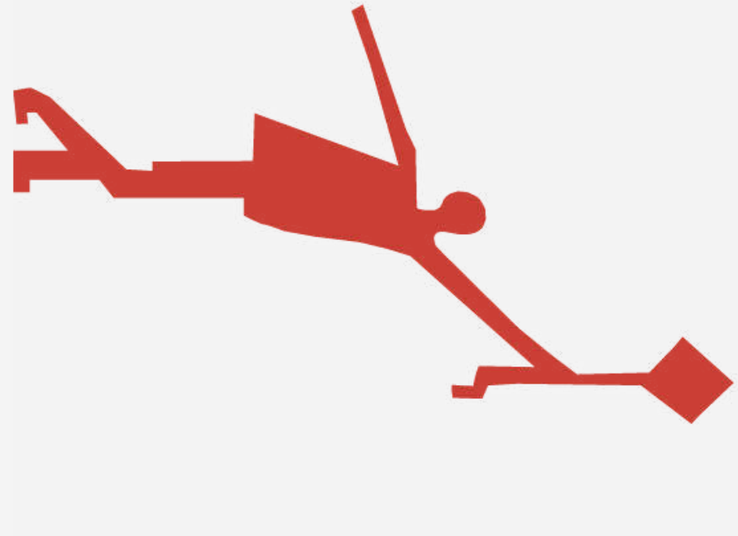
LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - FICHA TÉCNICA SESC POMPÉIA.....48
QUADRO 2 - FICHA TÉCNICA LX FACTORY.....56
QUADRO 3 - FICHA TÉCNICA CASA ZERO.....65
QUADRO 4 - ANÁLISE COMPARATIVA DOS ESTUDOS DE CASO.....70
QUADRO 5 - SISTEMATIZAÇÃO DOS CONDICIONANTES DO PROJETO.....91
QUADRO 6 - OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS) E DIRETRIZES IMPLEMENTADOS NO PROJETO.....126
QUADRO 7 - QUADRO DE CONDICIONANTES DO PROJETO.....128
QUADRO 8 - QUADRO DE VEGETAÇÕES PROPOSTAS.....140

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABREVIATURA	DEFINIÇÃO
ABL	Área Bruta Locável
ANPUH-PE	Associação Nacional de História - Seção Pernambuco
APA	Áreas de Preservação Ambiental
ArcGis®	Architecture Geographic Information System
BR	Brasil
COMPAZ	Centros Comunitários da Paz
CONDEPE/FIDEM	Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco
Covid-19	Coronavirus Disease 2019
DETRAN	Departamento Estadual de Trânsito
DIRCON	Diretoria Executiva de Controle Urbano do Recife
ESIG	Informações Geográficas do Recife
Fipe	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco
Ibesa	Indústria Brasileira de Embalagens S/A
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
IPAV	Imóvel de Preservação de Áreas Verdes
IPTU	Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana
LUOS	Lei de Uso e Ocupação do Solo

ABREVIATURA	DEFINIÇÃO
MANC	Macrozona do Ambiente Natural e Cultural
MUST	Movimento Urbano dos Trabalhadores Sem Teto
MRLT	Movimento de Resistência e Luta pelo Teto
NBR	Norma Brasileira
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
PURA	Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental
PL	Projeto de Lei
RPA	Região Político Administrativa
SESC	Serviço Social do Comércio
TI	Terminal Integrado
TICCIH	The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage
UCN	Unidade de Conservação da Natureza
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
ZAN	Zona de Ambiente Natural
ZDS	Zona de Desenvolvimento Sustentável





SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 23

PROBLEMÁTICA

2. A PROBLEMÁTICA DAS INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS 26
2.1 AS ESPECIFICIDADES DAS INTERVENÇÕES EM EXEMPLARES DE ARQUITETURA FABRIL 27
2.2 A OBSOLESCÊNCIA E GERAÇÃO DE VAZIOS URBANOS 35
2.3 A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DO EDIFÍCIO 40
3. NARRATIVA CONCEITUAL 45
3.1 SESC POMPÉIA 47
3.2 LX FACTORY 56
3.3 CASA ZERO 65
3.4 ANÁLISE COMPARATIVA 70

A CERÂMICA

4. A OLARIA CERÂMICA APIPUCOS 73
4.1 ESTADO ATUAL DO EDIFÍCIO 94
4.2 PROPOSTAS EXISTENTES PARA A ÁREA 104
5. NARRATIVA HISTÓRICA 109
5.1 A SOCIEDADE FOLCLÓRICA DE PERNAMBUCO 111
5.2 OCUPAÇÃO CHICO LESSA 115

PROPOSTA

6. O PROJETO 123

6.1 CONDICIONANTES PROJETUAIS 124

6.2 MASTERPLAN 132

6.3 IMPLANTAÇÃO 136

6.4 A CASA CHICO 156

6.3 IMPLANTAÇÃO 136

6.4 A CASA CHICO 156

6.4.1 GALPÃO CULTURAL MULTIUSO 164

6.4.2 BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL 171

6.4.3 COOPERATIVAS 187

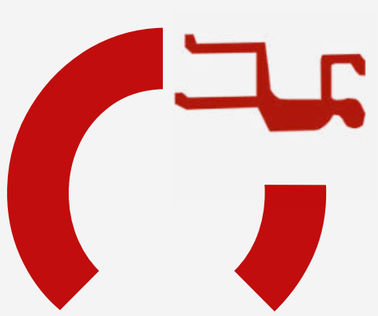
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 201

8. REFERÊNCIAS 205

9. APÊNDICES 210

APÊNDICES A-T - ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO 211

APÊNDICE U - PERSPECTIVAS 231



CAPÍTULO

1

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A partir do propósito de reativar uma estrutura fabril abandonada de forma a reintegrá-la à dinâmica da cidade, em específico a antiga olaria Cerâmica Apipucos, o presente estudo propõe uma reflexão sobre a ociosidade e a decadência desses bens edificados e as possibilidades que a arquitetura dispõe como instrumento de transformação urbana e social.

No caso estudado, a proposta de criar um centro social presume o desafio de projetar um ambiente que compatibilize as necessidades da ocupação Chico Lessa que se encontra alocada no entorno imediato do projeto com um espaço onde, originalmente, foi concebido para ser uma fábrica. Além disso, a preocupação com as questões ambientais tais como a proximidade com o leito do Rio Capibaribe e a vegetação ribeirinha, o armazenamento e descarte dos resíduos sólidos e as atividades oriundas dos programas do centro devem ser levadas em consideração na proposta projetual, de forma a evitarem interferências na tipologia do edifício histórico.

O objetivo geral do trabalho é elaborar um anteprojeto para requalificação e (re)adaptação da antiga Cerâmica Apipucos reaproveitando a estrutura fabril ociosa existente e dialogando com as comunidades presentes no entorno, por meio da reintegração social do edifício. Para isso, foram pontuados condicionantes legais, ambientais e físicos, estudos correlatos em edificações fabris, métodos de intervenção e teorias a fim de indicar possíveis soluções sob a ótica da conservação e da arquitetura.

Assim, tem-se como objetivos específicos: 1. contextualizar as questões relacionadas à preservação dos edifícios fabris no intuito de evidenciar as conexões entre o esquecimento e a obsolescência arquitetônica, 2. analisar as demandas do entorno da olaria no que se refere às necessidades e dinâmica de usos da comunidade para a construção de um programa para a edificação e 3. estudar os projetos precedentes em edifícios industriais e extrair diretrizes para a condução da concepção da proposta no que se diz respeito ao uso de materiais e técnicas construtivas.

As informações apresentadas ao longo do trabalho foram obtidas a partir de visitas de campo para estudo de caso, a exemplo do SESC Pompéia, pesquisas em periódicos digitais (Hemeroteca Digital), análise de documentos em acervos da FUNDAJ, CONDEPE-FIDEM e DIRCON e revisão bibliográfica dos principais autores que estudam a temática da conservação.

Assim, o projeto foi desenvolvido a partir de uma discussão contemporânea acerca das edificações fabris seguido do levantamento de conceitos e ideias. Atrelado a isso, foram definidos referenciais teóricos e projetuais para o embasamento da proposta e determinação das diretrizes, programas e dimensionamento dos espaços que foram implantados em um sítio, a antiga olaria Cerâmica Apipucos e materializados em uma técnica construtiva.

Nesse contexto, o trabalho foi estruturado da seguinte forma: inicialmente, nos primeiros capítulos, buscou-se entender de forma sucinta a problemática dos edifícios fabris no que se diz

respeito às numerosas intervenções dos últimos anos serem raramente discutidas à luz dos princípios que deveriam reger as ações nos bens culturais e as consequências do processo de degradação desses espaços ao gerarem vazios urbanos na cidade que são ocupados por um segmento mais vulnerável da sociedade.

Em um segundo momento, através de análises em periódicos, foi possível trazer à tona a relevância histórica da antiga olaria Cerâmica Apipucos para o bairro, de que maneira ela englobava a sociedade da época em sua funcionalidade e de que modo a estrutura está sendo ocupada pelos residentes do entorno nos dias atuais.

Por último, fez-se uma análise conceitual e comparativa acerca das intervenções feitas em edifícios fabris, extraindo diretrizes para o anteprojeto, pontuando o valor histórico das edificações intervidas, os equipamentos implantados dentro do programa, sua espacialização na planta e os benefícios que os equipamentos passaram a oferecer para o entorno. Por fim, será apresentado o anteprojeto de requalificação para a antiga Cerâmica Apipucos, como resultado das pesquisas e análises feitas anteriormente.

CAPÍTULO

2

A PROBLEMÁTICA DAS INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS

Este capítulo discorre sobre a problemática da arquitetura industrial, tema mais amplo no qual o objeto empírico deste trabalho – a Cerâmica Apipucos - se insere. Para tal, foi estruturado em três seções, sendo elas: 1) As especificidades das intervenções em exemplares de arquitetura fabril; 2) O processo de degradação e vazios urbanos; 3) Reintegração social do edifício.



2.1 AS ESPECIFICIDADES DAS INTERVENÇÕES EM EXEMPLARES DE ARQUITETURA FABRIL

Este capítulo apresenta um panorama geral sobre as questões relacionadas à preservação de bens industriais, e o estado atual deste campo de estudos, a partir da análise feita por Beatriz Kühl em seu artigo, ‘’Patrimônio Industrial: algumas questões em aberto "(2010). Procura-se compreender de que maneira essas edificações e os amplos terrenos onde se inserem compõem o tecido da cidade à medida que não são ocupados, gerando significativos vazios urbanos. Além disso, também se quer compreender de que forma as edificações podem ser reintegradas à sociedade seguindo um modelo de gestão horizontal com redes de cooperação que integrem as comunidades locais.

Antes de adentrar na problemática das instalações industriais é necessário compreender primeiramente o que se entende por patrimônio industrial e em qual contexto ele surgiu como tema de estudo específico no campo disciplinar da preservação do patrimônio. Kühl (2010) defende a conceituação de patrimônio

industrial a partir da definição de arquitetura industrial, que engloba “a arquitetura do processo de industrialização” (pág. 27), incluindo - os edifícios destinados às atividades industriais, aqueles construídos com materiais pré-fabricados, e os destinados aos meios de transportes.

Os exemplares de arquitetura industrial frequentemente usam materiais de construção que foram industrializados no século XIX, como o vidro, o tijolo e o ferro fundido. Desde então emergiram elementos pré-fabricados, geralmente metálicos, aplicados em diversos tipos de construção, principalmente em pontes, viadutos e passarelas, estações e abrigos de plataformas, além de diversos programas específicos, frequentemente abrigados em edificações do tipo galpão - tais como armazéns, oficinas, matadouros, mercados - gasômetros, moinhos, entre outros.

> *Um ‘monumento industrial’ é qualquer relíquia de uma fase obsoleta de uma indústria ou sistema de transporte, abarcando desde uma pedreira de sílex neolítica até uma aeronave ou computador que se tornaram obsoletos há pouco. Na prática, porém, é útil restringir a atenção a monumentos dos últimos duzentos anos, aproximadamente [...]”* (BUCHANAN, 1972: 20-1).

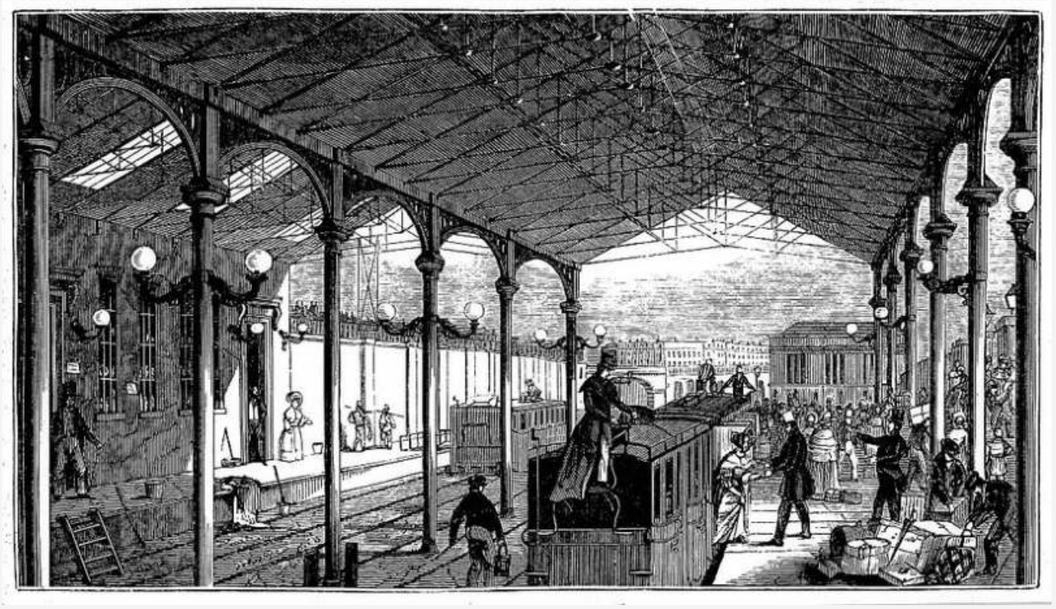
Apesar de já aparecer no século XIX, a preocupação com a preservação dos remanescentes do processo de industrialização tornou-se um debate sistemático a partir da década de 60, incentivado, principalmente, pela destruição de edifícios significativos, acirrando as discussões e promovendo iniciativas de preservação. Dentre as faíscas que catalisaram o

surgimento das indagações pode citar o caso da Bolsa de Carvão e da Estação Euston em Londres (Figura 1), no início dos anos 1960, e do Mercado Central de Paris (Figura 2), no início dos anos 1970. Kühl (2010) afirma ainda que a arqueologia industrial, tema que passa por discussões introdutórias na Inglaterra na década de 1950, é alvo de estudos cada vez mais numerosos ao longo das décadas que se seguiram, associados a um vivo debate historiográfico.

Seguiram-se então várias propostas de conservação desta arquitetura, onde a Carta de Nizhny Tagil do ano de 2003, documento do TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage), é uma síntese amadurecida dessas definições feitas ao longo de várias décadas, apresentando uma visão abrangente do problema:

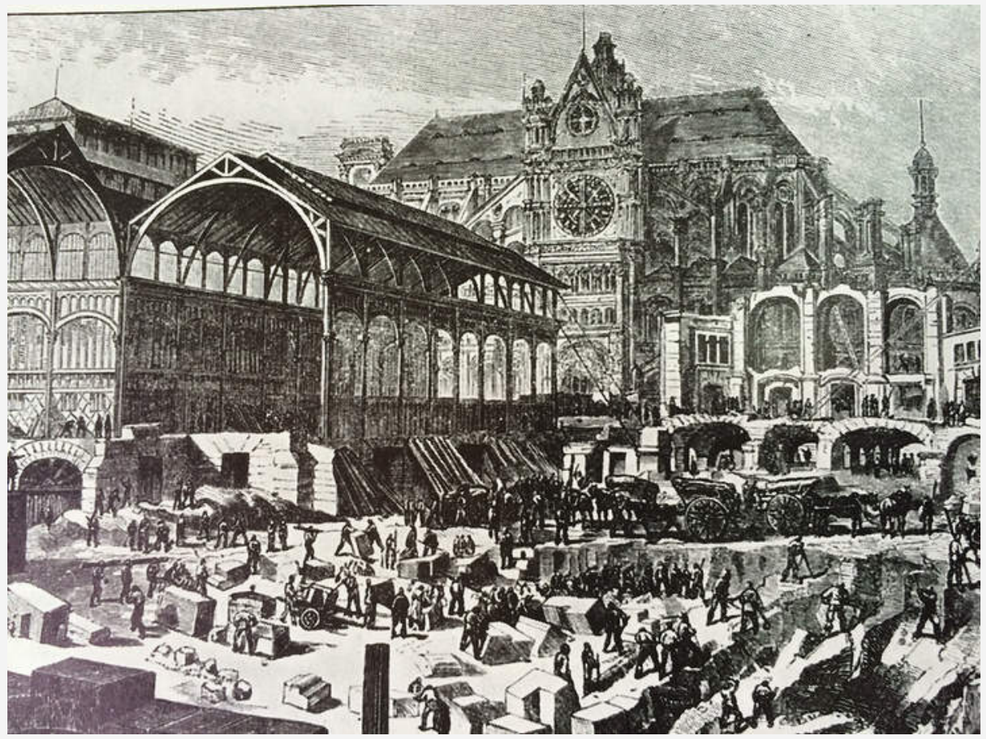
> *"O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de tratamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação."* (CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003, p. 3).

Figura 1 - Estação Euston, terminal londrino de Londres e Birmingham Railway, 1840



Fonte: Meisterdrucke, 1840. Autor não identificado.

Figura 2 - Extensão do mercado Les Halles no século XIX



Fonte: ArchDaily. Autor não identificado.

Os estudos monográficos sobre parques industriais, tipologias específicas ou grupos de tipologias[1], são constantes e crescem exponencialmente, podendo ser encontrados nos anais de inúmeras conferências científicas desde 1990 e até os dias atuais, a exemplo da série elaborada pelo Comitê Brasileiro para Conservação do Patrimônio Industrial no ano de 2021 sobre o patrimônio industrial na atualidade e o Fórum Internacional sobre o patrimônio industrial organizado pelo Docomomo Brasil em 2022. Entretanto, a relação desses bens no espaço ao longo do tempo e o impacto de suas obsolescências, com estruturas urbanas e territoriais, aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos, não tem sido estudada na mesma medida.

Outra questão a ser destacada é o fato de que, embora existam vários textos sobre o patrimônio industrial que expressam a importância da preservação destes complexos, geralmente neles não são mencionadas diretrizes práticas que conduzam essa ação projetualmente. Assim, grande parte das intervenções recentes não são discutidas à luz dos princípios que deveriam reger as ações nos bens culturais, limitando-se, na sua maioria, a descrições de novos projetos, mencionando alterações efetuadas ou eventuais destruições, que podem ser realizadas de maneira pontual quando necessárias, e devidamente justificadas.

[1] Parques industriais ou zona industrial é um espaço territorial no qual se agrupam uma série de atividades industriais ou empresariais que podem ou não estar relacionadas entre si. Exemplo: O antigo Parque Industrial da Antarctica na Mooca em São Paulo. Já a tipologia industrial pode-se tratar de uma tipologia específica, a exemplo dos galpões ou gasômetros, que podem ou não estar inseridos dentro de um parque industrial e fazer parte de um grupo de tipologias.

Em outras palavras, as questões essenciais dificilmente são discutidas e carecem informações sobre a maneira de intervir nesses bens para que sejam verdadeiramente preservados e suas características respeitadas através de um atento processo de manutenção e restauro.

> *'' É imprescindível discutir essas questões com base nos referenciais teórico-metodológicos e técnico-operacionais próprios à restauração, encarando a intervenção como verdadeiro ato de cultura, que se afasta de interesses imediatistas e de setores restritos da sociedade.''* (KUHL, 2010: p.28)

Tendo isso em vista, foi necessário buscar nas cartas patrimoniais as especificidades de como intervir em um patrimônio industrial de forma adequada e sensível às demandas do local. A Carta de Nizhny Tagil (2003) expressa suas preocupações com a futura reforma do sítio industrial em tópicos específicos sobre a manutenção e conservação, dentre eles, destaca-se:

> *''A adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização como forma de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável salvo no caso de sítios com uma particular importância histórica. As novas utilizações devem respeitar o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo tanto quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização. É recomendável uma adaptação que evoque a sua antiga atividade.''* (CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003, p. 11).

Além disso, vale destacar que a conservação do imóvel deve ser

prioritária e sua descaracterização somente será permitida mediante necessidades sociais extremas (CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003). Sugere-se que, caso haja modificações em sua morfologia original, os elementos devem ser registrados e armazenados em ambiente apropriado. Também é recomendado que as intervenções futuras tragam pouco impacto e sejam passíveis de reversão, ao mesmo tempo tem-se em mente que uma reforma não poderá reconstruir o estado anterior do sítio histórico e deve evitar ao máximo a restauração estilística.

No entanto, no que diz respeito ao reaproveitamento espacial de indústrias subutilizadas, Castro (2013) adverte que a restauração de áreas industriais muitas vezes não consegue compensar os déficits funcionais expostos pela cidade, e o potencial desses lugares não tem sido aproveitado racionalmente. O autor aponta que a maioria das intervenções em fábricas costumam propor espaços culturais ou museus, mas essas novas funções não respondem às necessidades da população local a médio e longo prazo. Dessa forma, conclui-se que os novos usos devem ser pensados principalmente para atender a população local e suas necessidades.

É notória a importância cultural de certos exemplares industriais na memória urbana e, embora seja evidente a potencialidade de reconversão de edifícios industriais não utilizados, as complexidades de salvaguardar o seu caráter de bem cultural continuam a ser um grande desafio, inclusive por sua diversidade tipológica. Atrelado a isso, diversos autores/autoridades no assunto já discutiram sobre a pressão pressão especulativa sobre os lotes que são considerados inuti-



lizaodos e passíveis de renovação urbana, a exemplo de Ruinoni (2009) e Kühl (2010. Apesar dos preceitos já consagrados no campo da preservação, ao longo do tempo tem se observado cada vez mais nas grandes metrópoles brasileiras os mega-projetos que em sua maioria descaracterizam ou destroem, o patrimônio industrial, abraçados pelo lucro imobiliário e justificados por supostos benefícios à ‘’sustentabilidade ambiental’’.

Mariuzzo (2006) explicita outro problema comum que ocorre no processo de abandono das indústrias brasileiras, de venda e falência das fábricas. Os terrenos passam pela justiça e ficam travados por anos, fazendo com que o imóvel entre em ruínas antes de qualquer intervenção. Outro entrave na conservação dessas estruturas é o difícil acesso à documentação sobre a fábrica por causa do receio de uso em algum processo trabalhista. Assim os documentos, por vezes sofrem degradação e ficam ilegíveis devido ao desgaste ocasionado por umidade e outras patologias ocasionadas pelo armazenamento inadequado.

Nesse contexto, a antiga olaria Cerâmica Apipucos, objeto de estudo e intervenção deste trabalho a ser descrito em detalhes no capítulo 6, está desativada há mais de três décadas e possui relevância histórica pouco conhecida pelos moradores do bairro e da cidade. A edificação já foi responsável por abrigar a Sociedade Folclórica de Pernambuco na década de 1960 e atualmente o prédio é utilizado pela ocupação Chico Lessa que reivindicou o local no ano de 2021, ainda que em condições precárias e com algumas patologias graves, como infiltrações e

rachaduras. Constatou-se ainda, que algumas estruturas originais da edificação foram removidas ao longo do tempo, restando apenas as ruínas da antiga olaria, que colocam em perigo sua integridade (Figuras 3 e 4).

A falta de manutenção decorrente do seu desmonte/desativação teve como consequência a degradação do imóvel, enquadrando-o assim no típico movimento de "nascimento" e decadência das edificações inerente ao processo cíclico de desenvolvimento dos espaços urbanos. Com isso, surge uma situação em que, com o advento de novos projetos, as estruturas construídas tornam-se obsoletas e acabam por ficar de fora da dinâmica da cidade.

Por essa razão, para compreender melhor a necessidade de conservação e requalificação por meio de novos usos que reintegrem o edifício fabril à sociedade, é preciso entender o que acarreta o seu processo de degradação, a consequente geração de vazios urbanos e o papel da arquitetura como instrumento de intervenção e requalificação desses espaços.

Figuras 3 e 4 - Estruturas restantes da antiga olaria Cerâmica Apipucos, no bairro de Caxangá em Recife.



Foto: Maria Hellena Borba, 2023.



Foto: Maria Hellena Borba, 2023.



2.2 OBSOLESCÊNCIA E GERAÇÃO DE VAZIOS URBANOS

O processo de degradação de um imóvel industrial está relacionado ao crescimento urbano das cidades e das regiões industriais periféricas, como também ao aumento das atividades de comércio e serviços nos bairros industriais. Atrelado a isso, a sua grande vulnerabilidade é causada pela falta de conscientização, documentação, reconhecimento ou proteção, assim como pelas mudanças de tendências econômicas, as percepções negativas, questões ambientais ou de seu tamanho e complexidade que acabam gerando ruínas nas cidades.

Ao mesmo tempo, Rosa (2011) aponta que nessa reação causada pela destruição de importantes áreas industriais, deve-se levar em conta o fenômeno da desindustrialização tardia dos países em desenvolvimento. A autora cita o fato da expressividade industrial adquirida depois de 1930[2] e o peso da desindustrialização entre as décadas de 1980 e 1990.

Para Cristiano Borba, doutor em desenvolvimento urbano e pesquisador na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), ‘’o problema imediato dessas ruínas é a ruptura da função social da propriedade, do terreno e da arquitetura’’ (BORBA, 2018). Muitos projetos incentivam a exploração do terreno das antigas

[2] De 1930 a 1945 o Brasil passou por um forte período de industrialização propiciado pelas medidas do governo de Getúlio Vargas, período conhecido como Era Vargas.

fábricas, motivados pelo interesse econômicos, os donos do terreno planejam usos fora da realidade da preservação destes bens, e muitas vezes, as fábricas são demolidas para dar lugar a shoppings centers, residências e outras edificações.

O texto “Governar as metrópoles: dilemas da recentralização”, de Nadia Somekh e Raquel Rolnik (SOMEKH; ROLNIK, 2002), reforça a importância das questões apontadas acima no desenvolvimento dos grandes centros urbanos. Ao referenciar o geógrafo britânico David Harvey, as autoras apontam a influência do marketing na forma de atrair novos investimentos com a “venda” de espaços da cidade a partir de suas qualidades. O trecho a seguir também discute a questão da competitividade:

> *‘’Outra postura do governo local apontada pelo autor (Harvey) é o aumento da competitividade, através da divisão espacial do consumo. Estratégias de renovação urbana articuladas a inovações culturais elitistas e excludentes, como é o caso de museus, e processos de requalificação de áreas urbanas com valorização imobiliária e expulsão de atividades e populações de menor renda’’* (SOMEKH; ROLNIK, 2002, p. 111).

Ainda que em condições de ocupação inadequadas devido à degradação do material construído, estes vazios urbanos são muitas vezes ocupados informalmente por um segmento menos abastado da população que vê este espaço abandonado como a possibilidade de ter um teto para se abrigar.

A antiga olaria Cerâmica Apipucos, remanescente fabril na cidade do Recife, é um vazio urbano que abriga uma estrutura que não possui reconhecimento ou proteção do município e/ou estado, e foi ocupada pelo Movimento Urbano dos Trabalhadores Sem Teto (MUST) no final do ano de 2021.

Os ocupantes do movimento estão presentes no local em razão do agravamento do número de desempregados na cidade decorrente da pandemia de Covid. Dessa forma, reforça-se a importância de se desenvolver um projeto urbano que valorize o fortalecimento de redes de cooperação e não da competitividade, de modo a solucionar problemas comuns a partir de um modelo de gestão horizontal e não hierarquizado, reintegrando esses vazios urbanos e as edificações subutilizadas à sociedade.

Essa triste realidade urbana é encontrada tanto em prédios inacabados, quanto em locais que já foram ativamente usados pela população, ainda que de tipologias distintas – sobretudo em edifícios habitacionais ou de escritórios. São exemplos disso a Ocupação Marielle Franco, que aconteceu no Edifício SulAmérica (Figura 5), localizado no bairro Santo Antônio (Recife-PE), na Praça da Independência - edifício que está em péssimas condições desde 2008, mas não é utilizado desde 1995 - o qual no ano de 2019, com pouco mais de um ano de ocupação abrigava 200 famílias, o desmonte do movimento de participação social e a pressão da cidade do Recife resultaram na desocupação do prédio.

Figura 5 - Ocupação Marielle Franco no centro da cidade do Recife no Edifício SulAmérica.



Foto: Inês Campelo/MZ Conteúdo

Também a ocupação do edifício Segadas Vianna (Santo Antônio, na Zona Central do Recife), encabeçada pelos integrantes do Movimento de Resistência e Luta pelo Teto (MRLT), que reivindicaram a edificação pertencente ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) (Figura 6) no dia 17 de maio de 2021, o qual é residência de 350 famílias, a Ocupação Leonardo Cisneiros, resiste e busca implantar os princípios da função social da propriedade, uma vez que o prédio se encontra fechado ao longo dos anos e a dívida do IPTU acumulada, segundo reportagem no site Marco Zero feita em 2018. Na época o edifício estava entre as 30 maiores dívidas de um total de 3.740 imóveis na Região Político Administrativa 1 (RPA1) que deviam impostos.

Essa triste realidade urbana é encontrada tanto em prédios inacabados, quanto em locais que já foram ativamente usados pela população, ainda que de tipologias distintas – sobretudo em edifícios habitacionais ou de escritórios. São exemplos disso a Ocupação Marielle Franco, que aconteceu no Edifício SulAmérica (Figura 5), localizado no bairro Santo Antônio (Recife-PE), na Praça da Independência - edifício que está em péssimas condições desde 2008, mas não é utilizado desde 1995 - o qual no ano de 2019, com pouco mais de um ano de ocupação abrigava 200 famílias, o desmonte do movimento de participação social e a pressão da cidade do Recife resultaram na desocupação do prédio.

Figura 6 - Prédio do INSS no Centro do Recife ocupado por integrantes do Movimento de Resistência e Luta pelo Teto (MRLT)



Foto: Arnaldo Sete, 2021.

Esse fenômeno de disputa por territórios pode ser atribuído, em parte, à extrema desigualdade social e econômica que marca a história do Brasil, oriunda do seu período colonial, a partir da divisão da terra em capitanias hereditárias, até os dias atuais. Resultado de uma má distribuição de espaços e de uma grande concentração de terras nas mãos da elite, esse processo resulta em falta de acesso à moradia para pessoas mais vulneráveis e que não têm condições de comprar uma casa pelas grandes construtoras do país.

Enquanto alguns desses movimentos sociais se apropriam especificamente de espaços fabris para denunciar a escassez de moradias na cidade e, de certa forma, reativar o uso social desse solo, os proprietários estão mais interessados em enxergar o patrimônio industrial apenas como reserva de terra e fonte de renda, liberando o mercado imobiliário para sobrepor seus interesses a necessidade preservacionista.

Por fim, retomando o tema específico do patrimônio industrial, a Carta Manifesto (2003) afirma que as fábricas brasileiras possuem grande significado arquitetônico e representam diferentes estágios do desenvolvimento industrial do Brasil, tendo assim profundos laços históricos e culturais com o povo. Os responsáveis pela preservação dos sítios industriais devem tomar medidas mais severas para evitar a destruição das fábricas ameaçadas pela especulação imobiliária, pois a importância destes patrimônios industriais tem grande potencial urbanístico visando a divulgação da cultura industrial através do turismo, além de grande utilidade para a educação. Por isso, a preservação poderá fomentar bons resultados para cultura brasileira.(CARTA MANIFESTO, 2013)



2.3 A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DO EDIFÍCIO

Os vazios urbanos são espaços não utilizados ou abandonados em meios urbanos, geralmente resultantes da desindustrialização ou do planejamento sem equidade nem preocupações sociais e ambientais. No entanto, ao invés de serem vistos como problemas, esses espaços podem ser transformados em oportunidades para apropriação urbana e a arquitetura tem um papel fundamental nesse processo, pois pode fornecer soluções inovadoras para aproveitá-los e torná-los parte ativa da cidade por meio da reutilização de estruturas antigas e da criação de novos edifícios, espaços verdes, parques, praças, jardins, edifícios comerciais ou residenciais, entre outros.

A arquitetura e urbanismo podem ser usados para criar soluções que integrem vazios urbanos desestruturados à vida da cidade, tornando-os parte da trama urbana. A criação de conexões com as ruas e espaços públicos adjacentes é outra forma de apropriação desses espaços, tornando-os acessíveis e atrativos para a população. A reutilização de estruturas antigas, a criação de novos edifícios, a consideração das questões ambientais e sociais e a integração com a paisagem urbana são elementos-chave para tornar os vazios urbanos em espaços atrativos, úteis e que sirvam a população.
Em adição à metodologia para intervenções em sítios industriais, a argumentação da Carta de Nizhny Tagil (2003) sugere que esta é uma atitude sustentável, uma vez que propõe

a reutilização do imóvel, evitando o desperdício de energia ocasionado pela construção de uma edificação nova. A carta também aponta que a reutilização do patrimônio industrial pode desempenhar um papel importante na revitalização econômica de áreas deprimidas ou em declínio. (CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003). Assim, ‘’[...] A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos.” (CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003)

A reintegração social dessas estruturas ociosas abre uma série de questões a respeito de como os espaços interiores de um edifício podem servir como uma plataforma para uso público. Em outras palavras, como a arquitetura pode ser tão pública quanto um espaço livre (praça, parque, etc)?

Nesse contexto, frequentemente, o caso da cidade de Medellín na Colômbia, é tomado como referência para importantes projetos de renovação urbana na América Latina por meio da construção de edifícios de notável qualidade arquitetônica, como os Parques Biblioteca (Figuras 7 e 8), que foram construídos para abrigar práticas educativas, culturais e sociais de seus bairros circundantes (PEÑA GALLEGO, 2011; RODRÍGUEZ et al., 2013), funcionando como pontos de transformação e fortalecimento das comunidades e culturas locais – ou como "dispositivos políticos”.

Figura 7 - Parque Biblioteca Fernando Botero / G Ateliers Architecture

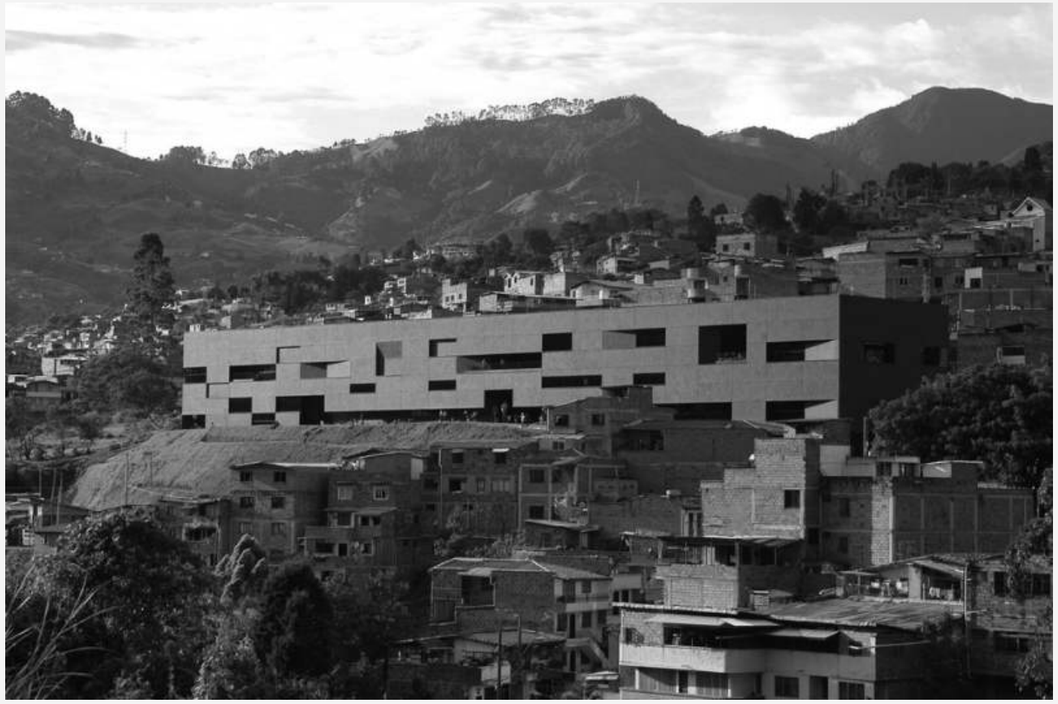


Foto: Orlando Garcia, 2012.

Figura 8 - Parque Biblioteca España / Giancarlo Mazzanti



Foto: Sergio Gómez, 2008.

Em 2014, Herman Montoya, líder do Projeto de Parques Biblioteca na Prefeitura de Medellín (Alcadía de Medellín), explicou em uma entrevista que o próprio nome do projeto ‘’Parques Biblioteca’’ evidencia a ideia de que esses edifícios são, em primeiro lugar, espaços públicos, destacando que o principal objetivo do projeto é “usar a arquitetura pública como meio para alcançar uma reinvenção das práticas sociais” (MONTOYA, 2014). Atrelado a isso, a participação das coletividades locais reforça a ideia do uso da arquitetura para a produção de um novo senso de comunidade e cidadania através da coabitação e interações informais, pois os edifícios são, primeiramente, ‘’objetos’’ que contribuem para a ‘’consolidação do sentimento de pertencimento e de identidade cidadã” através de sua função como pontos de referência. Em segundo lugar, eles são de “uso coletivo”, funcionando como “centros de encontros” para a comunidade.

Espelhado nos modelos dos Parques Bibliotecas de Medellín, na cidade do Recife foram construídos os Centros Comunitários da Paz (COMPAZ) (Figura 9 e 10), que também reforçam a ideia de utilizar a arquitetura pública como um instrumento de transformação para determinado local, com foco na prevenção à violência, inclusão social e fortalecimento comunitário. Partindo-se da necessidade de redução dos altos índices de criminalidade, o sistema COMPAZ nasce como um catalisador de cultura de paz, reunindo em um único complexo edificado espaços para a realização de diversas atividades e serviços possam transformar a realidade das pessoas e assegurem o exercício da cidadania, como música, artesanato, esportes, atendimento psicológico e atenção à mulher.

Figura 9 - COMPAZ Ariano Suassuna na cidade do Recife.



Foto: Andréa Rêgo Barros/PCR, 2019.

Figura 10 - COMPAZ Governador Miguel Arraes.



Foto: Andrea Rego Barros, 2019

A estrutura e dinâmica da Casa Chico, proposta de intervenção deste presente trabalho, se diferencia dos Parques Bibliotecas de Medellín e do sistema COMPAZ da cidade do Recife à medida que o pilar principal não é solucionar problemas relacionados à violência urbana e sim o trabalho com um objeto vivo, vulnerável e que está inserido em um terreno com conflitos fundiários, suscetíveis a despejos, que é a ocupação Chico Lessa. Entretanto, os princípios são os mesmos, pois envolvem uma arquitetura pública, que consolide o sentimento de pertencimento e seja ativa com a participação social das comunidades do entorno.

Desse modo, foi necessário pensar em um modelo de estrutura que traduzisse em seu programa questões de empreendedorismo social, comércio, cooperativismo e sustentabilidade para que esses novos usos possam ser integrados à ocupação, sem que os moradores sejam despejados. Pelo contrário, espera-se que estes possam participar da implantação do equipamento, se estabilizem financeiramente e cresçam junto com o local, permanecendo no espaço e ressaltando a importância da auto-suficiência para a geração de renda direta.

Por essa razão, a requalificação da antiga olaria Cerâmica Apipucos é uma importante iniciativa que pode trazer muitos benefícios para a comunidade do entorno imediato, a ocupação Chico Lessa, que atualmente possui mais de 400 famílias em habitações precárias e, para além disso, atingir um raio de influência significativo na cidade (com influência sobre os bairros de Caxangá, Iputinga, Cidade Universitária, Dois Irmãos

e Apipucos), impactando positivamente na economia local e na geração de empregos. Desse modo, a apropriação da antiga estrutura pela comunidade é necessária para que o valor coletivo e político deste equipamento seja endossado, sendo o componente público primordial para a criação de um programa de necessidades adequado, a fim de tornar o projeto auto-suficiente.





CAPÍTULO

2

NARRATIVA CONCEITUAL

Neste capítulo, serão destacadas duas intervenções bem sucedidas em sítios industriais e um estudo de caso que utiliza o modelo de empreendedorismo social como o pilar da sua proposta, todas as três propostas tratam da requalificação do espaço, com novos usos atendendo a população local e respeitando os aspectos formais das edificações. A primeira obra apresentada será o SESC Pompéia - SP; a segunda trata de um caso internacional, a reforma da antiga estrutura fabril da companhia de fiação e tecidos de Lisboa e, por fim, o último modelo analisado, a Casa Zero, inaugurada em 2022 na Rua do Bom Jesus no Recife. Neste capítulo, através de pesquisas realizadas por meio de revistas eletrônicas, visitas de campo - SESC Pompéia e Casa Zero - e outras publicações, serão destacadas duas intervenções bem sucedidas em sítios industriais e um caso que utiliza o modelo de empreendedorismo social como o pilar da sua proposta.

Ao fim da exposição dos projetos, será apresentada uma tabela de análise comparativa entre os projetos, pontuando o valor histórico da edificação, seu programa e equipamentos agregados e sua espacialização na planta, os benefícios que os equipamentos passaram a oferecer para o entorno e os critérios que foram utilizados para a seleção dessas edificações.

3.1 SESC POMPEIA

Figura 11: Desenho do Sesc Pompéia, feito para a exposição "Access for All: São Paulo's Architectural Infrastructures"



Fonte: Daniloz, 2019.

Quadro 1- Ficha Técnica SESC Pompéia

Ficha Técnica	
Obra:	SESC Pompéia
Local:	R. Clélia, 93 - Barra Funda, São Paulo – SP
Ano do projeto:	1986
Área do projeto:	23.571 m2
Arquitetura:	Lina Bo Bardi

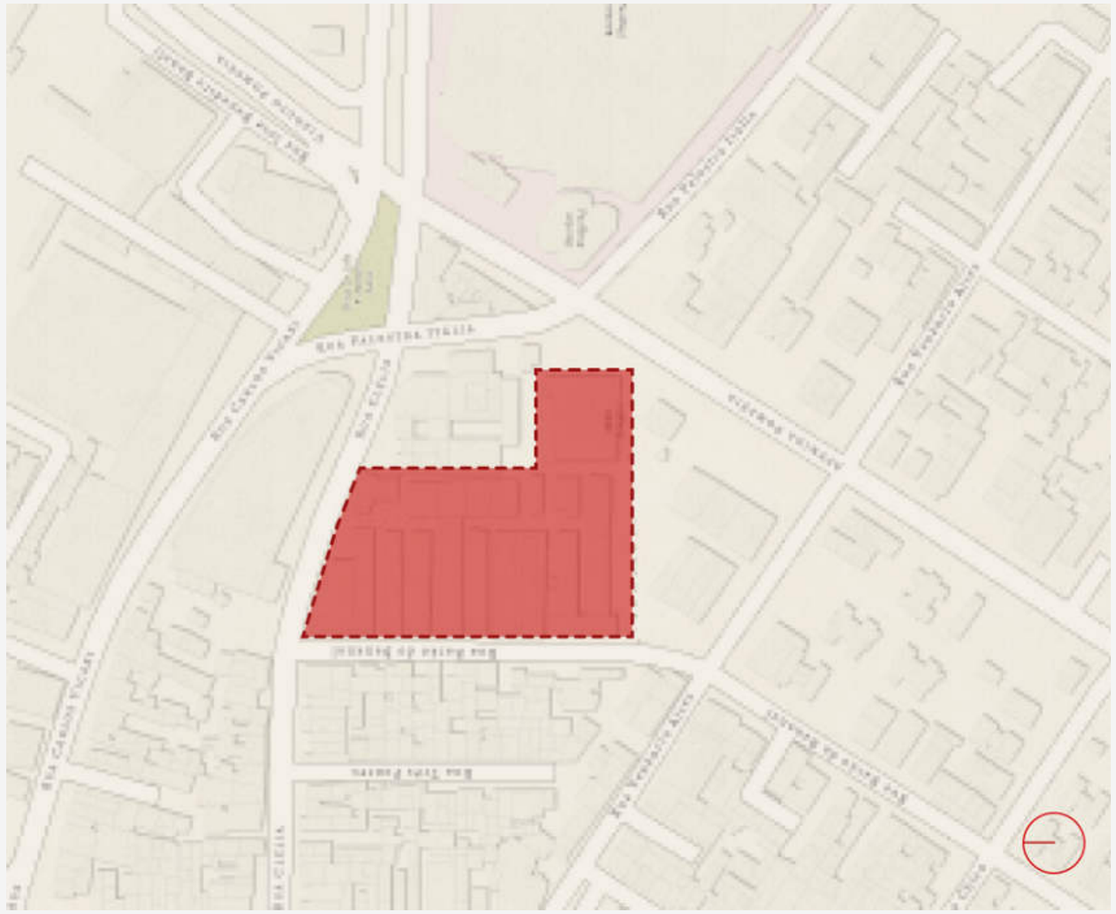
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Situado na Rua Clélia, 93 - Barra Funda, São Paulo – SP (Figura 12). Uma área outrora industrial que atualmente está próxima do centro de São Paulo, o Sesc Pompéia foi implantado em uma fábrica construída em 1938 pela firma alemã Mauser e Cia. A fábrica de tambores foi comprada em 1945 pela Indústria Brasileira de Embalagens S/A-Ibesa e logo após transformada numa indústria de refrigeradores.

A intervenção nesta zona industrial decorreu de 1977 a 1982 e em 1986 foi inaugurado um complexo desportivo e cultural. Seu terreno ocupa uma área de 23.000 m² que contempla galpões, chaminés, áreas de lazer, prédios de quadras poliesportivas, volumes de circulação vertical e um reservatório de água caracterizando a antiga chaminé da fábrica.

Devido ao seu extenso programa arquitetônico, o SESC-Pompéia possui usos socioculturais atendendo tanto ao público em geral quanto aos funcionários do SESC (Tabela x).

Figura 12: Localização do SESC Pompéia.



Fonte: Fonte: ArcGis®, adaptado pela autora, 2023.

Aberto diariamente, os galpões abrigam programas culturais que abrangem educação e artes além do novo prédio de concreto que conta com uma área esportiva para os funcionários da SESC com quadras e piscina aquecida. Além disso, o pátio é um belo solário com deck de madeira nos fundos da propriedade.

Tabela 1 - Programa SESC Pompéia

SESC POMPÉIA - Programa Arquitetônico	
1. Espaço de tecnologia e artes	16. Salas de Oficinas
2. Restaurante	17. Biblioteca e Espaço Leitura
3. Bar-Café	18. Área de Convivência e Exposições
4. Bicicletário	
5. Central de Atendimento	19. Galpão de Eventos
6. Brinquedoteca/Sala de Recreação	20. Prédio Administrativo
	21. Deck Solário
7.. Clínicas Odontológicas	22. Quadras Esportivas
8. Loja SESC	23. Vestiário
9. Sala de ginástica	
10. Academia	
11. Piscina coberta aquecida	
12. Teatro (782 lugares)	
13. Espaço Cênico (18 lugares)	
14. Galpão Cultural Multiuso	
15. Oficina de Artes	

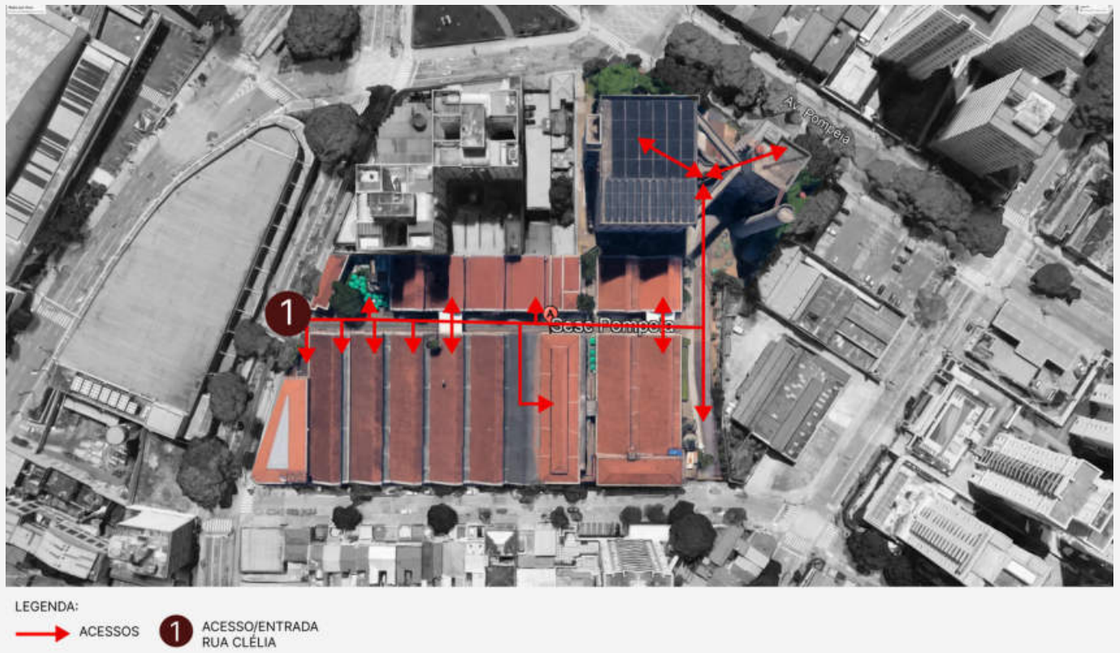
Fonte: Elaboração da autora, 2023.

> ''*O componente popular, ou seja, a formulação de uma programação abrangente e inclusiva, somada às soluções espaciais de acessibilidade (trazer a rua, a vida pública para o interior do Centro) que contemplasse e criasse interesse às diversas faixas etárias e às diversas classes sociais, sem discriminação, ... seria a chave para o sucesso do projeto. Uma função da arquitetura. E das mais nobres.*'' (FERRAZ, 2008).

O projeto possui um eixo principal como a espinha dorsal do todo e as atividades e setores são distribuídos ao longo desta via (Figura 13). Este caminho configura-se como um 'boulevard' de acesso ao complexo, restaurando uma relação de memória com as ruas vizinhas. Na entrada do complexo na Rua Clélia, à direita, fica o departamento administrativo, seguido pela área de exposições, a biblioteca, o espaço de estar, vestíbulo, teatro, os ateliês e o laboratório fotográfico; À esquerda encontra-se o refeitório dos funcionários, uma praça pequena, cozinha, restaurante e oficinas de manutenção; No fundo e à esquerda do imóvel estão os blocos esportivos e a caixa d'água.

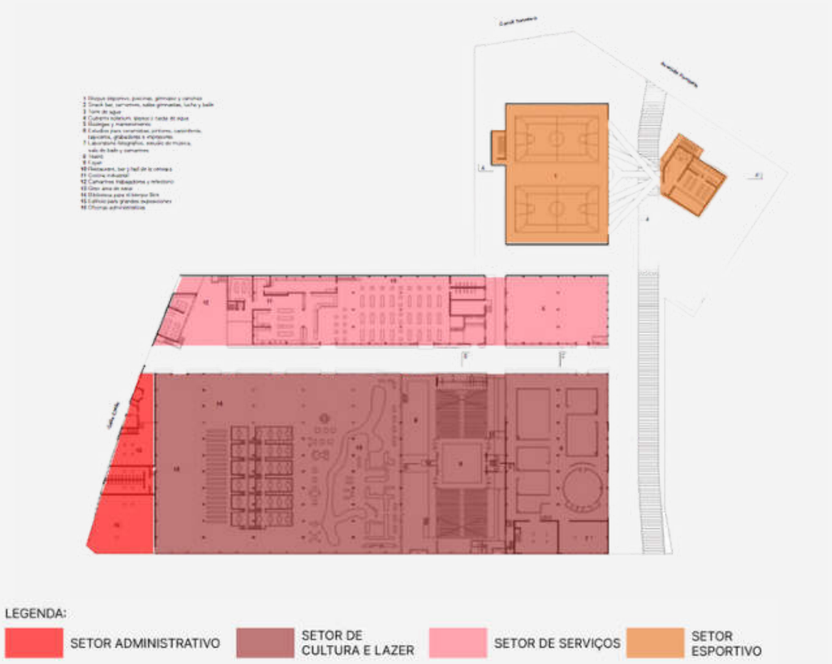
Situados na entrada, os galpões atualmente funcionam como espaços culturais onde se desenvolvem cursos, shows musicais e exposições temporárias, possuindo um uso semi-público (Figuras 15 e 16), além da biblioteca e o café situados logo na entrada ajudam na permanência das pessoas (Figura 17). Importante salientar o cuidado com relação à acessibilidade do complexo expressa na intervenção no agenciamento externo, onde um novo piso de granito contrapõe a aspereza da pavimentação da fábrica facilitando o acesso.

Figura 13: Implantação indicando o acesso de entrada e os percursos a serem percorridos.



Fonte: Google Earth adaptado pela autora, 2023.

Figura 14: Zoneamento do projeto.



Fonte: sescsp.org.br adaptado pela autora, 2023.

Figura 15: Galpões.



Foto: Maria Hellena Borba, 2021.

Figura 16: Exposição ‘’Lamento das Imagens’’ de Alfredo Jaar.

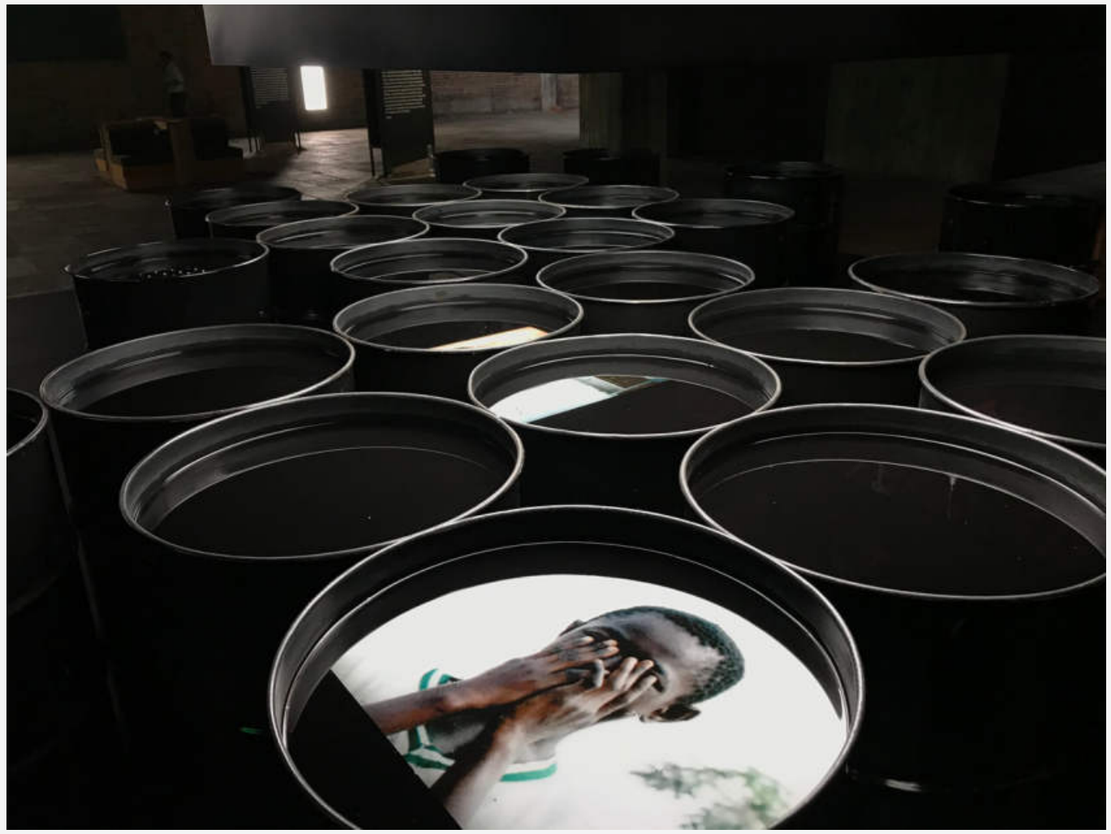


Foto: Maria Hellena Borba, 2021.

Figura 17: Espaço dos cafés situado na entrada da edificação.



Foto: Maria Hellena Borba, 2021.

O SESC Pompéia foi escolhido como um estudo correlato por ser uma das mais importantes intervenções brasileiras em edificação fabril, com uma proposta caracterizada pela diferenciação estética em que a arquitetura brutalista por meio da simplicidade do concreto harmoniza com os tijolos aparentes da antiga fábrica. Destaca-se também a restauração da coberta de madeira, evidenciada pela cor vermelha e o uso de concreto nos locais onde as antigas estruturas estavam condenadas, impondo-se para distinguir a presença de tempos e técnicas distintas (Figura 18).

Os galpões da fábrica que existiam no local eram estruturas sólidas construídas com tijolos e telhas de barro e por este motivo Lina Bo Bardi decidiu usá-los para o projeto de construção do SESC.Sobre isso, Ferraz (2008) afirma que o processo de decapagem e descoberta da essência da estrutura foi feito primeiramente removendo o reboco e aplicando jateamento nas paredes. Pode-se dizer que uma das principais ações de salvaguarda desse projeto foi restaurar tudo o que era possível - paredes, pisos, telhados, estruturas - e preservar o máximo do caráter e essência do ambiente fabril. Lina acrescentou alguns elementos como as canaletas de águas pluviais da rua central (Figura 19) e as treliças de madeira das janelas.

Figura 18: Setor de serviços no remanescente fabril e por trás o bloco esportivo.



Foto: Maria Hellena Borba, 2021.

Figura 19: Canaletas de águas pluviais.

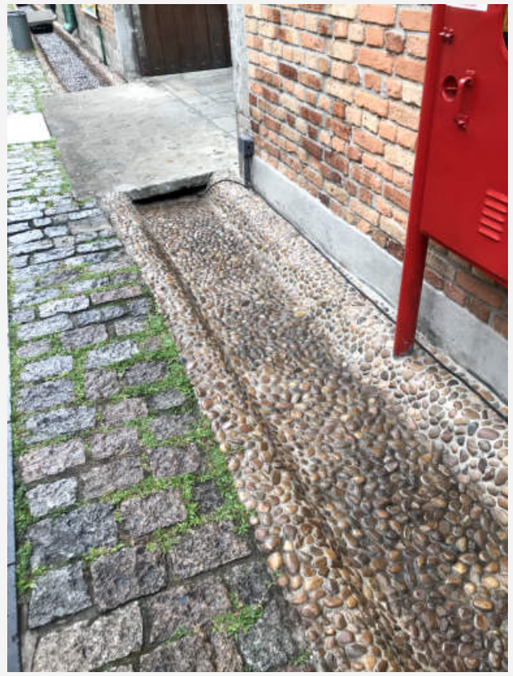


Foto: Maria Hellena Borba, 2021.

Já com relação aos novos edifícios, projetados para abrigar o setor esportivo, os três volumes se destacam pelo tamanho (Figura 20), seu programa abriga quatro quadras esportivas e uma piscina aquecida. A circulação vertical é separada do edifício das quadras para facilitar a entrada de luz no deck de madeira (solário) localizado no térreo. A chaminé da fábrica foi restaurada em novo material e abriga o reservatório de água do complexo. O impacto dos volumes no sítio industrial é marcante e caracterizado pela diferenciação estética

> *''Uma velha fábrica em desuso, que não serve mais às funções para as quais foi concebida, renasce com toques contundentes e até violentos, como as torres de concreto, ou delicados, como as canaletas de águas pluviais da rua central ou as treliças de madeira das janelas''* (FERRAZ, 2008.)

Para Ferraz, a reabilitação da uma antiga fábrica, local de trabalho duro, sofrimento de muitos, testemunho do trabalho humano, e sua transformação em centro de lazer, sem o apagamento dessa historia pregressa, fazem do SESC Pompéia um espaço especial. Por essa razão, foi necessário o cuidado da recuperação em deixar todos os vestígios da antiga fábrica evidentes aos olhos dos usuários– seja nas paredes, nos pisos, telhados e estruturas, seja na linguagem das novas instalações –, fez com que o espaço iniciasse sua nova vida de Centro de Lazer já pleno de calor e animação.

Figura 20: Bloco Esportivo.



Foto: Maria Hellena Borba, 2021.

Figura 21: Entrada dos galpões com a exposição ‘’Lamento das Imagens’’ de Alfredo Jaar.



Foto: Maria Hellena Borba, 2021.

3.2 LX FACTORY

Quadro 2 - Ficha Técnica LX Factory

Ficha Técnica	
Obra:	Lx Factory
Local:	R. Rodrigues de Faria 103, 1300-501 Lisboa, Portugal
Ano do projeto original:	1846
Área do projeto LX Factory:	2007-2008
Área do projeto:	23.000 m²
Área construída:	9.000 m²
Árquitetura:	João Pires da Fonte

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A LX Factory foi escolhida como um dos projetos a serem estudados por também trabalhar uma edificação fabril, aplicando a diferenciação dos materiais, trabalhando com a diferenciação dos materiais utilizados na nova estrutura e divisórias internas em drywall, de maneira reversível, diferentemente do concreto utilizado no SESC Pompéia, mas com a mesma ideia de passagem do tempo, identificando o que é a antiga estrutura fabril da companhia de fiação e tecidos de Lisboa e o que é a intervenção posterior. Além disso, a intervenção propõe um caráter de empreendedorismo local, que será um dos pilares para a construção do programa para o anteprojeto deste presente trabalho, a Casa Chico, por essa

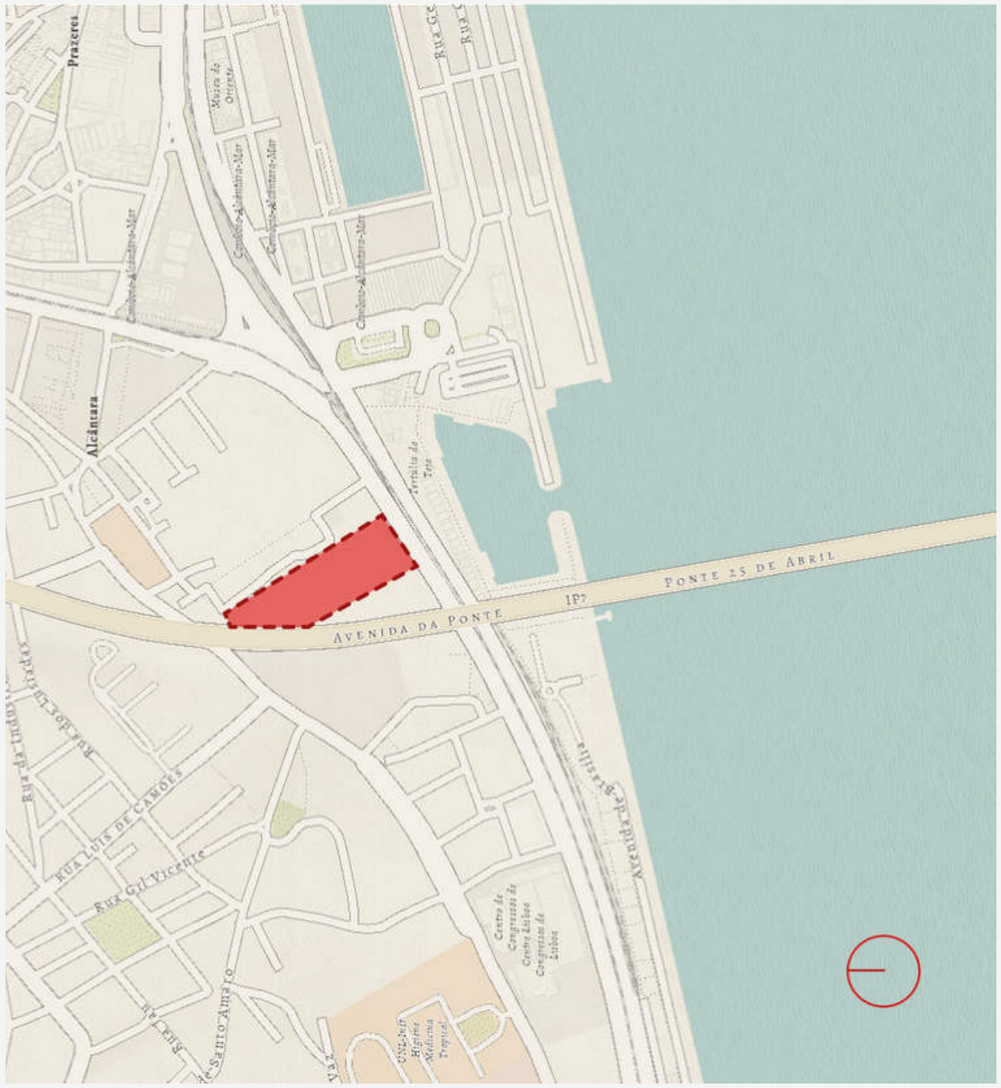
razão, foi essencial estudar de que maneira a proposta foi viável e como está sendo o seu impacto social ao longo dos anos.

De acordo com Carvalho (2009), as industrializações das cidades em Portugal aconteceram de uma forma tardia. E apesar de sempre estarem atrás das cidades da Inglaterra e Bélgica, o bairro de Alcântara representa muito bem um dos impulsos que Lisboa deu para a indústria portuguesa. Em 1849 foi inaugurada a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense com um grande conjunto industrial construído de pedra e ferro.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que o projeto da LX Factory não foi uma realização do poder público, mas sim de uma iniciativa privada por parte da empresa Catumbel, do Grupo MainSide Investments. Estabelecida em um antigo complexo industrial na zona de Alcântara (Figura 22) que abriga desde a sua criação, novas alternativas de trabalho e renda. A maioria das empresas que estão no local possuem um viés tecnológico, cultural e artístico, e se instalaram no complexo justamente por ser uma área que costuma sediar eventos e festivais. A compra da antiga estrutura foi feita com o intuito de apostar em iniciativas de âmbito cultural e artístico devolvendo o espaço para a cidade, uma vez que ali foi identificada uma oportunidade de investimento e de manifestações contemporâneas.

A renovação dessas áreas industriais gerou muitos conflitos na área urbana, pois eram grandes terrenos que atraíam interesse da especulação imobiliária, localizavam-se no centro da cidade com infraestrutura consolidada e ficavam próximos ao rio

Figura 22: Localização LX Factory.

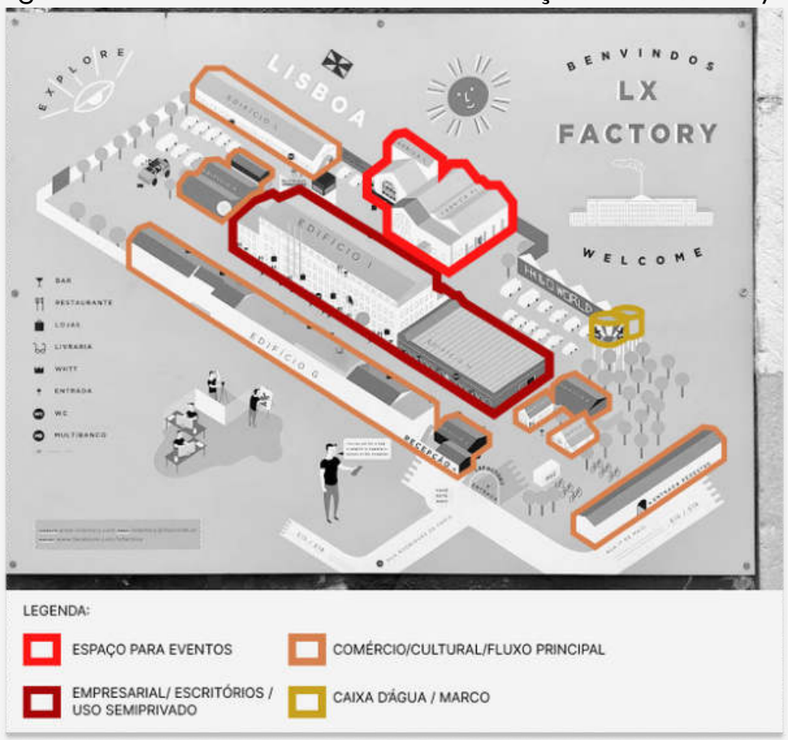


Fonte: ArcGis®. Adaptado pela autora 2023.

relacionando-se de forma privilegiada com a paisagem. Este tornou-se um dos desafios que a cidade de Lisboa teve de resolver e, para isso, procurou-se explorar os meios que visam restaurar a identidade do local em questão - tanto o edifício como a estrutura urbana - e buscou-se associá-lo a uma solução criativa e culturalmente interessante.

Desde 2002, vários projetos e ideias foram apresentados para promover uma modificação para o local, assim nasceu em 2007 a proposta da LX Factory, que incentivou o aproveitamento deste espaço abandonado como solução, dividindo as estruturas existentes em locais para escritórios. Estes eram grandes espaços oferecidos a preços atrativos e destinados a estimular iniciativas tanto no campo cultural quanto artístico.

Figura 23 - Zoneamento da Edificação LX Factory.

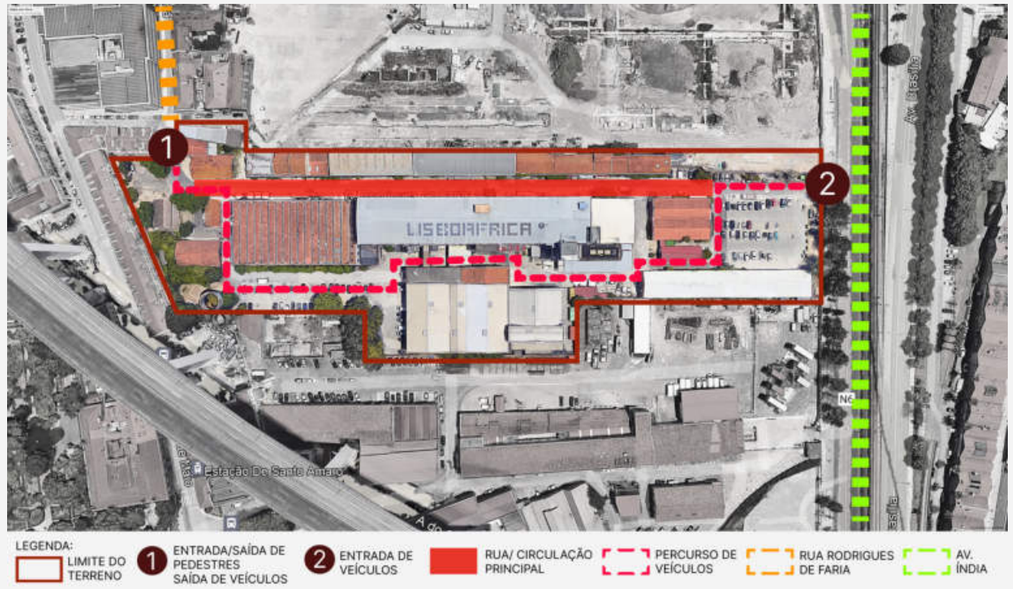


Fonte: Foto: Melvin Liew (imagem retirada do Google).
Adaptado pela autora, 2023.

Na Figura 24 pode-se entender a implantação de uma forma básica, juntamente com suas principais circulações e acessos. Existem apenas dois acessos principais e eles são bem definidos, um na Av. Índia e outro pela Rua Rodrigues de Faria. A primeira situa-se numa rua movimentada e tornou-se transitável, mas pouco atrativa, por isso o portão de entrada localizado na Av. índia se encontra fechado segundo RIBEIRO (2014). A segunda entrada é a mais importante e a mais movimentada do local, com seu portal de entrada localizado em uma rua estreita e de pouco trânsito.

Para concretizar a LX Factory no local, os idealizadores do projeto decidiram fazer uma intervenção simples e discreta nos edifícios, da responsabilidade dos arquitetos Ana Duarte Pinto e João Manoel Alves. O objetivo era simplesmente limpar, pintar e

Figura 24 - Vista de cima da implantação da Estação das Docas..



FFonte: Google Earth. Adaptado pela autora, 2023.

Figura 25 - LX Factory. Planta do piso 0 com espaços ocupados pelo festival OFFF assinalados a cinza escuro.

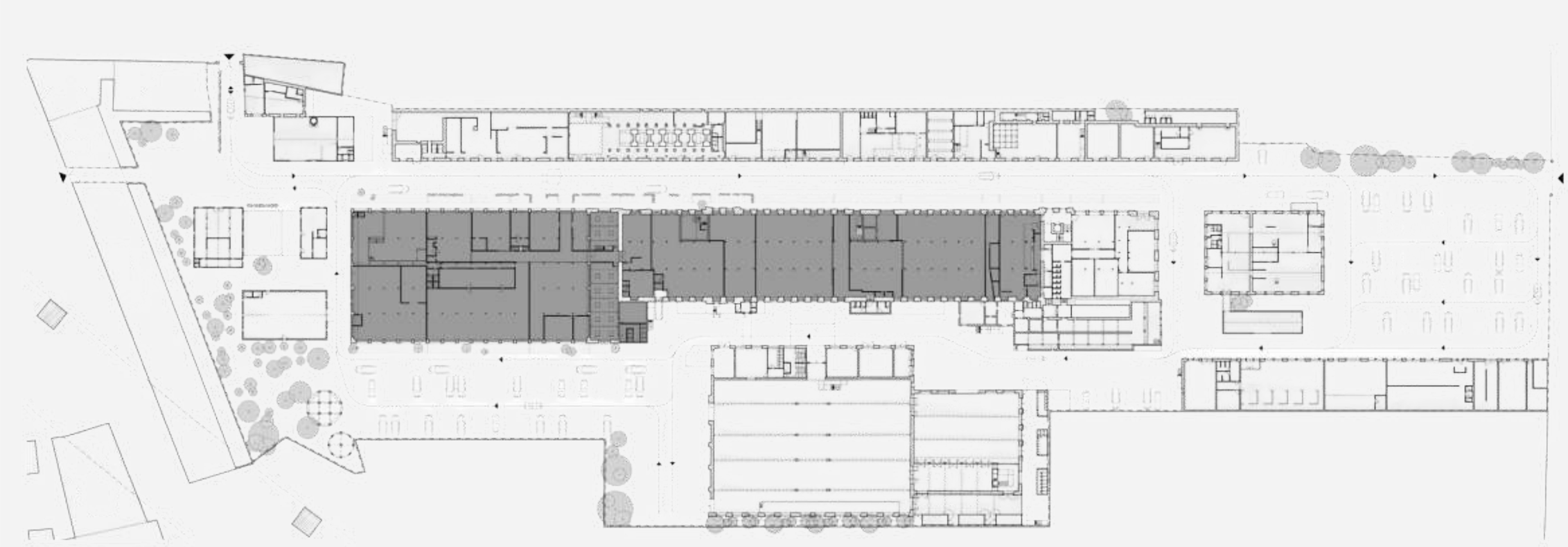


Foto: Paulino, 2015.

O objetivo era simplesmente limpar, pintar e substituir os vidros quebrados.

> *''[...] motivado, por um lado, por uma contenção de custos em termos de investimento inicial, face à presumível enfermidade do projeto, por outro lado, por uma vontade de preservar a imagem industrial do espaço. Foram mantidos os volumes, a fenestração e a materialidade originais. A compartimentação dos espaços, que consistiam essencialmente em grandes naves vazias, foi conseguida com recurso a paredes de gesso cartonado que asseguram a reversibilidade da intervenção. Exposto de uma forma crua, sem recurso a ornamentos e artificialismos supérfluos, o conjunto revela-se na sua autêntica materialidade. A identidade e a contemporaneidade são invocadas pela iluminação artificial e pela materialidade dos novos elementos''* (PAULINO, 2015, p. 86).

A planta livre da edificação tinha como função caber o maquinário e, como comenta CARVALHO (2009), a estrutura metálica em seu interior forma grandes vãos com duas fileiras de colunas, cada uma com 23 colunas, com 3,3 metros de altura e 6,2 metros entre fileiras (Figura 27). Já as aberturas das janelas são de 1,22m e possuem um espaçamento entre elas na mesma medida. Um fato interessante é o buraco, que sem dúvida é um marco na fachada da fábrica e está localizado onde deveria estar uma janela (Figura 28), isso ocorreu pois quando alguma das máquinas quebrava, a solução para a retirada e a colocação de um novo maquinário era derrubar a parede para a passagem dos mesmos. Assim, o buraco na fachada manteve-se como parte integrante do cenário industrial do complexo industrial da Lx Factory.

Figura 26 - Circulação principal entre os edifícios G, H e I, com pequenos comércios como cafés e lanchonetes.



Foto: Sarah Barnett [s.d]

Figura 27 -Vista interna da estrutura do Armazém 2.



Fonte: Carvalho, 2009.

A primeira instalação dos novos inquilinos ocorreu no primeiro andar do edifício principal, porque ali funcionava a administração da Gráfica Mirandela e o espaço já se encontrava adaptado para escritório, no mais, o restante dos pisos foi sendo ocupado conforme surgia a necessidade de instalação de novas empresas no local.

Os responsáveis da LX Factory deram a cada uma destas empresas a liberdade de alterar o seu espaço de acordo com as suas necessidades, mas sempre empenhados em manter as características industriais do edifício. Essa adaptabilidade foi um dos fatores para captar a atenção de empresas das indústrias criativas ao edifício, que, para além da proposta, apreciaram também a informalidade do ambiente e a oportunidade de deixar a sua identidade e singularidade no local, reutilizando e reciclando espaços antigos (PAULINO, 2015).

Tabela 2 - Número de empresas presentes na LX Factory

Tipos de Empresa	Quantidade
Escritórios	92
Lojas	35
Restaurantes	20
Outros	22
Total	196

Além de ser um ambiente que valoriza as atividades artísticas e culturais, o LX Factory alimentou muitas vezes iniciativas com caráter lúdico, comercial e cultural que sempre estimularam a

Figura 28 -Buraco em uma das fachadas.



Foto: Serafino Chierici, 2022

dinâmica para assegurar a circulação de pessoas no local (entradas e saídas), uma vez que essa dinâmica de pessoas é de grande importância para projetos como esse. Sendo assim, foram pensados eventos como: a LX Market, uma feira realizada aos domingos para vendedores de objetos de segunda mão, artesanato urbano, plantas, comida, arte e design; e os Open Days, que eram realizados duas vezes ao ano para que o complexo fabril pudesse ser visitado enquanto eram realizadas diversas atividades promovidas pelas empresas residentes. Para além da captação de empresas-âncoras e da realização das feiras, a LX Factory promoveu desde o primeiro ano diversas atividades culturais e artísticas informais, desenvolvendo-se também como espaço expositivo.

No entanto, o sucesso da fábrica LX levou a melhorias no ambiente urbano e catalisou o início da gentrificação dos edifícios próximos do local. Para SOMEKH (2019) Dessas análises emergiram quatro possibilidades para explicar a saída e/ou permanência de pequenas empresas das Ilhas Criativas:

1. Alternativa 1: pequeno empreendedor/produtor cultural que se instalou na LX Factory em 2008, quando o valor do arrendamento ainda era baixo, e que conseguiu se estabilizar e crescer junto com o local e, portanto, permanece no espaço.
2. Alternativa 2: pequeno empreendedor/produtor cultural que se instalou na LX Factory em 2008, quando o valor do arrendamento ainda era baixo, porém não conseguiu acompanhar o desenvolvimento do local e, portanto, teve que deixar o espaço.

Figura 29 - Biblioteca.

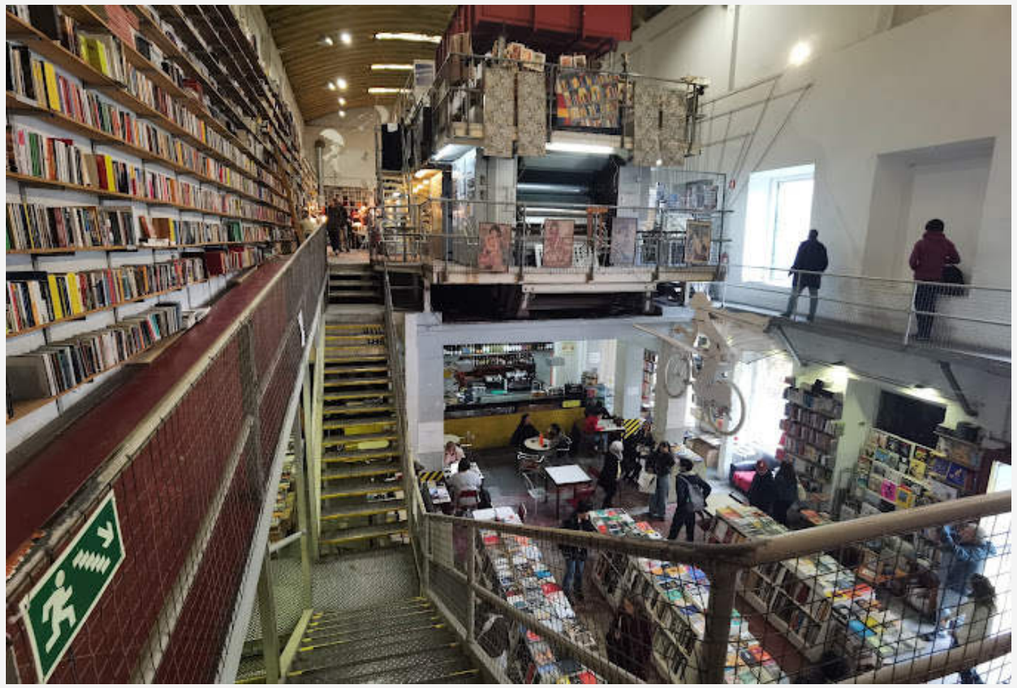


Foto: Cristóvão Santos [s.d].

Figura 30 - Vista interna de um dos comércios.



Foto: Roberto Viscardi, 2022.

3. Alternativa 3: pequeno empreendedor/produtor cultural que gostaria de se instalar na LX Factory, mas ainda não tem recursos para cobrir o arrendamento do local, que valorizou desde a sua abertura.

4. Alternativa 4: pequeno empreendedor/produtor cultural que gostaria de se instalar na LX Factory e que, por já ter uma estabilidade maior e melhores condições financeiras, consegue arrendar um espaço para trabalhar no local.

No entanto, a valorização do espaço estreitou o escopo dessa diversidade e restringiu grupos antes amplos. Assim, é importante observar que o desenvolvimento do projeto ocorreu de forma horizontal, ou seja, ele não foi imposto para o local por parte da empresa, mas cresceu organicamente com ele SOMEKH (2019, p. 11). Assim, projetos de intervenção urbana baseados em políticas culturais podem promover a inclusão social por meio da criação de oportunidades de emprego, qualificação profissional (através de cursos técnicos ou oficinas), espaços públicos de qualidade, valorizando a história e a cultura local.

Ainda assim, é necessário pensar em estratégias que promovam a sustentabilidade desses espaços ao longo do tempo, de modo que a população que frequenta diariamente o local consiga acompanhar a sua valorização.

Figura 31 - Espaços de estar na LX Factory.



Foto: Ali [s.d]

Figura 32 - Circulação entre os edifícios G, H e I.



Foto: Alexander Bacherl, 2019.

Figura 33 - Circulação entre os edifícios.



Foto: Ali [s.d]

3.3 CASA ZERO

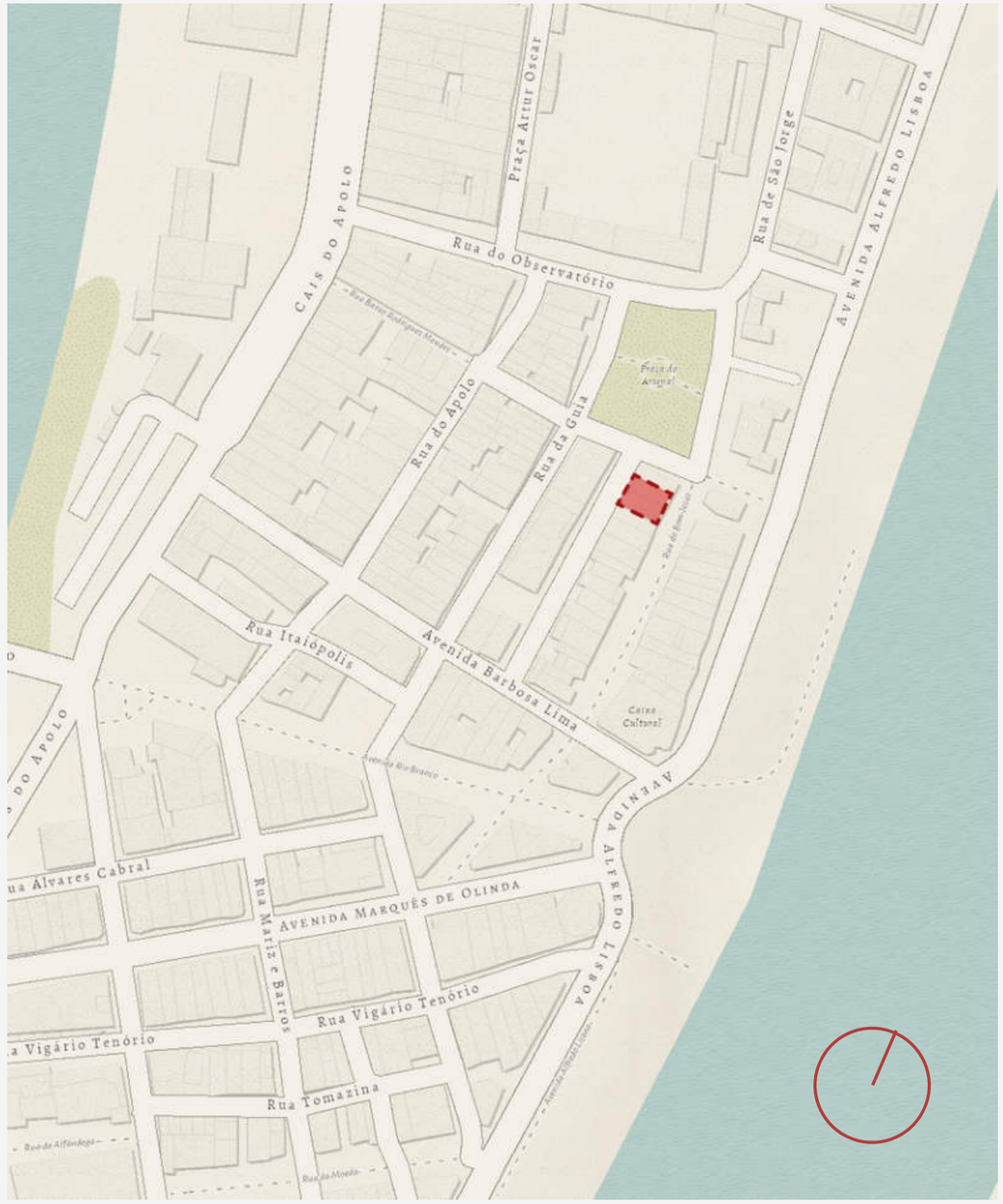
Quadro 3 - Ficha Técnica Casa Zero

Ficha Técnica	
Obra:	Casa Zero
Local:	R. do Bom Jesus, 237 - Recife, PE, 50030-170
Ano do projeto:	2022
Área do projeto:	3.000m²
Árquitetura Casa Zero:	Romero Duarte & Arquitetos, Polllyana Marques Arquitetura

Fonte: Elaborado pela autora.

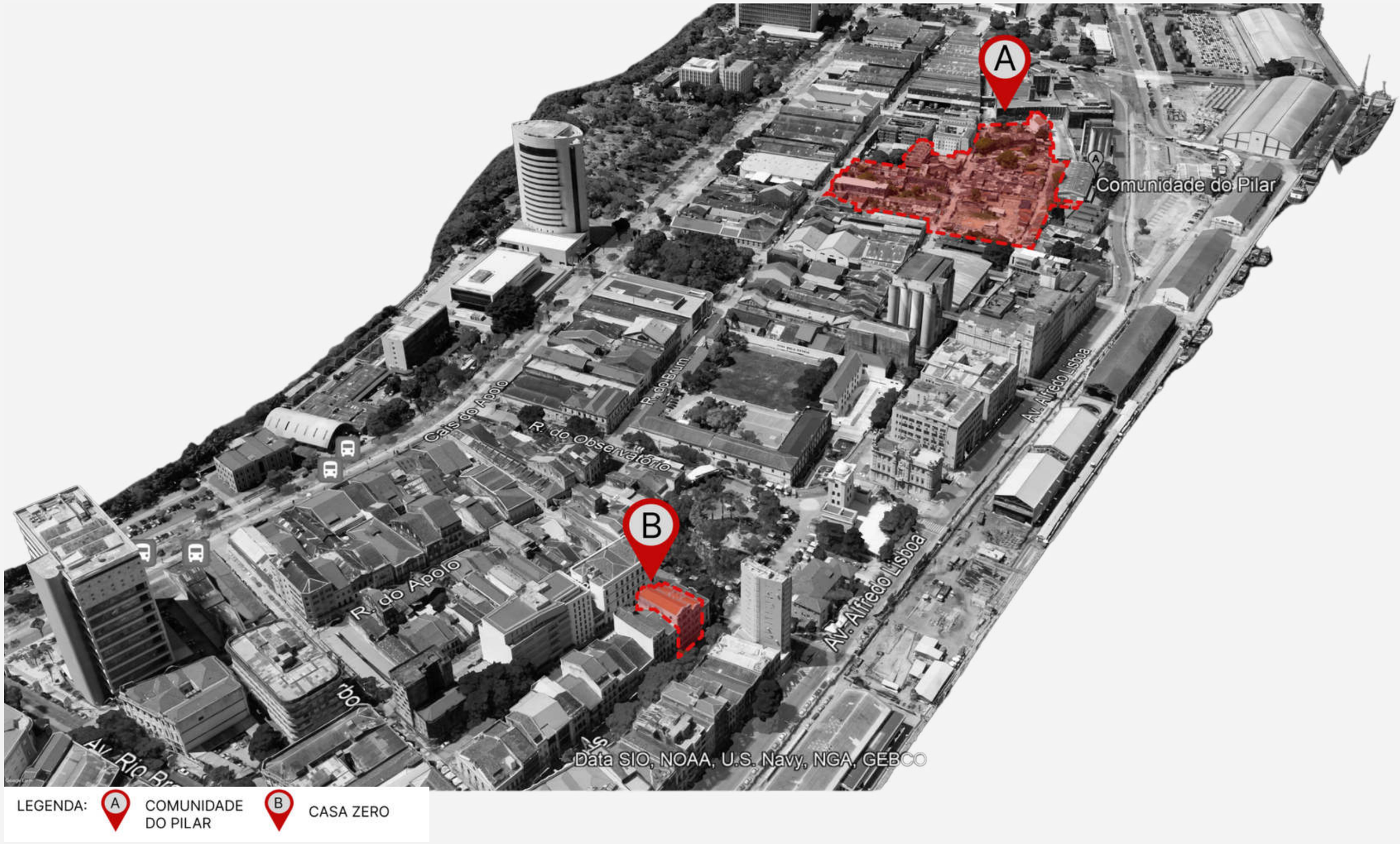
Por fim, tem-se o último estudo de caso, A Casa Zero, localizada no bairro do Recife, na rua do Bom Jesus (Figura 34), o projeto foi inaugurado recentemente no dia 15 de setembro de 2022. O seu propósito é a criação de um espaço voltado para a criatividade, inovação e conexão, através de um shopping sociocultural com o intuito de gerar impacto social na cidade do Recife e com o objetivo principal de atingir a comunidade do Pilar, que fica no entorno próximo à proposta (Figura 35) e possui o segundo pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Recife. Atualmente a comunidade conta com 360 famílias e aproximadamente 1.200 pessoas (Folha de Pernambuco, 2022), para atendê-las, além do empreendedorismo social a Casa Zero, a Casa Zero tem mais cinco pilares de atuação: educação, cultura, inovação, impacto social e engajamento cívico.

Figura 34 - Localização da Casa Zero.



Fonte: ArcGis®. Adaptado pela autora, 2023.

Figura 35 - Vista aérea da Casa Zero e a Comunidade do Pilar.



Fonte: Google E. Adaptado pela autora 2023.

O projeto foi implantado em um casarão na Rua do Bom Jesus (Figura 36), os números 227 e 237, com quatro andares e quase 3 mil metros quadrados, e conta com vários ambientes que podem ser utilizados na inclusão de projetos educacionais e culturais de ONGs, como oficinas de artesanato, cozinha gourmet, biblioteca, podcast, entre outros.

Além disso, as organizações e iniciativas sociais poderão expor seus projetos e produtos para que consigam gerar renda: "Alguns espaços serão abertos para a população. Outros podem ser feitos reservas, e alguns outros estarão disponíveis para locação. É um jeito da Casa Zero ter sustentabilidade. Afinal, 100% do espaço daqui vai ser através do empreendedorismo social para buscar sustentabilidade", explicou Fábio Silva, empreendedor social e idealizador do projeto, para a reportagem da Folha de Pernambuco em 2022.

A Secretaria Executiva de Inovação Urbana do Recife está instalada no local, bem como parte da equipe da Rede Muda Mundo, da qual fazem parte iniciativas como Novo Jeito, Porto Social, Transforma Brasil e a Fábrica do Bem.

Figura 36 - Casa Zero na Rua do Bom Jesus no Recife.

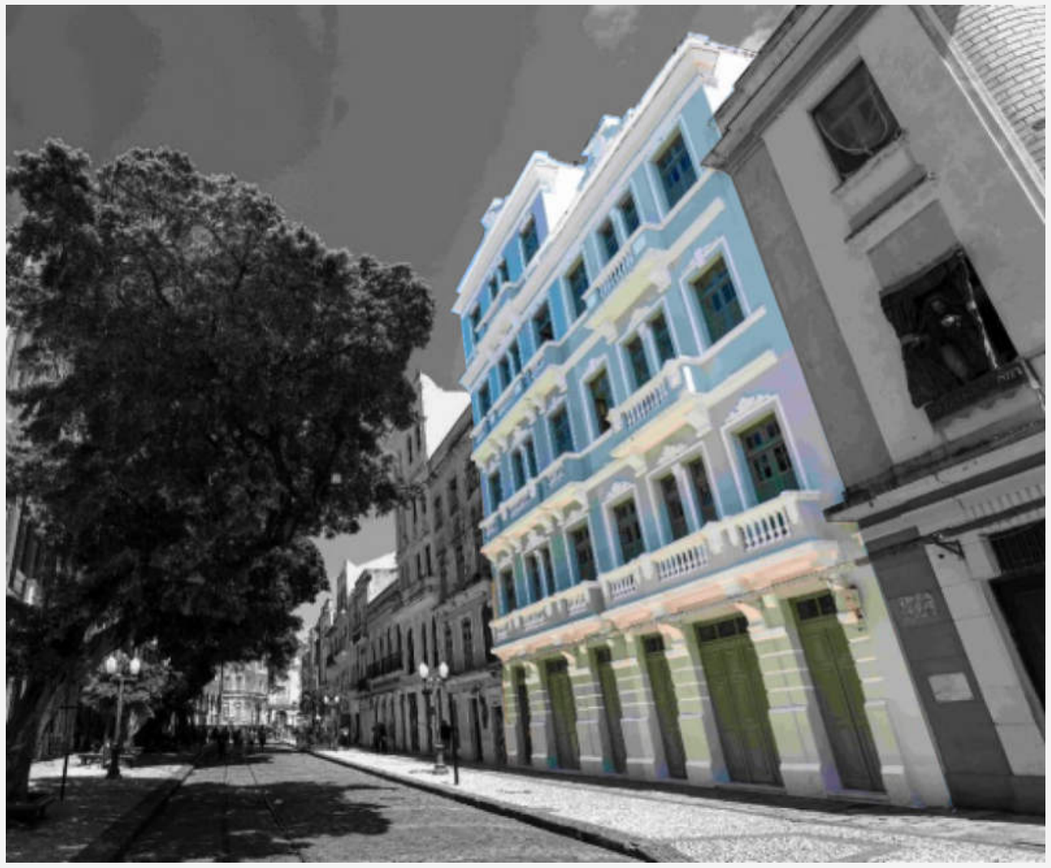


Foto: João Alberto. Adaptado pela autora, 2022.

Tabela 3 - Programa da Casa Zero

Tipos de Empresa	Quantidade
1. Oficina de Artesanato	7. Loja
2. Cozinha Gourmet	8. Salas de reunião
3. Corworking (capacidade: 14 pessoas)	9. Auditório (capacidade: 35 pessoas)
4. Biblioteca (capacidade: 15 pessoas)	
5. Sala de Inovação	
6. Estúdios	

Para viabilizar a criação da Casa Zero, Fábio Silva fez parcerias com mais de 50 empresas da iniciativa privada, que patrocinaram o espaço, entre elas a Neoenergia, Descontão, Oficina Francisco Brennand, Grupo Cornélio Brennand, Suape, Casa Cor, Iquine, Arte e Pedras, Minha Casa Financiada, Insole, Movimento Atitude PE, Romero Duarte & Arquitetos, Educação Sem Fronteiras, entre outros. O prédio, cedido pela Prefeitura do Recife, foi todo reformado com o patrocínio dos colaboradores

.

A Casa Zero, que é um equipamento bastante recente na Rua do Bom Jesus, mas possui uma dinâmica de empreendedorismo social bastante interessante que serviu como base para a compreensão de como um equipamento pudesse atender diretamente as necessidades da ocupação do entorno imediato da antiga olaria, no que se diz respeito a geração de empregos e empreendedorismo social, de modo que a própria comunidade possa gerir o espaço e utilizá-lo como fonte de renda direta.

Além disso, demonstra como pode ser feita a viabilização do equipamento, visto que a olaria Cerâmica Apipucos está inserida em um terreno de propriedade privada, com um crescente interesse do mercado imobiliário e disputa de terras. Por essa razão, foi necessário pensar em um estudo em que o equipamento fosse viável à medida que mesclasse o interesse público e privado, mas de maneira que a ocupação Chico Lessa fosse o objetivo principal de toda a articulação da intervenção.

3.4 ANÁLISE COMPARATIVA

De acordo com os estudos de caso analisados anteriormente, pode-se analisar as principais características e diferenças dos espaços estudados através do Quadro X.

Quadro 4 - Análise comparativa dos estudos de caso

Estudo de caso	SESC POMPÉIA	CASA ZERO	LX FACTORY
Aspectos analisados			
Localização	São Paulo - Brasil	Recife - Brasil	Lisboa - Portugal
Área	23.571m²	3.000m²	23.000m²
Valor histórico	Fábrica de Tambores ano 1938	Casarão na Rua do Bom Jesus	Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense (1846)
Equipamentos implantados	1. Áreas de atividades culturais 2. Oficinas 3. Lojas e Restaurantes 4. Área de Esportes 5. Clínicas Odontológicas 6. Bibliotecas e área de leitura 7. Deck Solário 8. Sala de Recreação 9. Teatro	1. Oficinas de Artesanato 2. Cozinha Gourmet 3. Coworking 4. Biblioteca 5. Sala de Inovação 6. Estúdios 7. Lojas 8. Café 9. Auditório 10. Salas de Reunião	1. Restaurantes 2. Mais de 50 Lojas 3. Cafés 4. Escritórios 5. Espaços para shows e eventos
Benefício para o entorno	1. Atividades culturais 2. Cursos Técnicos e artísticos 3. Lazer 4. Ponto Turístico	1. Projetos educacionais e culturais de ONGs 2. Organizações e iniciativas sociais poderão expor seus	1. Espaço onde ocorrem eventos ligados a moda, música, arte e comunicação 2. Reativação de uma edificação

	5. Atividades esportiva 6. Resgate da cultura local	projetos e produtos para que consigam gerar renda 3. Empreendedorismo social 4.Atendimento a comunidades vulneráveis, principalmente a comunidade do Pilar	que passou bastante tempo sem uso 3. Albergue com cozinha comunitária 4. Espaços voltados para o coworking 5. Serviços de cabeleireiro, barbearia, estética e maquiagem
Interveção no patrimônio	1. Intervenção levada em conta a diferenciação dos materiais e elementos construtivos (Distinguibilidade de Cesari Brandi) 2. Valor histórico, valor de rememoração intencional, valor de uso. (Alois Riegl)		1. A reabilitação foi sutil, visto do exterior do edifício. As características industriais foram mantidas. A maior mudança aconteceu do interior dos edifícios, para que se pudesse abrigar as novas funções.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

De acordo com os estudos de caso apresentados, alguns aspectos comuns entre eles podem ser percebidos. O valor histórico do SESC-Pompéia e da LX Factory é apoiado pela memória afetiva dos antigos moradores locais assim como da população onde cada sítio histórico foi restaurado. Assim, o valor de uso é posto em prática através da requalificação dos espaços em prol da população em geral.

Os espaços estudados também apresentam o caráter de intervenção através da diferenciação dos estilos e materiais arquitetônicos. Portanto, seguindo a linha teórica de Cesari

Brandi - onde a intervenção contemporânea é explícita sem alterar a expressão artística do monumento - a presença dos objetivos do restauro moderno é seguida pelos arquitetos dessas obras. No caso do SESC-Pompéia é possível notar a preocupação da arquiteta Lina Bo Bardi em diferenciar do existente os elementos novos da proposta.

O uso de materiais leves nessas intervenções propõem a reversibilidade construtiva de Cesari Brandi, onde o restauro deverá ter facilidade de demolição caso futuras gerações pensem em fazê-lo. Contudo, no caso do SESC- Pompéia, pode-se observar que a implantação dos blocos de quadras ou dos três prismas de concreto situados no fundo do terreno, não obedeceu essa regra teórica.

Por fim, o caráter social presente em todas as intervenções, que mostraram desde o princípio da concepção do projeto que o público-alvo das propostas são os moradores do entorno.É percebida a preocupação em integrar os trabalhadores informais, os pequenos empreendedores e artistas ao projeto, agregando valor à intervenção à medida que estes são os principais usuários do espaço, principalmente nas intervenções feitas na LX Factory e na Casa Zero.

CAPÍTULO

4

A OLARIA CERÂMICA APIPUCOS

Figura 37 - Fotomontagem do terreno da olaria com o Rio Capibaribe e a BR-101.



Fonte: Google Earth. Adaptado pela autora, 2023.

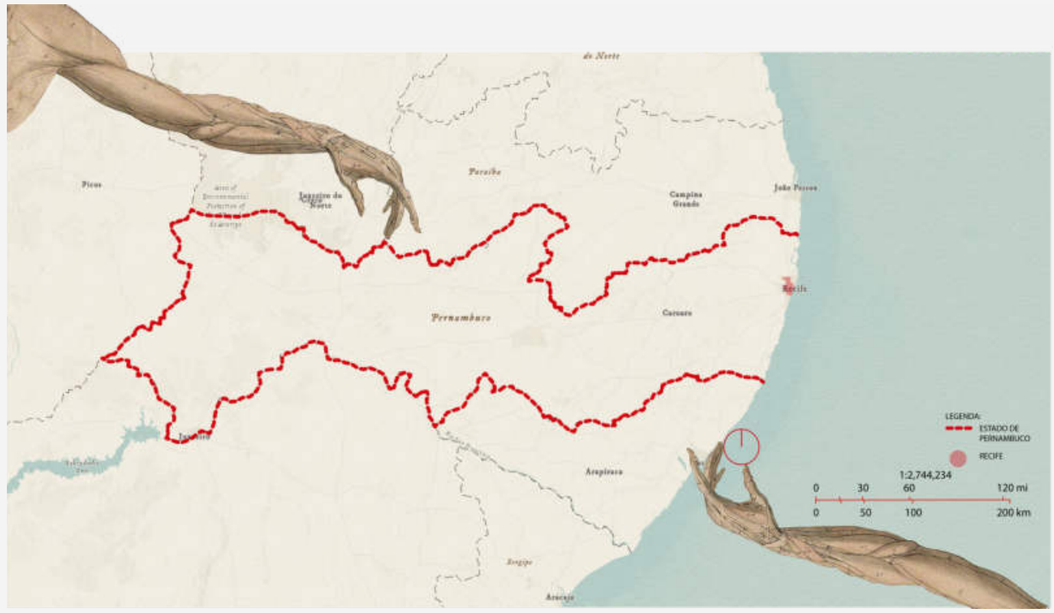
Este capítulo apresenta a área de estudo para a implantação da Casa Chico, apresentando dados sobre o bairro e o terreno onde a antiga olaria está inserida, os quais foram levantados através de análises em documentos públicos, como a Oficina de Diagnóstico Popular feita em 2020 na Unidade de Conservação da Caxangá e o Plano Diretor do Recife. Posteriormente os dados serão analisados e servirão como base para a elaboração das diretrizes e programas para a área de estudo.

A antiga Olaria Cerâmica Apipucos, o objeto de intervenção do presente trabalho, se enquadra no quesito de vazios urbanos, visto que se trata de uma estrutura desativada a mais de trinta anos que possui em torno de doze mil metros quadrados, inserida em uma gleba de treze hectares, sendo ela propriedade privada do Grupo Cornélio Brennand.

Segundo a certidão do terreno disponibilizada pela Diretoria Executiva de Controle Urbano do Recife (DIRCON), existiam no local os três galpões da olaria, com cinco fornos, um anexo onde funcionava o escritório, outro bloco composto por uma serraria e carpintaria, uma oficina mecânica, um depósito, uma garagem para veículos e tratores, um prédio onde estava instalado o almoxarifado, um bloco para abrigo do vigia, uma subestação transformadora, três casas bomba, um reservatório d'água, um WC e quatro galpões com utilizações diversas, compondo o parque industrial.

Alguns projetos foram propostos para o terreno ao longo dos anos, porém, todos foram indeferidos e o terreno continuou sem uso até meados de novembro de 2021, após a pandemia de

Figura 38 - Mapa localização do estado de Pernambuco, Brasil.



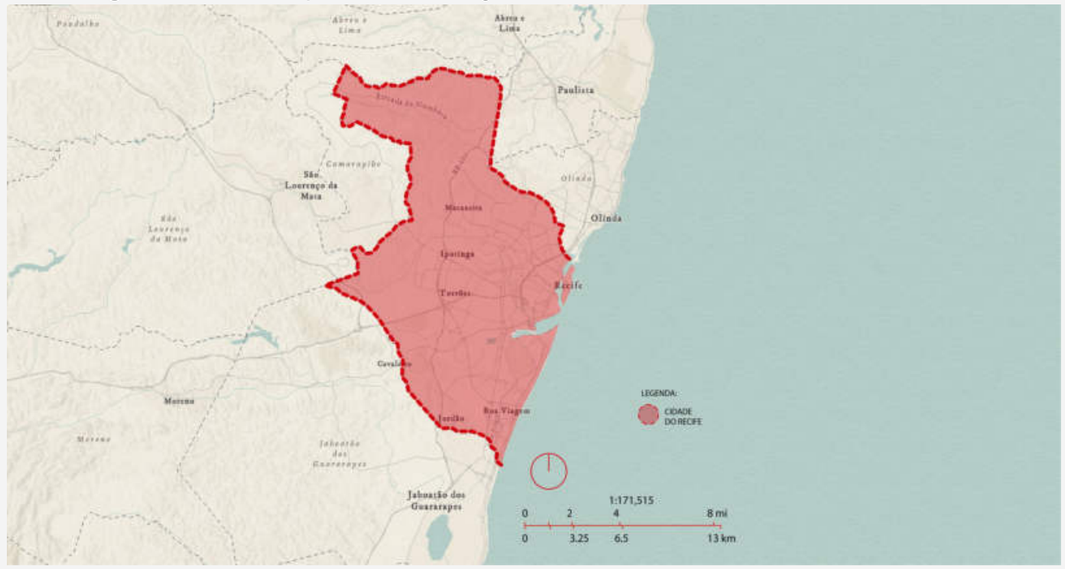
Fonte: ArcGis®. Adaptado pela autora, 2023

COVID-19, que afetou a vida de mais de 800 pessoas, principalmente em razão do desemprego, que se assentaram na ocupação Chico Lessa, presente no entorno imediato da edificação.

LOCALIZAÇÃO

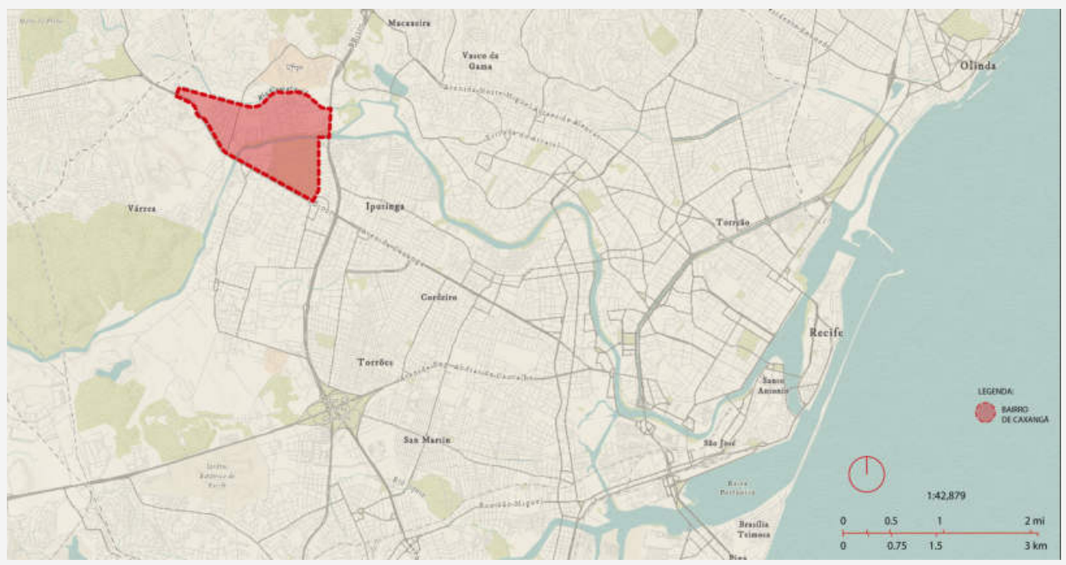
A antiga olaria Cerâmica Apipucos está localizada no estado de Pernambuco (Figura 38), na capital do estado, Recife (Figura 39), inserida no bairro de Caxangá[3] (Figura 40). O bairro fica situado às margens do rio Capibaribe, vizinho ao bairro da Várzea, a cerca de onze quilômetros do centro do Recife.

Figura 39 - Mapa localização da cidade do Recife



Fonte: ArcGis®. Adaptado pela autora, 2023

Figura 40 - Mapa localização do bairro de Caxangá.



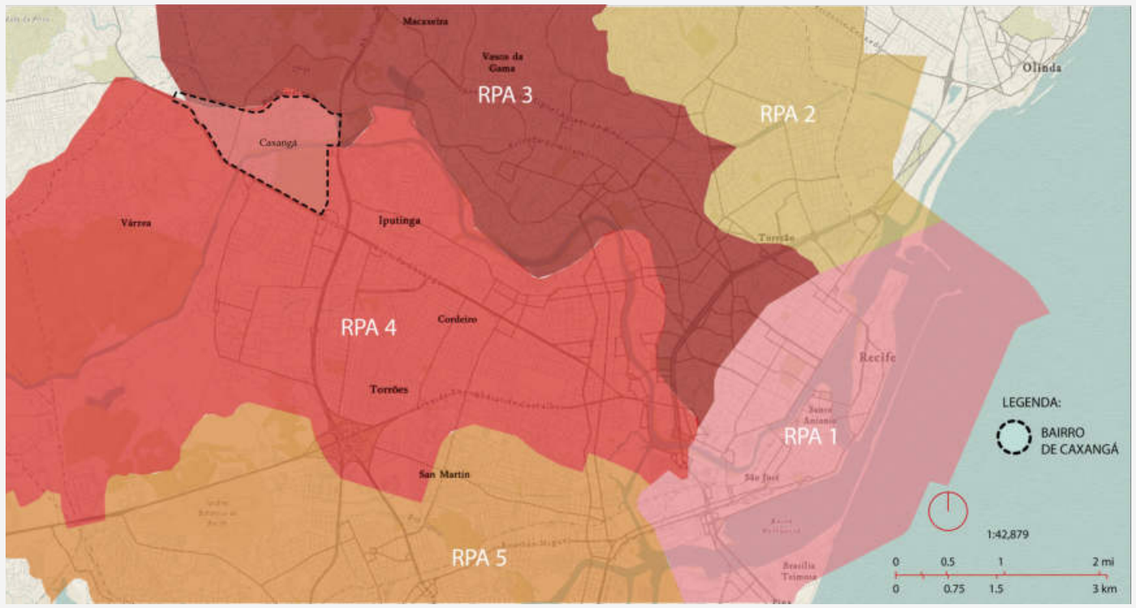
Fonte: ArcGis®. Adaptado pela autora, 2023

[3] O bairro de Caxangá originou-se de uma povoação fundada pelo cônego Francisco Pereira Lopes, no final do século XVIII.Pernambucano (1755-1833), o Cônego Caxangá, como era conhecido, por ser proprietário das terras que tinham esse nome, construiu no local uma boa casa para morar e uma capela dedicada a São Francisco de Paula.
As terras, no entanto, já eram cultivadas desde meados do século XVII, quando funcionava nas suas proximidades o engenho Brum, fundado por Miguel Bezerra Monteiro, pertencente a uma tradicional família pernambucana.
Em 1833, a povoação era considerada como um dos mais belos e aprazíveis arrabaldes da cidade. Banhada por um rio de águas límpidas, um clima agradável e um terreno muito fértil, desenvolveu-se rapidamente, tornando-se um dos locais preferidos para banhos de rio e veraneio da sociedade recifense.

CENTRALIDADES

A gleba que abriga a antiga olaria não faz parte de uma região central da cidade, está inserida RPA 04 (Figura 41) – situando-se na parte oeste do Recife, que faz limite com o município de São Lourenço da Mata e Camaragibe à oeste; ao norte com a RPA 3 e Rio Capibaribe; ao sul com a RPA 5 e à leste com o braço morto do rio Capibaribe. A Região Político-Administrativa do Recife 04 (RPA 04) é formada por 12 bairros: Cordeiro, Ilha do Retiro, Iputinga, Madalena, Prado, Torre, Zumbi, Engenho do Meio, Torrões, Caxangá, Cidade Universitária e Várzea.

Figura 41 - Regiões Político Administrativas do Recife.

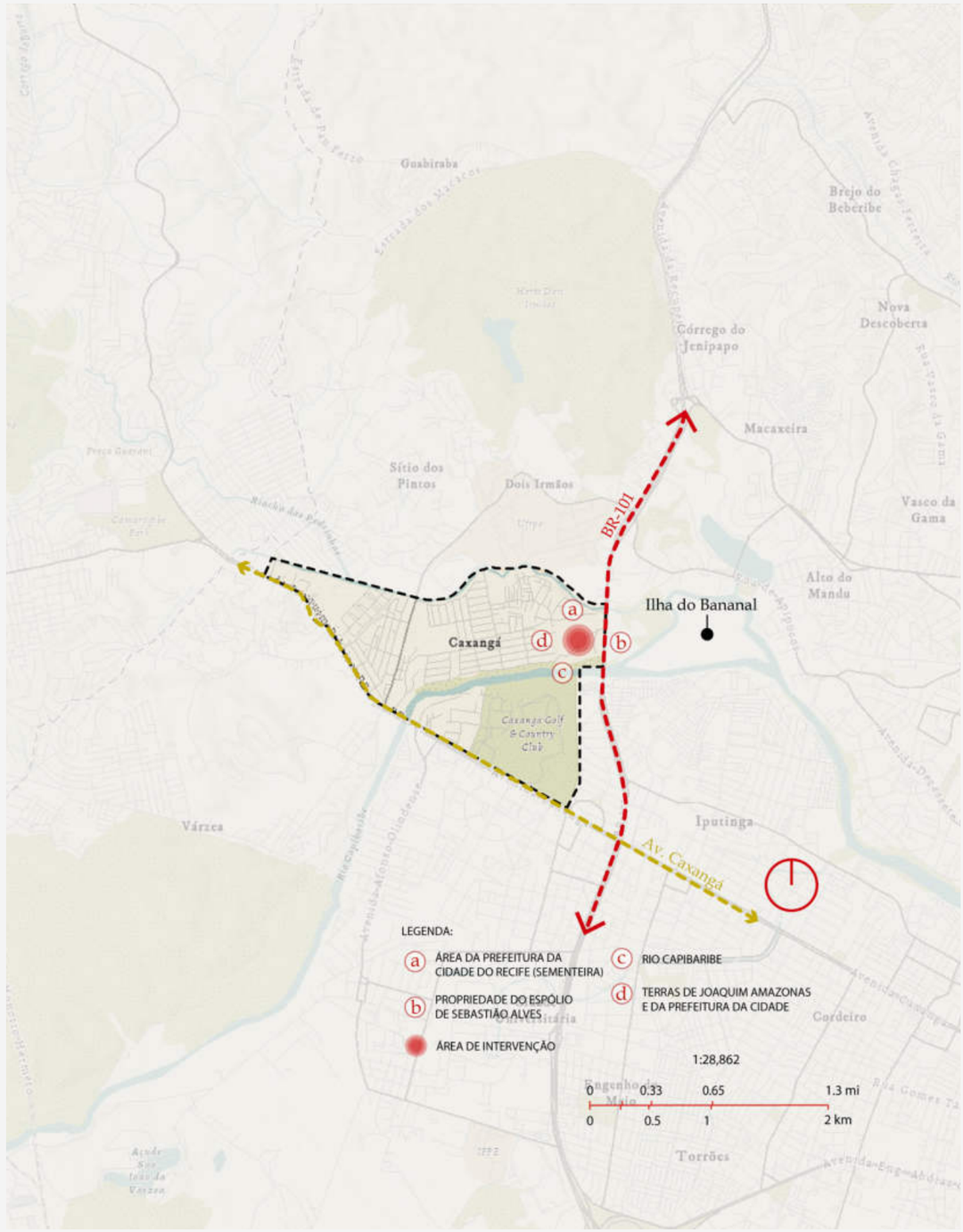


Fonte: ArcGis®. Adaptado pela autora, 2023

LIMITES

O terreno é delimitado pela BR-101 à leste, uma das principais vias da cidade do Recife e do Brasil, tendo início no município de Touros, no estado do Rio Grande do Norte, e terminando em São José do Norte, no Rio Grande do Sul, sendo a via de acesso principal a área da edificação e ruas paralelas à oeste do assentamento Nova Morada (Figura 42). Ao norte o terreno confronta-se com a área da Prefeitura da Cidade do Recife (Sementeira), e com o Rio Camaragibe; ao Sul limita-se com o Rio Capibaribe; ao leste limita-se com a propriedade do Espólio de Sebastião Alves Barbosa; e ao Oeste limita-se com terras de Joaquim Amazonas e parte da Área da Prefeitura da Cidade do Recife (Sementeira).

FFigura 42 - Mapa localização da antiga Olaria Cerâmica Apipucos



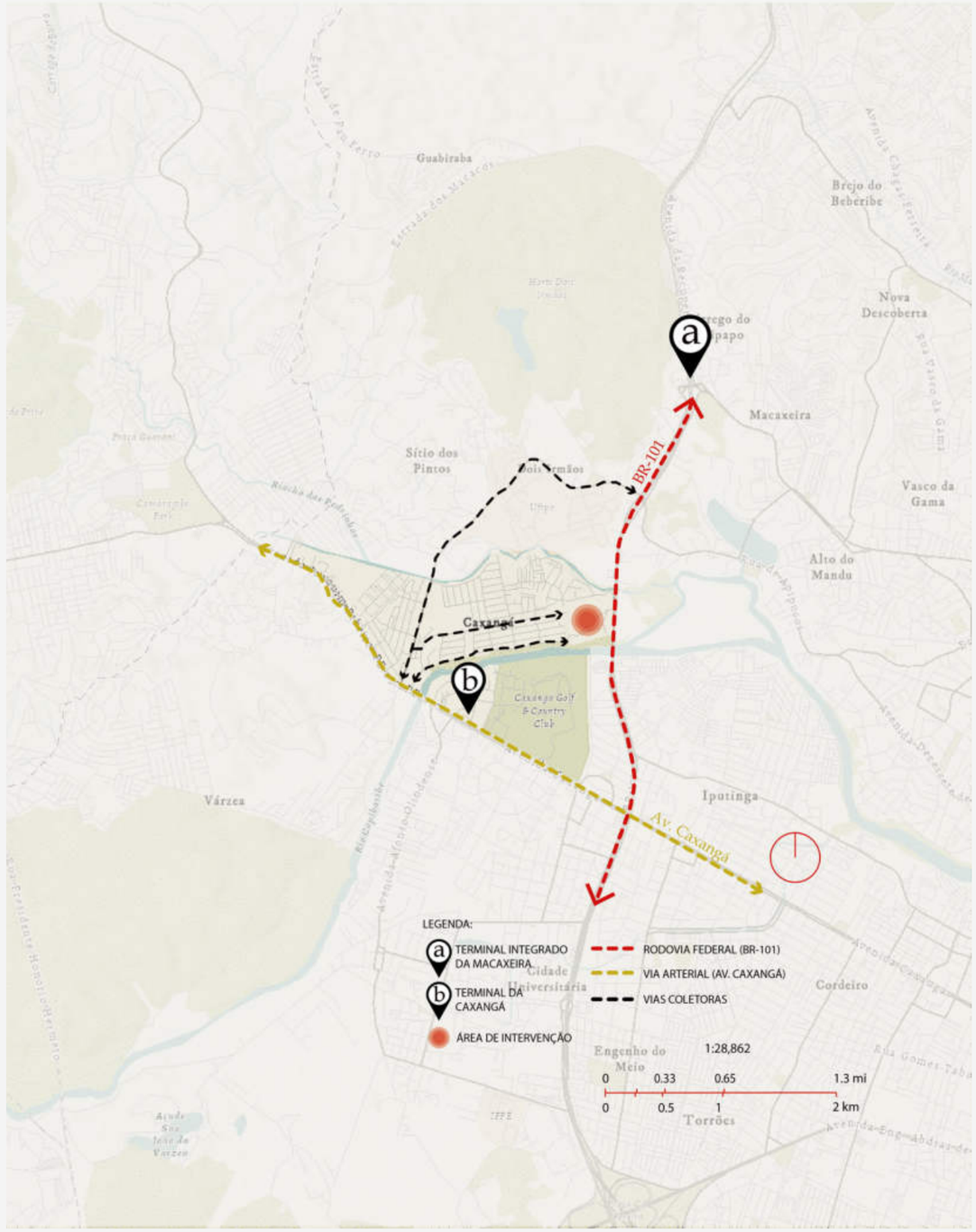
Fonte: ArcGis®. Adaptado pela autora, 2023

SISTEMA VIÁRIO

Como mencionado anteriormente, o terreno possui proximidades com vias importantes da cidade, como a BR-101 que delimita uma das faces do terreno como mencionado anteriormente, e a Av. Caxangá que está a um raio de 1,5km de distância da olaria. Além disso, o Terminal Integrado da Macaxeira e o Terminal da Caxangá compõem o importante sistema de transporte público da área e estão presentes no entorno do terreno (Figura 43).

Porém, o acesso a área por meio de ciclovias ainda é bastante dificultado, dados levantados pelo Projeto Capibaribe em 2014 demonstravam que a margem esquerda do Rio Capibaribe, compreendendo os bairros do Monteiro, Alto do Mandu, Macaxeira, Apipucos, Dois Irmãos e Sítio dos Pintos apresentavam, até então, 66 metros lineares de ciclovias, enquanto a margem direita (Caxangá e Iputinga) não possuía espaços voltadas para o uso da bicicleta.

Figura 43 - Mapa com vias importantes próximas ao terreno da antiga Olaria Cerâmica Apipucos.



Fonte: ArcGis®. Adaptado pela autora, 2023

PLANO DIRETOR

O bairro de Caxangá está inserido em uma Macrozona do Ambiente Natural e Cultural[4], no plano diretor do Recife Lei complementar n° 2, de 23 de Abril de 2021, que considera como elementos estruturadores de seu território os maciços vegetais preservados, a rede hídrica principal e secundária e o patrimônio cultural da cidade, a fim de configurar na cidade um sistema que valorize seus próprios atributos. Os espaços inseridos nesta macrozona apresentam, em sua maioria, a forte presença das águas, de sua costa marítima, dos rios e canais e patrimônios históricos materiais e imateriais.

> *‘’A Macrozona do Ambiente Natural e Cultural (MANC) tem por objetivo valorizar, preservar e recuperar, de forma sustentável e estratégica, os recursos naturais e culturais da cidade, de modo a formar um sistema integrado para uso e desenvolvimento sustentável.’’* Art. 30, Subceção I, Seção II do Macrozoneamento, Plano Diretor do Recife 2020.

Além disso, dentro da Macrozona do Ambiente Natural e Cultural existem duas Zonas, a Zona de Ambiente Natural (ZAN) e a Zona de Desenvolvimento Sustentável (ZDS), e o terreno da olaria está inserido na primeira, a ZAN Capibaribe[5].

---

[4] São diretrizes definidas para a Macrozona do Ambiente Natural e Cultural - (MANC): A articulação entre os principais elementos identitários da cidade do Recife, os corpos hídricos, os remanescentes de mata atlântica e seus sistemas associados e o patrimônio cultural edificado; A integração de parques, praças, áreas verdes e rede hídrica por meio de conectores ambientais que promovam a integração e fortaleçam a infraestrutura ambiental da cidade; E por fim, o desenvolvimento do território de maneira sustentável e ampliar a capacidade de resiliência do Município para o enfrentamento das mudanças climáticas.

[5] A Zona de Ambiente Natural Capibaribe (ZAN Capibaribe), é composta pela concentração da Mata Atlântica e de seus ecossistemas associados, e pelos parques públicos urbanos;

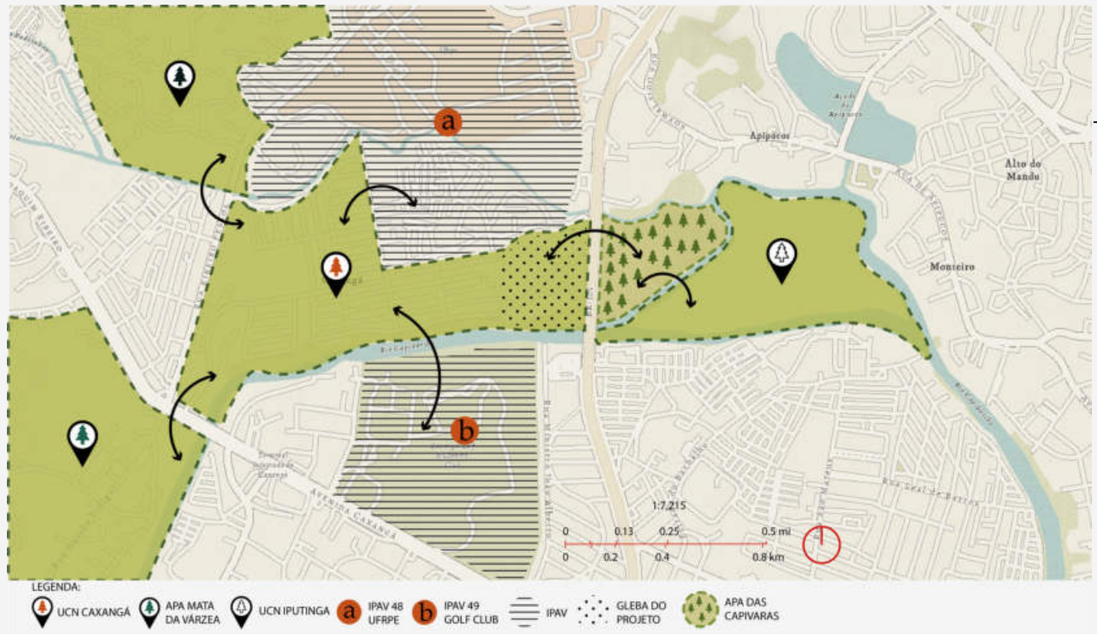
A Zona de Ambiente Natural corresponde a parte territorial do Recife que é estruturada pelas bacias dos Rios Beberibe, Capibaribe e Tejipió, com a predominância de áreas não urbanizadas, forte presença de remanescentes de mata atlântica e seus ecossistemas associados e Unidades Protegidas, sobretudo da categoria de Unidade de Conservação da Natureza (UCN).

SISTEMAS VERDES

CO terreno está inserido na Unidade de Conservação da Natureza Caxangá (UCN Caxangá), segundo a Lei Municipal 16.176/96 (LUOS), com área total de 102,2 hectares. Além disso, a UCN Caxangá está próxima de outras Unidades de Conservação da cidade, Áreas de Preservação Ambiental (APA) e Imóveis de Preservação de Áreas Verdes (IPAV) , como a Universidade Federal Rural de Pernambuco e o Golf Club (Figura 44). Criando um grande sistema de áreas verdes protegidas e com diretrizes específicas para a intervenção.

Entretanto, por meio de análises feitas pelos instrumentos que utilizam o foto satélite ao longo dos anos (Figuras 45, 46, 47 e 48), pode-se perceber uma perda considerável de vegetação no terreno onde está localizada a antiga olaria. Principalmente nos últimos anos, as áreas no entorno da edificação perderam a rica massa vegetada existente, e um dos fatores principais foi a extração de matéria-prima para a antiga fábrica de tijolos, que realizava a extração da argila no solo para a confecção dos artigos de cerâmica. Tal fato intensificou o processo de erosão do solo, assoreamento e destruição da mata ciliar. Atrelado a isso, através da Oficina de Diagnóstico Popular da UCN

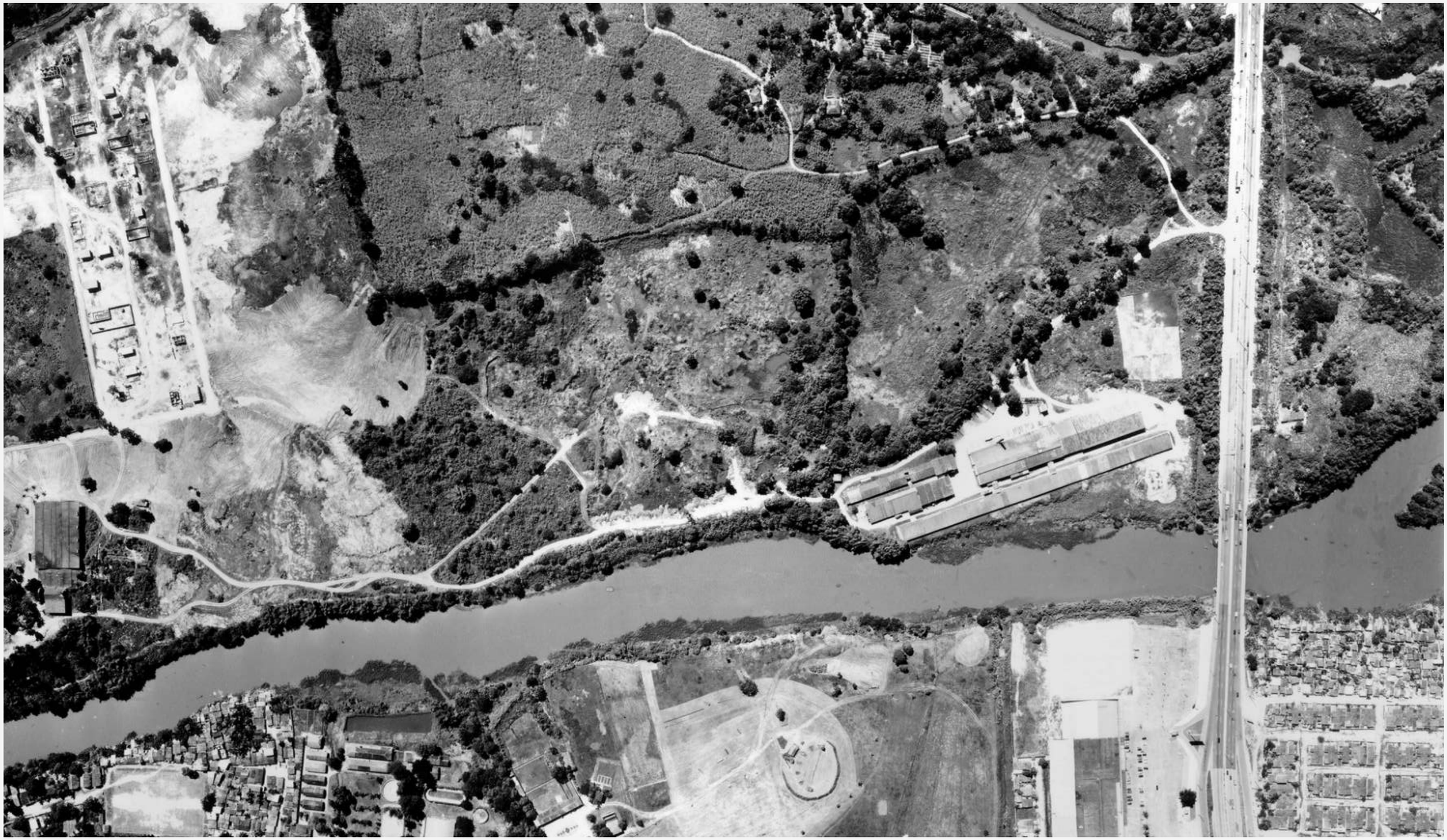
Figura 44 - Unidade de Conservação da Natureza (UCN) Caxangá e áreas de conservação e preservação ambiental das proximidades.



Fonte: ArcGis®. Adaptado pela autora, 2023

Caxangá realizada no ano de 2020 com moradores do bairro, foi relatado a insuficiência de projetos ambientais para a área.

Figura 45 - Foto aérea da Olaria no ano de 1970.



Fonte: Acervo da CONDEPE-FIDEM, 1970

Figura 46 - Foto aérea da Olaria no ano de 2013.



4

Fonte: Google Earth, 2013.

Figura 47 - Foto aérea da Olaria no ano de 2019.



Fonte: Google Earth, 2019.

Figura 48 - Foto aérea da Olaria no ano de 2022.



Fonte: Google Earth, 2022.

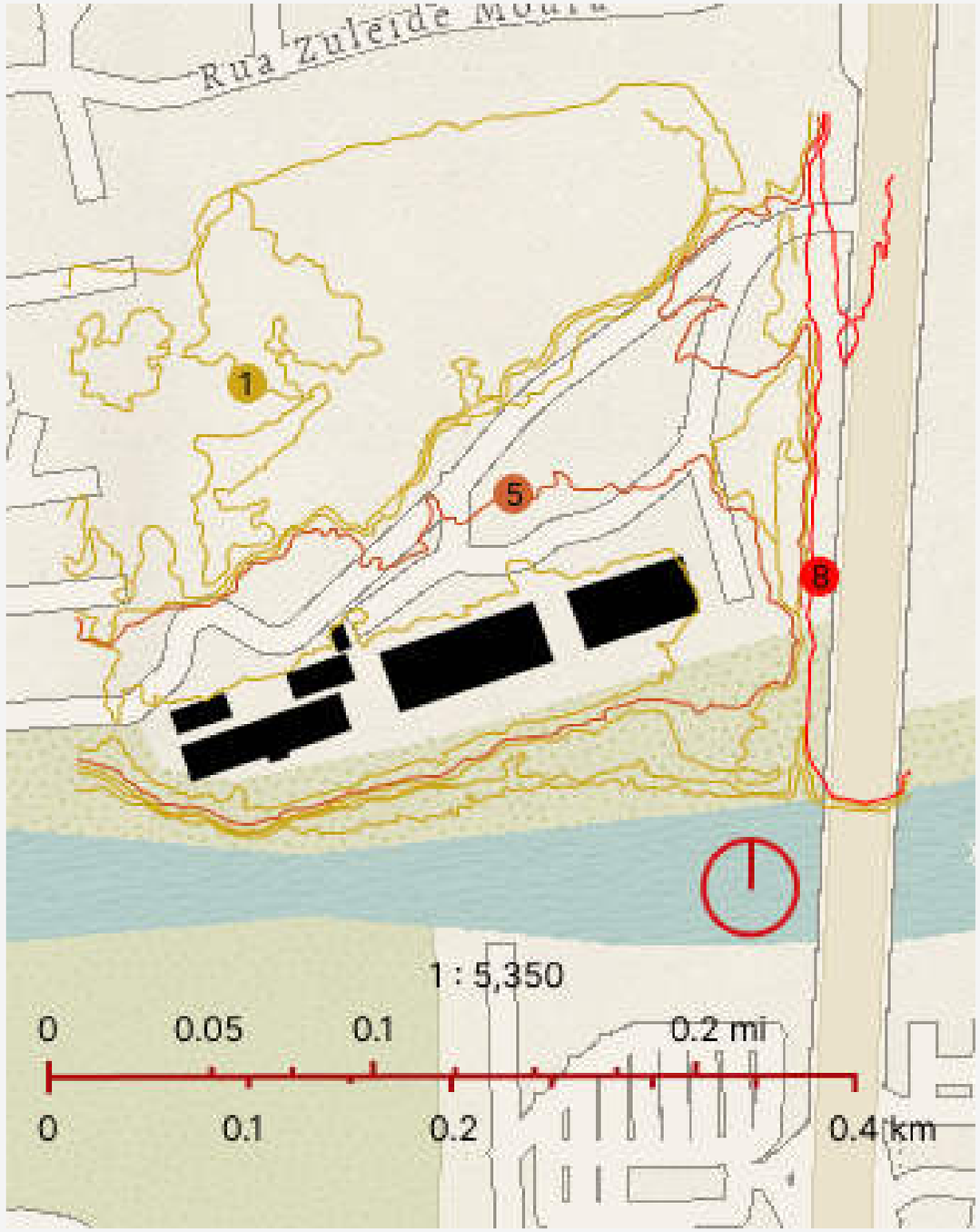
RIO CAPIBARIBE

Além de estar inserido em uma Unidade de Conservação da Natureza e possuir proximidade com outras áreas de preservação ambiental, o terreno da antiga olaria se encontra à margem esquerda do principal rio da cidade e do estado, o Rio Capibaribe, que divide o Recife. Tal fato potencializa a área por trazer a possibilidade de integração de projetos com o rio, sobre aspectos favoráveis à recuperação, proteção, conservação e preservação de modo a reconquistar a relação da cidade com as frentes d`água. Entretanto, o lançamento de esgotos in natura nos cursos é um problema na região, ampliando-se os impactos ambientais e os riscos de proliferação de doenças à população e mortandade da fauna.

TOPOGRAFIA

Ao analisar as curvas de nível do terreno através dos dados disponibilizados pela plataforma do ESIG (Sistema de Informações Geográficas) da cidade do Recife, pode-se perceber que a edificação se encontra em um terreno que já foi aterrado para a sua implantação (Figura 49). Além disso, as áreas próximas a BR-101 (a leste), ao sul no Capibaribe e ao norte são as que possuem mais desníveis. A topografia acidentada dessa última área é resultado da extração da matéria prima para a produção de tijolos pela olaria que era realizada no próprio terreno, como supracitado, soma-se a isso a erosão do solo ocasionada pelas abundantes chuvas (Figura 50).

Figura 49 - Topografia.



Fonte: ArcGis®. Adaptado pela autora, 2023

Figura 50 - Parte do terreno ao norte onde era feita a retirada da terra.



Foto: Maria Hellena Borba, 2023.

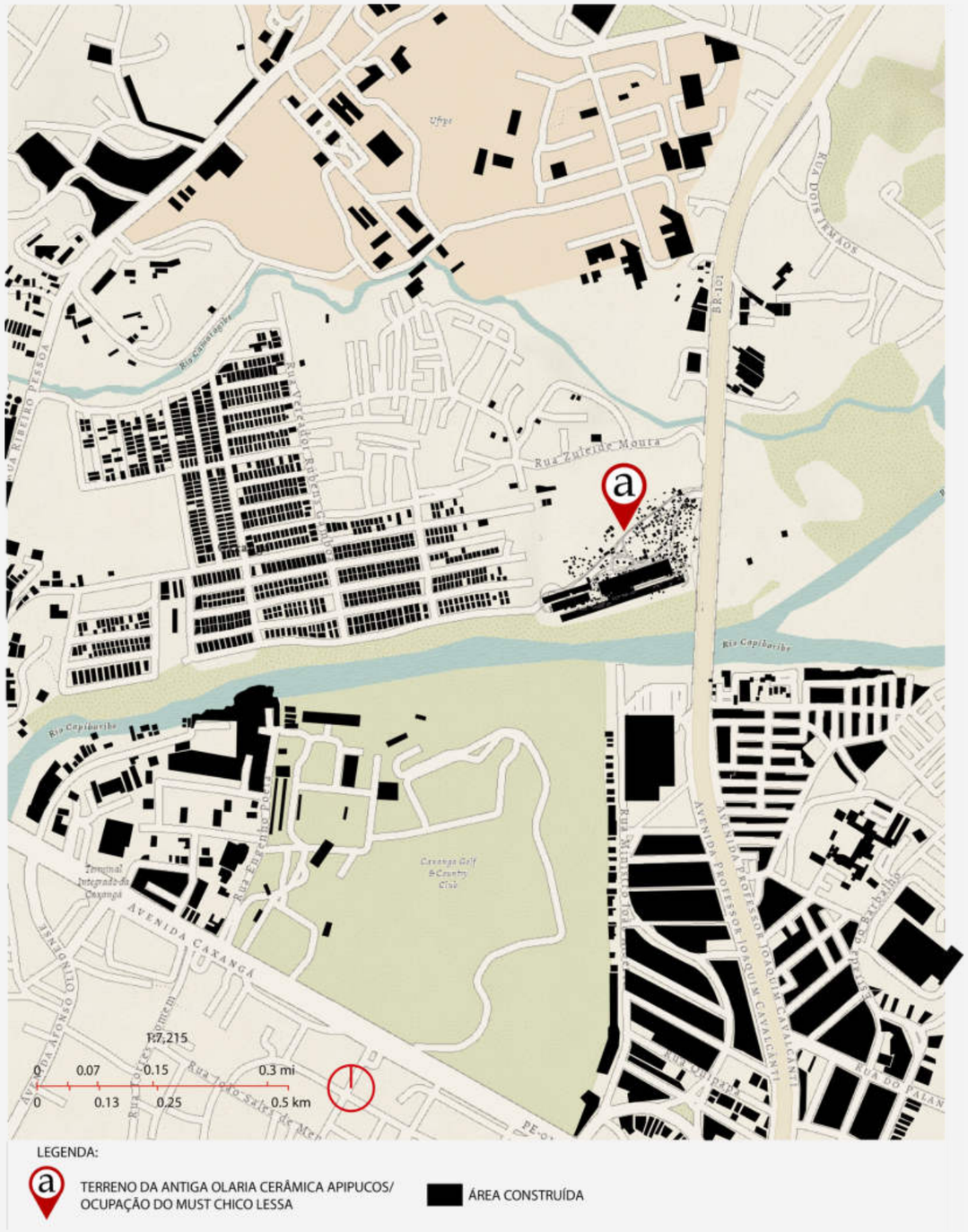
MAPA NOLLI E USOS DO ENTORNO

Como mencionado anteriormente, o terreno faz parte de uma Zona de Ambiente Natural, a ZAN Capibaribe, por essa razão a área não apresenta um adensamento construtivo, como é característico dos territórios protegidos por seu valor ambiental. Através da criação do Mapa Nolli (Figura 51), que levantou dados das áreas construídas com um raio de 10km da edificação, pode-se perceber um adensamento construtivo em terrenos mais ao sul do bairro, próximas à BR-101 e à Avenida Caxangá. No entorno da olaria os locais mais adensados ficam à oeste, no assentamento da Nova Morada, pois à leste fica localizada a Área de Proteção Ambiental das Capivaras e a Ilha do Bananal.

Observa-se também um processo de verticalização nas proximidades da Av. Caxangá próximo ao com o Golf Club, a densidade média nesta margem é mais elevada (84,58 hab/ha) contra somente 28,87 habitantes por hectare no lado esquerdo, segundo dados levantados pelo Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Rio Capibaribe (PURA).

4

Figura 51 - Mapa Nolli do entorno do terreno da olaria.



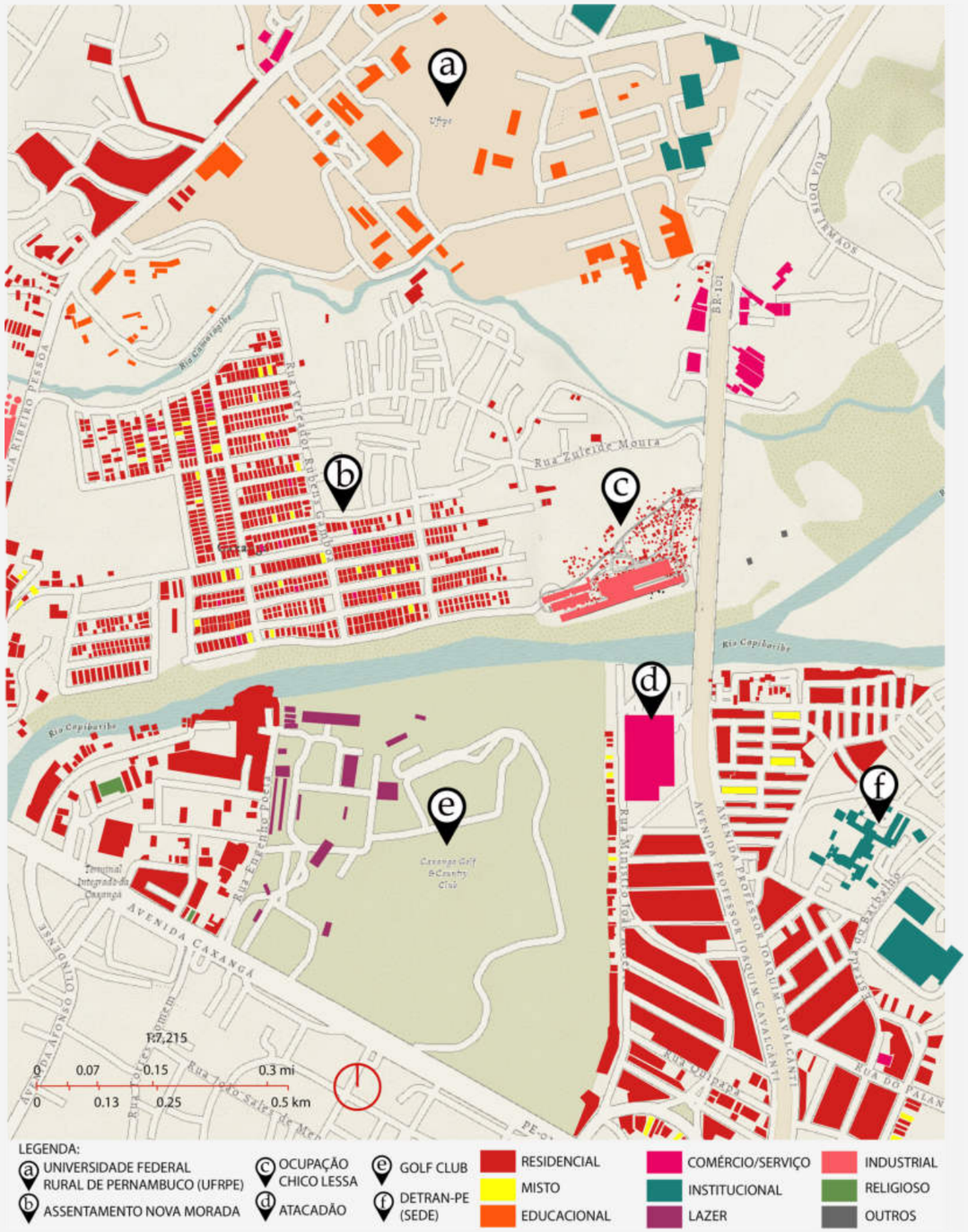
Fonte: ArcGis®. Adaptado por Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Com o levantamento das massas construídas também foi elaborado um mapa de usos do entorno (Figura 52), para que pudessem ser analisadas as características do bairro no que se refere à dinâmica dos equipamentos. Segundo dados levantados pelo PURA, mais de 85% das edificações dos bairros de Caxangá são de uso residencial.

Além disso, é evidente a importância das edificações de ensino na região, principalmente o campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco (ao norte na cor laranja). Apesar dessa forte presença institucional e educacional na região, foi identificado por meio dos dados levantados pela Oficina de Diagnóstico Popular da UCN Caxangá que os próprios moradores apontam uma carência de cursos de capacitação na região e também a escassez de equipamentos de lazer e cultura, além da deficiência de infraestrutura e serviços públicos.

4

Figura 52 - Mapa de usos do entorno.



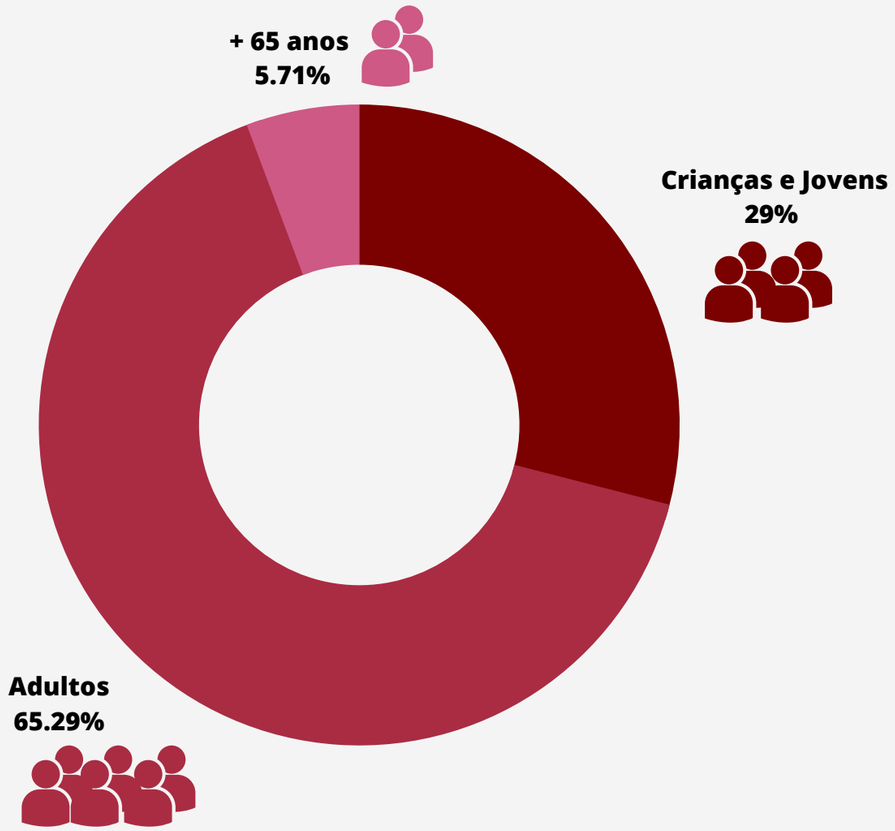
Fonte: ArcGis®. Adaptado por Maria Hellena Borba Leal, 2023.

DADOS DEMOGRÁFICOS

Dados levantados pelo Projeto Parque Capibaribe em 2014 apontam que os bairros da Iputinga e Caxangá possuem 30,622 habitantes no total, sendo 29% composto por crianças e jovens até 18 anos e 5,71% por pessoas maiores de 65 anos (Figura 53). A renda per capita por habitante é de 1,1 salário mínimo.

Por fim, dados apresentados anteriormente acerca da área de estudo e seu entorno foram organizados em um quadro (Quadro 5) para que fossem analisados e apresentados de maneira mais sistemática e sucinta. Foram divididos em localização, área, valor histórico da edificação inserida no terreno, sistema viário, transporte público, equipamentos importantes do entorno, legislação vigente, questões pontuadas pelos moradores durante a Oficina de Diagnóstico Popular da UCN Caxangá, uso e ocupação do solo e estado atual de conservação do edifício. Este último tópico será detalhado mais adiante com registros fotográficos realizados durante a visita de campo para ilustrar os danos existentes na estrutura da antiga Olaria.

Figura 53 - Gráfico com porcentagem da faixa etária dos moradores dos bairros de Caxangá e Iputinga.



Fonte: Gráfico feito por Maria Hellena Borba com dados retirados do documento PURA.

4

Quadro 5 - Sistematização dos condicionantes do projeto

Antiga olaria Cerâmica Apipucos	
Aspectos analisados	
Localização	Caxangá, Recife - Pernambuco
Área	Gleba: 13 ha Edificação: 12.383 m²
Valor Histórico	Usina Cerâmica de Apipucos (1936) e antiga Sociedade Folclórica de Pernambuco (1961)
Sistema viário	Delimitada pela BR-101 à leste (principal acesso) e ruas paralelas do assentamento Nova Morada à oeste (vias locais)
Transporte Público	Proximidade com o Terminal Integrado da Macaxeira e Caxangá
Equipamentos do entorno	1. UFRPE 2. Caxangá Golf Club 3. Supermercado Atacadão 4. TI Caxangá 5. TI Macaxeira 6. Escola Municipal Divino Espírito Santo 7. Escola Municipal Nova Morada 8. UPA 9. Centro de Saúde Olinto de Oliveira 10. Galpão DETRAN
Legislação	• Unidade de Conservação da Natureza Caxangá (UCN - Caxangá) • Zona de Ambiente Natural Capibaribe (ZAN Capibaribe) • Macrozona do Ambiente Natural e Cultural (MANC)
Oficina de Diagnóstico Popular (UCN Caxangá)	1. Falta de equipamentos de lazer e cultura 2. Muitas moradias dentro da UCN (loteamento informal + construções irregulares) 3. Presença da UFRPE em seu entorno, no limite norte. 4. A manutenção das áreas verdes é importante inclusive como elemento de conexão para a biodiversidade e amenização climática 5.. Acesso pela BR e outras vias 6. Deficiência de Infraestruturas e serviços públicos 7. Proximidade com outras UCNs (UCN Iputinga, UCN Sítio dos Pintos e UCN Mata da Várzea)

Quadro x - Sistematização dos condicionantes do projeto

	8. Necessidade de Cursos de Capacitação no entorno 9. Falta de fiscalização e fragilidade dos movimentos sociais 10. Especulação Imobiliária 11. Insuficiência de projetos ambientais sustentáveis
Uso e ocupação do solo	90,66% Área livre 9,34% Área construída
Estado atual de conservação	O local ainda mantém algumas estruturas do que um dia foi uma olaria. Atualmente o prédio encontra-se subutilizado com algumas patologias graves, como infiltrações e rachaduras, que colocam em perigo sua integridade. A decorrente falta de manutenção propicia a degradação do imóvel e hoje encontra-se em ruínas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 54 - Estrutura restante do bloco central da antiga olaria Cerâmica Apipucos.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023

4.1 ESTADO ATUAL DO EDIFÍCIO

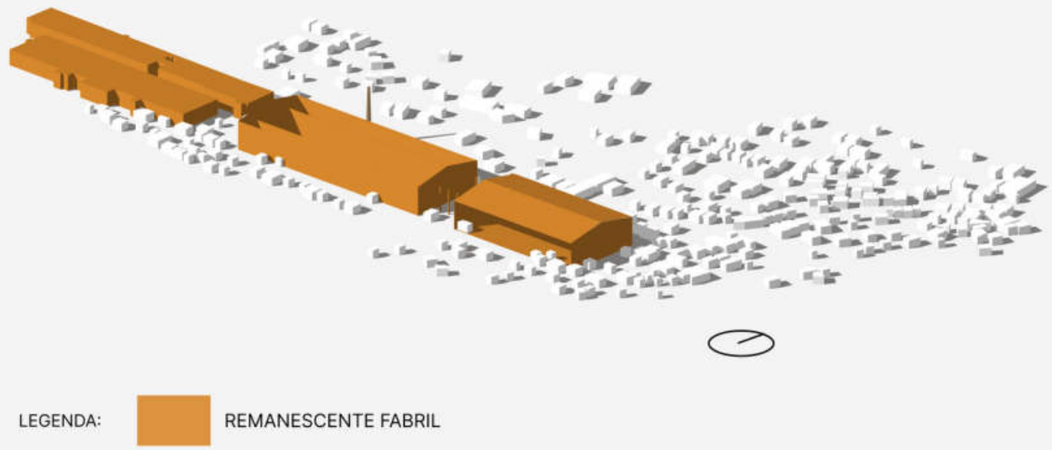
À medida que se intervém em uma estrutura abandonada, o próprio edifício se torna um condicionante, mesmo que a atitude adotada não remeta ao uso anterior do projeto original, ignorar a existência do edifício como ruína é,antes de tudo, ignorar o seu aspecto mais particular, que o distingue de um edifício projetado "do zero".

Neste caso, as limitações resultantes da estrutura abandonada são um desafio e um motivador, devendo o projeto explorá-las na medida do possível. Como uma das principais diretrizes do projeto é utilizar a estrutura da antiga olaria para receber um novo uso, de forma a não promover uma ruptura definitiva com o momento em que se tornou uma ruína, a observação do estado atual do edifício foi essencial para a análise dos danos sofridos e de que maneira poderiam ser revertidos ou valorizados no projeto.

Primeiramente, foi necessário compreender quais elementos faziam parte da antiga olaria e quais foram as intervenções posteriores feitas no terreno (Figuras 55 e 56). Atrelado a isso, a análise do estado de conservação da edificação foi sistematizada inicialmente em um diagrama geral (Figura 57).

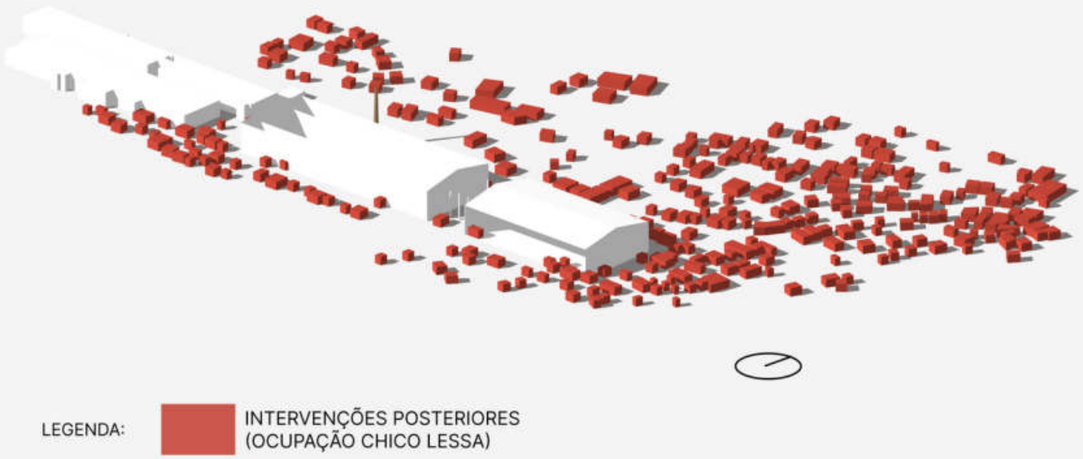
À primeira vista é perceptível que o bloco em amarelo, que será chamado de galpão cultural multiuso devido a sua função atual, é o que está mais descaracterizado em relação aos outros volu-

Figura 55 - Diagrama com remanescente fabril.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

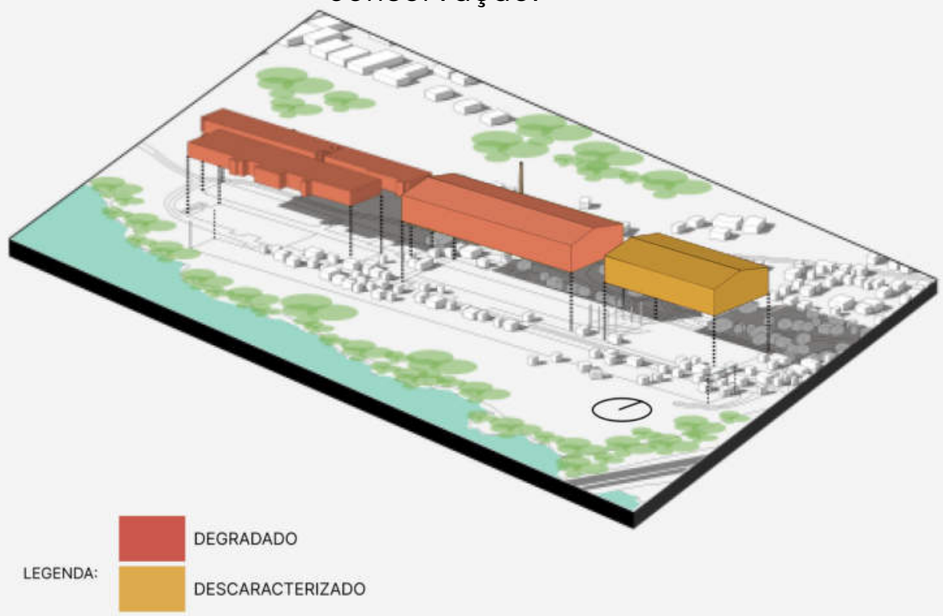
Figura 56 - Diagrama com as intervenções posteriores (Ocupação Chico Lessa).



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

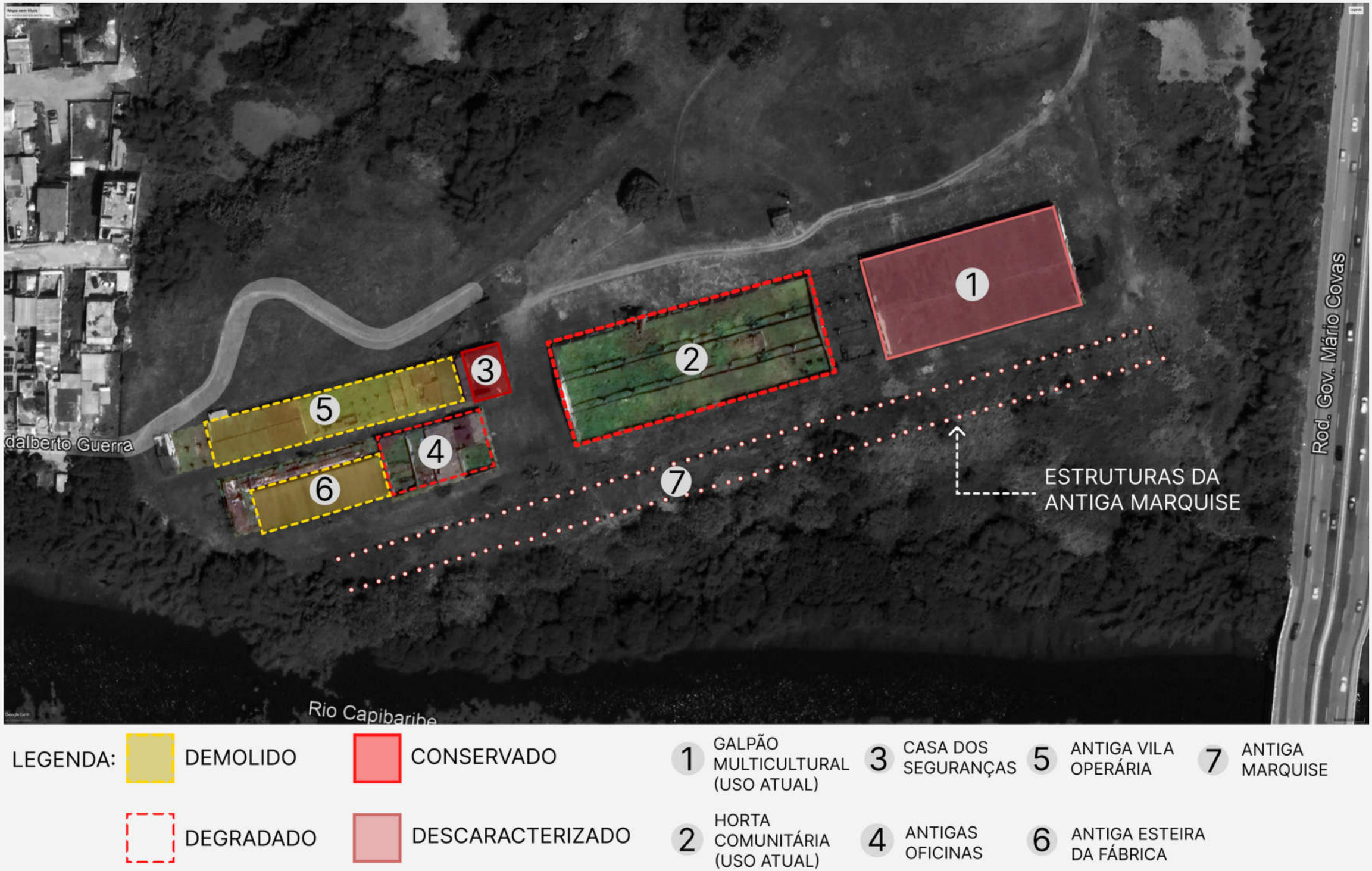
mes, e as demais estruturas encontram-se degradadas devido, principalmente, às ações das intempéries e falta de manutenção. E a partir da análise feita durante a visita de campo, foi elaborado outro mapa (Figura 58), mais detalhado que os diagramas, para facilitar o entendimento à medida que as estruturas são apresentadas ao longo do texto.

Figura 57 - Diagrama geral com o estado atual de conservação.



Fonte: Elaborado pela autora 2022.

Figura 58 - Mapa com o estado atual de conservação.



Fonte: Google Earth. Adaptado pela autora, 2023.

O que mais se destaca na edificação da antiga olaria Cerâmica Apipucos é o que restou do seu esqueleto estrutural, pois a fábrica não possui vedações externas e internas, o tijolo cerâmico fica aparente em sua totalidade em todas as fachadas (Figuras 59 e 60), sem disfarces, sem sobreposições, totalmente exposto e vulnerável. E, devido à essa exposição ao longo dos anos, principalmente após a retirada de alguns elementos como a coberta, a estrutura tornou-se fragilizada, com algumas fissuras, elementos deteriorados, infiltrações e uma grande quantidade de vegetação que foi crescendo em seu interior ao longo do tempo (Figura 61).

O bloco próximo a BR-101, que atualmente é utilizado como um galpão cultural multiuso, foi o que sofreu mais descaracterização e atualmente possui apenas uma fachada remanescente da antiga olaria (Figura 63). O restante do espaço é composto apenas por pilares que sustentam a nova estrutura metálica da coberta.

Figura 59 - Fachada Sudeste (Bloco Central).



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Figura 60 - Coluna interna feita em alvenaria de tijolo cerâmico (Bloco Central).



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Figura 61 - Vegetação presente no interior do bloco central, junto com a Horta Comunitária organizada pelos moradores da ocupação.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Figura 62 - Antiga estrutura com pilares de alvenaria no bloco central que sustentavam a cobertura da edificação.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Figura 63 - Parede remanescente da antiga olaria no galpão próximo a BR-101.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Além desses dois grandes blocos, a olaria possui uma casa (Figura 64), atualmente utilizada pelos seguranças do terreno, que ainda conserva a integridade da edificação pertencente à antiga vila operária da fábrica. Porém, não foi possível realizar a visita ao interior da casa, mas no que se diz respeito ao seu aspecto externo, a edificação possui apenas alguns danos em suas esquadrias (Figura 65), pintura externa e falta de manutenção da alvenaria que veda a edificação. Da mesma forma que os outros dois blocos, a alvenaria fica exposta sem nenhum acabamento externo.

Alguns maquinários utilizados para a fabricação dos tijolos ainda são encontrados espalhados entre as ruínas da fábrica (Figura 66). Porém, devido à ação das intempéries, os mesmos se encontram enferrujados. Remanescentes da antiga esteira utilizada pela olaria também foram identificados próximos aos blocos que eram utilizados como oficinas, mas atualmente a estrutura está totalmente coberta pela vegetação.

Por fim, próximo ao assentamento da Nova Morada e próximo a casa dos seguranças ainda existem blocos que eram responsáveis por abrigar algumas oficinas (Figuras 67 e 68), e não possuem mais cobertura da mesma forma que o bloco central. Por essa razão, a vegetação também tomou conta do interior dessas edificações, restando apenas a alvenaria como remanescente desses antigos espaços.

Figura 64 - Edificação utilizada pelos seguranças.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Figura 65 - Esquadria danificada no térreo da edificação.

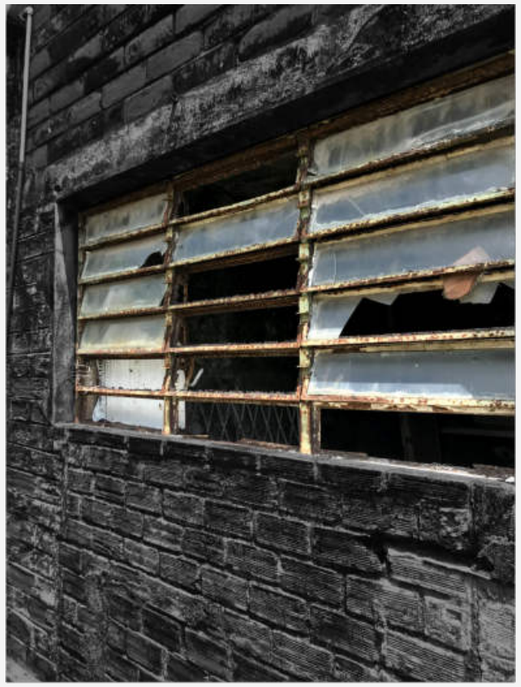


Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Figura 66 - Maquinário da fábrica.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Figuras 67 - Antigos volumes onde funcionam as oficinas.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Figuras 68 - Antigos volumes onde funcionam as oficinas.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

4.2 PROPOSTAS EXISTENTES PARA A ÁREA

Outros estudos projetuais já foram elaborados para a área, porém, com usos que destoavam do contexto urbano e não integravam a estrutura existente da olaria em suas propostas.

No ano de 2012 era divulgado no jornal uma reportagem sobre um shopping que seria construído no terreno onde atualmente se encontra a olaria, às margens da BR-101 e do Rio Capibaribe, o empreendimento contava com mais de 180 lojas e 8 salas de cinema e com Área Bruta Locável (ABL) de 44 mil metros quadrados. Anunciado pelo prefeito da época, João da Costa, o Shopping Apipucos (Figura 69) estava previsto para ser concluído no ano de 2015 com um investimento de R$ 300 milhões, parceria que seria feita entre o grupo Souza Leão e a Lumine, empresa especializada em soluções para o mercado imobiliário direcionado ao varejo.

No projeto eram previstas a criação de novos espaços públicos, como o Parque Kapibara e o Jardim Beira Rio (Figura 70) , sendo o parque instalado no outro lado da BR-101, que seria gerenciado pelo novo shopping e contaria com área de lazer e de educação ambiental. Já o Jardim Beira Rio estava previsto para abrigar pistas de cooper e ciclovia, ao lado do antigo prédio da Cerâmica Apipucos. Além disso, o empreendimento contava com um prédio empresarial, seis lojas âncoras, 15 megalojas, 22 operações na praça de alimentação e 2.730 vagas de estacionamento, abrangendo 700 mil pessoas em sua área

Figura 69 - Modelagem Shopping Apipucos.



Fonte: G1 Pernambuco, Divulgação, 2012.

Figura 70 - Parque Ecológico que faz parte do projeto.



Fonte: G1 Pernambuco, Divulgação, 2012.

de influência.

Entretanto que para o estudo de viabilidade de um shopping é necessário analisar todos os condicionantes do entorno em razão do grande impacto que pode ser produzido em uma determinada área, como geração ou potencialização de todas as formas de poluição, o desmatamento de áreas verdes para implantação de infraestruturas e o adensamento populacional.

O terreno da antiga olaria Cerâmica Apipucos é vulnerável demais para um megaempreendimento do tipo shopping, pois está inserido em uma Macrozona do Ambiente Natural e Cultural (MANC), que considera como elementos estruturadores de seu território os maciços vegetais preservados, a rede hídrica principal e secundária e o patrimônio cultural da cidade, a fim de configurar um sistema que valoriza seus próprios atributos e qualifica os espaços onde incide.

Segundo Raquel Rolnik, em uma reportagem feita pela Gama em 2022, ‘’O espaço urbano não é inerte, ele produz desigualdade. É através dele e de outros mecanismos que a desigualdade é também reproduzida e intensificada.’’, a exclusão sistemática da maior parte da população é um elemento central do maquinário da desigualdade na cidade e é um elemento central na maioria das idealizações dos shoppings no Brasil.

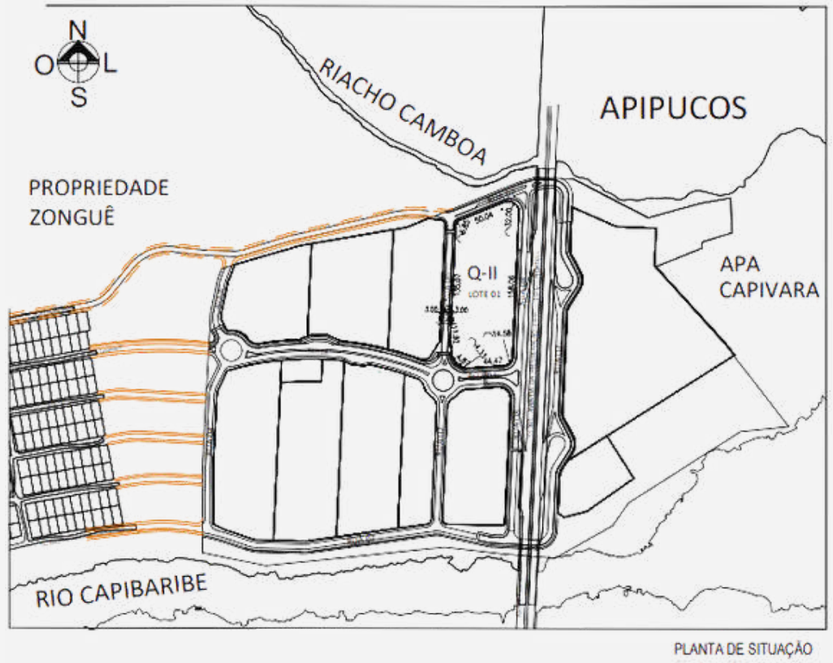
Mesmo que a princípio o marketing destes grandes empreendimentos englobe a sustentabilidade e geração de empregos, a longo prazo as consequências para o entorno são bastante impactantes, principalmente em uma área como o

bairro da Caxangá e o entorno da antiga olaria, onde existem populações ribeirinhas, em situações vulneráveis, assentamentos recentes e ocupações precárias.

Através dos dados pontuados anteriormente, é possível analisar que as condições financeiras de um morador residente no bairro da Caxangá não são as mesmas de um morador que reside em bairros mais centrais do Recife e a longo prazo o processo de gentrificação pela valorização da área urbana resultará no aumento do custo de vida e consequente locomoção da população que não acompanhar a valorização socioespacial.

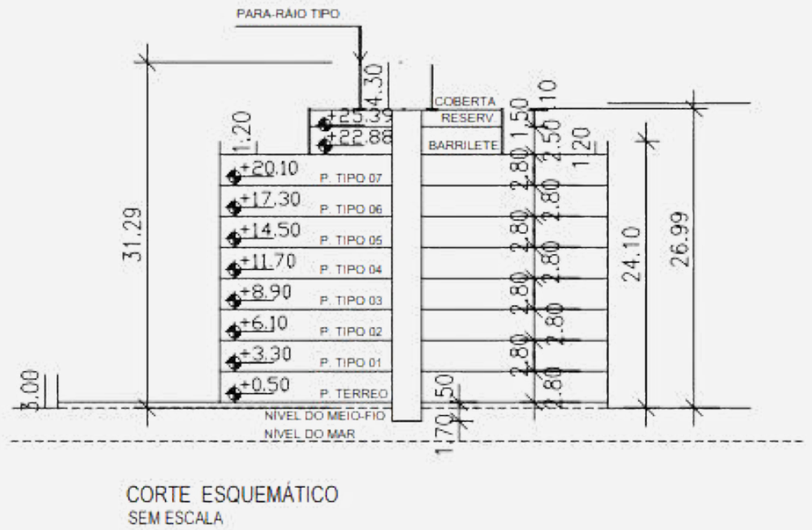
Outro projeto idealizado para a área, pelo grupo Cornélio Brennand, foi uma habitação multifamiliar de alto padrão, proposta no ano de 2020 (Figuras 71 e 72). Os dados acerca desta proposta foram disponibilizados pela DIRCON, entretanto, não existem muitas informações acerca do estudo para a viabilização do projeto, apenas que foi indeferido. A proposta para a construção do condomínio ignorava a existência do remanescente fabril na gleba, dividindo o terreno em nove grandes lotes com 3 blocos edificados. No total o projeto foi pensado para 948 pessoas, com 249 vagas para veículos. As unidades habitacionais eram compostas por 2 apartamentos de 1 quarto, 30 apartamentos de 2 quartos e 32 apartamentos de 3 quartos.

Figura 71 - Implantação do projeto Parque Apipucos.



Fonte: Disponibilizado pela Diretoria Executiva de Controle Urbano do Recife (DIRCON), 2020.

Figura 72 - Corte esquemático de um dos blocos do projeto Parque Apipucos.



Fonte: Disponibilizado pela Diretoria Executiva de Controle Urbano do Recife (DIRCON), 2020.

Tabela 4 - Áreas do projeto Parque Apipucos

Tabela de áreas - Projeto Parque Apipucos	
Terreno total	12.520,44m²
Solo natural	(50,96%) 6.380,50m
Pavimento térreo	2.342,83m²
Pavimento tipo 01 ao 07	13.258,14m²
Área total de construção	15.600,97m²
Área total real privativa	13.243,56m²
Área total real de uso comum	2.357,41m²

Fonte: Disponibilizado pela Diretoria Executiva de Controle Urbano do Recife (DIRCON), 2020.

Após as análises levantadas chega-se à conclusão que a Casa Chico será uma intervenção em uma área sensível da cidade, de interesse arquitetônico e paisagístico que vem chamando a atenção de diversos investidores. Entende-se que estas propostas não dão o devido tratamento ambiental e social necessário para uma região carente de equipamentos e áreas públicas de lazer e cultura e não contemplam as demandas reais da população de baixa renda e com moradias irregulares do entorno, e por isso se quer desenvolver uma proposta arquitetônica que reintegre a edificação, desativada há décadas, à comunidade.

Atrelado a isso, todos os projetos propostos para o terreno até então, não consideraram o remanescente fabril como uma estrutura potencial em suas diretrizes, não avaliaram sua importância histórica, mesmo que não seja um bem reconhecido pela administração federal, estadual ou municipal, ainda assim

possui valor histórico e cultural - como ressaltado anteriormente - e se faz necessária uma abordagem de intervenção que considere o estágio de degradação das estruturas e sua importância, assim propondo um uso adequado a essas particularidades.

CAPÍTULO

5

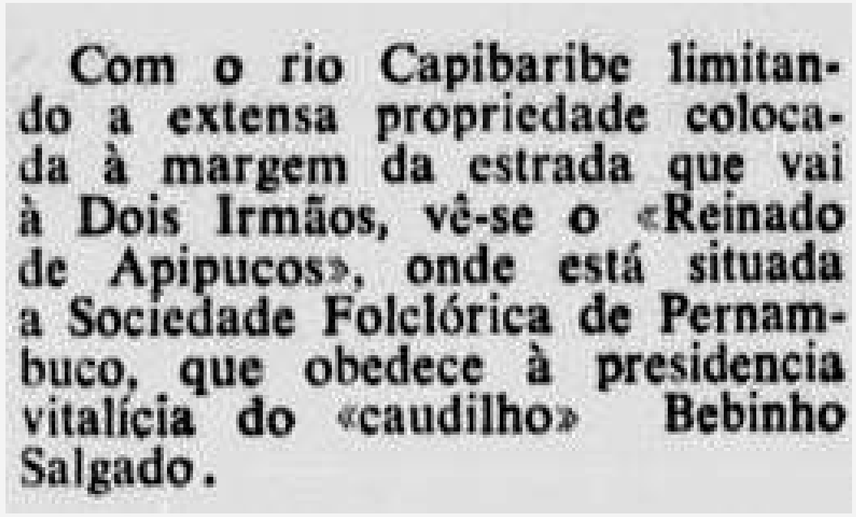
NARRATIVA HISTÓRICA

Outro aspecto importante da revitalização dos remanescentes fabris é a preservação da memória histórica e cultural da região. Muitas dessas fábricas foram construídas há décadas e são parte da identidade de uma comunidade e ao conservá-las e torná-las em espaços funcionais, é possível preservar a memória da região e dar nova vida a um patrimônio histórico. Entretanto, há um reduzido número de fábricas históricas e instalações industriais amparadas por autoridades ou iniciativas privadas, soma-se a isso o fato de que há um limitado corpo teórico sobre seu valor histórico individual.

> *‘’Nota-se que isso se deve à três grandes limitações no caso brasileiro: Primeiramente, à falta de incentivos governamentais relacionados às singularidades de proteção do patrimônio industrial; Segundo, a inexistência de inventários informativos sobre o tema para incentivar trabalhos acadêmicos que visem proteger determinado patrimônio industrial; E, finalmente, a total desinformação do público mediante ao patrimônio industrial nacional.’’* (ROSA, Carolina, 2011, pág. 9)

Por essa razão, foi necessário pesquisar a fundo sobre a olaria antes da elaboração das diretrizes projetuais. Para isso, foram realizadas consultas em periódicos do Diário de Pernambuco entre o final do século XIX e início do século XX foram coletados recortes que indicavam o que um dia foi a Sociedade Folclórica de Pernambuco (Figura 73), instalada na antiga “residência campestre” da rica família Salgado (Figura 74), em Apipucos. Esses registros apontem que o terreno contava com a indústria de artigos de cerâmica, parque folclórico com piscina, vila operária, uma escola para 120 alunos, além de palcos e salões.

Figura 73 - Recorte do periódico Diário de Pernambuco no ano de 1961 que falava sobre a festa do Caudilho de Apipucos.



Com o rio Capibaribe limitando a extensa propriedade colocada à margem da estrada que vai à Dois Irmãos, vê-se o «Reinado de Apipucos», onde está situada a Sociedade Folclórica de Pernambuco, que obedece à presidencia vitalícia do «caudilho» Bebinho Salgado.

Fonte: Diário de Pernambuco, 08 de Julho de 1961, Edição 00153. Autor não creditado.

Figura 74 - Imagem retirada do periódico Diário de Pernambuco no ano de 1961, ‘’A tradicional Cerâmica Apipucos’’.



Fonte: Diário de Pernambuco, 08 de Julho de 1961, Edição 00153. Autor não creditado.

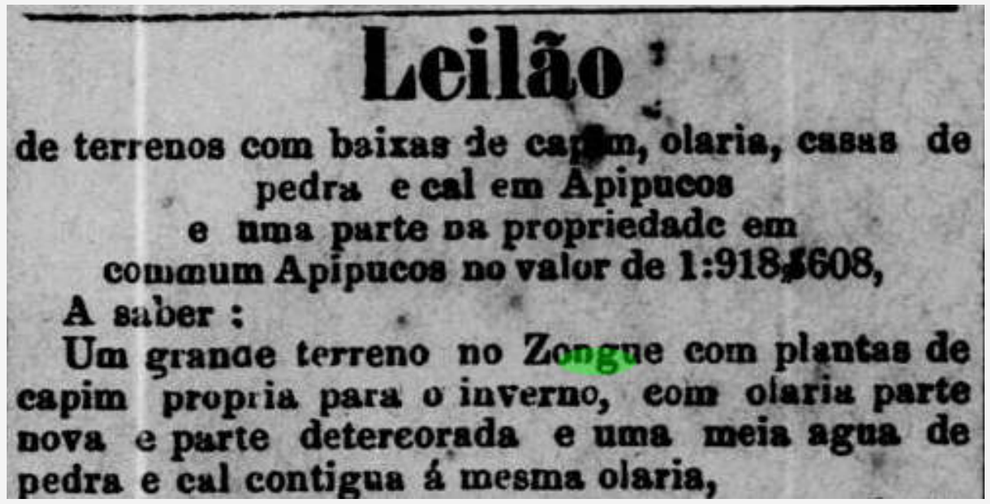
5.1 A SOCIEDADE FOLCLÓRICA DE PERNAMBUCO

O terreno da antiga fábrica abrigava o antigo Sítio Zonguê (Figura 75), que possui seus primeiros registros em períodos datados de 1836. Na época já existia uma olaria dentro do sítio, mas apenas 100 anos depois, no ano de 1936, a ‘‘Uzina’’ Cerâmica Apipucos, como ficou conhecida, foi instalada no local por uma personalidade conhecida nos jornais como "Sr. Baby Salgado", a qual posteriormente foi incorporada a Sociedade Folclórica de Pernambuco.

A Sociedade Folclórica de Pernambuco foi uma instituição cultural localizada no estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil, possuindo suas instalações na antiga olaria Cerâmica Apipucos. Fundada na década de 1960, a Sociedade Folclórica de Pernambuco tinha como objetivo preservar e promover a cultura popular e tradicional do estado, especialmente no que diz respeito às danças, música e artesanato.

Sua equipe era composta por artistas, músicos, dançarinos e figuras políticas, entre eles podemos citar Juscelino Kubitschek, Dr. Assis Chateaubriand, Dr. Aníbal Fernandes, Inezita Barroso, Dorival Caymmi, César de Alencar e Sebastião Lopes,[6] que frequentavam o espaço e realizavam apresentações ao vivo.

Figura 75 - Anúncio retirado do periódico Diário de Pernambuco no ano de 1886.



Leilão

de terrenos com baixas de capim, olaria, casas de pedra e cal em Apipucos e uma parte na propriedade em commum Apipucos no valor de 1:918$608,

A saber :

Um grande terreno no Zongue com plantas de capim propria para o inverno, com olaria parte nova e parte detercorada e uma meia agua de pedra e cal contigua á mesma olaria,

Fonte: Diário de Pernambuco, 11 de Setembro de 1886, Edição 00208. Autor não creditado.

[6] Sebastião Odilon Lopes de Albuquerque (1905-1974) foi um cantor, compositor e folclorista. Pernambucano de Goiana, Lopes mudou-se para Recife ainda na década de 1930, cidade na qual tornou-se famoso principalmente pela importância que deu aos folguedos populares como frevo, maracatus, bumba-meu-boi e caboclinhos.

Além disso, a instituição oferecia aulas de dança, música e artesanato, incentivando a participação da população na preservação e valorização da cultura popular de Pernambuco.

> *''Ligada por muitos laços a vida da cidade, a Sociedade Folclórica de Pernambuco é uma instituição que tem merecido as referências mais elogiosas em inúmeras partes do mundo, com citações em jornais e revistas, o que para nós é motivo do mais justo orgulho, em face da sua atividade sempre presente, ao manter sempre vivas, as legítimas manifestações da alma popular [...]''* (Diário de Pernambuco, 1961, Edição 00153. Autor não creditado.)

Entretanto, a ''população'' era, em sua grande maioria, a elite da época. De acordo com Raphael Souza Lima (2008), em artigo publicado no XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PE, a Sociedade Folclórica de Pernambuco funcionava como uma apresentação de grupos folclóricos, advindos das camadas populares da cidade, para o divertimento de um seleto grupo de "ilustres" e de turistas''.

Desde o século XIX, quando se evidenciava o conceito de Folk-lore, a busca romântica por uma tradição cultural ou um saber imemorial que marcassem a identidade de um povo em vias de se perder, pelo avanço da nova ordem industrial, só fazia ganhar terreno. A partir da segunda metade da década de 1940, esse discurso folclorista

teria se tornado hegemônico entre os centros urbanos e, em certa medida, a defesa do folclore seria "quase uma moda"

Figura 76 - Imagem retirada do periódico Diário de Pernambuco, ''Dancing do Reinado de Apipucos, tendo ao lado a sua majestosa piscina''.



Fonte: Diário de Pernambuco, 08 de Julho de 1961, Edição 00153. Autor não creditado.

Figura 77 - Imagem retirada do periódico Diário de Pernambuco, ''Escola de Formação Social patrocinada pelo Governo do Estado''.



Fonte: Diário de Pernambuco, 08 de Julho de 1961, Edição 00153. Autor não creditado.

entre as elites. Tendência esta que, segundo Tania da Costa Garcia (2010) “podem ser interpretadas como uma resposta a esse processo de mundialização da cultura, que passa a imperar de forma definitiva após a Segunda Grande Guerra”.

Além disso, a Sociedade Folclórica abrigava a antiga Festa do Caudilho de Apipucos, uma celebração anual realizada no bairro. Essa celebração remonta ao século XIX, quando o bairro de Apipucos era uma região rural e as festas eram realizadas para comemorar a colheita de alimentos e outros bens. Esse era um dos mais importantes eventos folclóricos da região com o objetivo celebrar a cultura popular e as tradições de Pernambuco, ocorria durante o mês de fevereiro e reunia pessoas de todas as idades para uma grande celebração que incluía desfiles de frevo, apresentações de danças e música, além de exposições de artesanato e gastronomia típica.

Em suma, a Sociedade Folclórica de Pernambuco foi uma instituição cultural importante e respeitada no estado, frequentada por figuras ilustres e com alto poder político e influência, voltada para um segmento da sociedade que buscava a preservação e valorização da cultura popular tradicional da região, através de espetáculos, aulas e projetos sociais. Por se tratar de atividades que na época eram voltadas apenas para uma restrita e abastada parcela da população, compreendeu-se a necessidade de ressignificar o espaço e elaborar um programa de cultura, lazer e educação voltado para atender os moradores do bairro e a população de baixa renda que reivindicou o antigo espaço da elite após seu descarte e hoje ocupa o entorno imediato da edificação fabril.

Figura 78 - Recorte do periódico que falava sobre a festa do Caudilho de Apipucos.

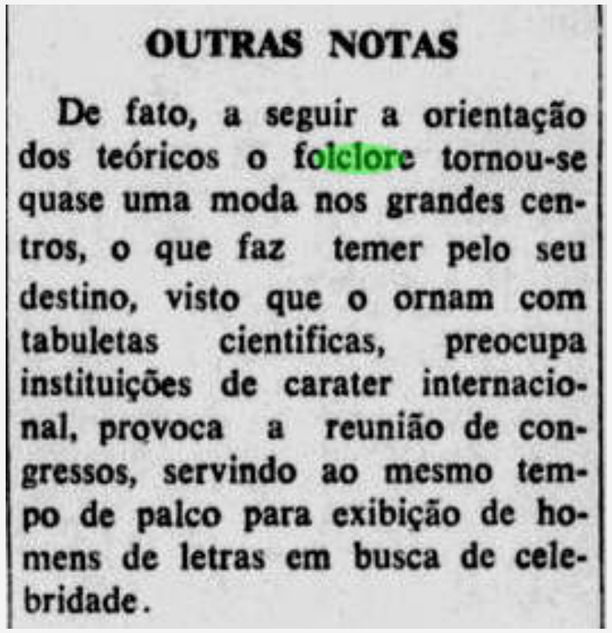


FOLCLORE — EXPRESSÃO VIVA DA ALMA POPULAR

"Reinado de Apipucos" — uma tradição recifense — Bebinho Salgado: homem de empresa — "caudilho" de coração jovem e alma boêmia — Outras notas

Fonte: Diário de Pernambuco, 08 de Julho de 1961, Edição 00153. Autor não creditado.

Figura 79 - Recorte do periódico Diário de Pernambuco no ano de 1961.



OUTRAS NOTAS

De fato, a seguir a orientação dos teóricos o folclore tornou-se quase uma moda nos grandes centros, o que faz temer pelo seu destino, visto que o ornam com tabuletas cientificas, preocupa instituições de carater internacional, provoca a reunião de congressos, servindo ao mesmo tempo de palco para exibição de homens de letras em busca de celebridade.

Fonte: Diário de Pernambuco, 08 de Julho de 1961, Edição 00153. Autor não creditado.

Figura 80 - Bandeira do MUST (Movimento Urbano dos Trabalhadores Sem-Teto.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

3.2 OCUPAÇÃO CHICO LESSA

Como mencionado anteriormente, o fenômeno de ocupação de vazios urbanos se manifesta na problemática do terreno objeto de estudo, no bairro de Caxangá em Recife, em menos de um ano a ocupação Chico Lessa já estava presente em quase todo o entorno da antiga olaria Cerâmica Apipucos (Figuras 81 e 82), desativada há mais de três décadas.

Declarada em 11 de março de 2021 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a pandemia de Covid-19 intensificou problemas históricos do país, resultados de disputas territoriais e gerando consequências como o aumento notável do desemprego, bem como o aumento no valor dos aluguéis e o crescente déficit habitacional. Na cidade do Recife o cenário não foi diferente.

Em nível estadual, em março de 2020, como medida emergencial, foi protocolado na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco o Projeto de Lei 1.010, visando a mitigar as remoções forçadas durante a pandemia. Depois de quase um ano de discussões, o PL 1.010/2020 foi aprovado, tornando-se a Lei Estadual n° 17.400/2021 . Conhecida como Lei Despejo Zero, tal norma proíbe ações de despejo e reintegração de posse no Estado enquanto perdurar a emergência em saúde pública.

Figuras 81 e 82 - Imagens de drone da Ocupação Chico Lessa.





Fonte: Fornecida pelos ocupantes da olaria (autoria desconhecida), 2022.

A ocupação Chico Lessa leva esse nome em homenagem a Francisco João Lessa, que faleceu no ano de 2015 e foi responsável por estar na linha de frente do movimento das Fábricas Ocupadas, ele era formado em direito e sempre apoiou sindicatos e trabalhadores, também viajou pelo país passando pelas experiências da Cipla, Interfibra, Flaskô e outras fábricas ocupadas por operários, auxiliando e apoiando outras ocupações. Chico Lessa foi membro do Comitê Central da Esquerda Marxista e participou de centenas de greves, manifestações e lutas da classe trabalhadora e da juventude.

Figura 83 - Ilustração de Chico Lessa



Fonte: Maria Hellena Borba, 2022.

Figura 84 - Assentamentos da Ocupação Chico Lessa.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

No dia 27 de novembro de 2021 foram registradas 230 famílias ocupando o terreno de 22 hectares às margens da BR-101 e a expectativa é que o número de moradores cresça, pois há cerca de 600 famílias cadastradas. O local ainda mantém algumas estruturas do que um dia foi uma olaria, a antiga Cerâmica Apipucos (Figura 85).

Além disso, muitos moradores já reforçaram a importância da elaboração de um plano de reordenamento de território para a área visando abrigar as famílias e principalmente as crianças, de acordo com as lideranças do local (GUIMARÃES, 2022) já são cerca de 600 crianças no local. Vários motivos levaram as famílias para lá, mas a maioria foi afetada pela crise e má gestão da pandemia de Covid-19 no Brasil. Nesse período, muitas pessoas perderam seus empregos e não podiam mais pagar o aluguel.

No segundo trimestre de 2019, o estado de Pernambuco, que já se encontrava em terceiro lugar no ranking de números de pessoas desempregadas - com a taxa de desemprego de 15,8% -, subiu para a primeira colocação no 4° trimestre de 2021 e tornou-se o estado com maior contingente de desempregados, com a taxa de 19,9%, segundo dados do IBGE (Gráfico x). Junto a isso, a informalidade também ganhou força e passou de 48% em 2020 para 51,1% no ano de 2021.

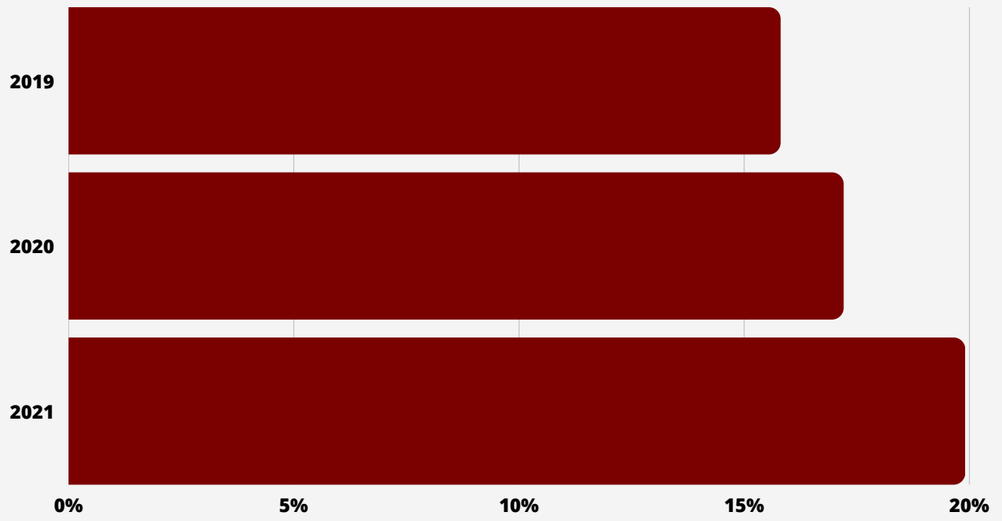
A dificuldade de obter renda tornou quase impossível para famílias em circunstâncias altamente precárias pagar aluguéis exorbitantes, em relação a locação de moradias, a cidade pernambucana se destaca em todo o país com preços excessi-

Figura 85 - Assentamentos da Ocupação Chico Lessa ao redor da antiga olaria Cerâmica Apipucos.



Foto: Maria Hellena Borba, 2023.

Figura 86 - porcentagem de pessoas desempregadas no estado de Pernambuco de 2019 a 2021.



Fonte: IBGE (2021). Adaptado pela autora 2023.

vos, uma vez que, de acordo com pesquisa FipeZap (Jornal do Commercio, 2022), Recife é a capital onde os aluguéis de apartamentos mais subiram no Brasil, esse crescimento foi constante até setembro de 2021, quando atingiu a percentagem de 8,31% de aumento, enquanto a média nacional era de 1,80% ao ano.

Além disso, o déficit habitacional na cidade, um grande problema antes mesmo da pandemia, aumentou significativamente, o que pode ser percebido através de estudos como o da Fundação João Pinheiro, o qual afirma que o déficit habitacional na região metropolitana já era de 113.275 unidades em 2019, essa situação é endossada por outro estudo recente da Econit, encomendado pela Associação Brasileira das Incorporadoras Imobiliárias, o qual demonstra que até 2030 Recife terá uma demanda de 233.162 unidades. Assim, com o agravamento do déficit habitacional, muitas famílias entraram em situação precária, abandonadas pelo Estado, enquanto buscam oportunidades de trabalho que possibilitem a conquista de um direito constitucional básico, o direito de morar.

Essa narrativa de privação e busca pela conquista de direitos está fortemente presente na área de estudo e se confirma através das trajetórias de moradores como a cabeleireira Érica Shennia Lira, moradora da Ocupação Chico Lessa, descobriu na arte, na poesia, um meio para enfrentar o caos. [6]

Ela deixou o local onde morava com o ex-companheiro, em Itamaracá, apenas com algumas coisas e o filho de oito anos, e relatou que chegou a manter um bar cultural no litoral norte em

Figura 87 - Acesso a ocupação pela BR-101.



Foto: Maria Hellena Borba, 2023.

2021, mas precisou fechar a pedido da dona do imóvel, que era alugado.

Entretanto, para além da moradia, de acordo com Mariele dos Santos e Maurício Santana - lideranças do MUST - os planos para a área incluem a incorporação de uma horta e transformação em cooperativa e ordenamento do local, uma vez que "O espaço é muito grande, como vocês podem ver. Primeiramente, teremos um espaço para as crianças, porque fazer essa divisão é importante" (GUIMARÃES, 2022).

Marilene reforça à reportagem a importância desses projetos, no entanto, sugere que algumas contribuições são necessárias para implementar os planos: "Os galpões serão preparados aos poucos. Mas a gente precisa de doações de sementes e materiais para iniciar as coisas por aqui", além dos itens citados, na reportagem também é evidenciada a carência de outros recursos básicos como roupas e utensílios, mas também brinquedos, demonstrando a importância de incorporar as demandas da primeira infância em eventuais propostas.

Diante desse contexto, faz-se necessário estudar a possibilidade de conservação do local aliada a criação de novas memórias para a edificação a partir das demandas da comunidade do entorno. Dessa forma, a requalificação e (re)adaptação da antiga estrutura da olaria para um novo uso torna-se um tema relevante para a elaboração de estudos projetuais que contemplem estratégias para envolver a população com a edificação, transformando-a em um empreendimento social com enfoque em inovação e engajamen-

Figura 88 - Assentamentos na ocupação Chico Lessa.



to cívico, a fim de promover cultura, educação e impacto social.

> *''[...] qualquer obra arquitetônica, não importa a técnica utilizada em sua feitura, relaciona-se com o espaço (e com a sociedade) em que está inserida, é elemento participante das transformações ali ocorridas ao longo do tempo, por vezes provocando mudanças profundas, e é parte integrante da percepção de uma dada realidade. O que seria, por exemplo, de Bananal sem a sua estação, de São Paulo sem o Viaduto Santa Ifigênia, de Paris sem a Torre Eiffel. O que importa não é unicamente a lógica do objeto em si, mas como esse objeto insere-se e é apreendido numa dada realidade – historicamente estratificada – física, cultural, social, cultural etc.''* (Kuhl, 2010: p. 29)

Figura 89 - Assentamentos na ocupação Chico Lessa.



Foto: Maria Hellena Borba, 2023.

Figura 90 - Assentamentos da Ocupação Chico Lessa ao redor da antiga olaria Cerâmica Apipucos.



Foto: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

CAPÍTULO

6

PROJETO

Neste capítulo são apresentados a proposta de anteprojeto para a antiga Olaria Cerâmica Apipucos, assim como o estudo preliminar do masterplan para a gleba com o intuito de receber a Casa Chico como equipamento âncora.

A proposta se inicia com os estudos dos condicionantes, viabilidade e raio de influência do equipamento, que servem como base para a elaboração do Masterplan, apresentado a nível de manchas, seguido dos estudos dos limites, volumetria e partido arquitetônico para a implantação da Casa Chico. Também serão apresentados o zoneamento da edificação, o programa implantado no edifício, diagramas, plantas baixas, cortes com o estudo da estrutura e materiais que foram propostos a partir dos princípios de pátina, distinguibilidade, compatibilidade e reversibilidade.

6.1 CONDICIONANTES PROJETUAIS

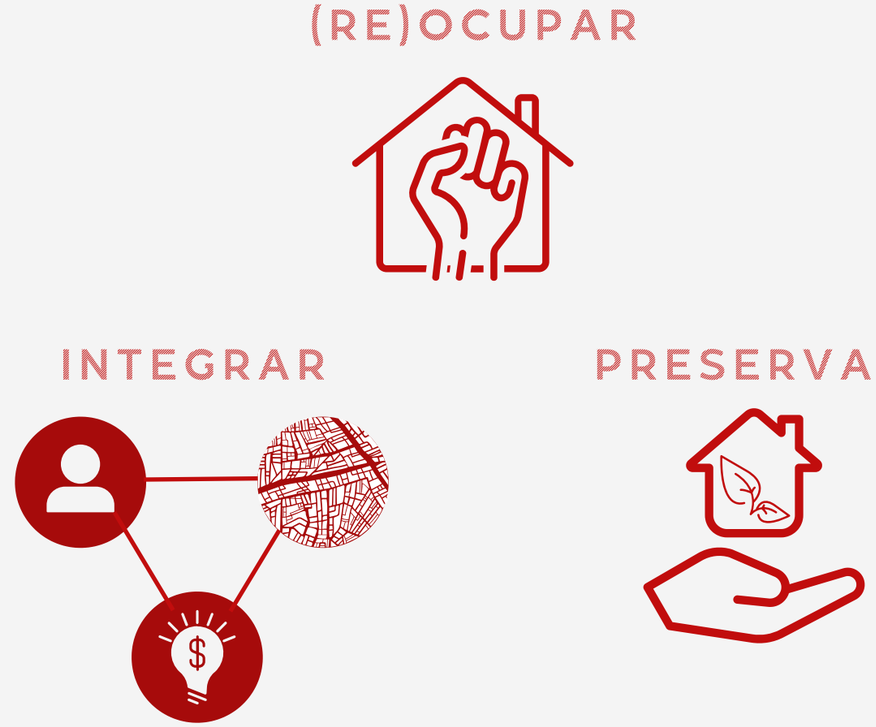
Para a elaboração do anteprojeto da Casa Chico foi utilizada a NBR 13532 -Elaboração de projetos de edificações - Arquitetura - como referência para a apresentação dos estudos e informações técnicas produzidas como o programa de necessidades, estudo de viabilidade, esquemas gráficos, diagramas, caracterização dos elementos construtivos e desenhos (planta geral de implantação, planta dos pavimentos, planta das coberturas, cortes, elevações e detalhes).

Primeiramente foram definidas três diretrizes principais para a elaboração dos estudos na antiga olaria Cerâmica Apipucos: (re)ocupar, integrar e preservar. A primeira destas, (re)ocupar, traduz a ideia de apropriar novamente um espaço abandonado da cidade através de um novo uso que resgate a história do que um dia foi a olaria e também remete ao atual estado da edificação - que atualmente recebe em seu entorno uma ocupação. Dessa forma, construindo espaços que fomentem a criação de novas memórias junto à comunidade e ao bairro.

A segunda diretriz, integrar, traz a proposta de inclusão dos moradores da ocupação Chico Lessa à proposta da Casa Chico, participando diretamente das atividades do centro. Atrelado a isso, a reintegração ao tecido urbano por meio da ativação de uma edificação que há décadas estava sem uso.

E por último preservar, tanto os aspectos ambientais da área em que a edificação está inserida - próxima do Rio Capibaribe e da mata ciliar-, como também conservar o patrimônio construído no qual se intervém.

Figura 91 - Diretrizes do projeto



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Além das diretrizes, também foram utilizados cinco Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU: Educação e qualidade (ODS 4), Trabalho decente e crescimento econômico (ODS 8), Cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11), Consumo e produção responsáveis (ODS 12) e Vida terreste (ODS 15) (Quadro 6).

Quadro 6 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e diretrizes implementados no projeto.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Diretrizes implementadas
Educação e qualidade (ODS 4)  Fonte: Nações Unidas Brasil, [s.d]	4.4 Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo 4.a Construir e melhorar instalações físicas para educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e ao gênero, e que proporcionem ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes para todos
Trabalho decente e crescimento econômico (ODS 8)  Fonte: Nações Unidas Brasil, [s.d]	8.3 Promover políticas orientadas para o desenvolvimento que apoiem as atividades produtivas, geração de emprego decente, empreendedorismo, criatividade e inovação, e incentivar a formalização e o crescimento das micro, pequenas e médias empresas, inclusive por meio do acesso a serviços financeiros
Cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11)	11.3 Até 2030, aumentar a urbanização inclusiva e sustentável, e as capacidades para o planejamento e gestão de assentamentos humanos participativos, integrados e sustentáveis, em todos os países 11.4 Fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo

 Fonte: Nações Unidas Brasil, [s.d]	11.7 Até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência
Consumo e produção responsáveis (ODS 12)  Fonte: Nações Unidas Brasil, [s.d]	12.3 Até 2030, reduzir pela metade o desperdício de alimentos per capita mundial, nos níveis de varejo e do consumidor, e reduzir as perdas de alimentos ao longo das cadeias de produção e abastecimento, incluindo as perdas pós-colheita 12.5 Até 2030, reduzir substancialmente a geração de resíduos por meio da prevenção, redução, reciclagem e reuso
Vida terrestre (ODS 15)  Fonte: Nações Unidas Brasil, [s.d]	15.1 Até 2020, assegurar a conservação, recuperação e uso sustentável de ecossistemas terrestres e de água doce interiores e seus serviços, em especial florestas, zonas úmidas, montanhas e terras áridas, em conformidade com as obrigações decorrentes dos acordos internacionais 15.2 Até 2020, promover a implementação da gestão sustentável de todos os tipos de florestas, deter o desmatamento, restaurar florestas degradadas e aumentar substancialmente o florestamento e o reflorestamento globalmente

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

As premissas para cada ODS e a criação das três diretrizes principais conduziram ações respaldadas nos condicionantes do entorno e da edificação. Então, a partir da análise feita no capítulo 4 acerca dos condicionantes físicos, ambientais e legais da área foi elaborado um quadro para que fossem sistematizadas as ações projetuais que nortearam a proposta para o anteprojeto de requalificação (Quadro 7).

Quadro 7 - Quadro de condicionantes do projeto

Condicionantes	Ação
ENTORNO	
Território de ocupação habitacional irregular e disputa de movimentos sociais.	Elaboração de um masterplan para a setorização da gleba e destinar uma porção do terreno com acesso independente para a ocupação e sua futura regularização.
Área dotada de infraestrutura urbana e de fácil acesso ao sistema de mobilidade (BR-101).	Voltar o acesso de carros, carga e descarga da edificação para a BR-101 e potencializar o raio de influência do equipamento.
Área com potencial para a valorização ambiental (UCN - Caxangá) e integração com o Rio Capibaribe.	Instituir uma Zona de Preservação no Masterplan proposto e trabalhar com um parque linear para o trecho próximo a edificação estudada.
Entorno carente de áreas públicas equipamentos de lazer/cultura.	Propor um centro social com programas que englobam atividades de lazer, cultura e educação (Casa Chico).
Presença de importantes instituições de ensino superior no entorno do objeto de estudo.	Firmar parcerias que possam ser agregadas ao programa da edificação com cursos de capacitação.
EDIFICAÇÃO	

Processo de degradação de um imóvel industrial de valor histórico.	Requalificar e re-adaptar a estrutura existente da antiga Cerâmica Apipucos mediante um novo uso que possa ativar novamente a edificação.
Histórico de propostas anteriores que não dialogam com a realidade do entorno e que não dão devida importância à edificação (Parque Apipucos e Shopping Apipucos).	Propor o uso cultural e educacional com programas que ofereçam o tratamento social e ambiental que correspondam às necessidades do entorno.
Existência da Ocupação Chico Lessa do MUST (Movimento Urbano dos Trabalhadores Sem Teto) no entorno imediato.	Integrar os moradores da ocupação ao projeto com trabalhos dentro do centro cultural em lojas colaborativas e cafés, além do acesso a cursos técnicos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O tamanho do terreno, sua localização nas proximidades da BR-101 e seu caráter arquitetônico industrial facilitam a instalação da Casa Chico à medida que as formas de intervenções são exploradas de modo criativo, integrado ao dinamismo da ocupação existente no entorno.

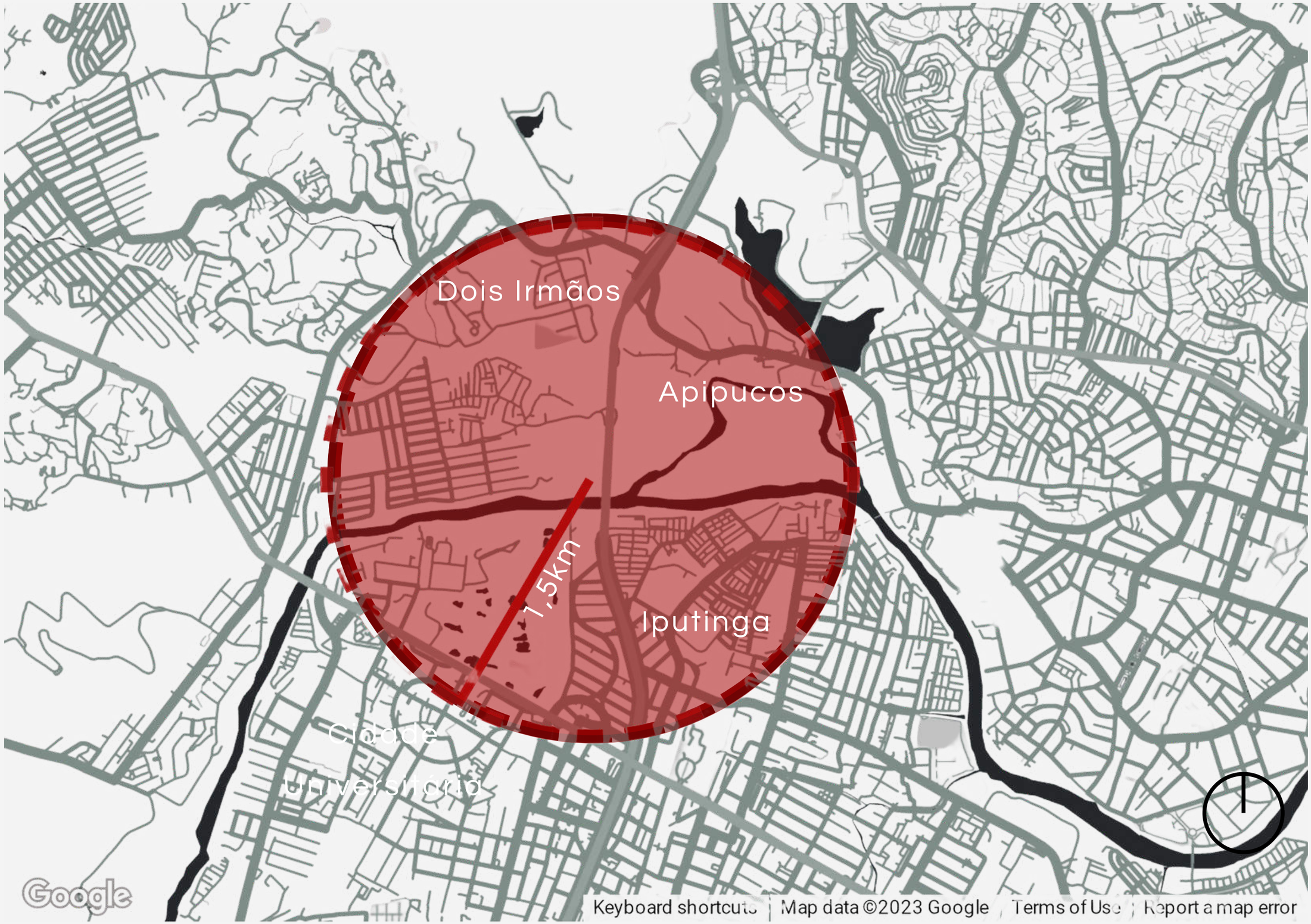
O caráter cultural também é reforçado por meio da proposição de espaços voltados para o incentivo da arte local com ateliês e lojas colaborativas administradas pelos próprios moradores da ocupação Chico Lessa. Soma-se a isso o fato de que a implantação de um programa cultural na área valoriza a atuação das escolas profissionalizantes existentes no entorno e também mantém uma forte relação de proximidade com a Universidade Rural de Pernambuco (UFRPE), algo que facilita o estabelecimento de parcerias no âmbito educacional.

Como parte do estudo de viabilidade, também foi pensada a possibilidade de integrar no programa da Casa Chico a Escola de Oleiros de Francisco Brennand, resgatando o caráter indus-

trial da edificação, e o programa Trilha TI promovido pelo SENAC e pelo Porto Digital que oferecem vagas gratuitas em cursos profissionalizantes voltados para a Tecnologia da Informação. Considerando-se todos esses fatores, é possível concluir que a exequibilidade da proposta pode ser garantida a partir de uma parceria público-privada (PPP), onde o interesse privado se manifesta com a criação de cursos de capacitação e oficinas que são promovidas por instituições privadas.

Por se tratar de uma edificação que engloba o âmbito educacional, cultural e ambiental, com uma variedade de serviços voltados para as necessidades diárias do bairro e seu entorno, o raio de influência da proposta foi baseado na recomendação feita por Douglas Farr em seu livro Urbanismo Sustentável (p. 136-137) para Centros de Conveniência. Para a Casa Chico foi considerado um raio de abrangência de 1,5 km (Figura 92), que engloba não só o bairro de Caxangá, mas bairros vizinhos como Iputinga, Cidade Universitária e Dois Irmãos.

Figura 92 - Raio de abrangência 1,5km



Fonte: Snazzymaps. Adaptado pela autora, 2023.

6.2 MASTERPLAN

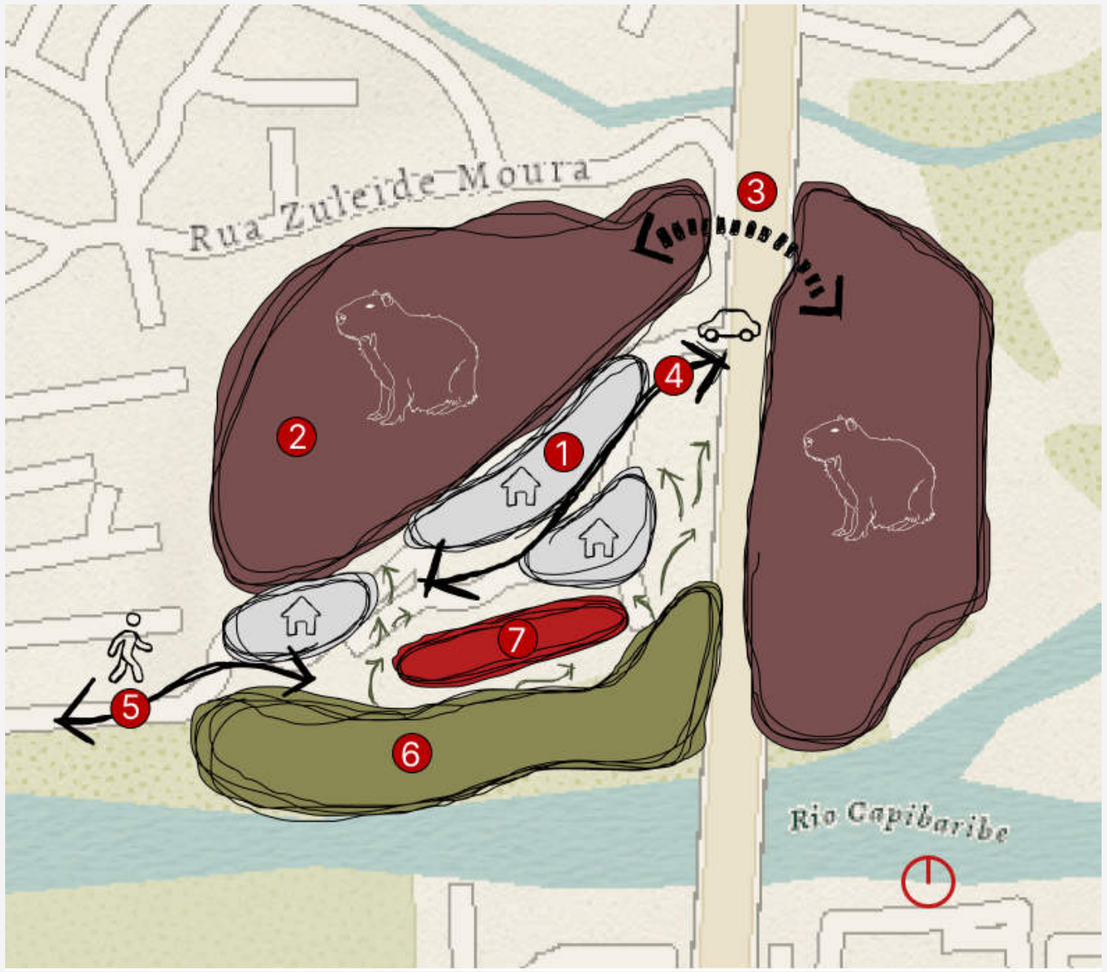
Como resultado inicial das análise dos condicionantes, foi elaborado um Masterplan (Figura 93) para a gleba a nível de manchas, para que a Casa Chico pudesse ser inserida como equipamento âncora desse estudo.

Para o zoneamento da área foi essencial pensar em um espaço que fosse designado aos moradores da ocupação (número 1), podendo ser loteado futuramente e destinado a habitação, visto que a resolução da proposta não poderia ser feita com a expulsão dos ocupantes. Mesmo tratando-se de um assentamento recente , trata-se de uma realidade do local que não pode ser ignorada, pois a área com 13 hectares possui espaço suficiente para prover moradia e agregar os ocupantes ao projeto.

Ao leste da gleba, o terreno responsável por abrigar uma área de proteção ambiental das capivaras também foi agregado à porção oeste, sendo inserido no projeto (número 2). Tal conexão é criada com a proposta de um corredor ecológico (número 3) que possa unir os dois fragmentos florestais, possibilitando o deslocamento da fauna entre as áreas isoladas.

A área de proteção será resguardada e não haverá intervenções tendo em vista que seus objetivos básicos são a proteção da diversidade biológica segundo o Decreto N° 22.326 de 11 de

Figura 93- Estudo conceitual do masterplan para a gleba



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Outubro de 2006 e está inserida na área alagável correspondente aos desníveis da gleba que foram ocasionados pela extração intensiva do barro em razão atividades da olaria. Logo, é necessário pensar em ações que preservem e promovam a recuperação ambiental.

Assim como foi apresentado no estudo de caso da LX Factory, o acesso pensado para a Casa Chico foi separado em dois tipos, o acesso feito por carros e veículos de carga e descarga pela BR-101 (número 4), por se tratar de uma rodovia com um intenso fluxo de automóveis, e o acesso por pedestres (número 5) por meio da via local à oeste (Rua Dep. Adalberto Guerra) no assentamento da Nova Morada. O acesso por pedestres também será contemplado com ciclovias ao longo da borda do Capibaribe, que será detalhado mais adiante.

Por essa razão, também foi proposto um desenho integrado ao projeto Parque Capibaribe, a medida em que são respeitadas as diretrizes estabelecidas para a área das margens do rio pelo PURA (Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental) (número 6) nas margens do rio. Com as análises documentais feitas acerca do projeto é possível projetar espaços ao longo do Capibaribe que conversem com a edificação e respeitem a rica vegetação existente e também serão apresentadas de forma detalhada mais adiante.

Por último, o equipamento âncora desse estudo, a Casa Chico, um projeto em que os diferentes estratos temporais dialogam entre si. O projeto respeita e recupera o edifício original da antiga olaria Cerâmica Apipucos, expondo a sua alvenaria e

estabelece-se uma dialética entre os novos elementos, de natureza mais etérea, leve e tectônica, contrastando com a composição estrutura existente, mais pesada. (Figura 94).

O centro social é responsável por abrigar um programa diverso que atende a ocupação Chico Lessa e os bairros vizinhos, com salas de aula que recebem cursos de capacitação, um restaurante social, além de espaços de lazer e esporte amplos que atendem as demandas de espaços públicos da região. Atrelado a isso, também foi adicionado um bloco responsável por abrigar a Cooperativa de Coleta e Reciclagem, necessidade que surgiu por meio das análises feitas dos condicionantes e pela carência de projetos que tratem de questões ambientais na área.

Figura 94 - Casa Chico



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

6.3 IMPLANTAÇÃO

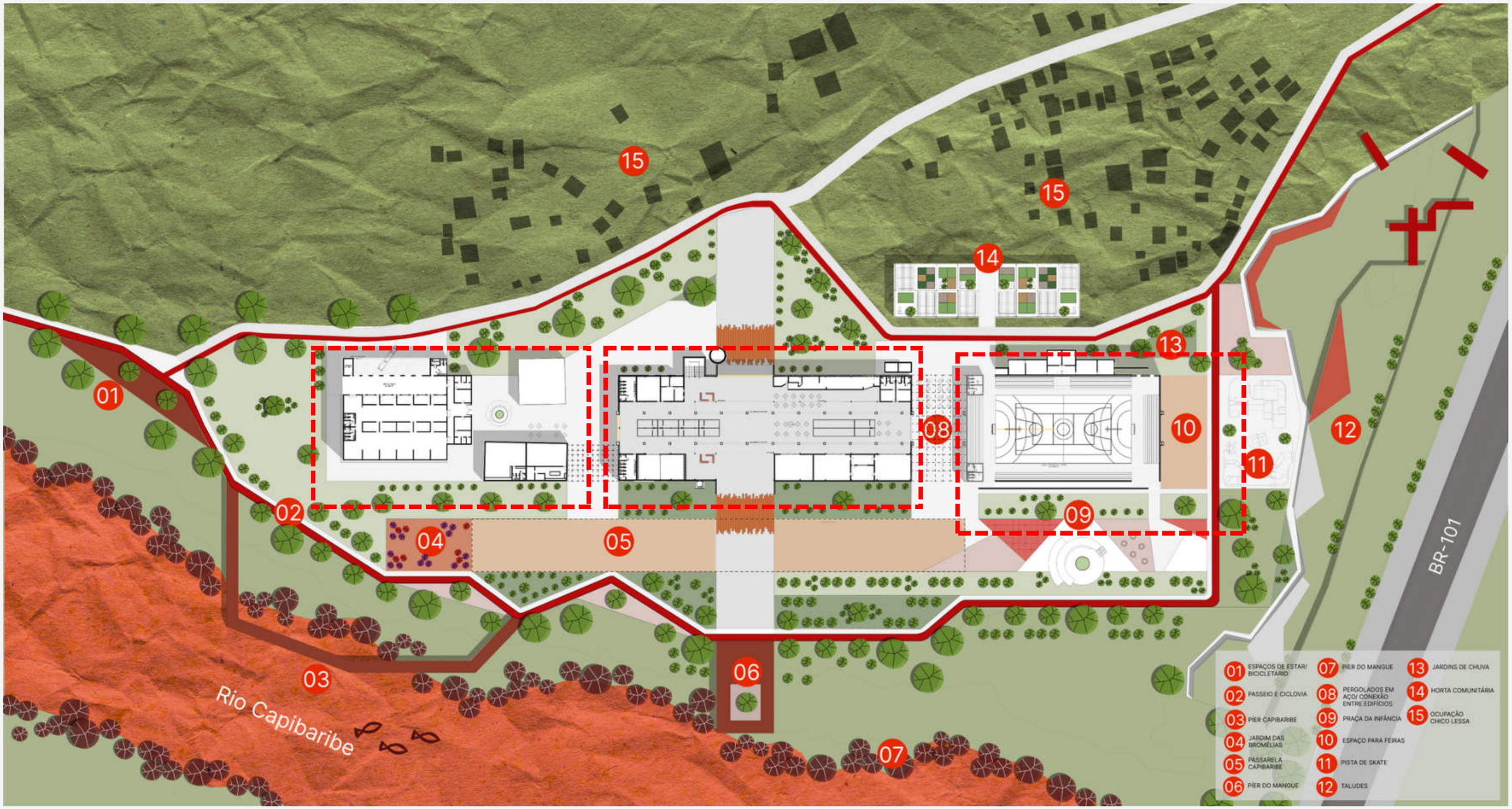
Partindo para a escala da implantação, com um olhar mais detalhado acerca do agenciamento do piso e proposta de paisagismo, são propostos espaços de estar contemplativo e lazer que integrassem ao uso da Casa Chico como pode ser visto nas Figuras 95 e 96.

Figura 95 - Visão aérea da proposta



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 96 - Implantação da Casa Chico



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Como forma de incentivo ao uso de meios de transporte baseados na mobilidade ativa para acessar a Casa Chico, foi proposta uma ciclovia que conecta o local às comunidades do entorno (Figura 97). Do mesmo modo, ao longo dos passeios a borda do Capibaribe também foram propostos espaços de estar -*para contemplação / lazer contemplativo que que abrigassem bicicletários modulares (Figura 98), os quais são replicados ao longo do projeto. O projeto de requalificação busca priorizar os pedestres e ciclistas em sua totalidade, por essa razão é essencial que os espaços de lazer possam ser acessados ao caminhar e contemplados ao pedalar

Para os cruzamentos entre os passeios e ciclovias foram propostas áreas de traffic calming (Figura 99) de acordo com os esquemas exemplificados no Guia Global de Desenhos de Ruas do SENAC .

Figura 97- Ciclovia proposta para o entorno.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 98 - Bicicletários.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 99 - Zonas de traffic calming.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Com relação a vegetação proposta foram utilizadas as diretrizes do Tomo 4 do Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Parque Capibaribe (PURA) (p. 157-165) (Quadro 7), evitando que as espécies oferecessem riscos ao meio, ao solo, às demais espécies vegetais, à fauna nativa e ao uso humano. A partir das análises realizadas nesse trabalho, percebeu-se que a vegetação existente sofreu com o crescente desmatamento e aterramento ocorrido ao longo dos anos, conforme apontado no terceiro capítulo, e por essa razão é essencial que o projeto traga a recuperação ambiental ao meio urbano promovendo o plantio de espécies nativas características das margens do Rio Capibaribe

Quadro 8 - Quadro de vegetações propostas.

Nome popular	Nome científico	Hábito	Imagem	Zona
Flor-do-guarujá/ Boa noite/ Onze horas	*Turnera subulata sm*	Arbustiva	 Foto: Ricardo Cardoso Antonio, 2020	Ambientes de interface, Ambientes de talude
Pixirica-aciliada	*Miconia ciliata (Rich.) DC.*	Arbustiva	 Foto: Frutos atrativos do cerrado, [s.d].	Ambientes de interface, Ambientes de talude

Estrela da terra	*Cryptanthus fosterianus elaine*	Herbácea	 Foto: photoplusbyritasim, 2012.	Ambientes de borda, Ambientes de talude
Bromélia Coral	*Archmea fulgens*	Herbácea	 Foto: Douneika, 2014.	Ambientes de borda, Ambientes de talude
Cássia-gigante	*Cassia grandis*	Grande porte	 Foto: João Felipe, 2022.	Ambientes de uso
Ipê Rosa	*Handroanthus heptaphyllus*	Grande porte	 Foto:Prefeitura de Vitória, [s.d]	Ambientes de uso
Abricó-de-macaco	*Couroupita guianensis*	Grande porte		Ambientes de uso

			 Foto:Dierberger Plantas, [s.d]	
Chuva de ouro	*Cassia ferruginea*	Porte médio	 Foto: James St. Jones, [s.d]	Ambientes de uso, Ambientes de borda
Mangue vermelho	*Rhizophora mangle*		 Foto: James St. Jones, [s.d]	Ambiente de mangue
Mangue preto	*Handroanthus heptaphyllus*		 Foto: photoplusbyritasim, 2012.	Ambientes de uso

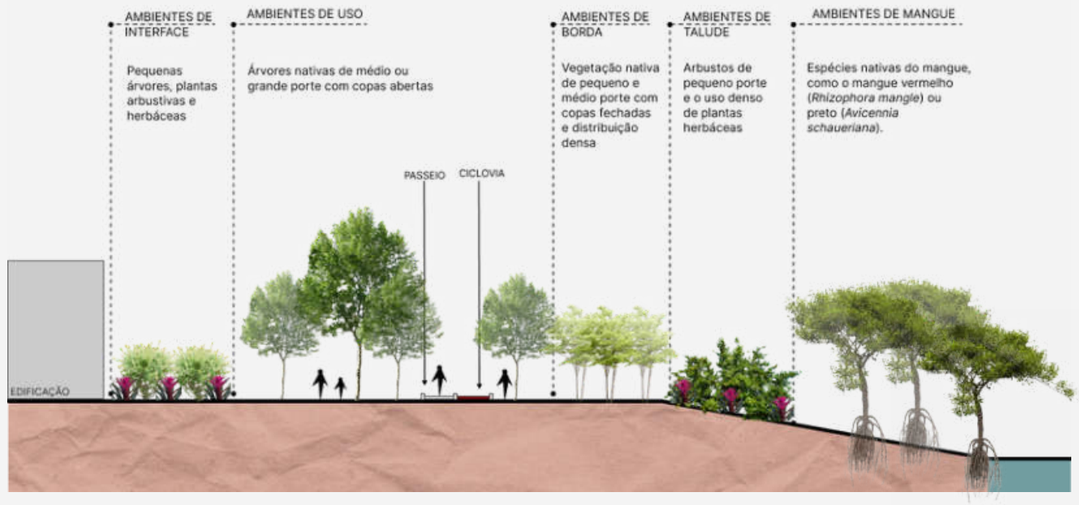
Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Assim, criaram-se ambientes de interface entre a edificação e os espaços de uso (ciclovia e o passeio) com jardins e áreas verdes compostas predominantemente por espécies arbustivas, seguido dos ambientes de borda, ambientes de talude e o ambiente de mangue que percorre toda a margem (Figura 100), conforme as diretrizes do Plano Urbanístico supracitado (Tomo 4, p. 161) e para a escolha das espécies foi utilizado o apêndice 02 (p. 286-291).

De modo geral, os ambientes de interface do projeto definem o limite da edificação por meio de uma massa verde permeável visualmente com pequenas árvores, plantas arbustivas e herbáceas de pleno sol ou meia sombra (Figura 101).

Os ambientes de uso, por sua vez, são ocupados efetivamente pelos usuários do espaço e por equipamentos e são eles a ciclovia, o passeio e áreas de descanso com bicicletário ao longo da borda do Rio Capibaribe com árvores nativas de médio ou grande porte com copas abertas (Figura 102).

Figura 100 - Esquema com os ambientes do parque linear.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 101 - Ambientes de interface.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 102 - Ambientes de uso.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os ambientes de borda são os espaços que delimitam o ambiente de uso do Parque no sentido do rio e possuem a estratégia de servirem como ambiente de refúgio e corredor de animais, além de criarem uma barreira de proteção para as pessoas antes dos taludes, evitando acidentes. Para esses espaços, o Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Parque Capibaribe possui como diretriz a utilização da vegetação nativa de pequeno e médio porte com copas fechadas e distribuição densa e plantas herbáceas de meia-sombra com maior diversidade e preferencialmente espécies altas (Figura 103).

O último espaço criado são os ambientes de talude, que são caracterizados pelo declive natural delimitado pela área sujeita à influência das marés e precisa ser protegida evitando assim a erosão e garantindo a estabilidade do solo. Em razão disso são propostos arbustos de pequeno porte e o uso denso de plantas herbáceas de meia-sombra (Figura 104). Por fim, o ambiente de mangue, que precisa ser fortalecido por meio da substituição de árvores exóticas por espécies nativas do mangue, como o mangue vermelho (Rhizophora mangle) ou preto (Avicennia schaueriana).

Além disso, é proposta uma passarela paralela a edificação no espaço que abrigava marquise da olaria que foi demolida. A Passarela Capibaribe (Figura 105) funciona como um espaço de contemplação oferecendo vistas panorâmicas do rio e sua mata ciliar. Ao longo dela foram dispostas escadas, que podem ser acessadas pelos pedestres ao longo do parque, e o outro acesso é feito pelo bloco central da Casa Chico através do mezanino.

Figura 103 - Ambientes de borda.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 104 - Ambientes de talude na borda do Rio Capibaribe.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 105 - Passarela Capibaribe.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A fim de evitar a impressão de uma estrutura pesada, são feitas aberturas ao longo da passarela ao redor das árvores existentes, além de possuir uma estrutura leve de aço que suporta um deck de madeira feito de ripas. Essas aberturas são responsáveis por receber uma trama para atrair o crescimento de trepadeiras. O comprimento total do passeio é de 145 metros e são propostas placas educativas ao longo do percurso.

Além da marcação da antiga marquise feita pela passarela, também foram usadas marcações no piso através da diferença de paginação. A Passarela Capibaribe não contempla o tamanho real da antiga marquise em razão de sua grande extensão, por esse motivo, foram adicionados espaços que usam o saibro em sua paginação (Jardim de Bromélias - Figura 106) e, no fim do percurso, a praça da infância, ambos espaços foram concebidos para servirem como delimitações visuais do anterior comprimento total da marquise pré-existente (Figura 107). O saibro foi escolhido em razão da possibilidade de utilização em conjunto com o pó de tijolo que regulariza pequenas imperfeições do material, dando o tom avermelhado, servindo como mais um elemento de memória das antigas funções do local, a olaria Cerâmica Apipucos.

A praça da Infância é bem demarcada e oferece segurança e proteção para as crianças, ao mesmo tempo em que se integra à paisagem natural do parque, com belas vistas da mata ciliar e do rio. Foram propostos diversos tipos de brinquedos, alguns deles adaptados para pessoas com deficiência, a fim de tornar esse espaço inclusivo e disponível para que todas as crianças

Figura 106 - Jardim de Bromélias.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figuras 107 - Vista inferior da passarela.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

possam desfrutar e interagir de forma igual. A seleção dos equipamentos procura oferecer diversidade e opções de brincar para todas as idades, com equipamentos que estimulam o movimento, o equilíbrio, a ludicidade, o desafio, a aventura e a interação (Figuras 107 e 108).

Próximo ao bloco esportivo da edificação ao leste foram destinados espaços para a realização de feiras e a implantação de uma pista de skate (Figuras 109 e 110).

O skate é um esporte em plena ascensão no Brasil e conta com grandes atletas que se destacam no cenário internacional, esse contexto ampliou-se com com a recente inclusão do esporte na Olimpíada de Tóquio de 2021 e pela ótima participação do time brasileiro, portanto viu-se nessa tendência uma oportunidade de incorporar à proposta um uso relevante para a juventude contemporânea. Dessa forma, uma das premissas adotadas durante a concepção do equipamento foi preservar a arborização mais relevante no intuito de conservar, bem como de proporcionar sombra para a prática do esporte durante todo o dia.

A pista foi criada com espaços chamados que pertencem a modalidade de street plaza, o qual vários obstáculos simulam diversos elementos urbanos para que o praticante realize as manobras, tendo o seu desenho ligeiramente modificado e reforçado para permitir uma melhor performance do atleta.

Figuras 108 - Praça da Infância.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figuras 109 - Espaço para feiras e pista de skate.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figuras 110 - Espaço para feiras e pista de skate.



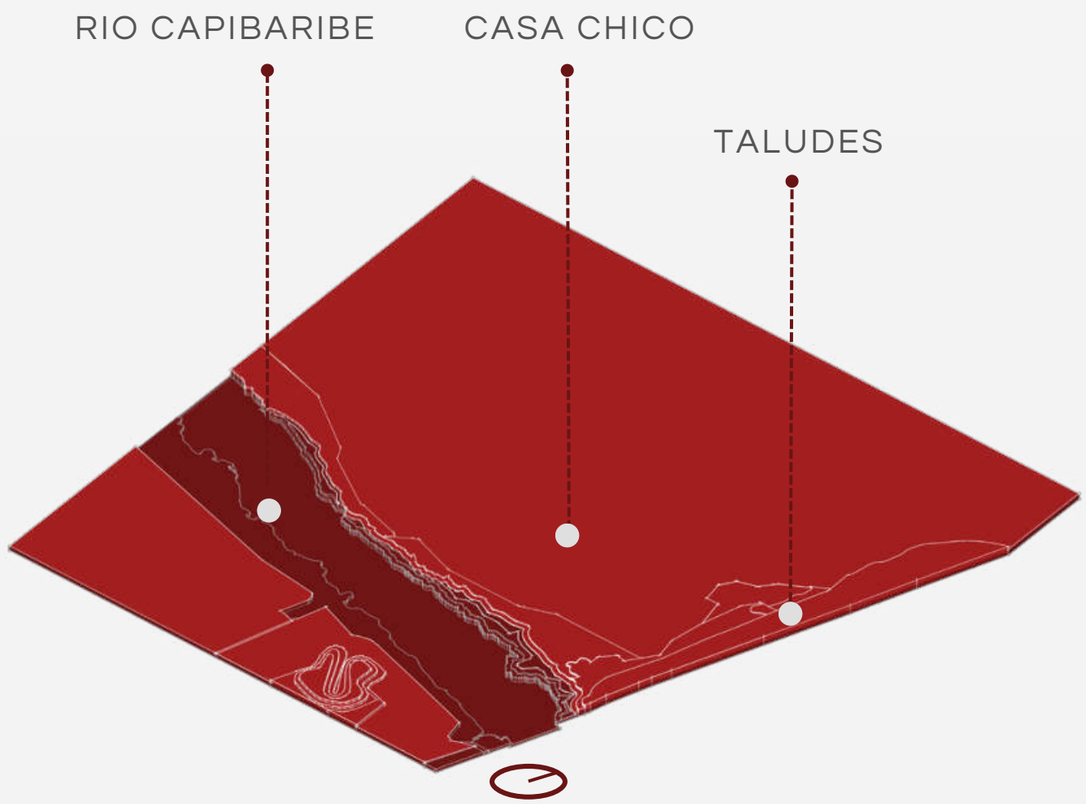
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os espaços próximos à BR-101 possuem diferenças na topografia que possibilitaram a criação de um espaço interativo com o relevo existente (Figura 111). A proposta dos Arquitetos Associados para a Praça da Pampulha foi uma referência projetual para a construção dos níveis que foram organizados em três zonas (Figura 112) com características e propostas diversas, mas sempre conectados,gerando um espaço coletivo de qualidade, que pode receber atividades para todas as idades, constantemente ativo.

A declividade do terreno pode ser tomada como partido para criar uma permeabilidade visual em todo o terreno, e dessa forma conectar mais o espaço e as pessoas. Além disso, esse amplo campo visual traz mais mais segurança pela constante observação e vigilância do espaço feita pelos próprios usuários, de forma espontânea e natural (Figura 113).

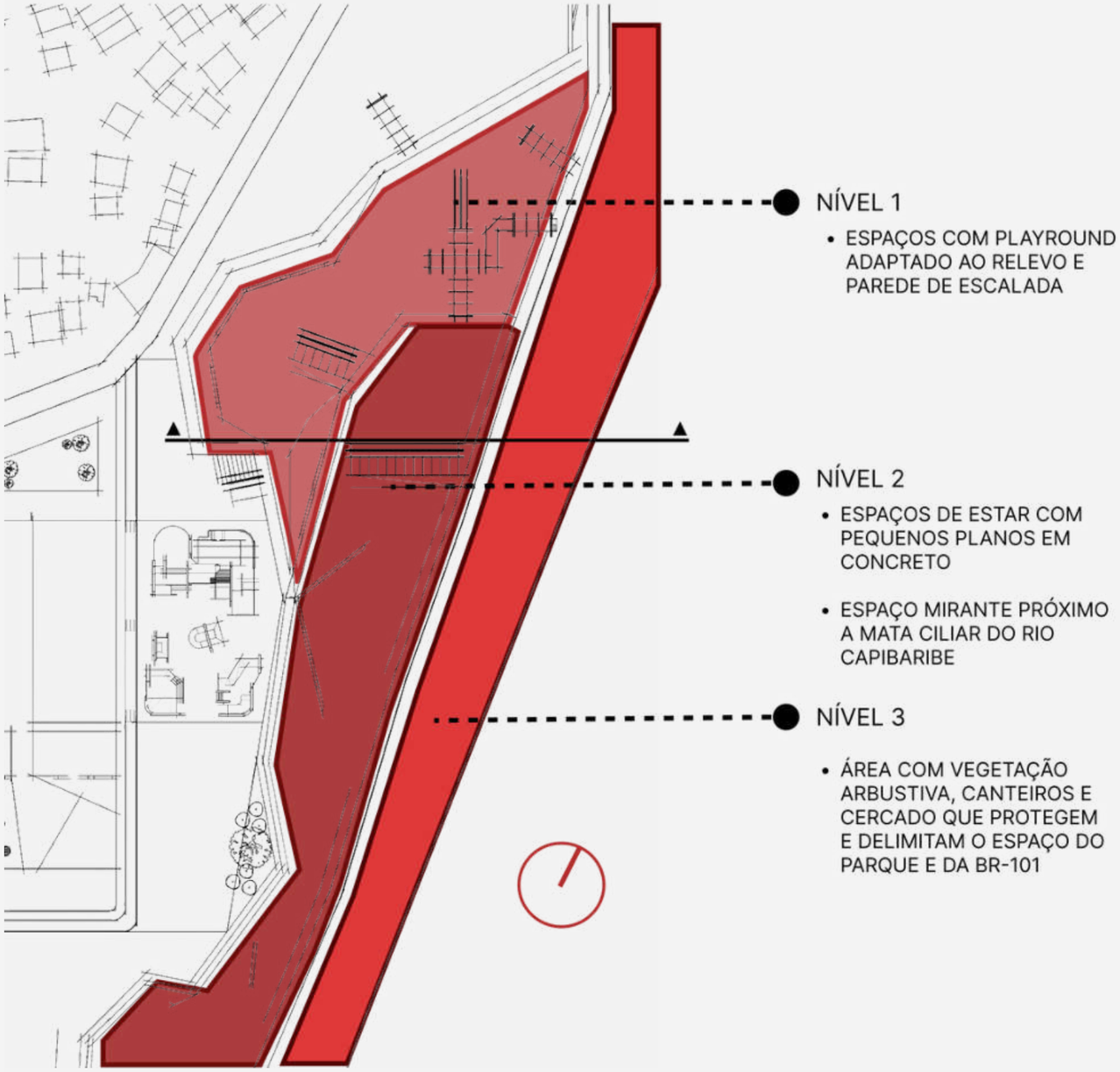
Os taludes foram aproveitados e transformados em espaços de estar, com brinquedos que pudessem acompanhar as diferenças de níveis (Figuras 114, 115 e 116).

Figura 111- Levantamento topográfico.



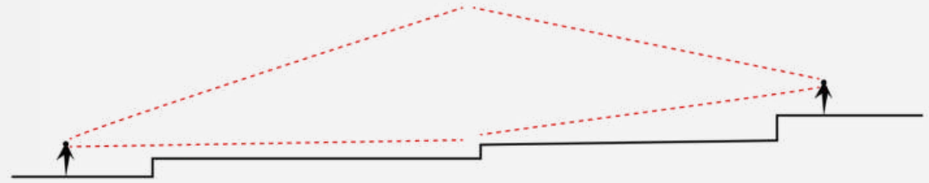
Fonte: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Figura 112 - Níveis e atividades dos taludes.



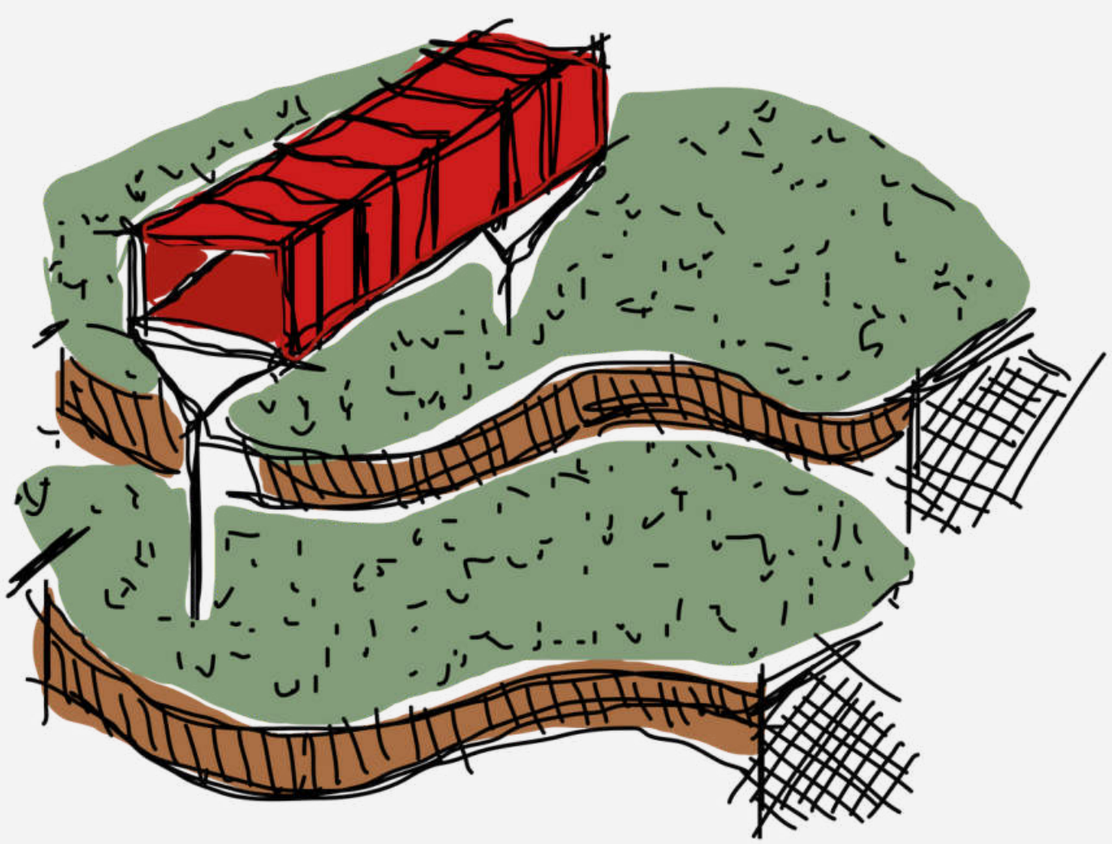
Fonte: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Figura 113 - Corte com esquema de visibilidade.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 114- Croqui com a proposta de mobiliário nos taludes.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figuras 115-Mobiliário e taludes



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

116- Mobiliário e taludes



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Em alguns pontos do projeto foram propostos jardins de chuva (Figura 117) como estratégia de infraestrutura verde atrelado ao reuso da água. A estrutura de um jardim de chuva se difere de um jardim aquático à medida que ele se encontra seco na maior parte do tempo, retendo a água apenas durante e após as chuvas, evitando a proliferação de mosquitos e outros insetos. Além disso, sua função é essencial para que poluentes como partículas de sujeiras, fertilizantes, lixo e bactérias presentes na água não entrem nos bueiros sem o tratamento adequado, fluindo para as frentes d'água (Figura 118). Assim, os jardins foram posicionados estrategicamente em razão da declividade do terreno para que possam coletar o escoamento da água da chuva.

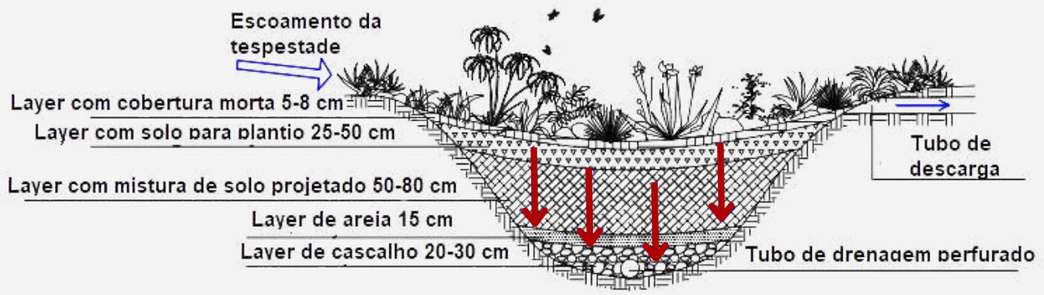
Além dos benefícios citados anteriormente, Essa infraestrutura verde também é responsável por reduzir o impacto das chuvas fortes no solo, fenômeno que acarreta a erosão do mesmo e oferecem oportunidades de plantar uma ampla variedade de vegetação perene.

Figura 117 - Jardins de chuva.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 118 - Esquema com o funcionamento dos jardins de chuva.



Fonte: Almanaque SOS. Adaptado pela autora, 2023.

Por fim, foi inclusa no projeto uma horta comunitária (Figura 119), a qual partiu de uma necessidade real da ocupação Chico Lessa, visto que, atualmente um dos blocos da antiga olaria possui este uso, mas foi realocado em razão da proposta para a Casa Chico, dessa maneira, implantou-se uma estrutura modular (Figura 120) que pudesse ser replicada ao longo da gleba caso seja necessário, abrigando espaços para o cultivo de alimentos e jardinagem.

Caso projetos de arquitetura urbana como esse fossem praticados em grande escala poderiam garantir a alimentação de uma grande parcela da população que não tem acesso a supermercados e grandes distribuidoras de alimentos através de programas governamentais de doação de sementes a serem plantadas, uma estratégia já defendida pelo MST (Movimento Sem-Terra) em sua prática de cultivo e distribuição alimentar no Brasil.

As hortas comunitárias públicas, que vem se espalhando pelo Brasil em praças e terrenos abandonados, são exemplos de práticas inovadoras que buscam democratizar o uso do espaço de maneira a diminuir a segregação social e o individualismo (MATOSO, 2021). Além disso, hortas em casa também vem fazendo sucesso como uma estratégia de lazer e autocuidado; e despertado a curiosidade de diversas pessoas ávidas em aprender a cultivar seus próprios temperos.

Figura 119 - Horta Comunitária.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 120 - Visão superior da horta.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

CASA

Chico

6.4 A CASA CHICO

Figura 121 - Proposta para a antiga olaria.



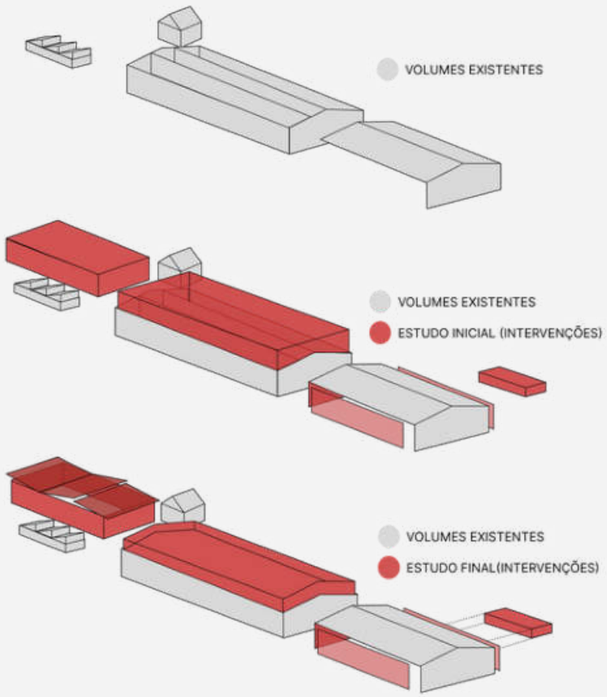
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A concepção da Casa Chico surgiu com a intenção criar uma nova memória no espaço da antiga estrutura da olaria e no ambiente através de um parque linear detalhado anteriormente, integrando a antiga edificação ao tecido urbano, encorajando a ocupação e uso efetivo deste espaço público. Atrelado a isso, a melhora do acesso à edificação para que pudesse se tornar um equipamento articulador em potencial para a circulação de pedestres, integrado ao bairro e com novas as atividades dentro dos novos espaços de socialização do centro social.

Para que os espaços pudessem receber os novos usos foi necessário um estudo inicial de volumetria que conversasse com o existente. O estudo foi organizado em um diagrama para a melhor compreensão, onde os elementos destacados em cinza representam o existente e os elementos em vermelhos são as intervenções propostas (Figura 122).

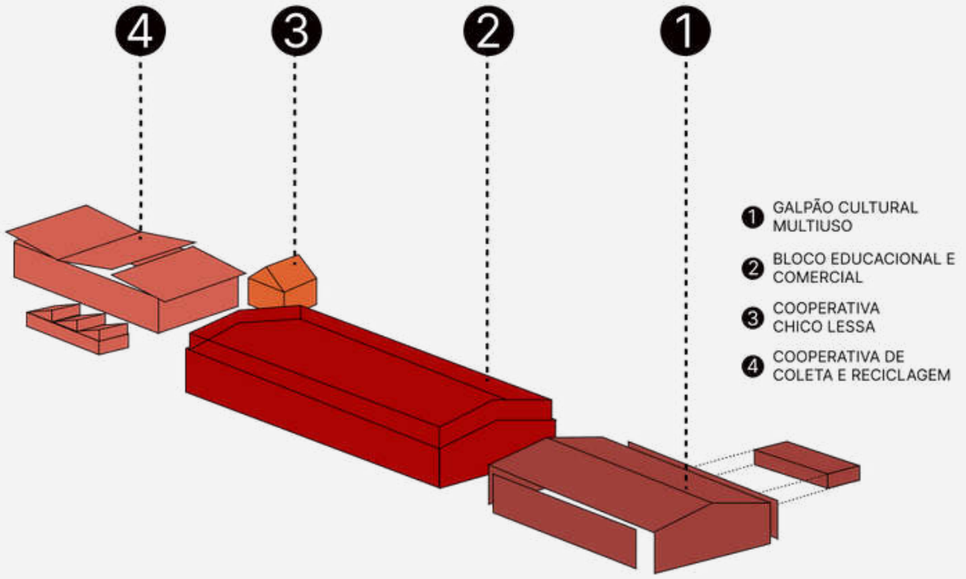
Após os estudos de volumetria, os blocos foram divididos em quatro zonas para receber os programas propostos sendo eles, Galpão Cultural Multiuso, Bloco educacional e comercial, Cooperativa Chico Lessa e Cooperativa de Coleta e Reciclagem (Figura 123).

Figura 122 - Estudos de volumetria



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 123 - Zoneamento Casa Chico.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Tabela 5 - Tabela de áreas (Zoneamento)

Zoneamento	Área
Galpão Cultural Multiuso	1885 m²
Bloco educacional e comercial	2605 m²
Cooperativa Chico Lessa	378 m²
Cooperativa de Reciclagem	976 m²

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Para o dimensionamento e espacialização dos ambientes foram utilizados como base os livros: Neufert Arte de Projetar em Arquitetura (18° edição 2016) de Ernst Neufert e o Manual do Arquiteto Planejamento, Dimensionamento e Projeto (5° edição 2017) de Pamela Buxton. Além dos estudos de caso apresentados no capítulo 3 que serviram como norteadores para o zoneamento e concepção da edificação. Também foi essencial trabalhar com um objeto vivo, a Ocupação Chico Lessa, pois foi o elemento primordial que conduziu todo o programa (Tabela 6) proposto para a Casa Chico

Tabela 6 - Tabela de áreas (Programa)

Programa	Área total
Galpão Cultural Multiuso	
Quadra poliesportiva	1.695 m²
Sala dos instrutores	18 m²
Sala de equipamentos	18 m²
Bloco educacional e comercial	
Oficina de Cerâmica (Escola de Oleiros de Francisco Brennand)	82 m²

Oficina de Madeira/Metal	82 m²
Área para máquinas e material	52 m²
Sala de Informática (Programa Trilha TI Senac e Porto Digital)	86 m²
Sala de aula	54 m²
Oficina de artes	52 m²
Administração	49 m²
Restaurante	233 m²
BWC/Armários (Funcionários)	66 m²
Lojas/Containers	373 m²
Biblioteca	305 m²
Área para exposições	175 m²
Memorial Cerâmica Apipucos	290 m²
Cooperativa Chico Lessa	378 m²
Cooperativa de Reciclagem	
Oficina de Reciclagem	117 m²
Lanchonete/Café	128 m²
Cooperativa de Reciclagem	841 m²
Outros	
Depósito	62 m²
Vestiários	92 m²
Chuveiros e lavatórios	80m²
WC	256 m²

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A intervenção em questão foi localizada na escala de gradação próxima a categoria de “continuidade contextual” proposta por Richard Rogers e Tiesdell, OC e Heath (1996 apud VIEIRA, 2014), em busca da unidade potencial, mas sem ocultar a passagem do tempo nem cometer um falso histórico. Na intenção de não comprometer a autenticidade do conjunto, contudo estes gestos de distinção e remoção são atribuídos à ideia de distinguibilidade e ao juízo crítico de valor mencionados na teoria de Brandi.

A primeira decisão projetual importante concerne na manutenção da função anterior de centro social-cultural, visto que na década de sessenta a edificação já foi responsável por abrigar a Sociedade Folclórica de Pernambuco, além de celebrar a antiga Festa do Caudilho de Apipucos que, segundo os recortes do Diário de Pernambuco da década de 60, a sociedade contava com a indústria de artigos de cerâmica, parque folclórico com piscina, vila operária, uma escola para 120 alunos, além de palcos e salões.

Entretanto, por se tratar de atividades que na época eram voltadas apenas para uma pequena parcela da população de grande poder aquisitivo, compreendeu-se a necessidade de ressignificar o espaço e elaborar um programa de cultura, lazer e educação que atendesse a população de baixa renda existente no entorno imediato e os moradores do bairro.

A partir do mergulho feito na trajetória da edificação ao longo das décadas, na análise de suas características morfotipológicas e nos depoimentos encontrados em mídias so-

ciais, jornais antigos (Hemeroteca Digital - Fundação Biblioteca Nacional), compreendeu-se que não se trata de uma intervenção em um exemplar de destaque arquitetônico e que, na realidade, a importância dele reside na sua história e relevância cultural principalmente para os novos moradores da ocupação Chico Lessa que utilizam a estrutura da olaria como apoio para as habitações.

6.4.1 GALPÃO CULTURAL MULTIUSO

Figura 124 - Galpão Cultural Multiuso.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Tabela 7 - Ficha técnica Galpão Cultural Multiuso

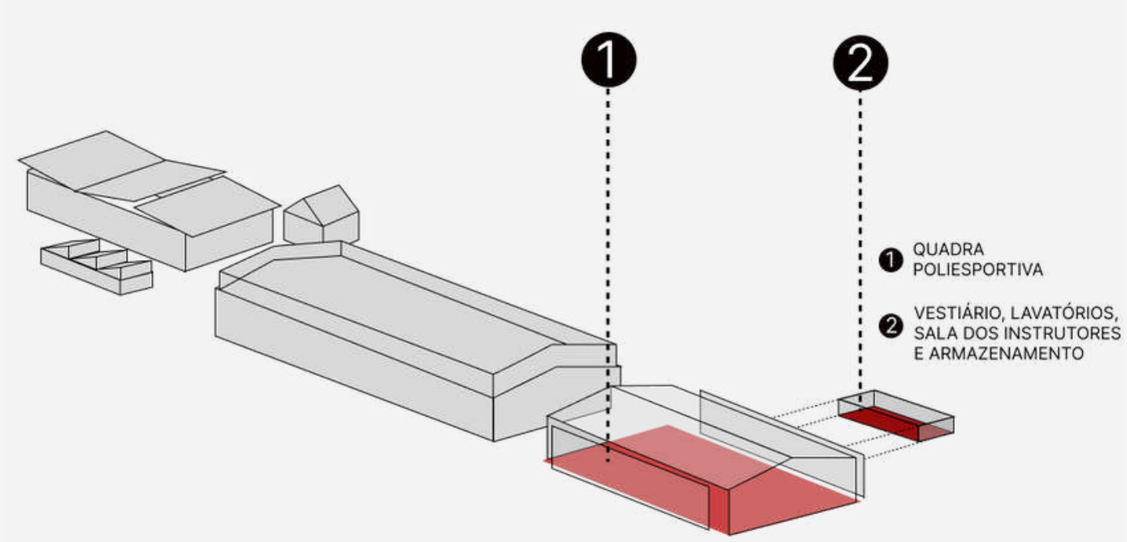
Ficha Técnica	Área
Área construída	1885 m²
Número de pavimentos	1
Número de elevadores	0
Capacidade do espaço	500 usuários

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O galpão cultural multiuso abriga um uso que já existe, porém, com pouca infraestrutura. Para o bloco próximo a BR-101 é proposto a requalificação do espaço mantendo o uso para atividades de esporte, apresentações e exposições temporárias (Figura 126). O 'cultural' vem de entender que a quadra pode abrigar usos outros que não apenas esportivos - como eventos, quadrilhas, festas juninas, carnaval e fim de ano- pois são espaços importantes nas comunidades, utilizado para as mais variadas atividades do dia-a-dia. Somado a isso, foi adicionado um anexo devido a necessidade de incluir ambientes para o armazenamento de equipamentos, vestiários, chuveiros, lavatórios e uma sala para os instrutores.

Por abrigar uma quadra poliesportiva, é oferecido algumas possibilidades de esportes que podem ser praticados no local (futebol, vôlei, basquete), podendo também ser montado espaços para a prática de luta e atividades que promovam o bem-estar como yoga. Além da prática de atividades físicas, o espaço também recebe eventos como shows ou exposições temporárias (Figura 128), em razão disso foi projetada uma arquibancada retrátil nas quatro paredes que formam o volume

Figura 125 - Diagrama com o zoneamento do Galpão Cultural Multiuso.



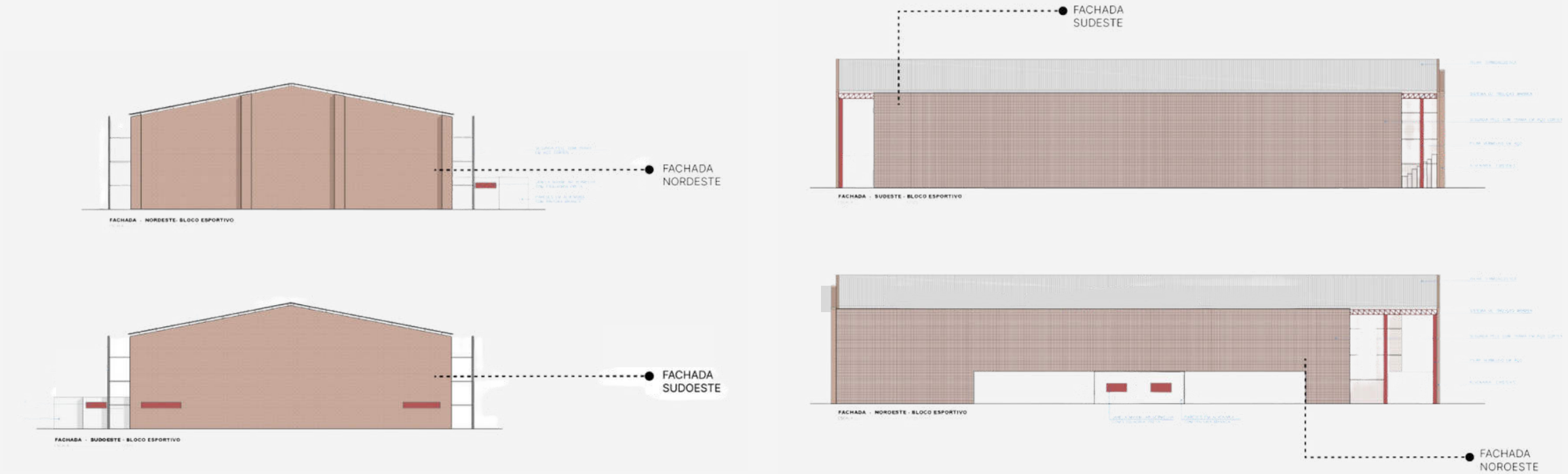
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 126 - Vista interna do galpão.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 127 - Fachadas (Galpão Cultural Multiuso).



Fonte: Maria Hellena Borba Leal, 2023.

Por abrigar uma quadra poliesportiva, é oferecido algumas possibilidades de esportes que podem ser praticados no local (futebol, vôlei, basquete), podendo também ser montado espaços para a prática de luta e atividades que promovam o bem-estar como yoga. Além da prática de atividades físicas, o espaço também recebe eventos como shows ou exposições temporárias (Figura 128), em razão disso foi projetada uma arquibancada retrátil nas quatro paredes que formam o volume edificado caso seja necessário o uso total do ambiente.

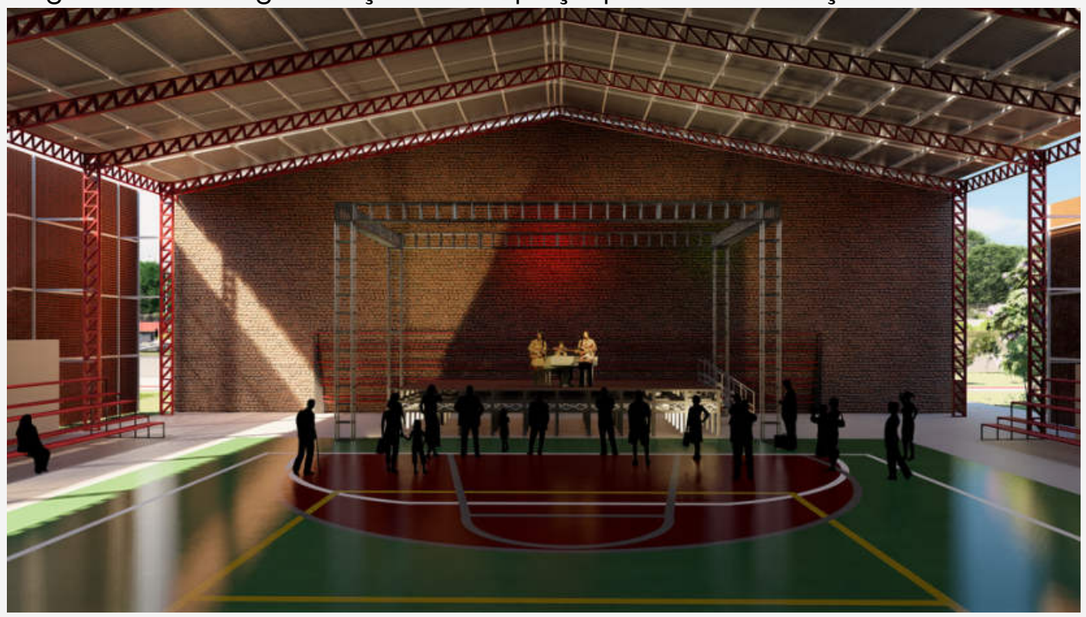
O acesso ao bloco é feito por três entradas nas laterais do volume que possibilitam a integração do bloco com a Praça da Infância e pista de skate a sudeste e a área para carga e descarga de passageiros e mercadorias a noroeste. (Figura 129)

Todos os sanitários acessíveis em cada bloco do complexo foram propostos de acordo com a NBR 9050 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos - com dimensões do sanitário acessível conforme especificados no tópico 7.5, com circulação com giro 360° e portas de eixo vertical instaladas abrindo para o lado externo com puxador horizontal. Além disso, o número mínimo de sanitários acessíveis foram definidos de acordo com a Tabela 8 especificada na norma.

Tabela 8 - Número mínimo de sanitários acessíveis.

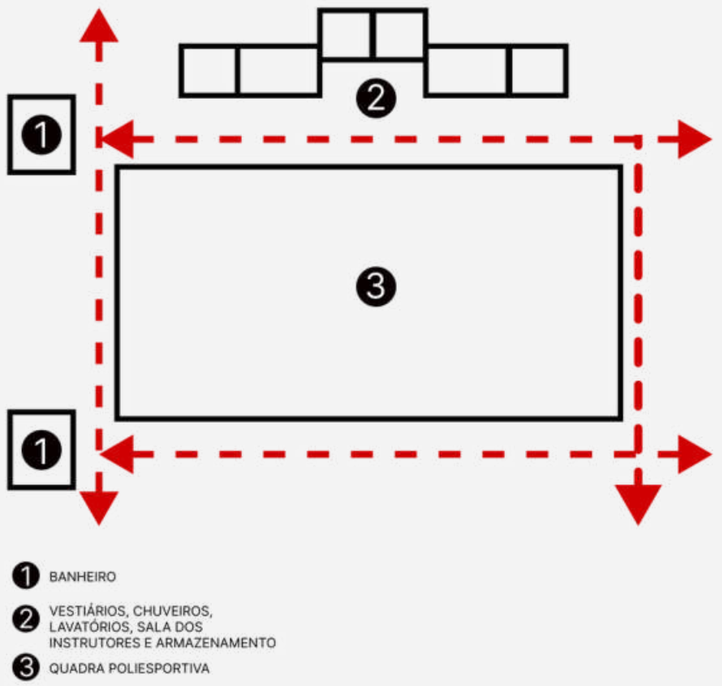
Edificação de uso	Situação da edificação	N° mínimo de sanitários com entradas independentes
Público	A ser construída	5 % do total de cada peça

Figura 128 - Organização do espaço para a realização de eventos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 129 - Diagrama com fluxos e organização dos espaços (Galpão Cultural Multiuso).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

		sanitária, com no mínimo um, para cada sexo em cada pavimento, onde houver sanitários

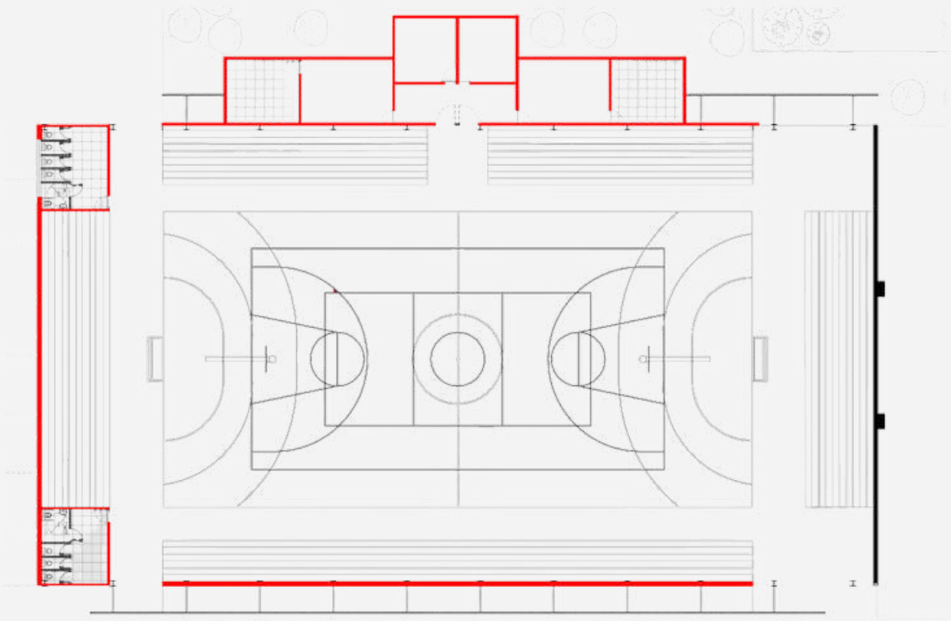
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

No que se refere às intervenções feitas no bloco, como foi pontuado no capítulo 4, o espaço possui apenas uma parede remanescente da antiga olaria, as demais estruturas foram demolidas. Em razão disso, foi mantida a parede existente e adicionadas mais três estruturas ao volume (Figura 130) são elas: duas estruturas com uma segunda pele em aço corten, a nova parede na outra extremidade em concreto e pilares treliçados metálicos vermelhos que sustentam a nova coberta (Figura 131). As treliças Warren (Figura 132) possuem barras inclinadas que formam uma série de triângulos (CHING 2015).

A nova parede de concreto pigmentado ocre possui a mesma forma da existente, conversando com as duas águas da coberta, porém o novo material escolhido é diferente da alvenaria da olaria seguindo o princípio de distinguibilidade de Camilo Boito para complementação de partes faltantes com material diverso.

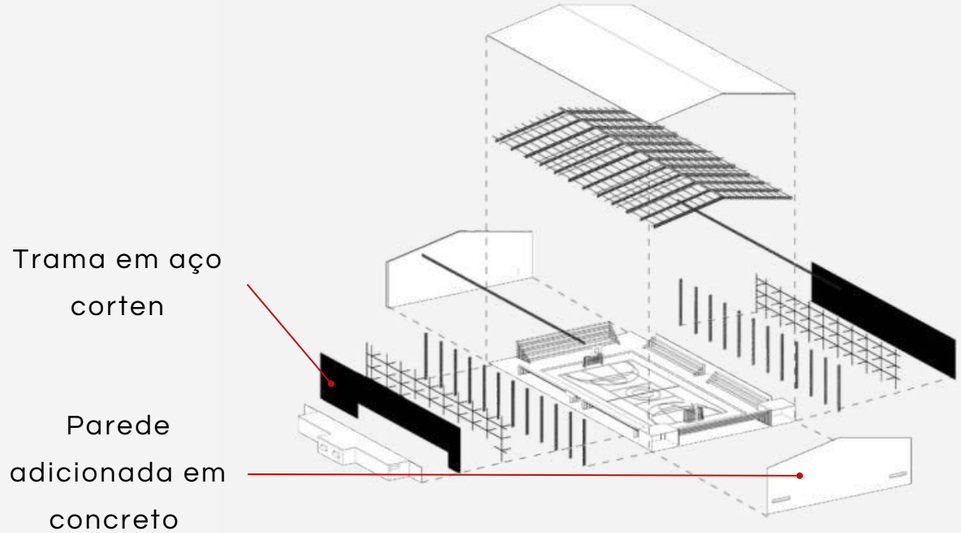
> *''Aqui está enunciado o princípio da distinguibilidade da ação contemporânea: ou seja, qualquer nova inserção deverá colocar-se como novo estrato, que não induza o observador ao engano de confundi-la com a obra como estratificada antes da intervenção, não propondo o tempo como reversível e devendo documentar a si*

Figura 130 - Planta de demolição e construção sem escala (Galpão Cultural Multiuso).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 131 - Esquema com estrutura explodida (Galpão Cultural Multiuso).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

> *mesma. Isso já aparecia de forma explícita nas formulações de Boito, em que acréscimos e renovações, se necessários, deveriam ter caráter diverso do original, mas de modo a não destoar do conjunto; completamentos de partes deterioradas ou faltantes deveriam, mesmo seguindo a forma primitiva, ser de material diverso ou ter incisa a data de sua restauração ou, ainda, no caso das restaurações arqueológicas, ter formas simplificadas''* (KÜHL, 2010, p. 312).

Com a adição das estruturas em aço corten foi possível a criação de pequenos jardins nos espaços entre as arquibancadas (Figura 133 - render) que recebem a queda d'água das calhas e ajudam na absorção natural da água pelo solo.

Figura 132- Estrutura da edificação com treliças Warren.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.



Figura 133 - Jardim entre a arquibancada e segunda pele do galpão.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

6.4.2 BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL

Figura 134 - Bloco educacional e comercial.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Tabela 9 - Ficha técnica Bloco educacional e comercial

Ficha Técnica	Área
Área construída	2.605 m²
Número de pavimentos	2
Número de elevadores	1
Capacidade do espaço	300 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

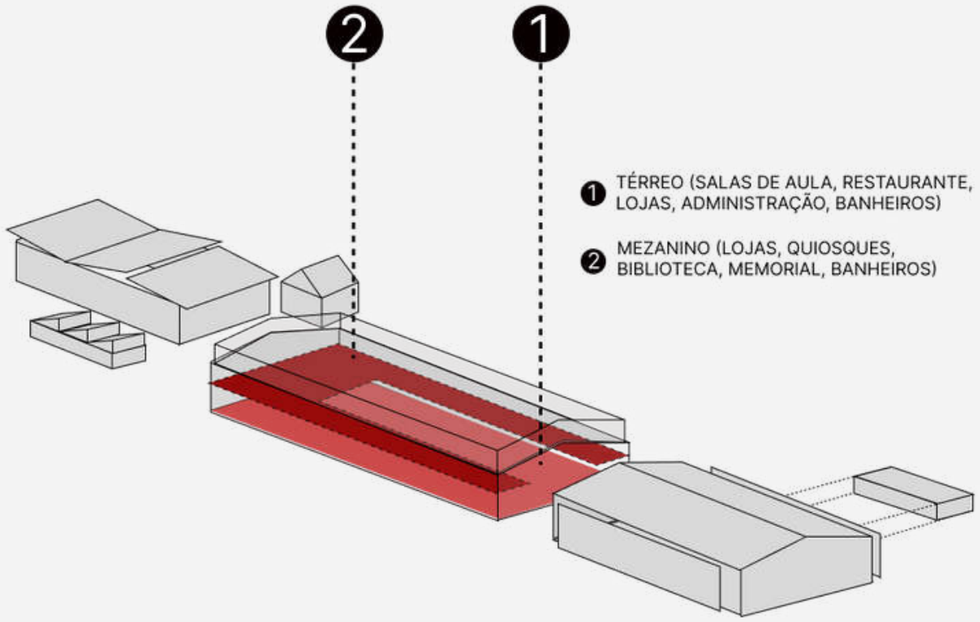
De modo geral para os blocos existentes da fábrica, os tijolos estão aparentes com o intuito de gerar experiências que se aproximam das ruínas com os materiais em estados brutos à mostra (Figura 136). Ressalta-se que o ato de expor a alvenaria não foi feito de maneira indiscriminada, pois as fachadas externas e paredes internas já apresentavam esse aspecto.

Tal decisão projetual é enquadrada no conceito de pátina defendido por LIMA (2008) onde a exposição da alvenaria remete a noção da percepção da passagem do tempo e a ideia de envelhecimento e decaimento do edifício.

Além disso, o volume é dotado de toda a infra-estrutura necessária técnica e funcional, como a construção de um elevador para o acesso de pessoas com mobilidade reduzida e para o transporte de material. Também são propostos ambientes para abrigar os sanitários, salas de aula, restaurante e biblioteca.

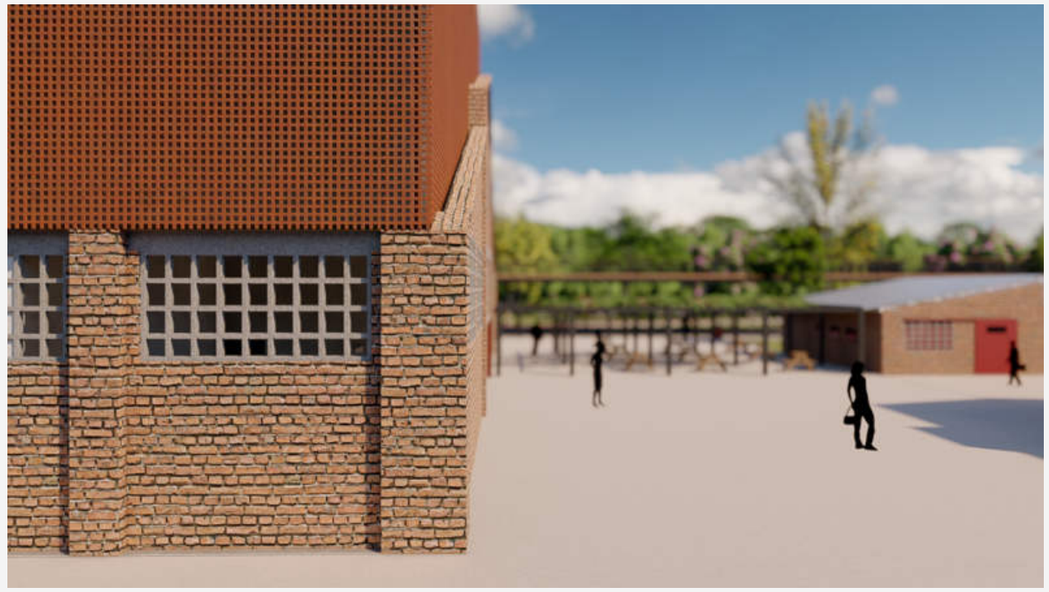
As paredes do volume são mantidas em sua totalidade (Figuras 137 e 138), com pequenas intervenções para que pudessem ser

Figura 135 - Diagrama com o zoneamento do Bloco Educacional e Comercial.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

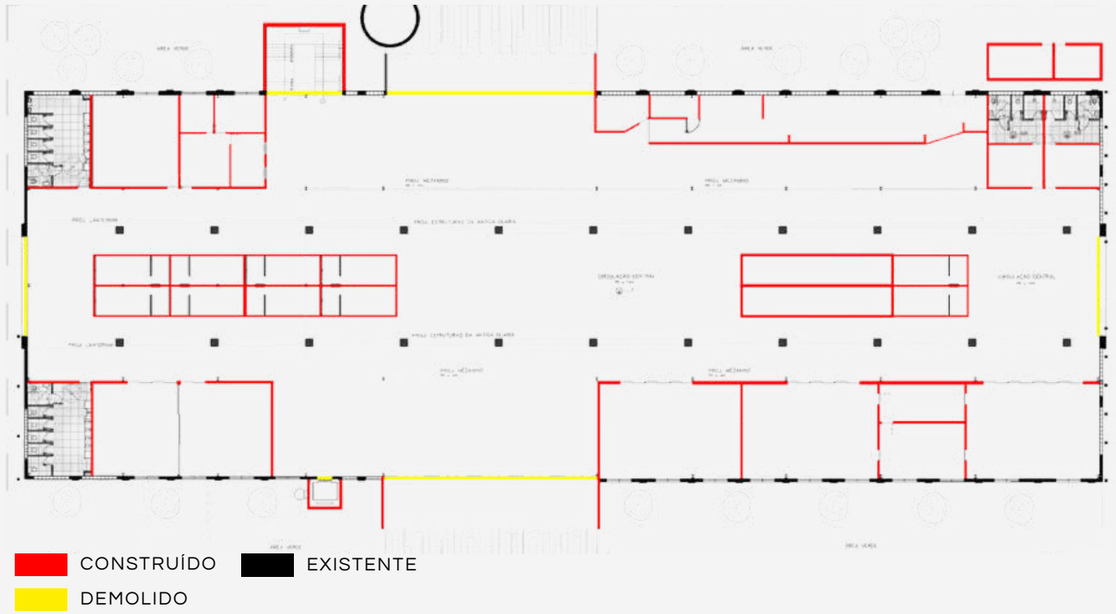
Figura 136 - Alvenaria exposta da olaria.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

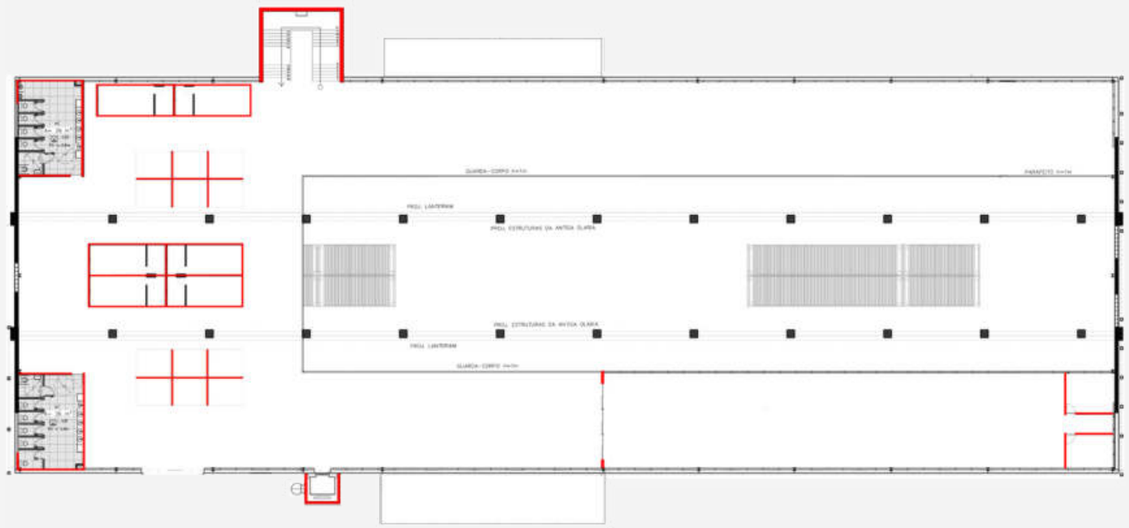
inseridos os quatro acessos ao prédio, além do elevador e a escada. Estes últimos são abrigados em dois volumes vermelhos em cada fachada longitudinal do projeto, da mesma forma que foi empregado no conjunto arquitetônico KKKK do Brasil Arquitetura (Figura 139). Em razão disso, é proposta a instalação de duas escadas tipo marinheiro nos dois volumes verticais vermelhos para o acesso ao reservatório de água e a sala de máquinas de acordo com os parâmetros e medidas das normas regulamentadoras NR-12, NR 18 e NR-35.

Figura 137 - Planta de demolição e construção do térreo sem escala (Bloco Educacional e Comercial).



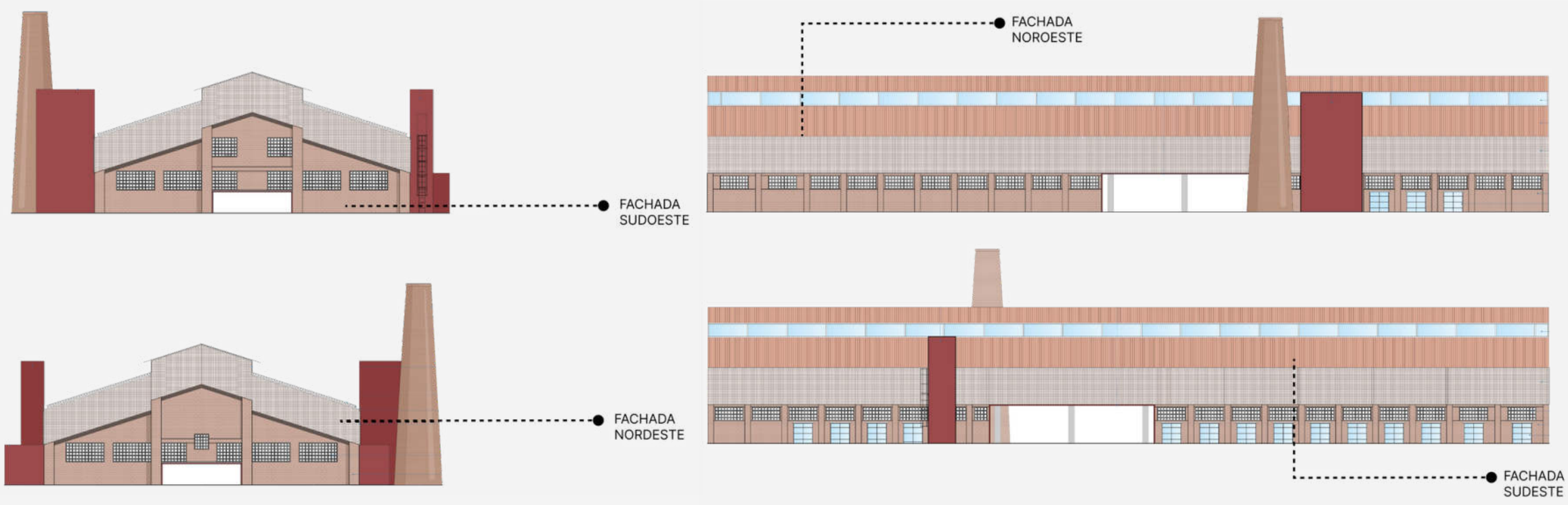
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 138 - Plantade demolição e construção do mezanino sem escala (Bloco Educacional e Comercial).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 139 - Fachadas (Bloco Educacional e Comercial).



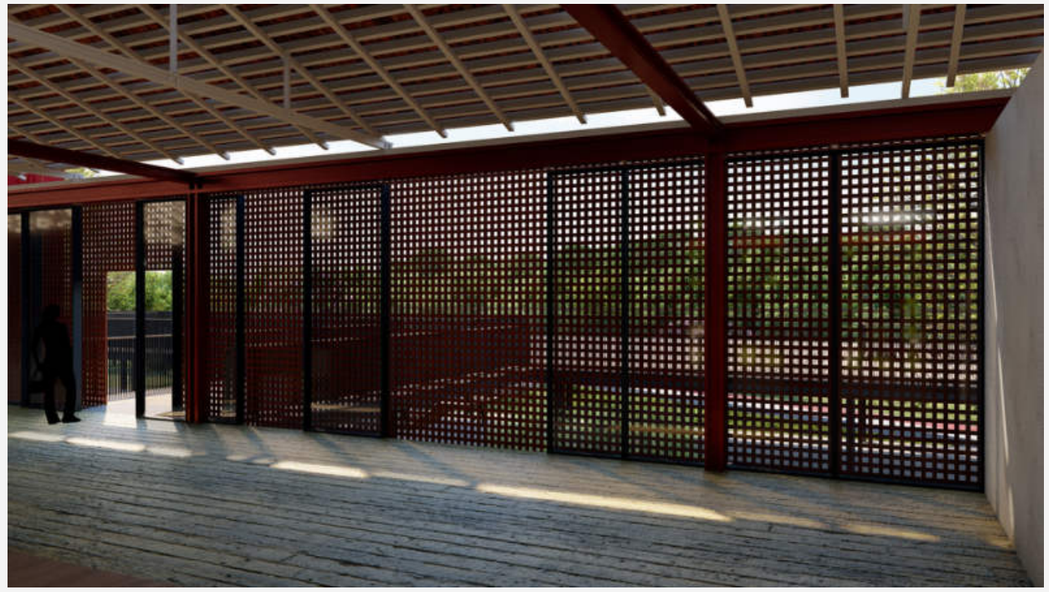
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Além disso, foi utilizada a NBR 5626 - Instalação Predial de Água Fria - para o cálculo de capacidade do reservatório da edificação que atende tanto o bloco central quanto os demais, considerando a frequência e duração de interrupções do abastecimento. Adotando 50 litros de água por pessoa em edifícios públicos e comerciais, sendo no total 910 usuários no espaço, o reservatório superior foi dimensionado com a capacidade de 43.680 litros (40% da capacidade total).

Os elementos estruturais metálicos novos são da cor vermelha, sendo esses os sistema de pilares e vigas (Figura 140). Os vãos mais econômicos para as treliças ou vigas principais de aço variam de 6 a 12 metros (CHING 2015), em razão disso foram escolhidos vão de 7.85 metros entre os pilares acompanhando os os vazios existentes nas fachadas da edificação.

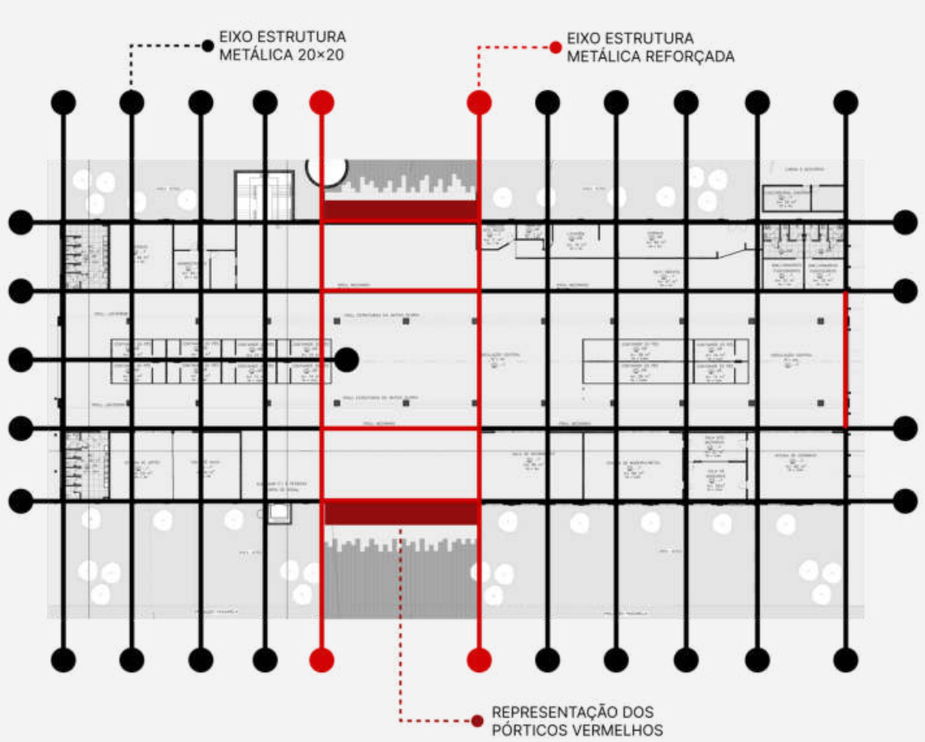
Os pilares foram dimensionados de acordo com o perfil em aço H 20x20cm que podem sustentar uma área de piso e cobertura com até 279m² (CHING 2015) e as estruturas que vencem um vão maior próximo aos pórticos da entrada são reforçados, seja com o uso de aço de alta resistência ou de um perfil mais espesso e mais pesado (Figura 141).

Figura 140 - Elementos estruturais em aço.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 141- Esquema trama estrutural e reforços.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

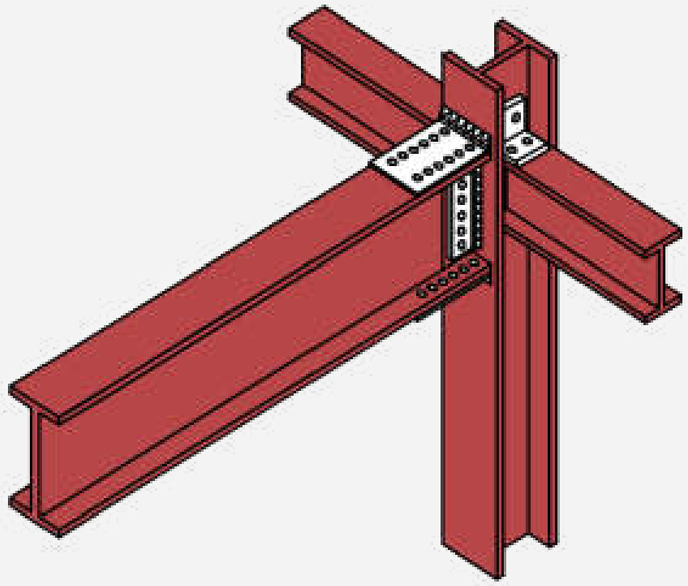
As vigas e pilares de aço são conectados com a combinação do uso de parafusos de alta resistência e soldagem para desenvolver a resistência a momentos (Figura 142).

As esquadrias são propostas na cor preta e as treliças da coberta na cor branca, ambas em aço. As esquadrias das fachadas que contemplam as salas de aula foram inseridas com as mesmas dimensões dos vãos existentes e as paredes internas do bloco são construídas em drywall, com tratamento acústico e placas de gesso.

Desse modo a intervenção dentro do existente visa principalmente a reversibilidade de Camilo Boito, visto que esses elementos podem ser montados e desmontados de forma independente sem interferir nas estruturas existentes. Além disso, o desperdício de materiais e o tempo de execução é menor, da mesma forma que as estruturas em aço.

Além disso, foi acrescentada uma segunda pele ao bloco principal para que o mezanino pudesse ficar com a altura adequada (Figura 143). Porém, para que a nova estrutura não ganhasse mais destaque do que o remanescente da olaria, foi utilizado o aço corten, o qual a cor se assemelha aos tijolos de alvenaria aparentes da olaria, mas se distingue do existente a medida que se trata de um material novo.

Figura 142- Esquema pilares e vigas metálicos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 143 - Segunda pele em aço corten.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

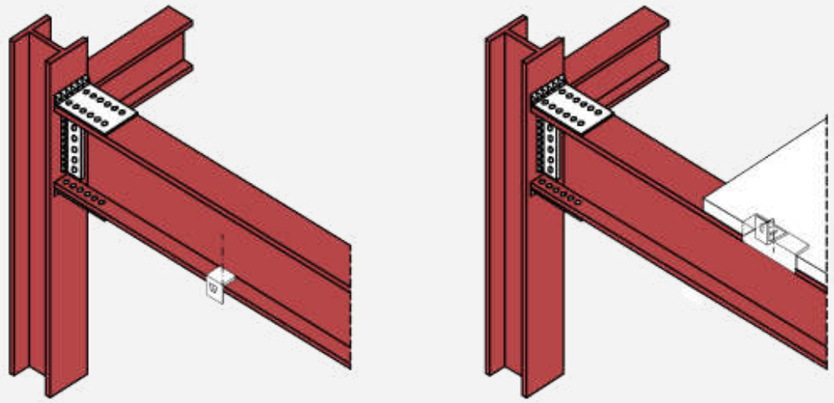
Para a fixação da segunda pele à estrutura são propostos calços de nivelamento e cantoneiras com furos em fenda que permitem a realização de ajustes em três dimensões e resistência a cargas provenientes em qualquer direção (CHING 2015). Esses elementos são adicionados ao sistema de vigas metálicas e na laje da edificação conforme mostra a figura 144.

Atrelado à segunda pele, no mezanino são acrescentadas portas de correr, que possibilitam a abertura e passagem do vento pela segunda pele, mas que evitem a entrada da água da chuva quando necessário (Figura 145). O controle da luz no espaço é feito pela estrutura em trama de aço corten, que permite a passagem de luminosidade de maneira moderada. O espaço resultante entre a segunda pele e o mezanino é utilizado para a alocação da calha (Apêndice M).

Também foi mantido o formato das duas águas da coberta (Figura 146), apesar de ter sido removida, foi possível fazer esta análise a partir dos formatos das paredes de alvenaria que acompanham a antiga forma do telhado. Além disso, são adicionados lanternins em toda a sua extensão, para que a iluminação entre sem a incidência direta do sol.

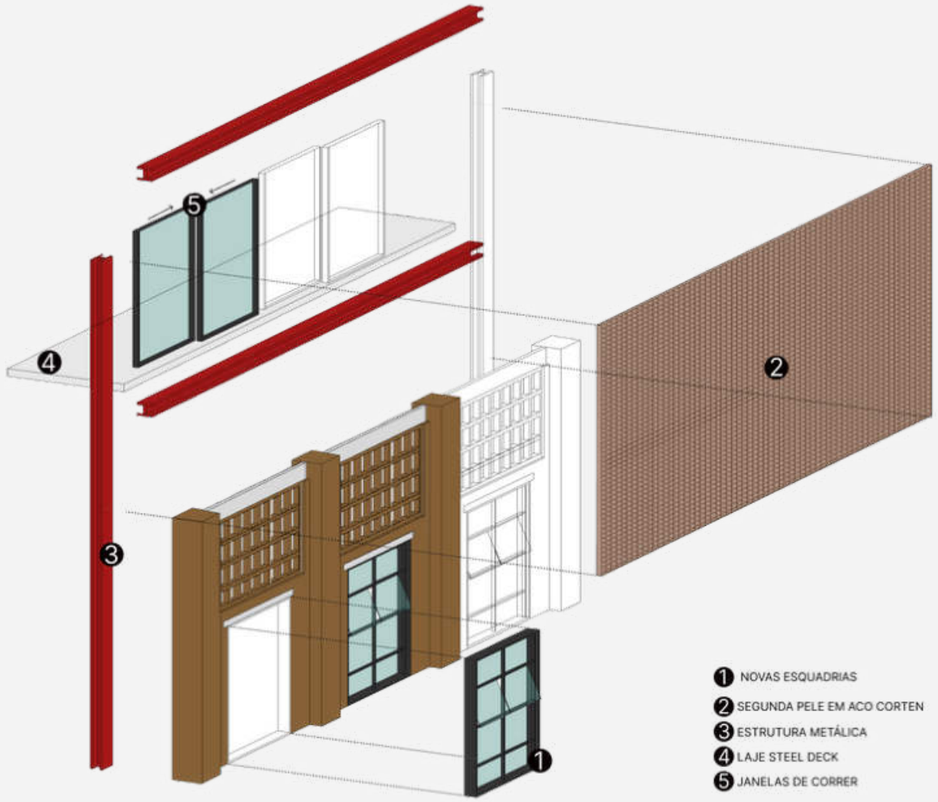
Ao longo do caminho central se encontram os antigos pilares da edificação em alvenaria que foram mantidos reforçando o eixo do volume (Figura 147). No piso da edificação foi incorporado o concreto, que é também é utilizado na área externa, pois atualmente o bloco não possui paginação.

Figura 144 - Esquema com detalhe do encaixe da segunda pele nas vigas metálicas e laje.



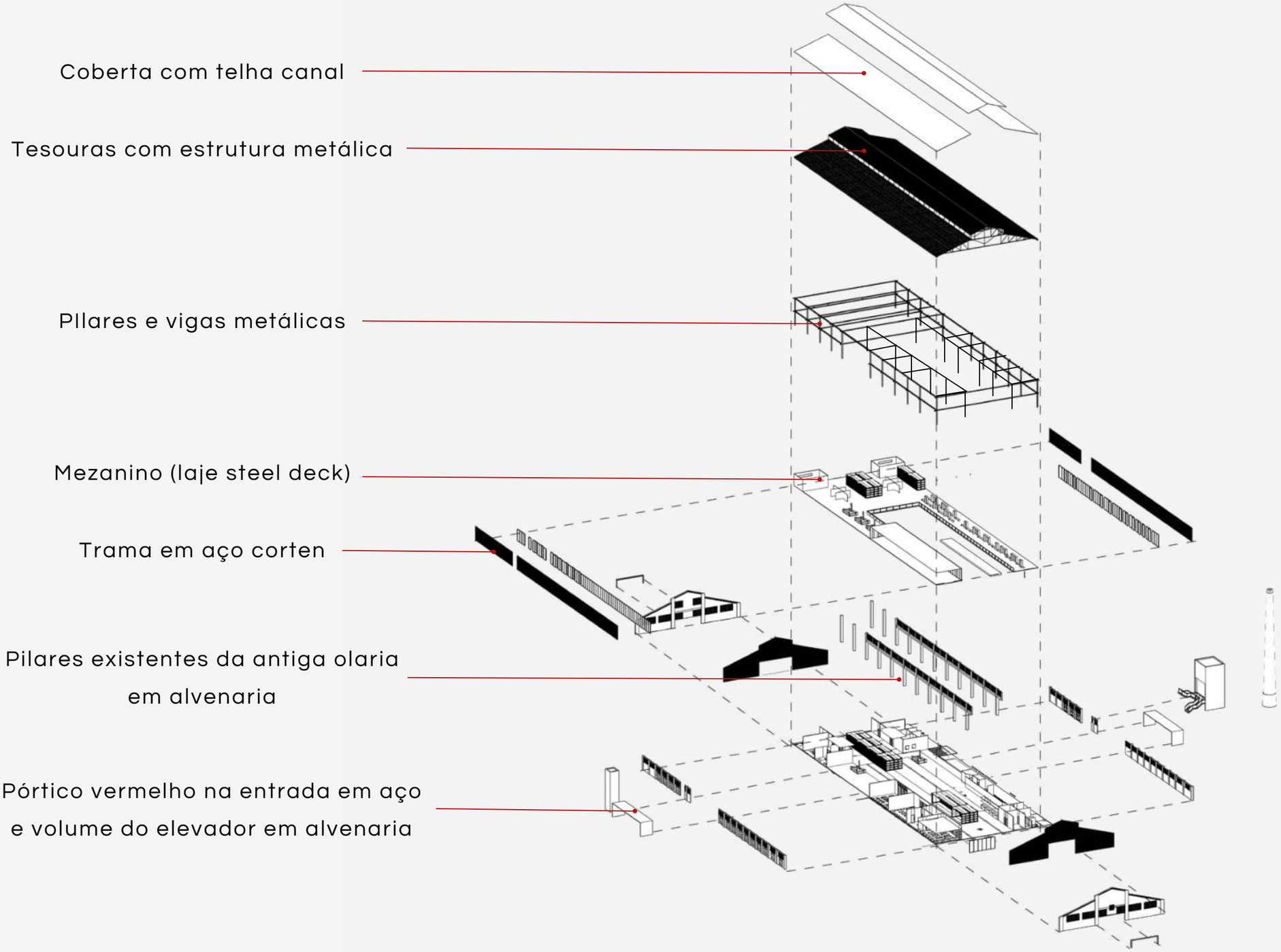
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 145 - Esquema estrutura da fachada.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 146 - Esquema com estrutura explodida (Bloco educacional e comercial)



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 147 - Eixo central com os pilares em alvenaria da antiga olaria.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

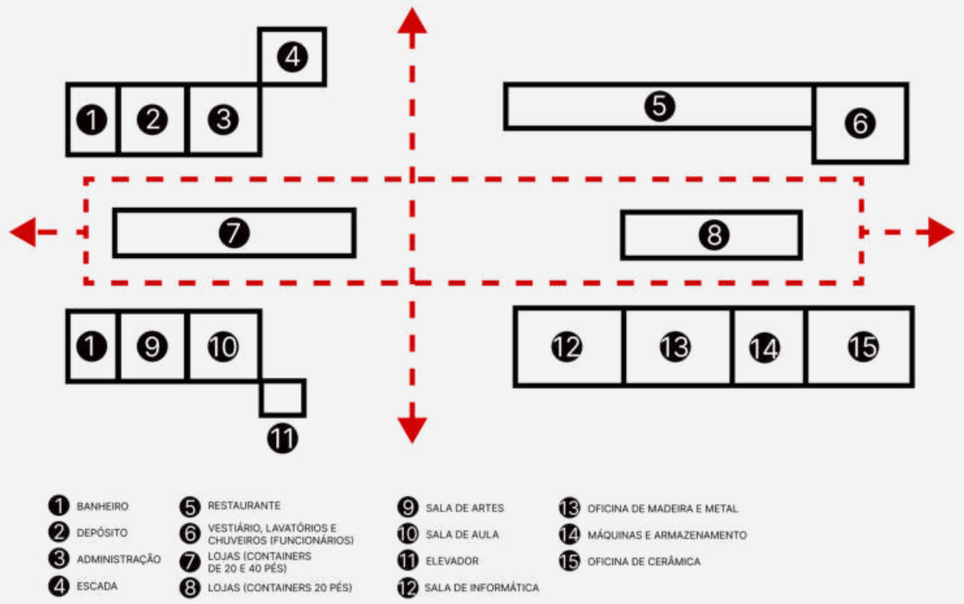
As paredes em drywall que limitam os ambientes internos possuem o pé direito de 3 metros, enquanto o mezanino, projetado em laje steel deck com concreto pigmentado ocre, está inserido a 4 metros do piso da edificação em razão das instalações prediais que ficam expostas ao longo do vão criado entre os volumes. Apenas as salas voltadas para as oficinas de cerâmica, madeira e metal possuem forro com manta para o com isolamento acústico.

A laje steel deck possui a função tanto fôrma quanto de armadura positiva semelhante ao que ocorre no concreto armado e protendido, composta por telha de aço galvanizado e recoberta por uma camada de concreto (CARVALHO 2022). Ela foi escolhida por ser um tipo de laje que produz poucos resíduos na execução, peso reduzido devido ao seu formato com nervuras largas e indicada para diversos tipos de uso, desde residências até ambientes industriais.

Para o seu dimensionamento foi utilizada a NBR 16421 - Telha-Fôrma de Aço Colaborante para Laje Mista de Aço e Concreto - a qual sua altura e largura foram definidas e projetadas com 100mm (50mm< altura/largura útil <150mm).

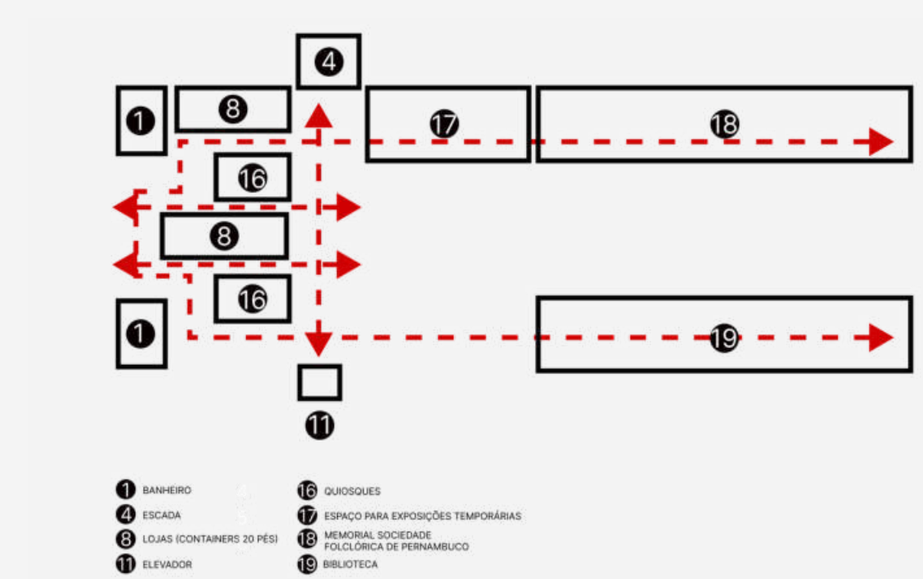
A edificação foi zoneada para receber três tipos de uso, comercial, educacional e serviços. No térreo foram especializados o restaurante, administração e depósito a noroeste e a sudeste são alocadas as salas de aulas e oficinas. Todo o eixo central do térreo abriga as lojas em containers com espaços de estar (Figuras 148 e 149).

Figura 148 - Diagrama com fluxos e organização dos espaços (Bloco Educacional e Comercial - Térreo).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 149 - Diagrama com fluxos e organização dos espaços (Bloco Educacional e Comercial - Mezanino).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O bloco central da Casa Chico é responsável por abrigar a Escola de Oleiros do Instituto Brennand (Figura 150) , com a finalidade de recuperar, valorizar e repassar técnicas de uma das atividades que existiam no local, garantindo a manutenção e continuidade desta memória, juntamente com oficinas de madeira e metal.

Também são propostas salas de informática que recebem os cursos profissionalizantes do Programa Trilha TI promovido pelo SENAC e Porto Digital, que oferecem vagas gratuitas em cursos de qualificação e aperfeiçoamento em tecnologia da informação. O programa será responsável por oferecer oportunidades para os jovens da ocupação e do bairro ingressarem num mercado com alta demanda por profissionais qualificados, além de ajudar a dinamizar economicamente o estado, beneficiando regiões onde este tipo de formação não chega com tanta frequência.

Pensando no uso contínuo desses espaços de ensino ao longo do dia, são propostas duas salas de aula para crianças, sendo uma dedicada para oficinas e artes. As duas salas são conectadas através de divisórias com portas de correr, que possibilitam a ampliação do espaço de aprendizagem quando abertas (Figura 151).

As lojas e serviços são alocados ao longo do eixo da edificação em containers de 20 e 40 pés (Figura 152). Foram propostos o layout de lojas especializadas em atendimento em balcão nos containers de 20 pés, de acordo com o Neufert (p.266), e para os containers de 40 pés o layout é livre para a ocupação da manei-

Figura 150 - Escola de Oleiros do Instituto Brennand.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 151 - Salas de aula para crianças.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

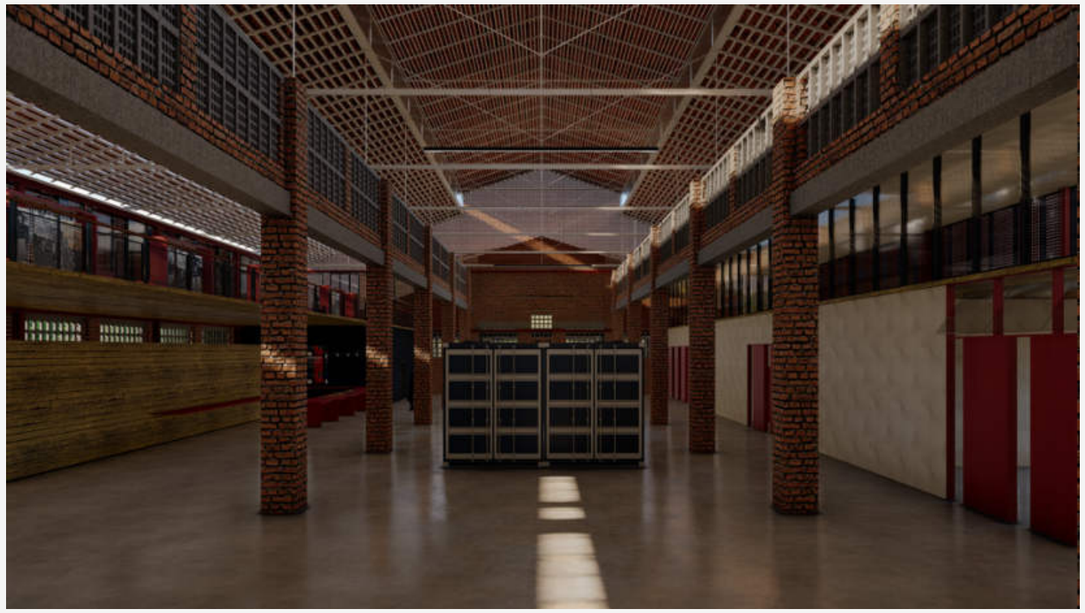
ra necessária, recebendo lojas colaborativas que são responsáveis por abrigar mais de um microempreendedor em um espaço através do compartilhamento e troca de serviços.

Para a proposta do restaurante da Casa Chico foi utilizado como base o restaurante do SESC Pompéia no que diz respeito ao atendimento. Os funcionários da Casa Chico poderão usufruir do espaço sem agendamento e de forma gratuita, porém, para o público externo será necessário realizar o agendamento prévio, evitando a superlotação, e o pagamento de uma taxa que será destinada para o funcionamento do próprio restaurante. Além disso, o espaço pode ser utilizado como refeitório social para iniciativas sociais que trabalham com o acolhimento para moradores de rua.

A disposição dos ambientes foi baseada no restaurante parisiense do arquiteto Prunier detalhado no livro Manual do Arquiteto de Pamela Buxton (p. 18 cap. 29), com sistema self-service para que pudessem ser alocados no sentido longitudinal da edificação, ocupando menos espaço possível para que o eixo central ficasse livre (Figura 153). O restaurante também possui um acesso próprio para a área externa da edificação para que possam ser feitas a descarga de mercadorias, além do acesso ao bloco com a central de energia e lixo.

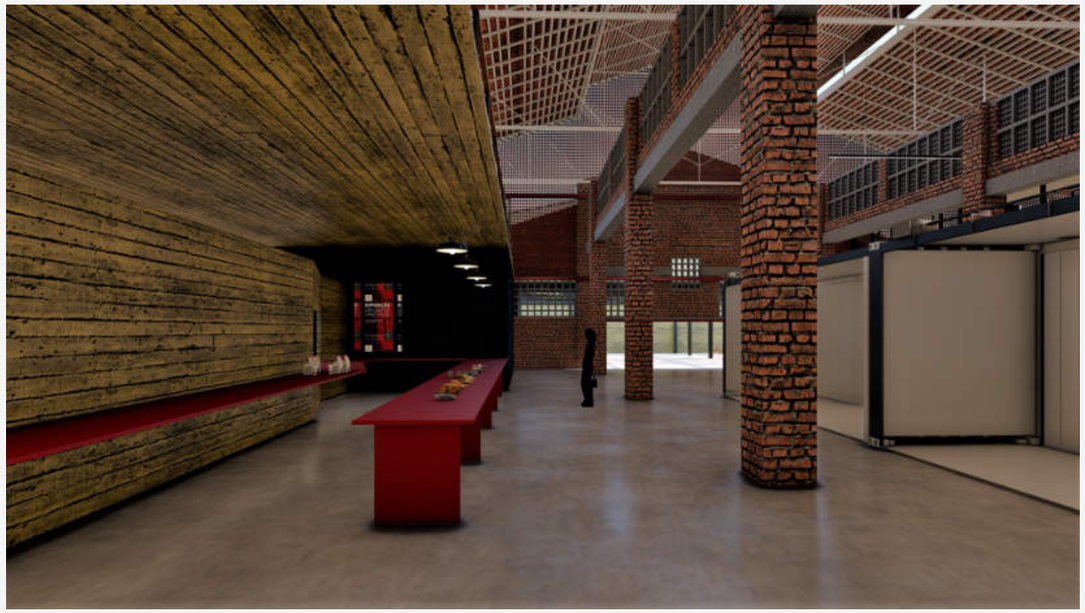
No mezanino proposto foram dispostas algumas lojas em containers de 20 pés da mesma forma que o térreo e quiosques modulares. Também foi inserida ao projeto uma biblioteca que se enquadra no tipo ‘’Biblioteca Pública’’ segundo a Tabela 10 do livro Manual do Arquiteto (cap. 23 p. 1). Ela foi dividida em

Figura 152 - Eixo central da edificação.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 153 - Restaurante da Casa Chico.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

três zonas, próximo à entrada foram alocados o balcão e o espaço infantil, seguido dos armários dispostos em fileiras com livros, criando corredores de 1.50m de largura e espaços com computadores para o acesso ao acervo digital e pesquisas, além dos ambientes de estudo e salas para reunião (Apêndice L).

Tabela 10 - Tipos de Biblioteca.

Principais tipos de biblioteca	Características
Biblioteca Nacional	• Coleção nacionais de livros, periódicos, mapas, etc. • Voltada para pesquisa • Acervo de obras antigas e sua conservação • Para o leitor especializado
Biblioteca Pública	• Coleções de livros e CDs principalmente para empréstimos • Locais de encontro e troca de informações • Redes de computadores para as pessoas usarem • Ampla variedade de materiais, incluindo interesses do município • Base de informações para a comunidade • Geralmente integradas a outras edificações culturais • Leitores diversos

Biblioteca Acadêmica	• Apoio para o ensino, a aprendizagem e a pesquisa • Local onde novos conhecimentos são gerados e trocados • Grandes coleções especializadas para pesquisa • Áreas de informática e multimídia à parte • Acesso 24 horas
Bibliotecas Profissionais	• Coleções especializadas de livros e periódicos profissionais e especiais • Geralmente contém materiais raros ou frágeis em outros suportes além do papel • Equipamento com acesso restrito • Acesso público limitado • Acervo de obras antigas e sua conservação • Grupo restrito de usuários

Por último, o Memorial da Sociedade Folclórica de Pernambuco (Figura 154), que também está inserido no mezanino da edificação e busca trazer a memória do local, além de abrigar os antigos equipamentos da olaria que estão dispersos no terreno e que precisam ser restaurados em razão da ferrugem e danos causados pelas intempéries.

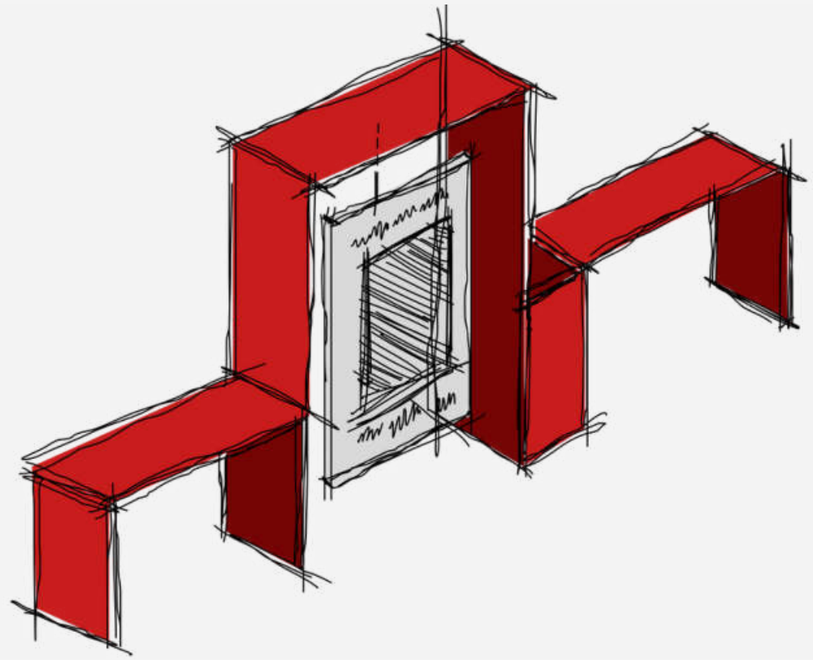
Figura 154 - Memorial da Sociedade Folclórica de Pernambuco.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

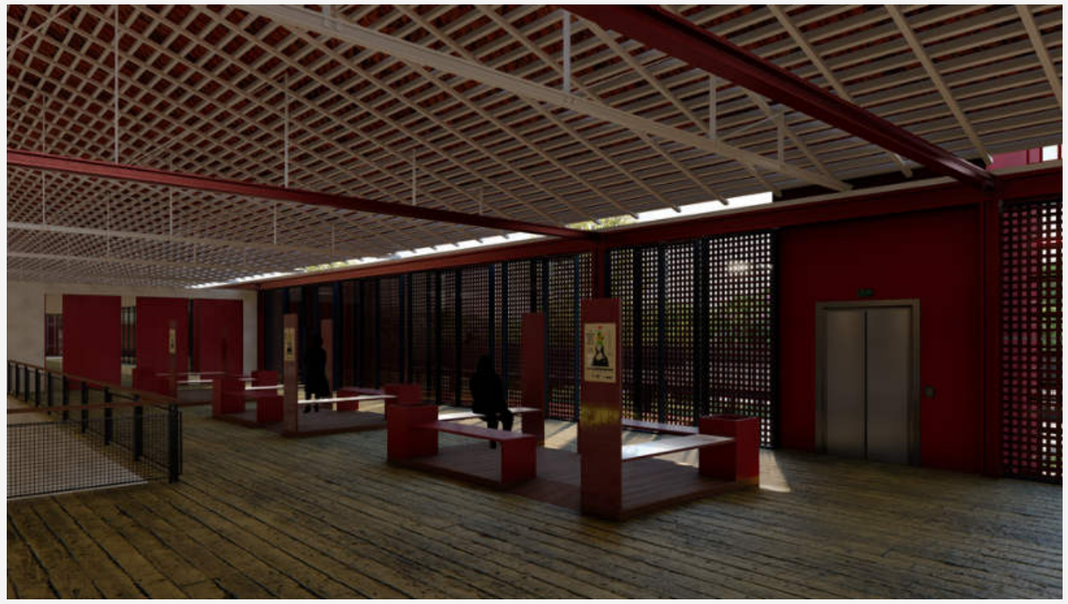
O Memorial é distribuído em bancos modulares que se destacam na cor vermelha e recebem espaços para a fixação de painéis que mostram a história da edificação com textos e recortes de periódicos (Figura 155). Os bancos modulares também são utilizados em outros espaços da edificação, como em locais de exposições temporárias e em espaços de estar no térreo (Figura 156).

Figura 155 - Croqui dos bancos modulares do Memorial.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 156 - Bancos modulares com espaços para anúncios de eventos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

6.4.3 COOPERATIVAS

Figura 157 - Cooperativas, café e lanchonete.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

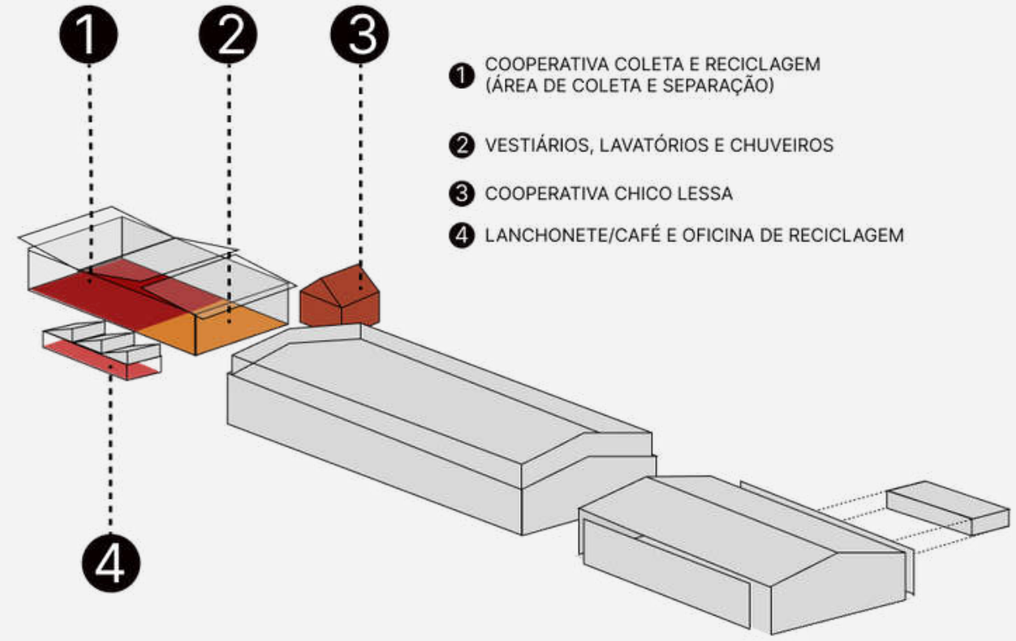
COOPERATIVA CHICO LESSA

A Cooperativa Chico Lessa surgiu da necessidade de ter uma edificação responsável por abrigar espaços encarregados de organizar todas as questões relacionadas aos comércios e serviços administrados pelos moradores da ocupação (Figura 160). O objetivo da cooperativa de trabalho é que a própria comunidade possa exercer as atividades profissionais com proveito comum, autonomia e autogestão para obtenção de renda.

A edificação escolhida para receber o uso foi a atual casa dos seguranças do terreno em razão do estado de conservação da mesma, sendo a única estrutura do terreno com poucos danos causados pelos processos das intempéries, como foi apresentado no capítulo 4. Entretanto, o projeto de espacialização e layout dos ambientes desta edificação não será detalhado pois não foi possível coletar dados suficientes para a elaboração dos mesmos em virtude do atual uso, restrito apenas para os proprietários do terreno.

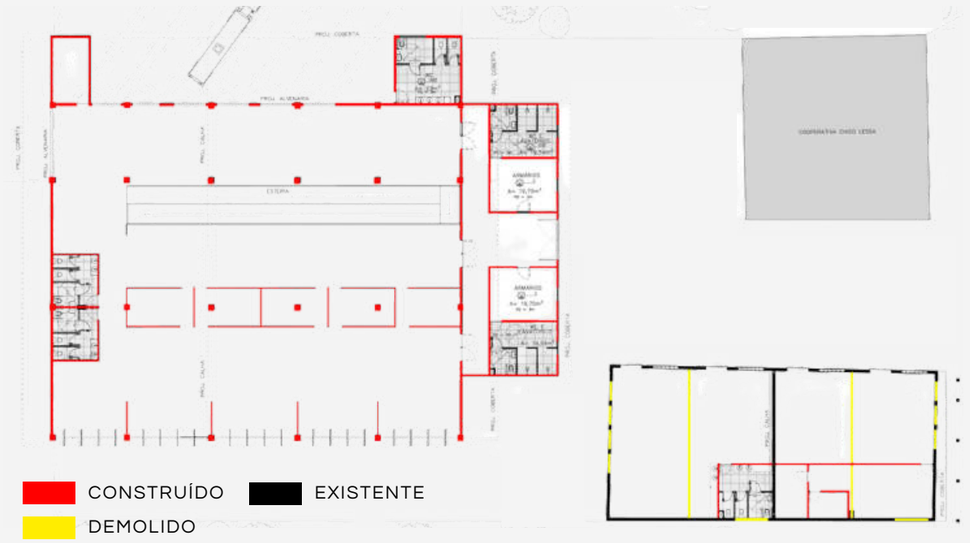
Com a visita de campo foi possível realizar o levantamento das fachadas (Figura 161), que serão mantidas sem nenhuma intervenção, sendo necessário apenas a manutenção de alguns elementos que se encontram quebrados, como as esquadrias, e com infiltrações, a exemplo dos tijolos que compõem a edificação. As esquadrias serão substituídas por outras em aço na cor preta, da mesma forma que o bloco central, e a alvenaria continuará exposta, da mesma forma que os volumes da olaria, e será mantido por meio de manutenção, como limpeza e impermeabilização (Figura 162).

Figura 158 - Diagrama com o zoneamento das cooperativas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 159 - Planta de demolição e construção (Cooperativa Chico Lessa, Cooperativa de Reciclagem e Oficina/Lanchonete/Café).



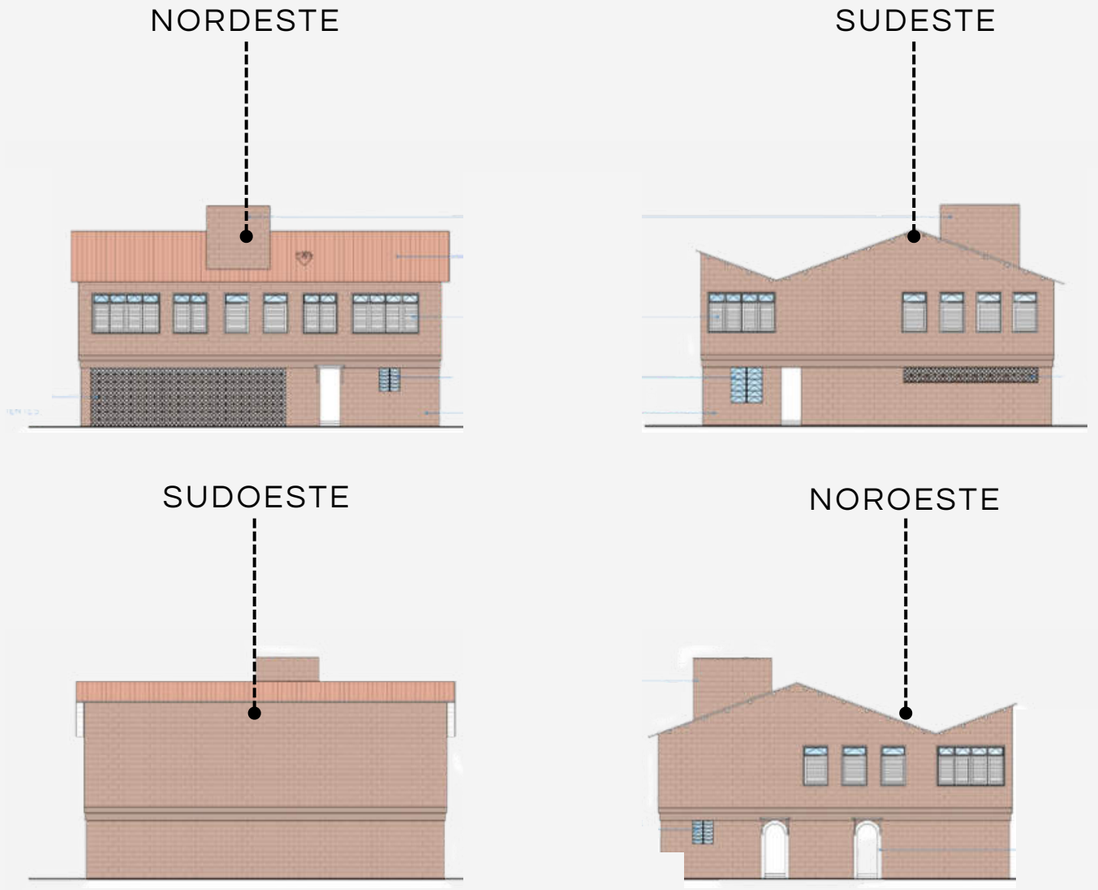
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 160 - Cooperativa Chico Lessa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 161 - Proposta com as fachadas requalificadas para a Cooperativa Chico Lessa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 162 - Fachadas requalificadas da Cooperativa Chico Lessa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

COOPERATIVA DE RECICLAGEM

Tabela 9 - Ficha técnica Cooperativa de Reciclagem

Ficha Técnica	Área
Área construída	976 m²
Número de pavimentos	1
Número de elevadores	0
Capacidade do espaço	50 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A Cooperativa de Coleta e Reciclagem (Figura 163) surgiu da necessidade de trazer os resíduos como outra forma de geração de renda para os moradores da ocupação e do bairro por meio da realocação das pessoas ao mercado de trabalho. Esses espaços são responsáveis por realizar um conjunto de ações voltadas para a reciclagem do lixo, como a triagem e destinação final dos resíduos sólidos, podendo ser o aterro quando não há soluções de reaproveitamento.

Segundo o site da Trashin, empresa referência na gestão de resíduos em Porto Alegre, as cooperativas de reciclagem ajudam a gerar empregos e colaboram para a valorização do trabalho de catadores, responsáveis por coletar cerca de 90% dos resíduos recicláveis no Brasil. Além disso, através da venda dos resíduos para recicladores, a cooperativa divide o valor entre todos os cooperados, gerando também um alto impacto positivo.

Figura 163 - Cooperativa de reciclagem.



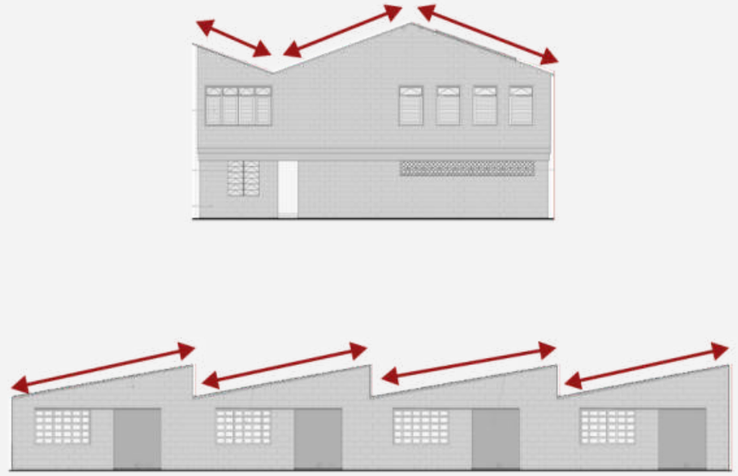
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Para o novo volume construído, a Cooperativa de Coleta e Reciclagem, foram utilizados elementos em aço, madeira e concreto, mas sem perder a leitura do todo, respeitando as alturas dos blocos existentes (Figura 164). A cobertura do bloco foi pensada através de uma releitura das coberturas dos blocos onde se encontram as oficinas, onde em ambos são utilizados o sistema de ventilação e iluminação com sheds com telhas termoacústicas, comumente conhecidas como telhas sanduíche. A estrutura da cooperativa foi construída do zero em um espaço livre onde as estruturas da antiga olaria foram demolidas, restando apenas os volumes das antigas oficinas.

As telhas termoacústicas possuem serão feitas com isolamento de poliestireno expandido EPS (isopor), sendo o tipo mais comum e mais barato do mercado em relação aos outros materiais isolantes com densidade de 20kg/m³ (JACOB 2017).

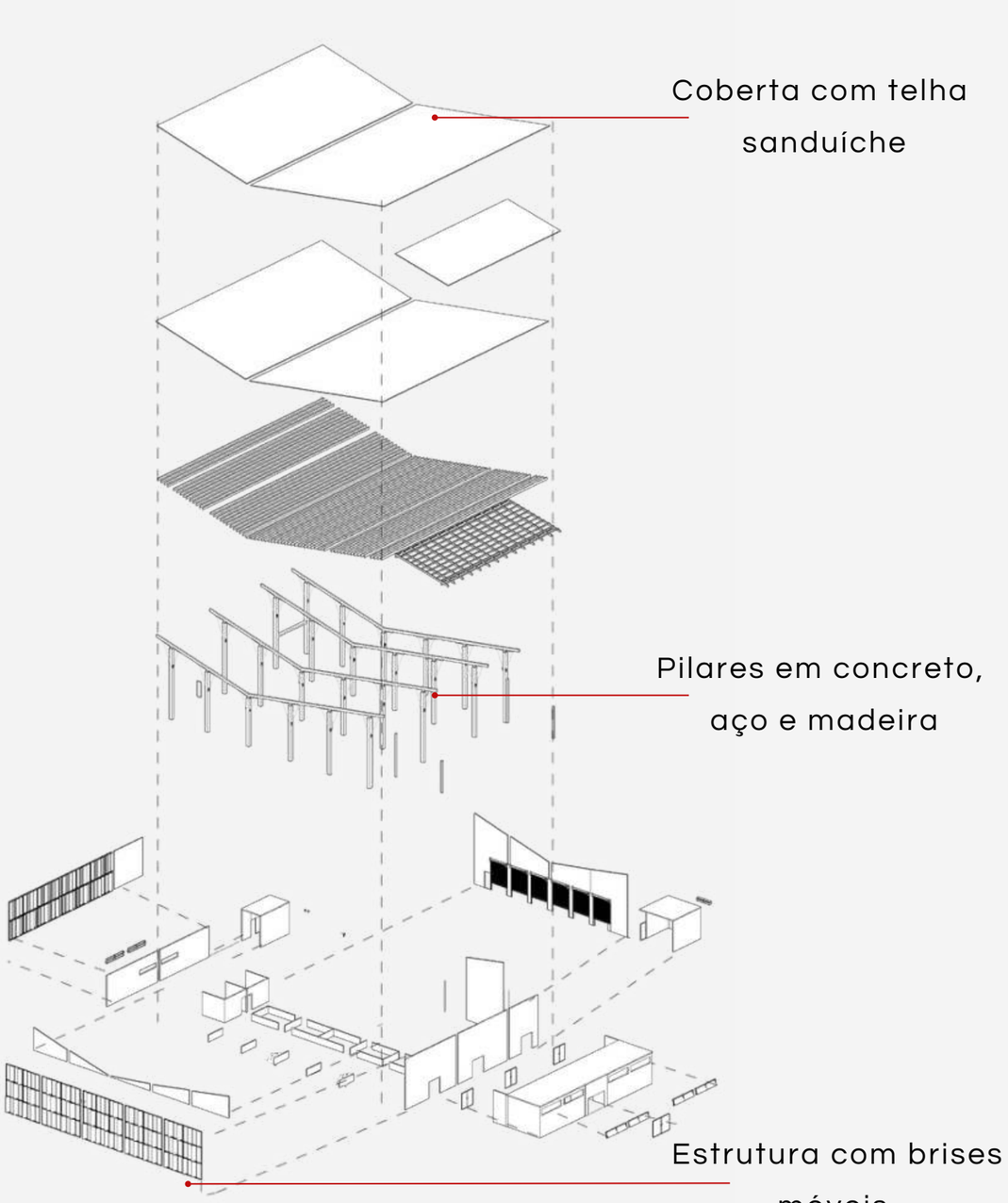
Os pilares são inspirados no projeto da Casa Barnes de Patkau Architects no Canadá (Figura 166). A estrutura composta por concreto, aço e madeira possibilitou a estruturação da coberta com a calha central, seguindo as cobertas existentes, mas incorporando materiais diferentes dos utilizados até então para que o bloco como um todo fosse identificado como um novo volume. Porém, sem perder a leitura dos materiais em aço na cor vermelha, destacando alguns elementos construtivos e respeitando as alturas das pré existências.

Figura 164 - Esquema com a releitura das cobertas existentes para a proposta da Cooperativa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 165 - Esquema estrutura explodida (Cooperativa de Reciclagem).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 166 - Esquema com pilares da Casa Barnes e os propostos para a Cooperativa.



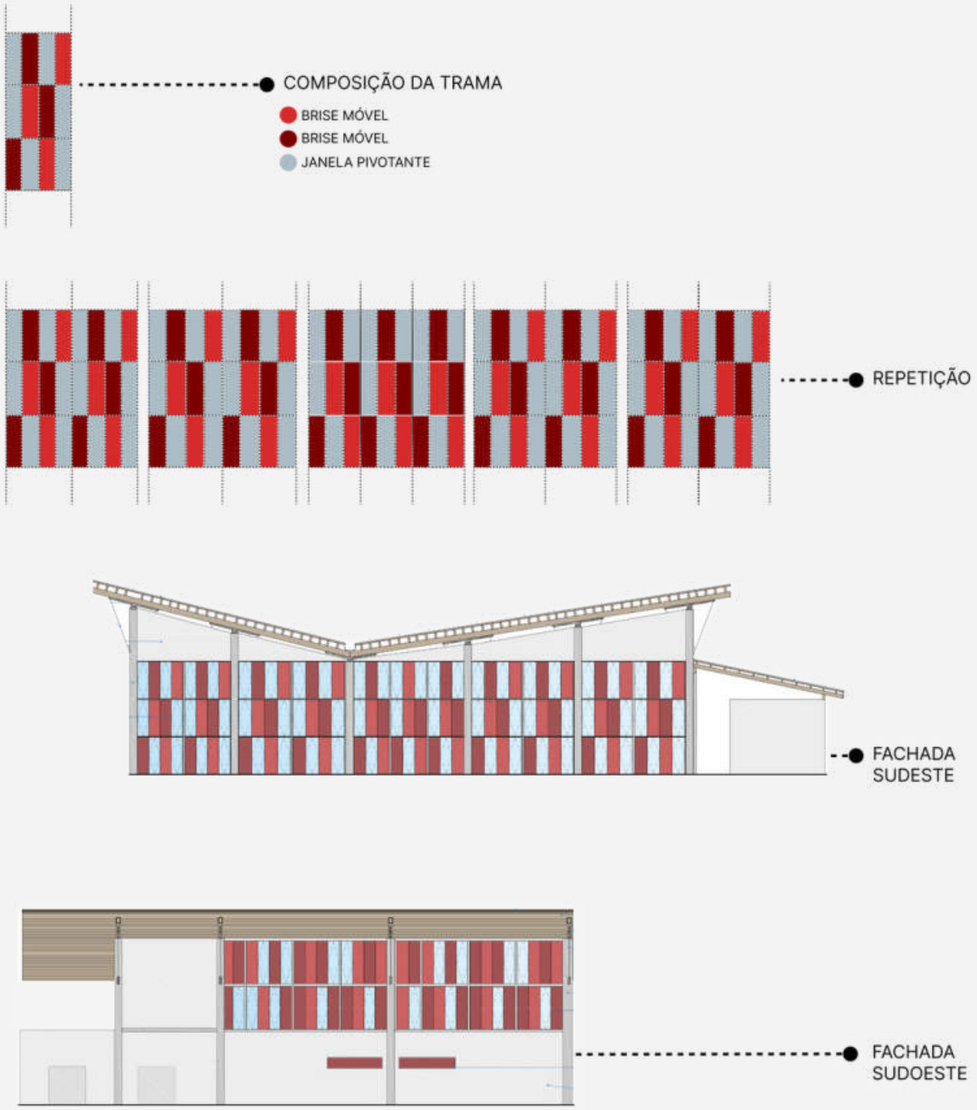
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

As paredes a sudeste e sudoeste recebem uma estrutura de aço que abriga brises verticais móveis em tons vermelhos que compõem as fachadas junto com janelas pivotantes (Figura 167). A estrutura garante um controle passivo da temperatura interna sem ar condicionado, e por possuir elementos móveis que rotacionam no seu próprio eixo é permitido a modulação da luz interna e do fluxo de ar.

Além disso, serão instaladas placas solares no telhado, para que o excedente de energia produzida seja revertida para abastecer as casas vizinhas, gerando uma renda adicional e fornecendo energia sustentável e limpa para a cidade.

A área do galpão onde funciona de forma efetiva a coleta e separação do lixo possui o pé direito mais alto que o volume onde foram alocados os vestiários, chuveiros e lavatórios, em razão da tipologia de galpão que é utilizada por cooperativas de coleta ou estações de triagem (Figura 168).

Figura 167- Composição de fachada (Cooperativa de Reciclagem).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 168 - Interior da cooperativa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O volume da cooperativa abriga o espaço para coleta dos resíduos é dividido em três espaços de atividades: área de coleta próximo aos espaços de carga e descarga, área de separação dos materiais recicláveis e área para organização e armazenamento. A edificação mais baixa é responsável por dispor os ambientes que são utilizados pelos funcionários diariamente, sendo eles os vestiários, lavatórios e chuveiros, e o acesso principal ao bloco é feito por esse volume (Figura 169).

OFICINA, LANCHONETE E CAFÉ

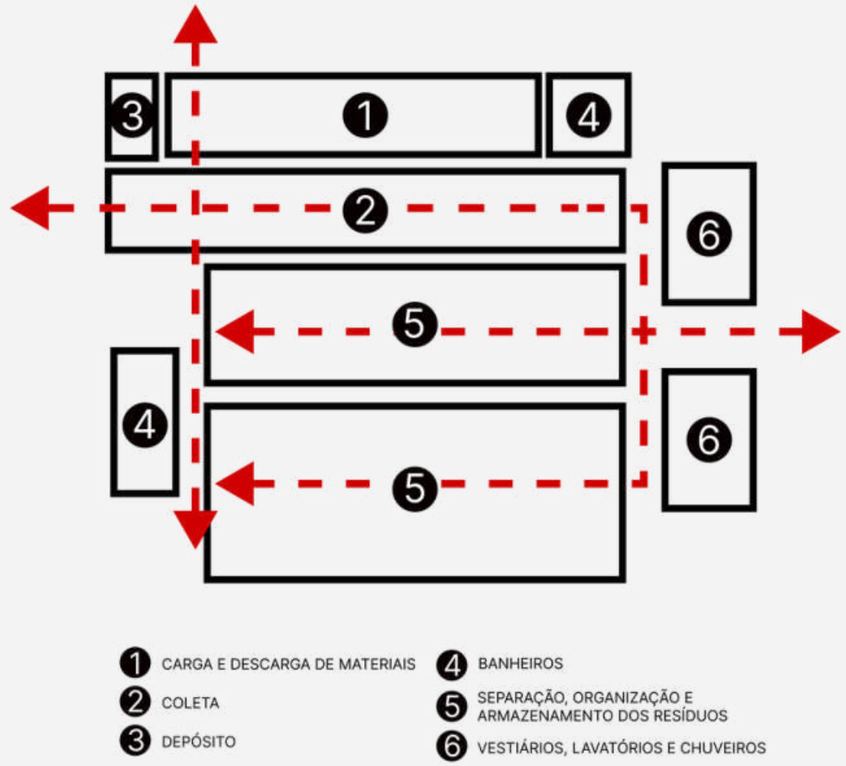
Tabela 12 - Ficha técnica Oficina, Lanchonete e Café

Ficha Técnica	Área
Área construída	290 m²
Número de pavimentos	1
Número de elevadores	0
Capacidade do espaço	60 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Próximo à Cooperativa foram alocados a lanchonete/café e a oficina de reciclagem nas antigas instalações que abrigavam oficinas da olaria (Figura 172). Da mesma forma que o bloco central, essas edificações não possuíam cobertura, como foi apontado no capítulo 4, e por essa razão foram propostas novas cobertas que seguiram o formato do volume existente (Figura 173). Por essa razão, foi possível a criação de sheds nesses espaços com estruturas metálicas

Figura 169 - Diagrama com fluxos e organização dos espaços (Cooperativa de Coleta e Reciclagem).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 170 - Área de carga e descarga.



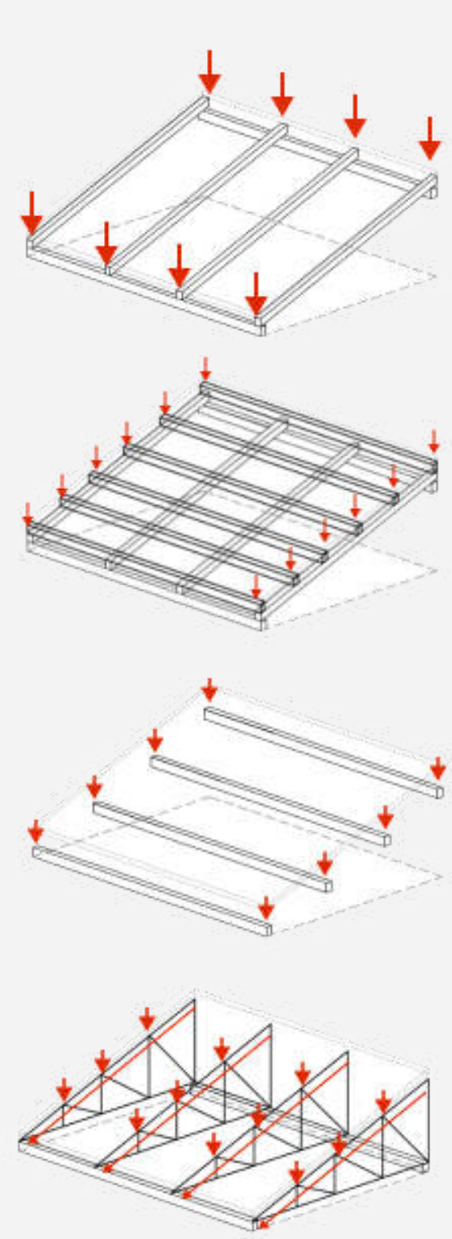
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 171 - Oficina de reciclagem, lanchonete e café.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 172 - Esquema com a nova estrutura da cobertura e distribuição dos pesos (Lanchonete/Café e Oficina de Reciclagem).



Fonte: Francis Ching. Adaptado pela autora, 2023

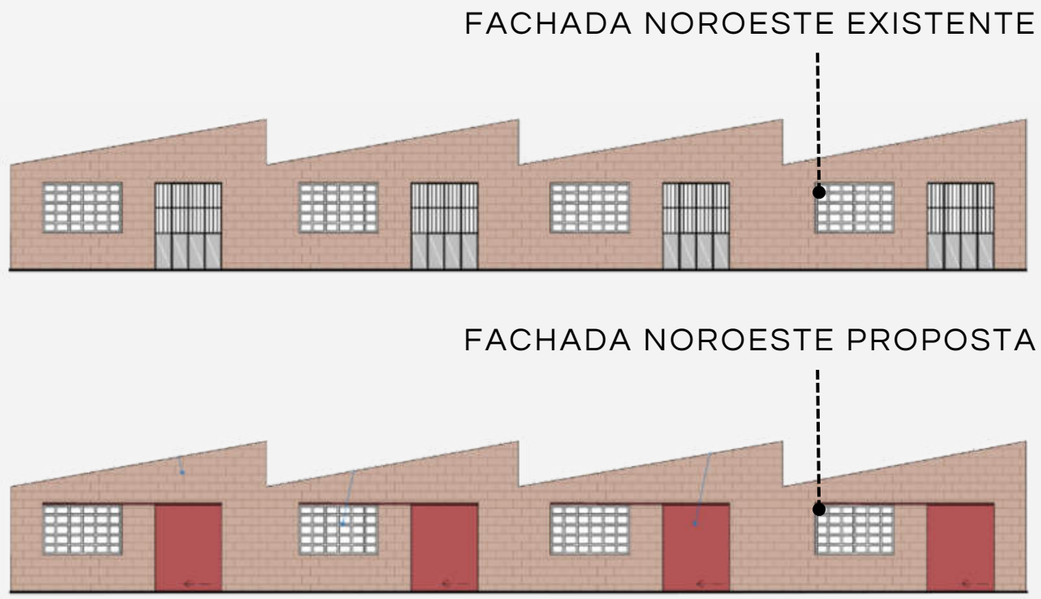
Figura 173 - Alvenaria exposta (Oficina de reciclagem, lanchonete e café).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Da mesma maneira que os tijolos foram deixados aparentes em outras estruturas existentes, as instalações das oficinas e da lanchonete/café seguem a mesma lógica (Figura 173). Apenas as portas existentes foram trocadas em razão do estado avançado de deterioração das mesmas, e substituídas por portas de correr vermelhas (Figura 174). Além disso, algumas paredes internas que dividiam os ambientes foramF removidas para que os usos pudessem ser inseridos em um espaço que comportasse as atividades (Apêndice P).

Figura 174 - Fachadas existentes e propostas (Lanchonete/Café e Oficina de Reciclagem).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 175 - Interior da Oficina de Reciclagem.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

CAPÍTULO

7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As edificações fabris estão sendo esquecidas e esta problemática surge pois a elas é atribuída menor importância do que se deveria. A obsolescência dessas estruturas e demolição do patrimônio com a finalidade de construir edifícios novos sugere a falta de informação sobre valor histórico dos edifícios e a a ineficácia dos órgãos reguladores de salvaguardar esse tipo de patrimônio. A (re)ocupação da antiga olaria Cerâmica Apipucos é um resgate cultural que pode ajudar a conservar o restante do valor de rememoração da arquitetura fabril do Recife, pois incentivar esse tipo de atitude não somente contribui com a preservação cultural Pernambucana, mas oferece possibilidades econômicas úteis.

A requalificação proposta neste trabalho tem como base o emprego de materiais leves e de fácil remoção, isso pode ser visto no gesto de criação do mezanino e estruturação das cobertas metálicas acarretará em menos impacto construtivo, tanto no canteiro de obras quanto na arquitetura consolidada e também na aplicação de peças pré-moldadas que agilizarão o processo construtivo da Casa Chico, através do uso de um sistema de paredes em drywall. O estudo de caso do SESC Pompéia em São Paulo é um exemplo bem sucedido desse tipo de intervenção com poucas interferências no existente e o resultado é uma arquitetura leve e despretensiosa que marca sua passagem no tempo através do contraste dos estilos sem interferir na edificação antiga de forma brutal.

Constata-se que a criação da Casa Chico como centro social na cidade do Recife oferecia oferecerá infraestrutura e suporte ao pequeno empreendedor, o qual teria à sua disposição cursos

técnicos especializados, uma cooperativa de trabalho como suporte a ocupação e também a oportunidade de começar seu negócio a um baixo custo através das lojas colaborativas. Além disso, a Cooperativa de Reciclagem seria um gerador de renda promoveria a sustentabilidade, pois muitos materiais que poderiam ser reaproveitados acabam indo para o aterro. Tal situação precisa ser revertida e por essa razão é imprescindível o investimento em espaços com projetos sociais que sejam voltadas para a preservação do meio ambiente.

A localização da antiga olaria próximo a uma rodovia importante para a cidade e a conexão entre dois terminais integrados de transporte público da cidade reforçaria a procura pelos cursos técnicos no local. Atrelado a isso a promoção do comércio que aumentaria o tráfego de pessoas na área, principalmente no assentamento a oeste da Nova Morada. A oportunidade profissional que o centro social traria às comunidades do entorno e para o bairro é, sem dúvida, mais um grande potencial. Toda essa confluência é um ponto importante para o sucesso socioeconômico do empreendimento; um terreno de caráter privado com uma estrutura desativada há décadas que terá seu valor restaurado quando se conecta socialmente à população da cidade e é (re)ocupada.

Uma prova disso, são os estudos de caso analisados anteriormente. Vemos o SESC-Pompéia que agregou a cultura e diversas atividades de lazer e esporte às suas instalações e, atualmente, seu poder de atrair pessoas o tornou ponto turístico da cidade. Também a LX Factory, que transformou a antiga Companhia de Fiação e Tecidos de Lisboa em um complexo com

novas alternativas de trabalho e renda, com viés tecnológico, cultural e artístico, em uma área que costuma sediar eventos e festivais.

Conclui-se que esses sítios de caráter fabril, tem a potencialidade social amplamente conhecida e somente através da sua requalificação adequada pode-se promover o valor histórico e valor de uso para este tipo de imóvel.

CAPÍTULO

8

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

A “MORTE” do folclore recifense é vista com angústia por Bebinho. Jornal do Commercio. Recife, 01 de junho de 1972.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 5626: Sistemas prediais de água fria e água quente: Projeto, execução, operação e manutenção. Rio de Janeiro: ABNT, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 13532: Elaboração de projetos de edificações: Arquitetura. Rio de Janeiro: ABNT, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 16421: Telha-fôrma de aço colaborante para laje mista de aço e concreto: Requisitos e ensaios. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

BUCHANAN, R. Angus. Industrial Archaeology in Britain. Harmondsworth (GB): Penguin, 1972.

BUXTON, Pamela. Manual do Arquiteto: planejamento, dimensionamento e projeto. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2017.

CALDAS, Renata. Arquitetura Industrial em Recife: uma face da modernidade. Dissertação(mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco. RECIFE, 2010.

CARBONARA, Giovanni. Brandi e a restauração arquitetônica hoje, Desígnio, 2006, n. 6, p. 35-47.

Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial. TICCIH. Disponível em: <HTTP://TICCIH.ORG/WP-CONTENT/UPLOADS/2013/04/NTAGILPORTUGUESE.PDF>. Acesso em: 27 JULHO 2022.

CARVALHO, G. J. V. Q. A reciclagem dos usos industriais e as novas tipologias de actividades e espaços de cultura: caso de estudo: LX Factory. 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

CARVALHO, Matheus. Laje Steel deck: Elementos e Vantagens. Disponível em: <https://carluc.com.br/projeto-estrutural/laje-steel-deck/> . Acesso em: 12 Janeiro 2023.

CASTRO, Diogo. Regeneração de espaços industriais.Do espaço industrial à regeneração da cidade. UPCOMMONS. Disponível em: . Acesso em: 22 de setembro 2022.

CENTRO comunitário da paz transforma a periferia do Recife. Cidades Sustentáveis. Disponível em: <https://www.cidadessustentaveis.org.br/boas-praticas/53>. Acesso em: 15 de Dezembro de 2022.

CHING, Francis D. K. Sistemas estruturais ilustrados: padrões, sistemas e projeto/ Francis D. K. Ching, Barry S. Onouye, Douglas Zuberbuhler; tradução: Alexandre Salvaterra. -2 ed.- Porto Alegre: Bookman, 2015.

DALL'ANTONIA, Heloísa. LX Factory tem lojinhas, restaurantes e até balada em Lisboa. Disponível em: <https://www.viajenaviagem.com/lx-factory-lojas-restaurantes-balada-lisboa/> . Acesso em: 12 Dezembro 2022.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. Numa velha fábrica de tambores. Sesc Pompeia comemora 25 anos. Vitruvius, São Paulo, abr. 2008.

FOLCLORE: expressão vida da alma popular. Diário de Pernambuco. Recife 08 de junho de 1960. P. 7

GARCIA, Tânia da Costa. A Folclorização do Popular: uma operação de resistência à mundialização da cultura, no Brasil dos anos 50. ArtCultura, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 7-22, jan.-jun. 2010.

GUIA global de desenho de ruas. São Paulo: SENAC, 2018.

GUIMARÃES, Elaine. Recife: ocupação às margens da BR-101 reúne 230 famílias. Disponível em: <http://187.33.66.11/noticias/2022/01/14/recife-ocupacao-margens-da-br-101-reune-230-familias/> . Acesso em: 01 Agosto 2022.

INCITI, PURA. Plano Urbanístico de Recuperação Ambiental do Parque Capibaribe, TOMO 4- Parque. RECIFE:INCITI/UFPE,2020

JACOB, Felipe. Telhas Sanduíche; guia completo para escolha, instalação e manutenção. Disponível em: <https://calculistadeaco.com.br/telhas-sanduiche-guia-completo-para-escolha-instalacao-e-manutencao/> . Acesso em: 12 Janeiro 2023.

KÜHL, Beatriz. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e a sua preservação. PORTAL IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/algumas_questoes_relativas_ao_patrimonio.pdf> . Acesso em: 27 Julho 2022

KÜHL, Beatriz Mugayar. Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro. Cotia (SP): Ateliê/Fapesp, 2009, p. 40-2.

MATOSO, Marília. O futuro da alimentação é flexível, autônomo e passa pelas cidades. Archdaily, 18, Abr. 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/959024/o-futuro-da-alimentacao-e-flexivel-autonomo-e-passa-pelas-cidades>. Acesso em: Fevereiro 2023.

MORAES, Katarina. Cerca de 500 famílias sem-teto ocupam terreno à margem da BR-101 na Zona Oeste do Recife. Disponível em: <Cerca de 500 famílias sem-teto ocupam terreno à margem da BR-101 na Zona Oeste do Recife (uol.com.br)> . Acesso em: 10 Julho 2022.

NEUFERT, Ernst. Arte de projetar em Arquitetura. Trad. Benelisa Franco 18a Edição. Gustavo Gili, São Paulo, 2013.

NO SEU "Reino" de Apipucos, Baby Salgado Mantém-se Fiel Ao Folclore e Às Tradições. Diário de Pernambuco. Recife, 02 de outubro de 1962. P. 8.

PAULINO, D. M. M. Adaptação de patrimônio industrial a espaços expositivos informais. 2015. 205 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2015. f. 71-119.

PEREIRA, Bárbara. "LX Factory", a fábrica de ideias e experiências artísticas de Lisboa. EFE. Disponível em: < http://WWW.EFE.COM/EFE/PORTUGAL/DESTACADA/LX-FACTORY-A-FABRICA-DE-IDEIAS-E-EXPERIENCIAS-ARTÍSTICAS-LIBOA/> . Acesso em: 01 Agosto 2022.

RÁDIO: Festas Folclóricas. Diário de Pernambuco 26 de julho de 1949. P. 6
RECIFE terá novo shopping às margens da BR-101, em Apipucos. G1, 24, Ago. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/08/recife-tera-novo-shopping-margens-da-br-101-em-apipucos.html>. Acesso em: 20 Agosto 2022.

RECIFE terá novo shopping às margens da BR-101, em Apipucos. G1, 24, Ago. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/08/recife-tera-novo-shopping-margens-da-br-101-em-apipucos.html>. Acesso em: 20 Agosto 2022.

ROSA, Carolina. O patrimônio industrial: a construção de uma nova tipologia de patrimônio Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. Disponível em: <www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308189074_ARQUIVO_artigoANPUHCarolinaRosa.pdf> . Acesso em: 01 Agosto 2022.

RUFINONI, Manuela. Sítios Históricos Industriais: políticas de preservação e instrumentos de intervenção. PORTAL IPHAN. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t1_sitios_historicos_i ndustriais.pdf> . Acesso em: 19 de Agosto 2022.

SAMPAIO, Andréa. Vazios urbanos e patrimônio industrial: Interfaces com o ordenamento urbanístico e o patrimônio cultural. ANPARQ em:<https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-HDC-005-2- Sampaio.pdf> . Acesso em: 24 Julho 2022.

SILVA, Ronaldo; CORDEIRO, José. Reflexões acerca do Conceito de Patrimônio Cultural sob a Ótica do Patrimônio Industrial e da Arqueologia Industrial UNESP. Disponível em: < http://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/402/428> . Acesso em: 23 Julho 2022.

SOCIEDADE Folclórica de Pernambuco presta relevantes serviços ao nosso turismo. Diário de Pernambuco. Recife, 28 de novembro de 1965

SOMEKH, N.; CARDOSO, T.L. Reconversão de áreas industriais e inclusão social? o caso da LX Factory, Lisboa. Oculum Ensaios, v.18, e214690, 2021. https://doi.org/10.24220/2318-0919v18e2021a4720

SOMEKH, N.; ROLNIK, R. Governar as metrópoles: dilemas da recentralização. Cadernos Metrópole, v. 1, n. 8, p. 125-140, 2002.
TEIXEIRA, Yuri. Primeiro shopping sociocultural do Brasil, Casa Zero é inaugurada no Recife. <https://www.folhape.com.br/noticias/primeiro-shopping-sociocultural-do-brasil-casa-zero-e-inaugurada-no/240391/>. Acesso em: Agosto 2022.

VIEIRA, Natália Miranda. Posturas Intervencionistas Contemporâneas e a Prática Brasileira Institucionalizada In: Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. Campinas: Universidade Presbiteriana Mackenzie e Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2014

YAMAMOTO, Euriann. Jardins de chuva: solução para enchente, má alimentação e violência. Almanaque SOS, 27, Ago. 2021. Disponível em: <https://www.almanaquesos.com/jardins-de-chuva-alagamentos-alimentacao-violencia/>. Acesso em: Fevereiro, 2023.

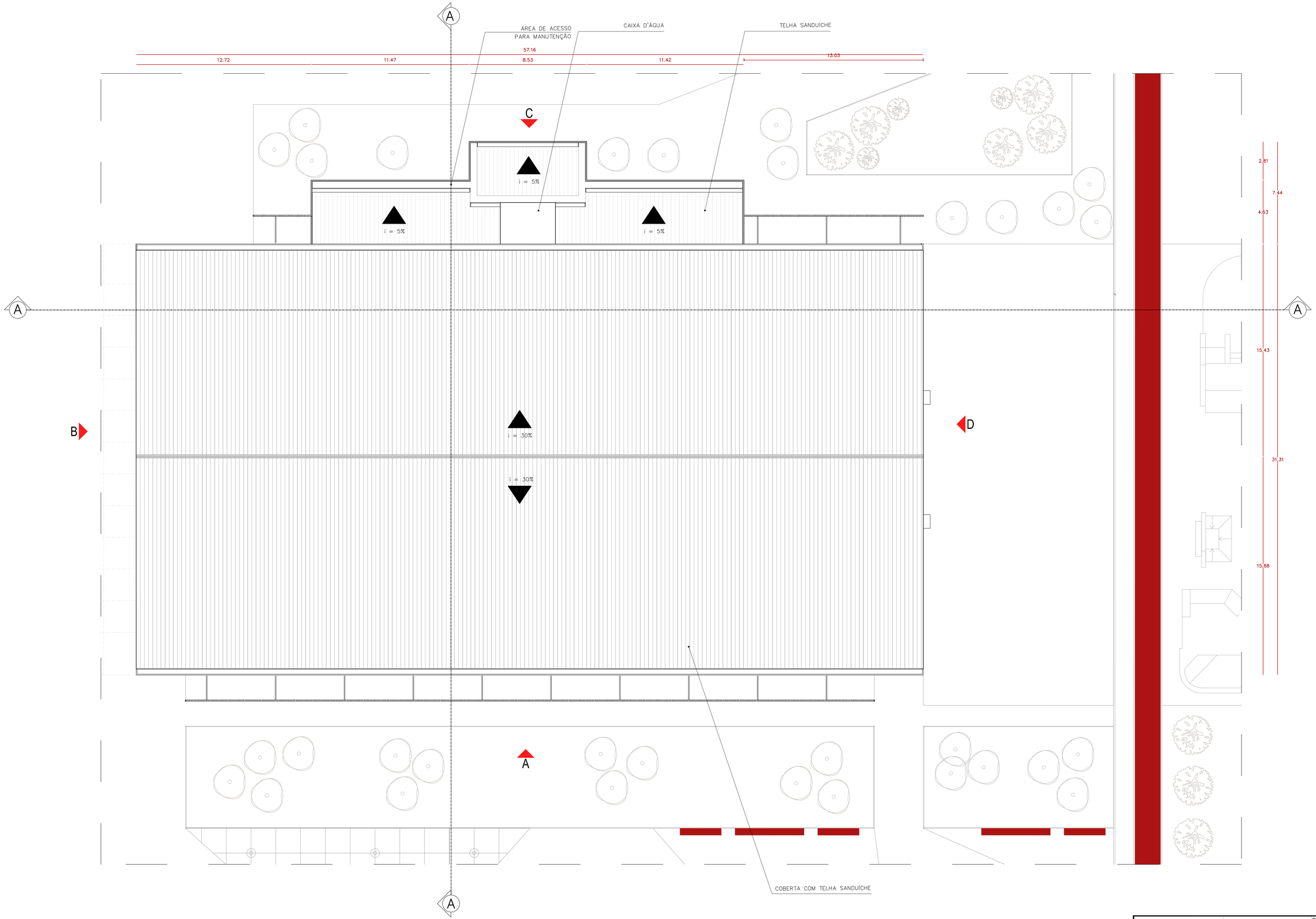
ZANCHETI, Silvio. SILVA, Aline. BRAGA, Anna Caroline. GAMEIRO, Fabiana. LIRA, Flaviana. A pátina na cidade. Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Olinda, 2008.

CAPÍTULO

3

APÊNDICES

APÊNDICE A - PLANTA DE COBERTA BLOCO ESPORTIVO

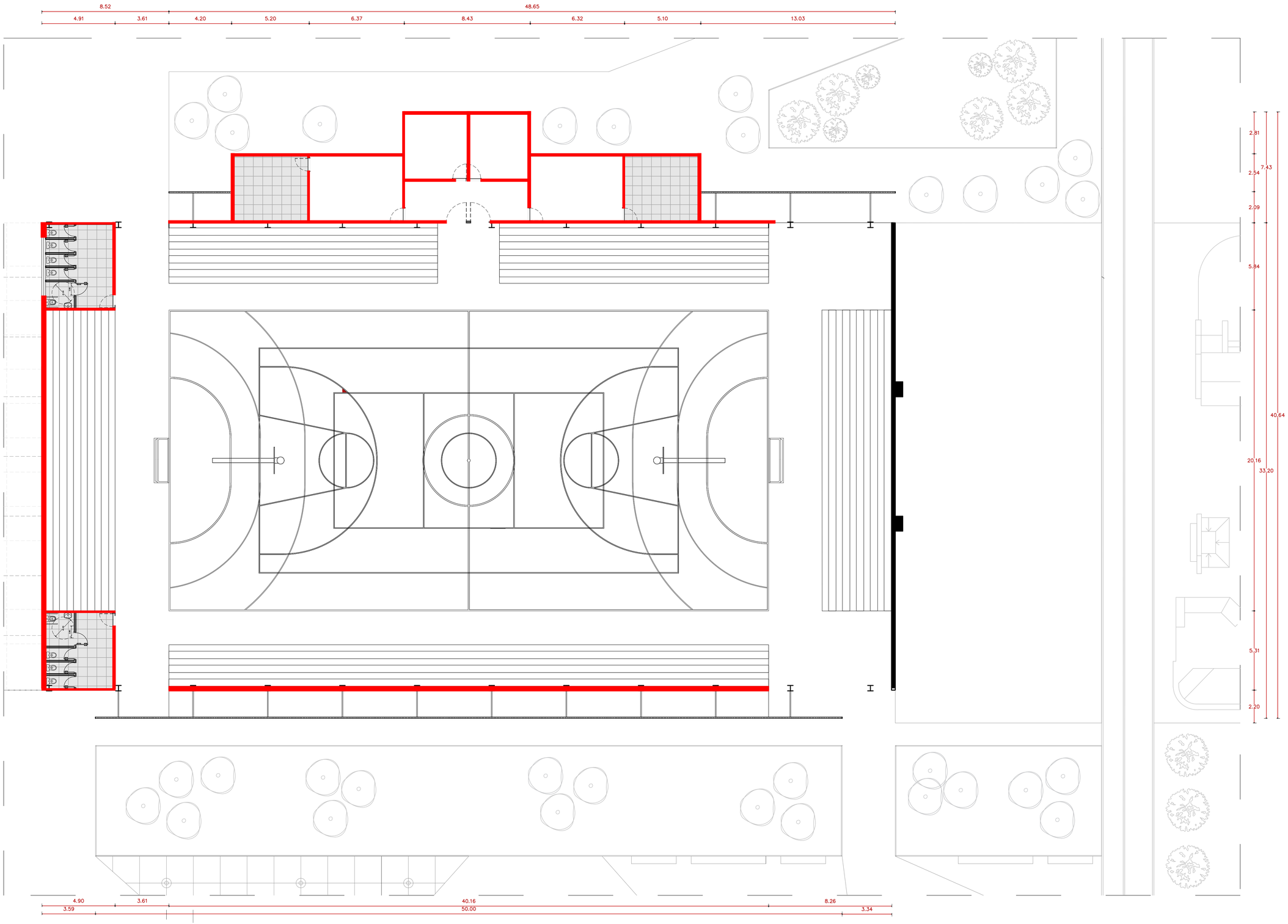


PLANTA DE COBERTA - BLOCO ESPORTIVO

ESCALA 1/125

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PLANTA DE COBERTA BLOCO ESPORTIVO	PRANCHA: 01/20
	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL		REVISÃO:

TAM.A1



PLANTA BAIXA - REFORMA BLOCO ESPORTIVO

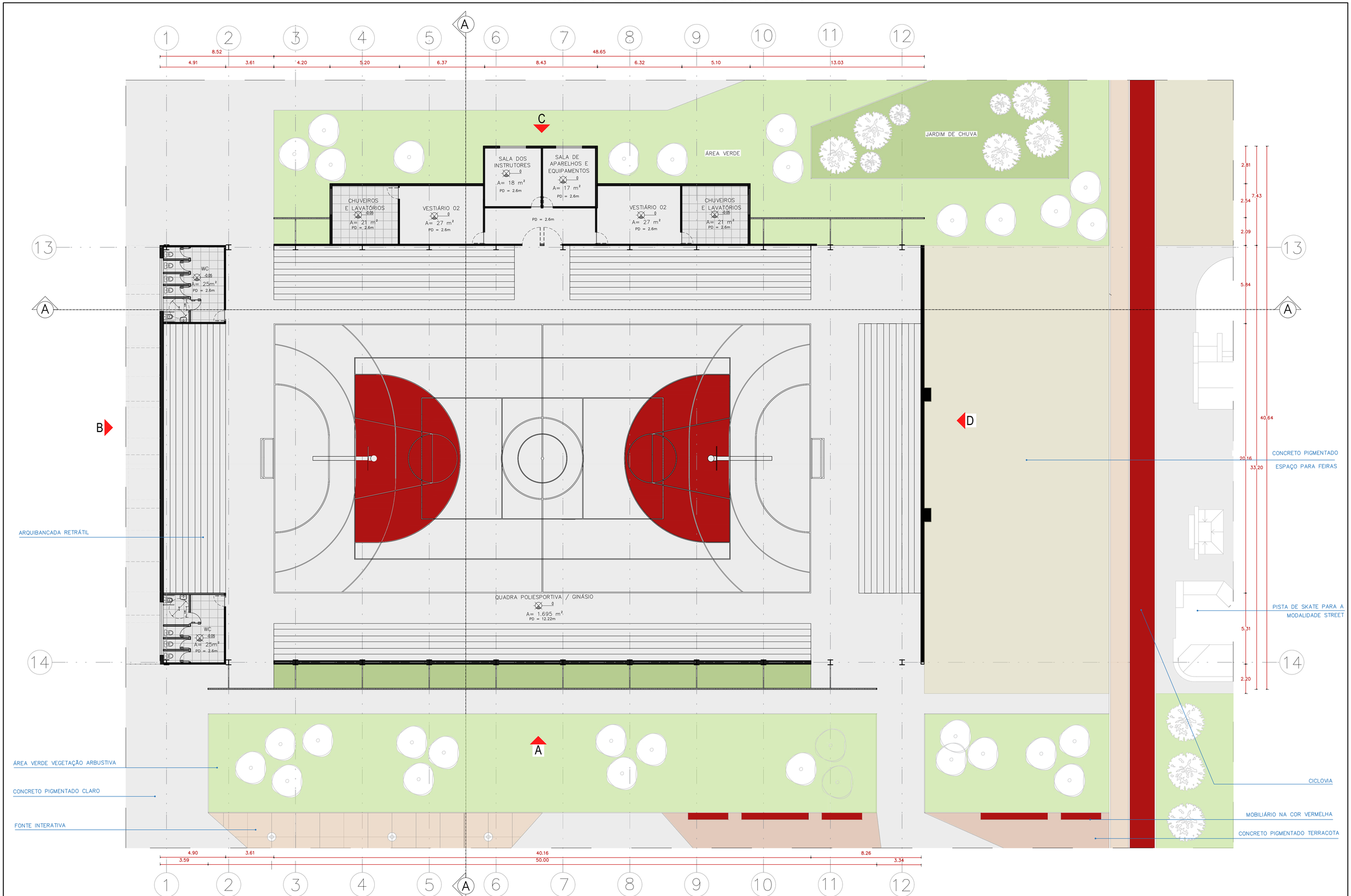
ESCALA _____ 1/125

LEGENDA:

DEMOLIDO	CONSTRUÍDO	EXISTENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO	PLANTA BAIXA: BLOCO ESPORTIVO	PRANCHA: 02/20
	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL		REVISÃO:

TAM.A1



PLANTA BAIXA - BLOCO ESPORTIVO

ESCALA _____ 1/125

LEGENDA:

PAREDE DE EXISTENTE	PILAR METÁLICO PROPOSTO
PAREDES PROPOSTAS	

QUADRO DE ÁREAS

AMBIENTE	ÁREA TOTAL
QUADRA POLIESPORTIVA	1.695m²
WC	50m²
VESTIÁRIO 01	27m²
VESTIÁRIO 02	27m²
CHUVEIROS E LAVATÓRIOS	21m²
SALA DOS INSTRUTORES	18m²
SALA APARELHOS E EQUIP.	17m²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550

ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL

PLANTA BAIXA: BLOCO ESPORTIVO

PROJETO: CASA CHICO

END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690

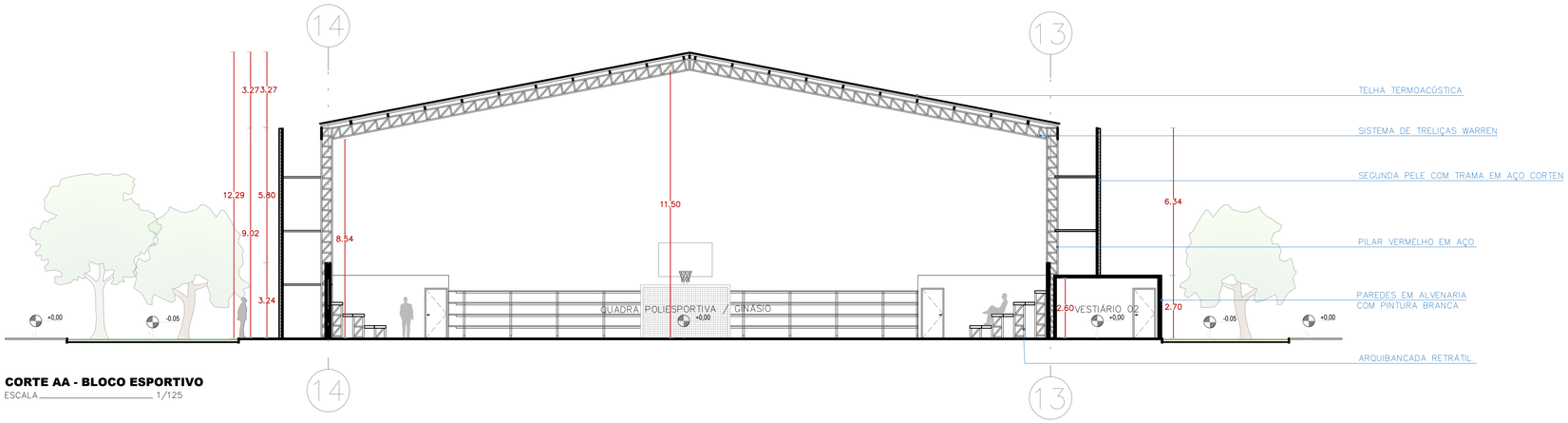
PRANCHA: 03/20

ESCALA: 1/125

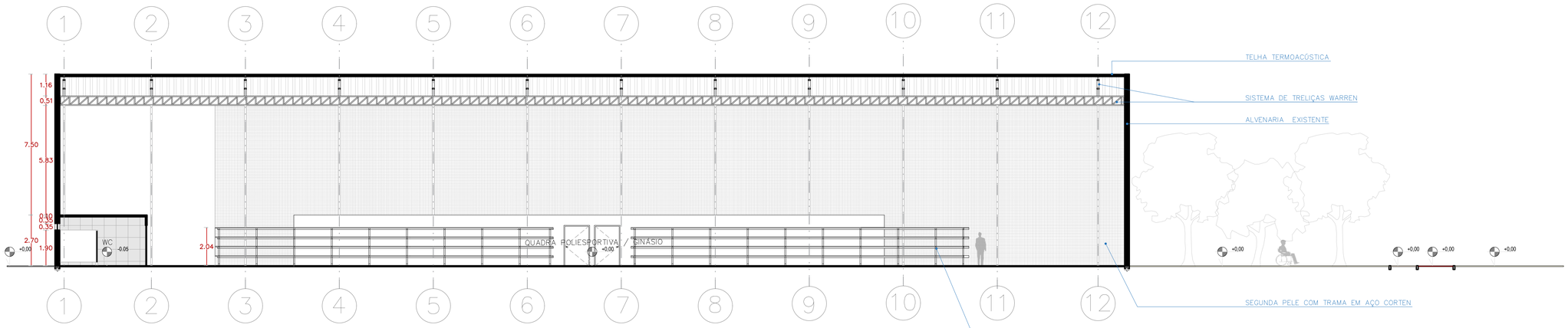
DATA: 20/01/23

REVISÃO:

TAM.A1



CORTE AA - BLOCO ESPORTIVO
ESCALA _____ 1/125

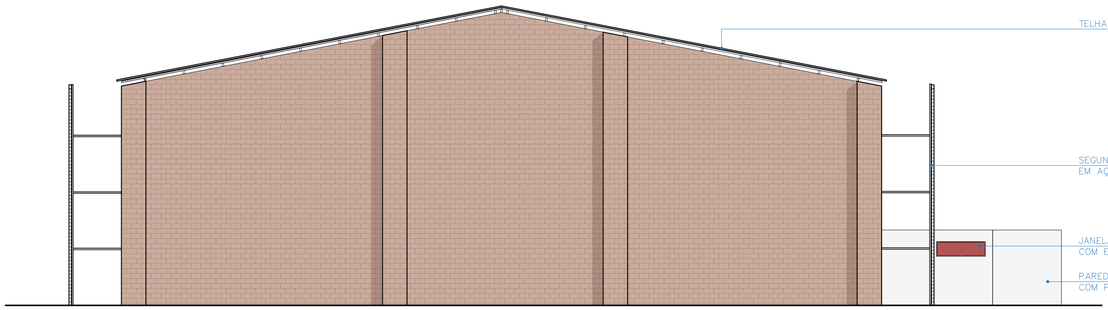


CORTE BB - BLOCO ESPORTIVO
ESCALA _____ 1/125

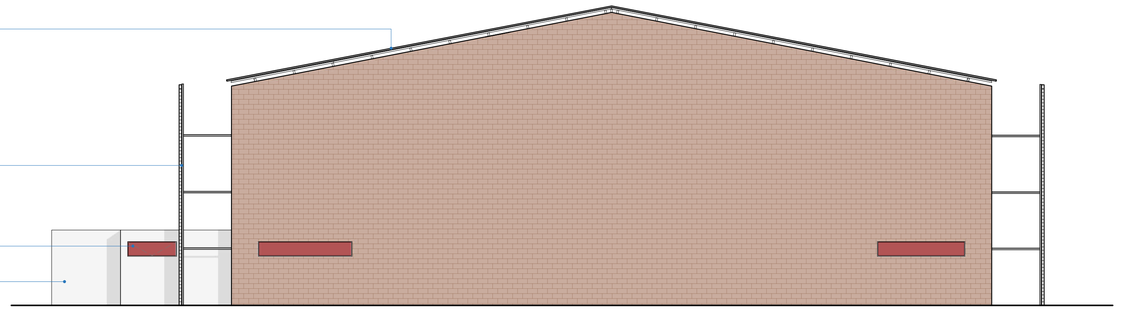
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO	CORTES QUADRA POLIESPORTIVA / GINÁSIO	PRANCHA: 04/20
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
		REVISÃO:

TAM.A1

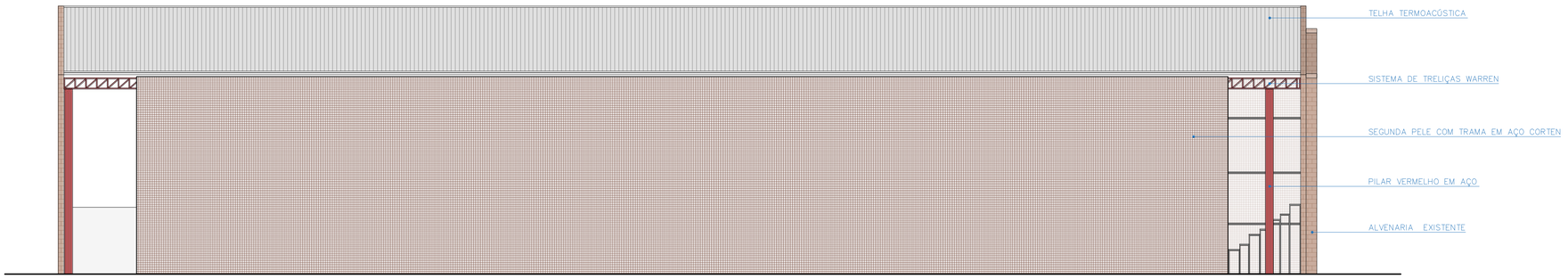
APÊNDICE E - FACHADAS BLOCO ESPORTIVO



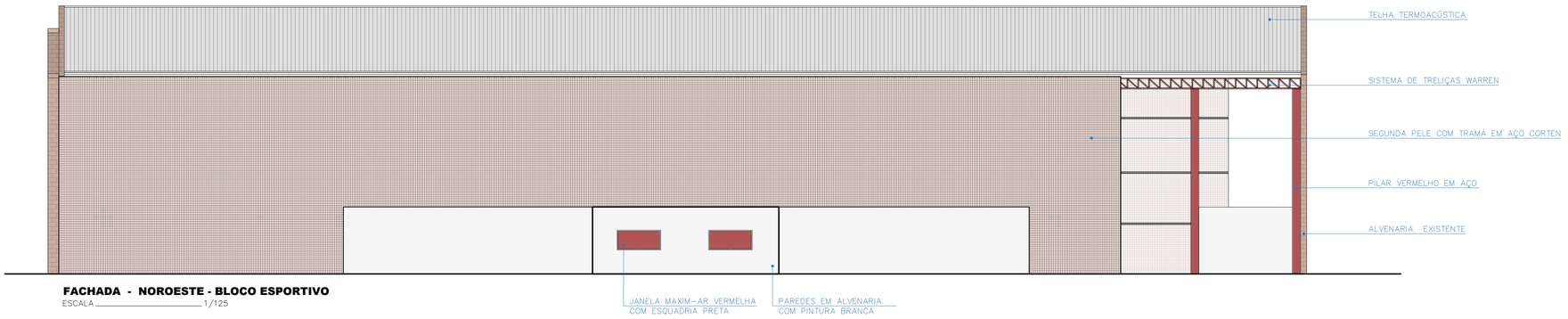
FACHADA - NORDESTE- BLOCO ESPORTIVO
ESCALA 1/125



FACHADA - SUDOESTE - BLOCO ESPORTIVO
ESCALA 1/125



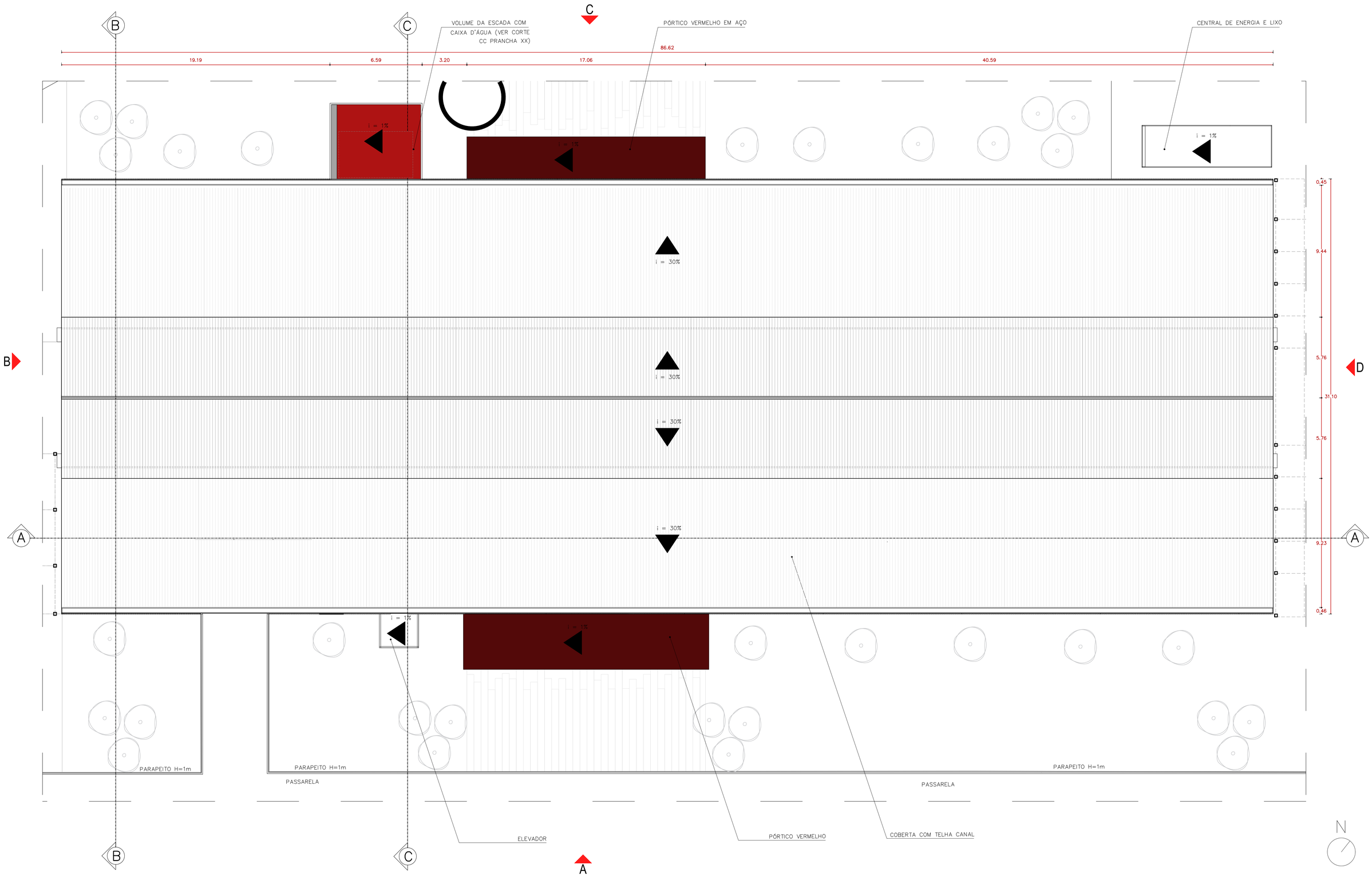
FACHADA - SUDESTE - BLOCO ESPORTIVO
ESCALA 1/125



FACHADA - NOROESTE - BLOCO ESPORTIVO
ESCALA 1/125

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO	FACHADAS BLOCO ESPORTIVO	PRANCHA: 05/20
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
		REVISÃO:

TAM.A1

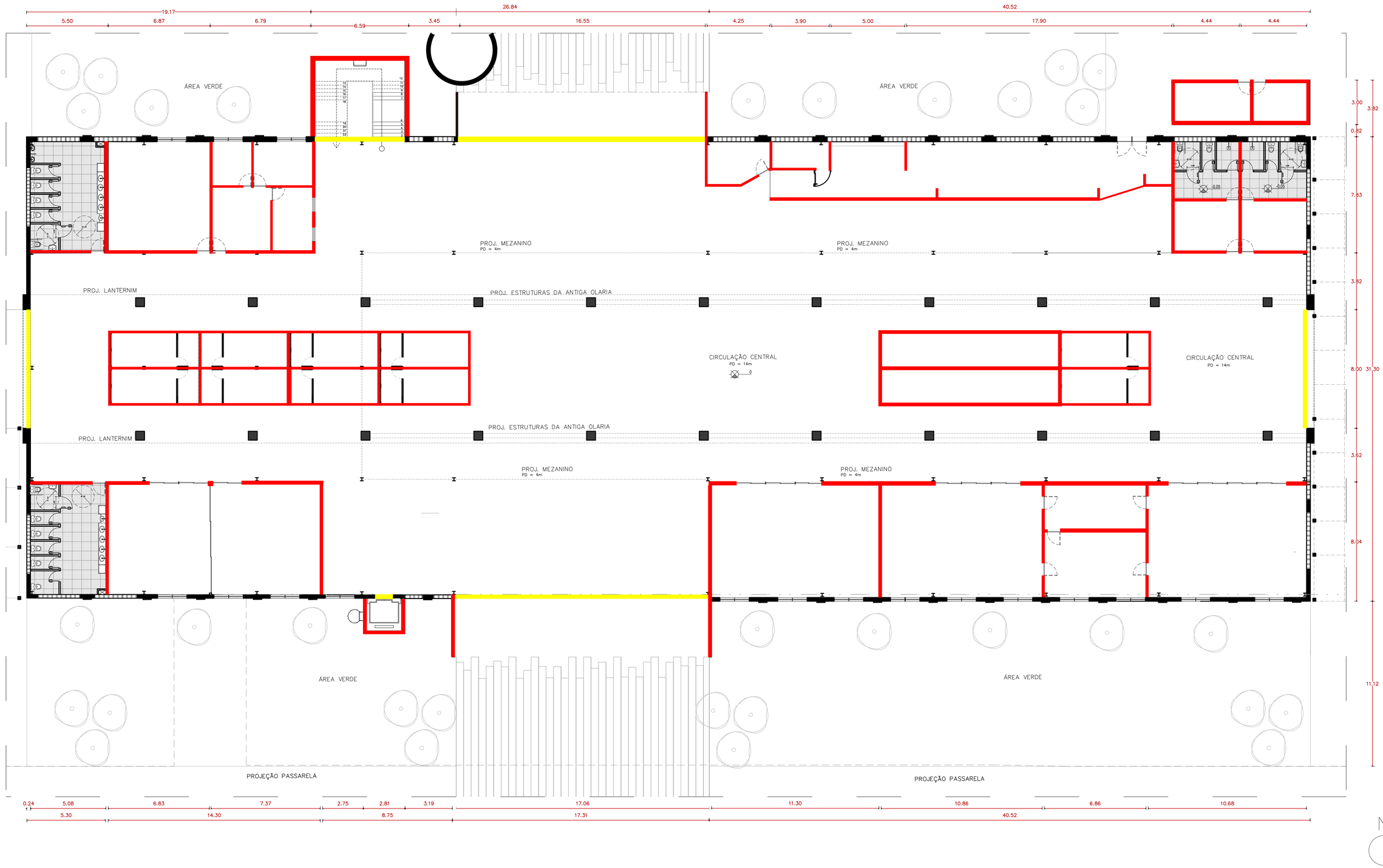


PLANTA DE COBERTA - BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL

ESCALA 1/125

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PLANTA DE COBERTA BLOCO CENTRAL	PRANCHA: 06/20
	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL		REVISÃO:

TAM.A1



PLANTA BAIXA - REFORMA

ESCALA _____ 1/125

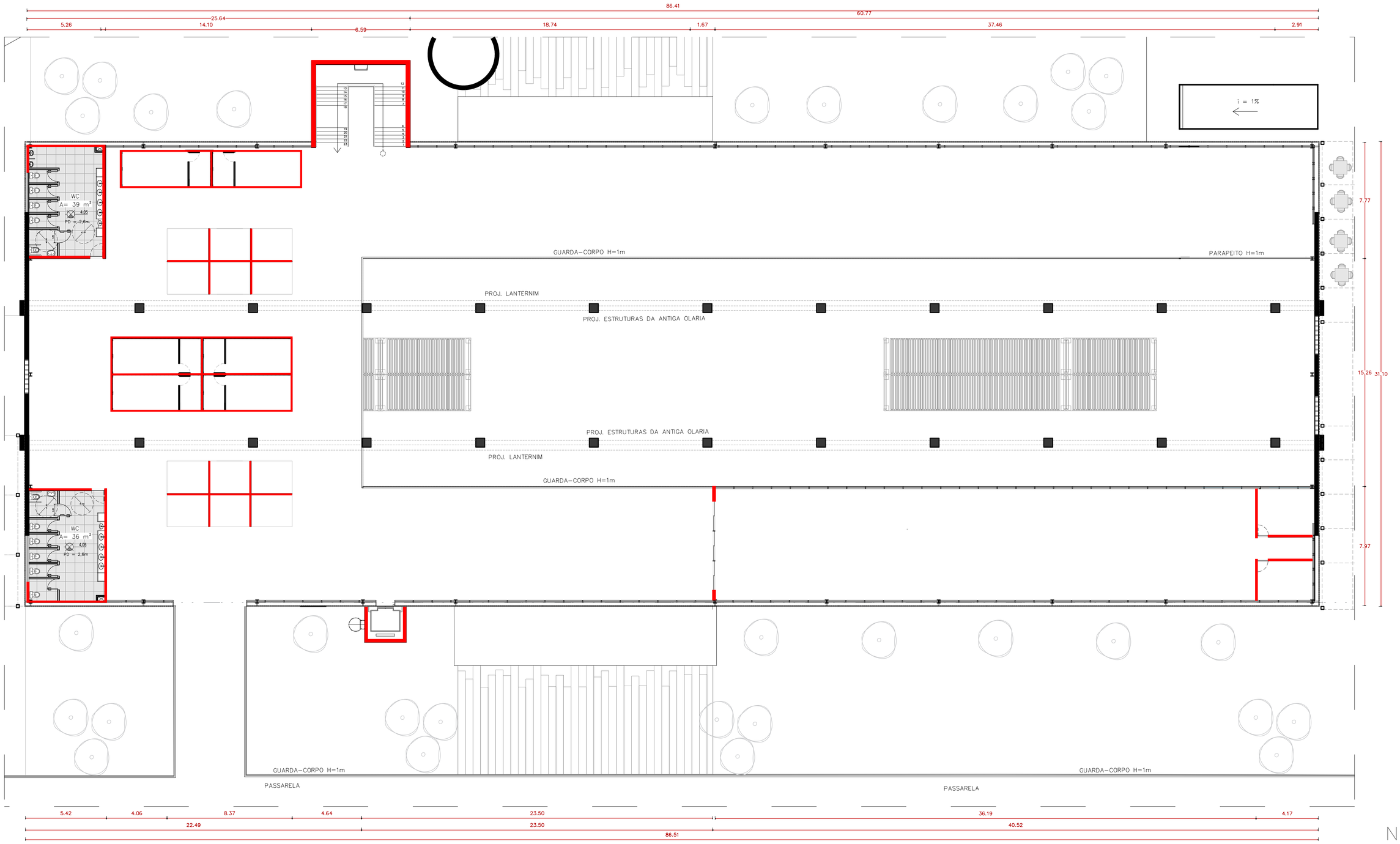
LEGENDA:

DEMOLIDO	CONSTRUÍDO	EXISTENTE	PILAR METÁLICO PROPOSTO PILAR EXISTENTE EM ALVENARIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PLANTA BAIXA DE REFORMA: BLOCO CENTRAL OFICINAS/RESTAURANTE/SALAS	PRANCHA: 07/20
	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
		REVISÃO:

TAM.A1

APÊNDICE H - PLANTA DE REFORMA BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL (MEZANINO)



PLANTA BAIXA - REFORMA MEZANINO

ESCALA _____ 1/125

LEGENDA:

DEMOLIDO	CONSTRUÍDO	EXISTENTE	PILAR METÁLICO PROPOSTO PILAR EXISTENTE EM ALVENARIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PLANTA BAIXA: BLOCO CENTRAL MEZANINO	PRANCHA: 08/20
	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL		REVISÃO:

TAM.A1

APÊNDICE I - PLANTA BAIXA BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL TÉRREO



PLANTA BAIXA BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL - TÉRREO

ESCALA _____ 1/125

LEGENDA:

PAREDE EXISTENTE	PAREDE DE ALVENARIA PROPOSTA	PILAR METÁLICO PROPOSTO
DRYWALL		PILAR EXISTENTE EM ALVENARIA
PÓRTICO VERMELHO EM AÇO		

QUADRO DE ÁREAS

AMBIENTE	ÁREA TOTAL	AMBIENTE	ÁREA TOTAL	AMBIENTE	ÁREA TOTAL
OFICINA DE CERÂMICA	82m²	OFICINA DE ARTES	52m²	CÂMARA FRIA	7m²
SALA DOS MATERIAIS	21m²	WC	75m²	LAVAGEM	19m²
SALA DE MÁQUINAS	30m²	LOJAS CONTAINERS 20 PÉS	140m²	COZINHA	66m²
OFICINA DE MADEIRA E METAL	82m²	LOJAS CONTAINERS 40 PÉS	56m²	SELF-SERVICE	47m²
		DEPÓSITO	49m²	BWC ARMÁRIOS	64m²
SALA DE INFORMÁTICA	86m²	ADMINISTRAÇÃO	49m²	FUNCIONÁRIOS	
SALA DE AULA	54m²	ARMAZÉM DOS SECOS	11m²	LIXO/CENTRAL ENERGIA	24m²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PLANTA BAIXA: BLOCO CENTRAL OFICINAS/RESTAURANTE/SALAS	PRANCHA: 09/20
	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL		REVISÃO:

TAM.A1

APÊNDICE J - PLANTA BAIXA BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL - TÉRREO (LAYOUT)



PLANTA BAIXA BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL - TÉRREO (LAYOUT)

ESCALA _____ 1/125

LEGENDA:

PAREDE EXISTENTE	PAREDE DE ALVENARIA PROPOSTA	PILAR METÁLICO PROPOSTO
DRYWALL		PILAR EXISTENTE EM ALVENARIA
PÓRTICO VERMELHO EM AÇO		

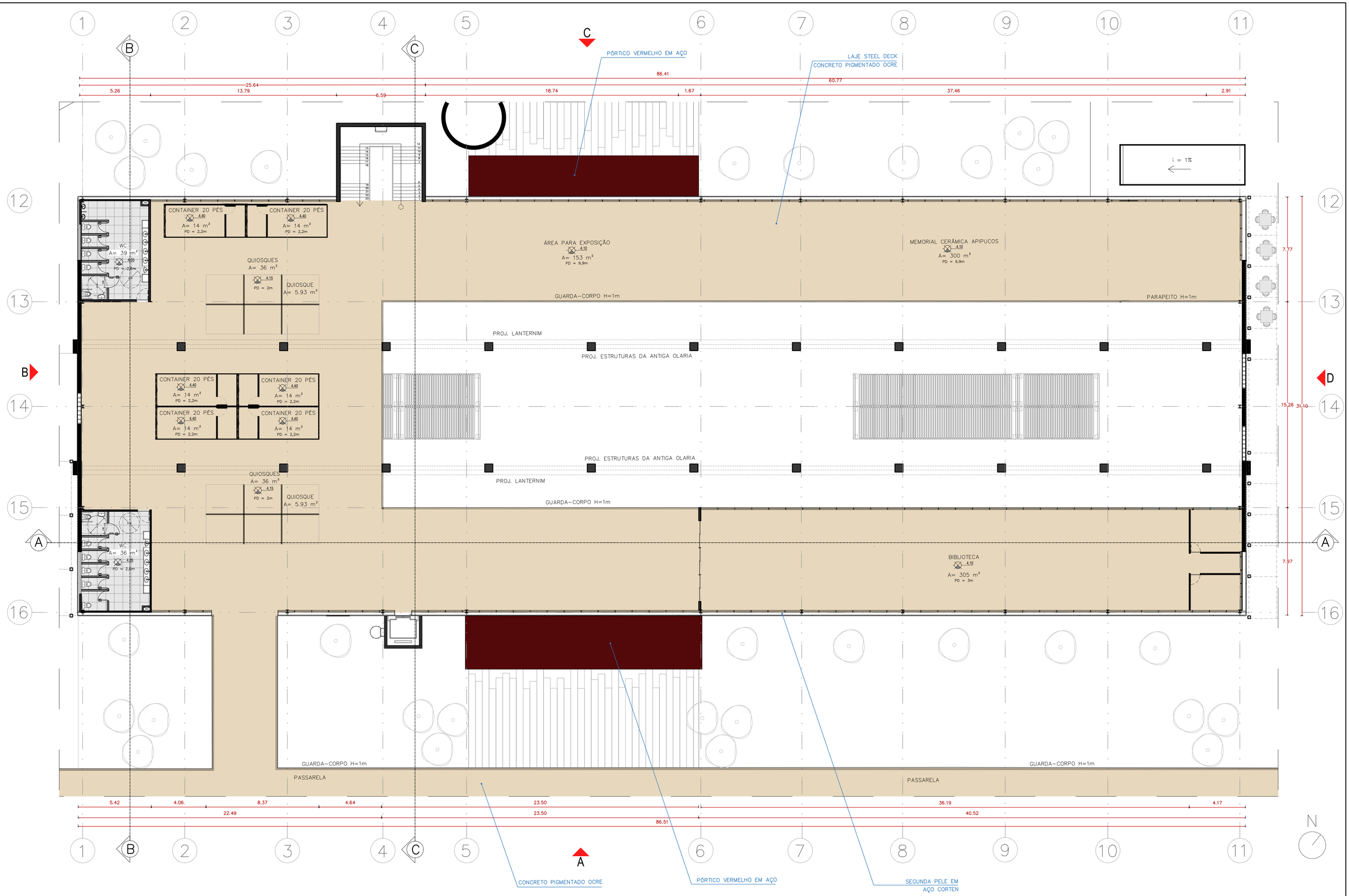
QUADRO DE ÁREAS

AMBIENTE	ÁREA TOTAL	AMBIENTE	ÁREA TOTAL	AMBIENTE	ÁREA TOTAL
OFICINA DE CERÂMICA	82m²	OFICINA DE ARTES	52m²	CÂMARA FRIA	7m²
SALA DOS MATERIAIS	21m²	WC	75m²	LAVAGEM	19m²
SALA DE MÁQUINAS	30m²	LOJAS CONTAINERS 20 PÉS	140m²	COZINHA	66m²
OFICINA DE MADEIRA E METAL	82m²	LOJAS CONTAINERS 40 PÉS	56m²	SELF-SERVICE	47m²
		DEPÓSITO	49m²	BWC ARMÁRIOS	64m²
SALA DE INFORMÁTICA	86m²	ADMINISTRAÇÃO	49m²	FUNCIONÁRIOS	
SALA DE AULA	54m²	ARMAZÉM DOS SECOS	11m²	LIXO/CENTRAL ENERGIA	24m²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PLANTA BAIXA – LAYOUT: BLOCO CENTRAL OFICINAS/RESTAURANTE/SALAS	PRANCHA: 10/20
	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL		REVISÃO:

TAM.A1

APÊNDICE K - PLANTA BAIXA BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL - MEZANINO



PLANTA BAIXA BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL - MEZANINO

ESCALA _____ 1/125

LEGENDA:

PAREDE EXISTENTE	PAREDE DE ALVENARIA PROPOSTA	PILAR METÁLICO PROPOSTO
DRYWALL		PILAR EXISTENTE EM ALVENARIA
PÓRTICO VERMELHO EM AÇO		

QUADRO DE ÁREAS

AMBIENTE	ÁREA TOTAL
LOJA CONTAINERS 20 PÉS	84m²
QUIOSQUES	72m²
WC	72m²
ÁREA PARA EXPOSIÇÃO	153m²
MEMORIAL CERÂMICA APIPUCOS	300m²
BIBLIOTECA	305m²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550

ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL

PLANTA BAIXA: BLOCO CENTRAL MEZANINO

PROJETO: CASA CHICO

END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690

PRANCHA: 11/20

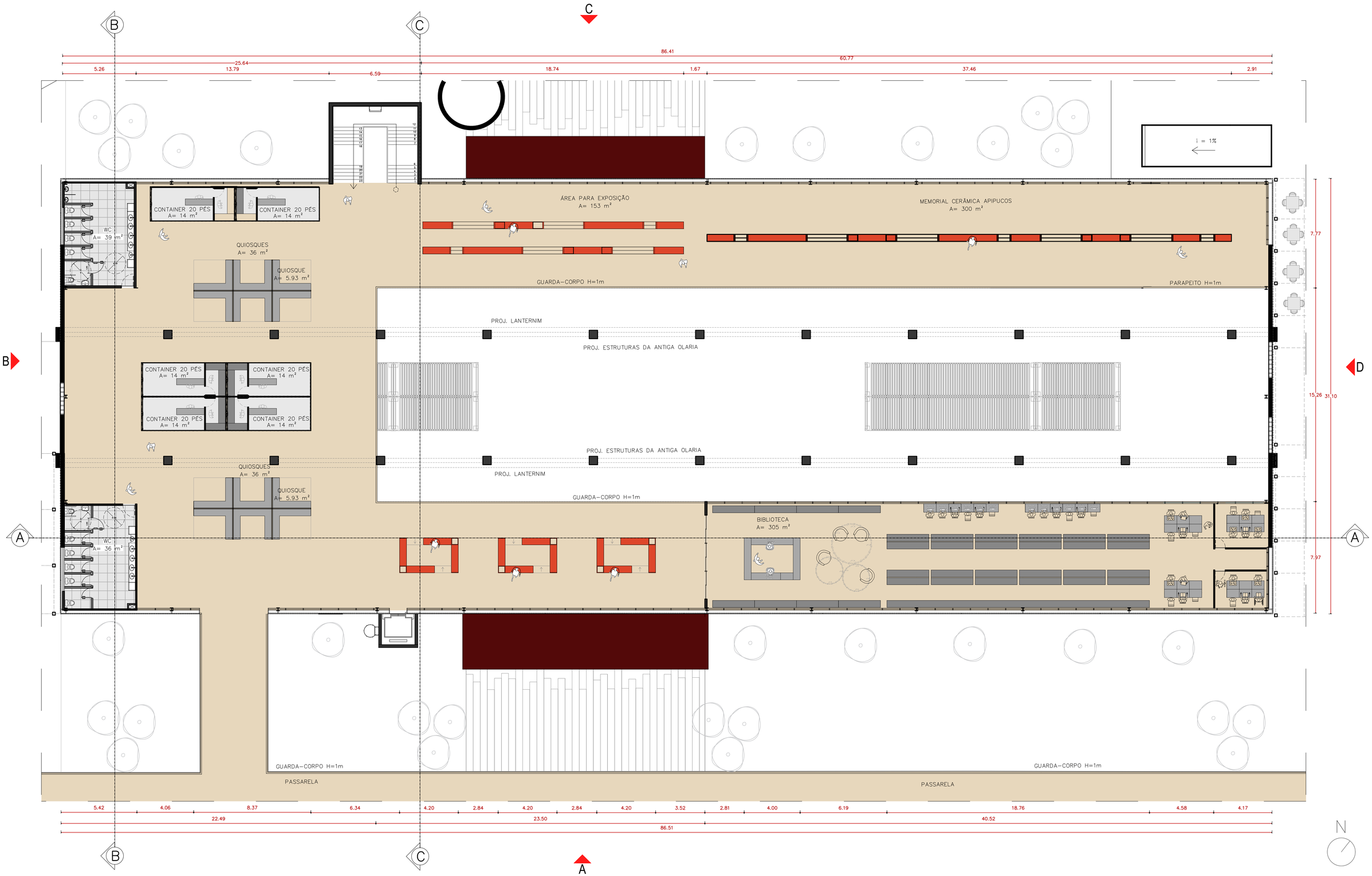
ESCALA: 1/125

DATA: 20/01/23

REVISÃO:

TAM.A1

APÊNDICE L - PLANTA BAIXA BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL - MEZANINO (LAYOUT)



PLANTA BAIXA BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL - MEZANINO (LAYOUT)

ESCALA _____ 1/125

LEGENDA:

PAREDE EXISTENTE	PAREDE DE ALVENARIA PROPOSTA	PILAR METÁLICO PROPOSTO
DRYWALL		PILAR EXISTENTE EM ALVENARIA
PÓRTICO VERMELHO EM AÇO		

QUADRO DE ÁREAS

AMBIENTE	ÁREA TOTAL
LOJA CONTAINERS 20 PÉS	84m²
QUIOSQUES	72m²
WC	72m²
ÁREA PARA EXPOSIÇÃO	153m²
MEMORIAL CERÂMICA APIPUCOS	300m²
BIBLIOTECA	305m²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550

ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL

PLANTA BAIXA: BLOCO CENTRAL MEZANINO

PROJETO: CASA CHICO

END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690

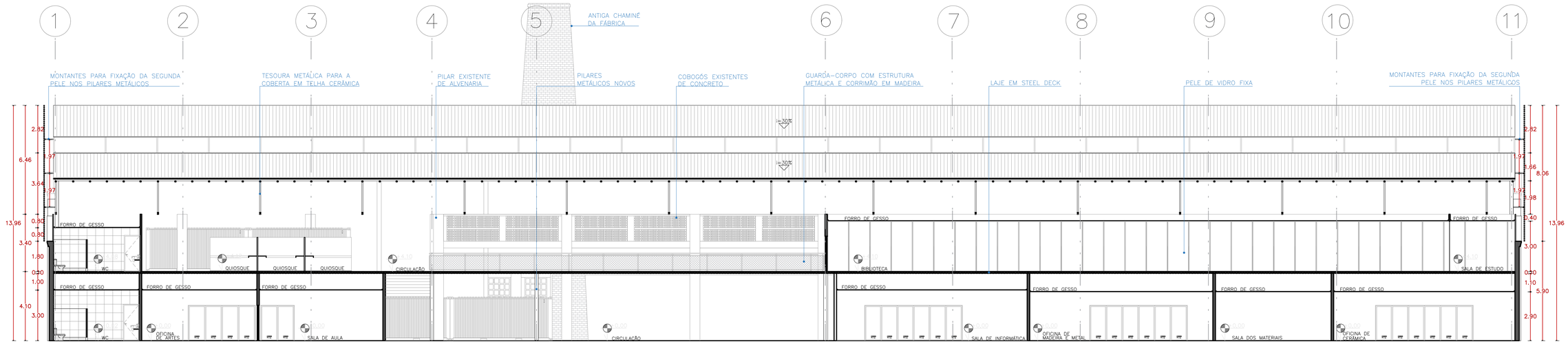
PRANCHA: 12/20

ESCALA: 1/125

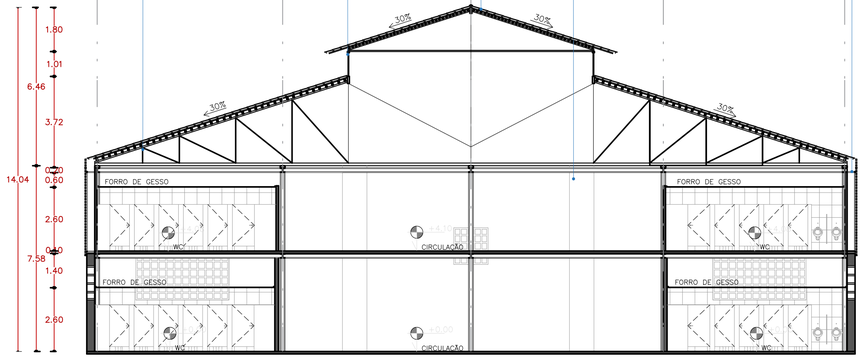
DATA: 20/01/23

REVISÃO:

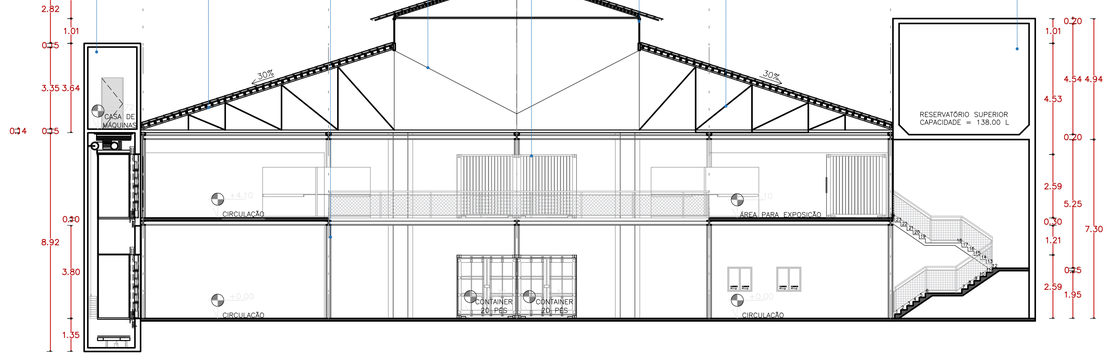
TAM.A1



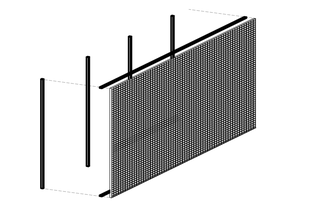
CORTE AA LONGITUDINAL - BLOCO CENTRAL
ESCALA _____ 1/125



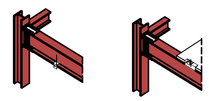
CORTE BB - BLOCO CENTRAL
ESCALA _____ 1/125



CORTE CC - BLOCO CENTRAL
ESCALA _____ 1/125



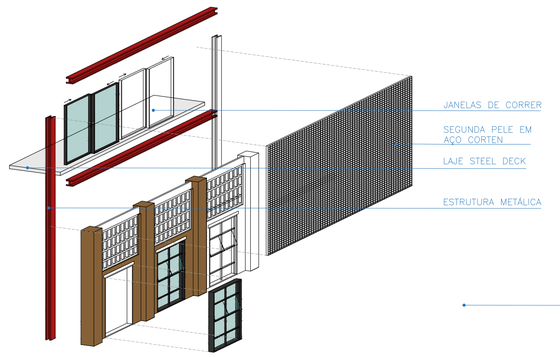
ESQUEMA DOS MONTANTES (SEGUNDA PELE)
SEM ESCALA



ESQUEMA FIXAÇÃO DOS MONTANTES
SEM ESCALA



ESQUEMA ESTRUTURA METÁLICA - MECANISMO DE TRAVAMENTO LATERAL
SEM ESCALA

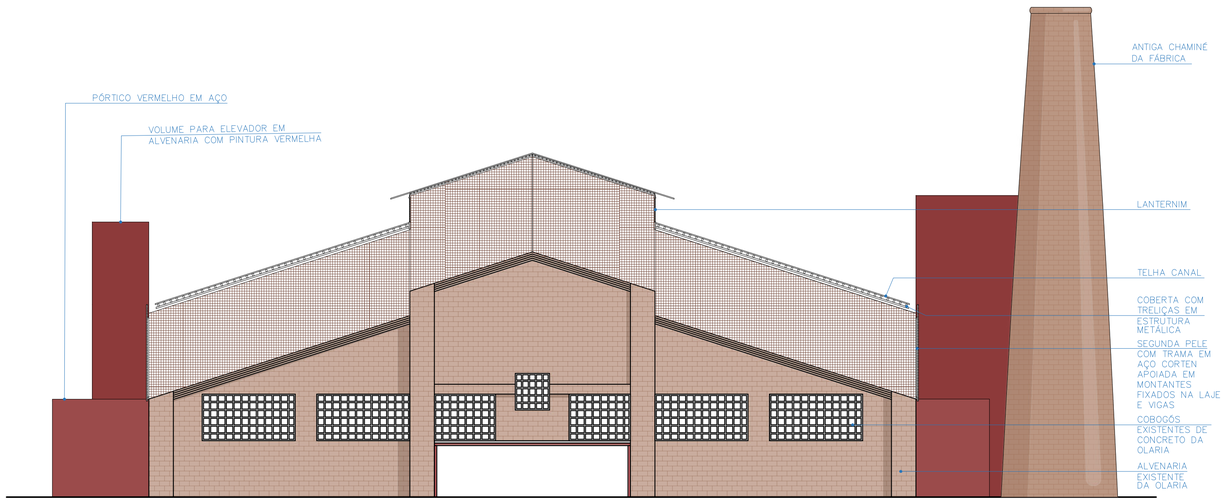


ESQUEMA SEGUNDA PELE (PAREDE CORTINA)
SEM ESCALA

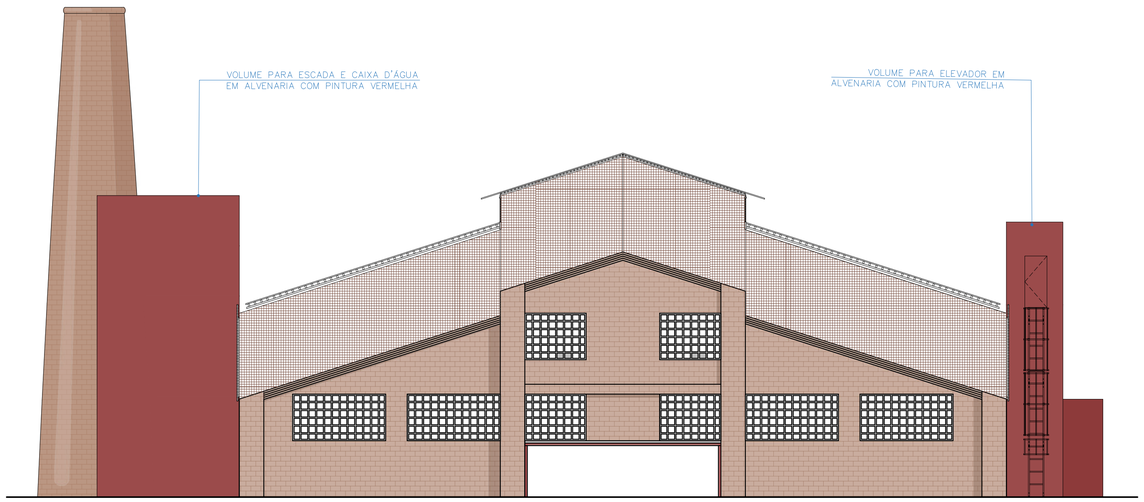
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO	CORTES BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL	PRANCHA: 13/20
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
		REVISÃO:

TAM.A1

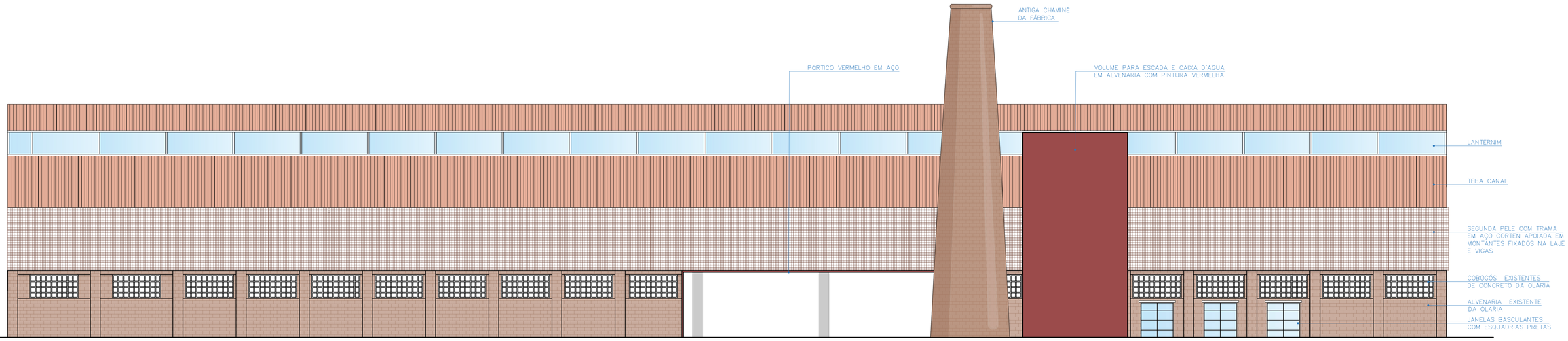
APÊNDICE N - FACHADAS BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL



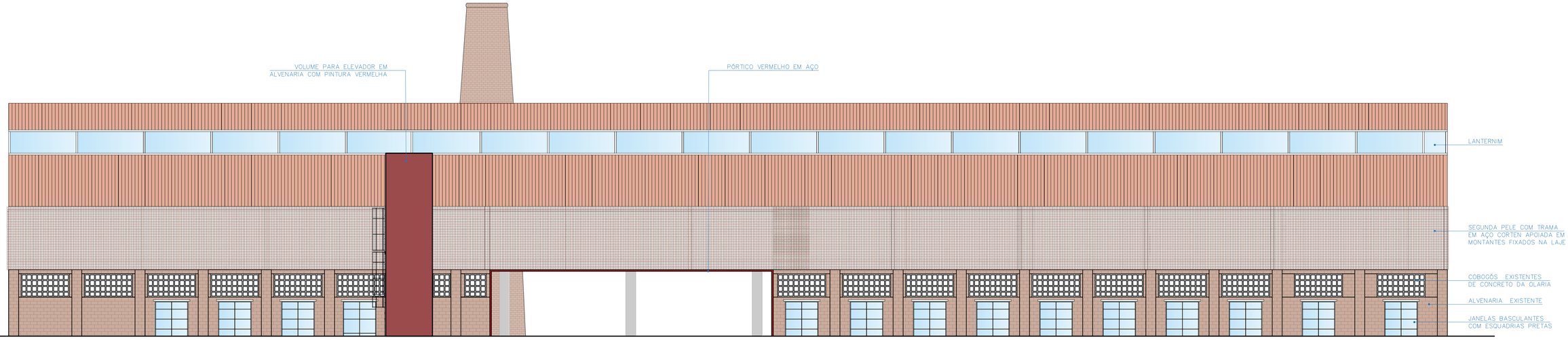
FACHADA - NORDESTE- BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL
ESCALA 1/125



FACHADA - SUDOESTE - BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL
ESCALA 1/125



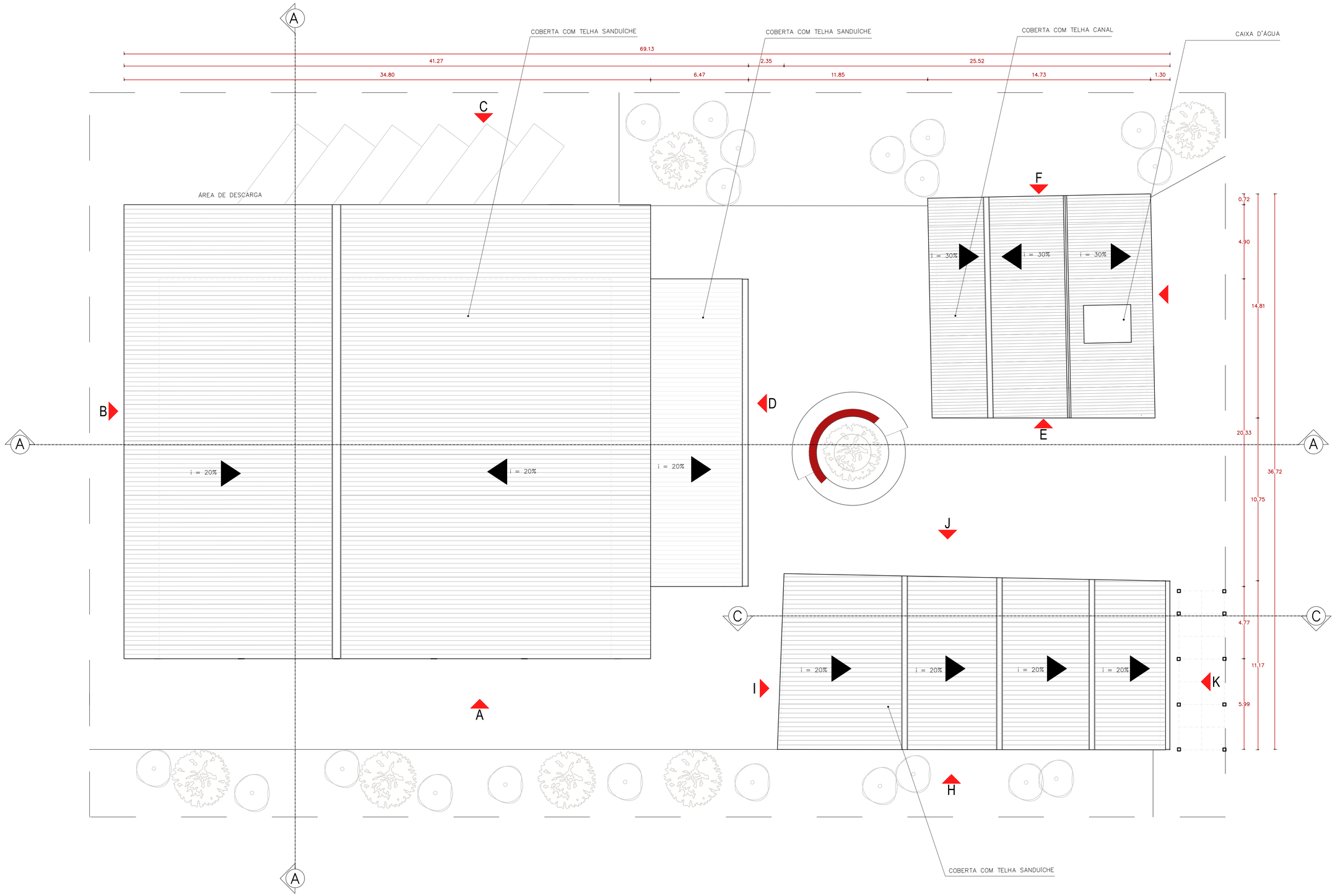
FACHADA - NOROESTE - BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL
ESCALA 1/125



FACHADA - SUDESTE - BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL
ESCALA 1/125

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO	FACHADAS BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL	PRANCHA: 14/20
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
		REVISÃO:

TAM.A1

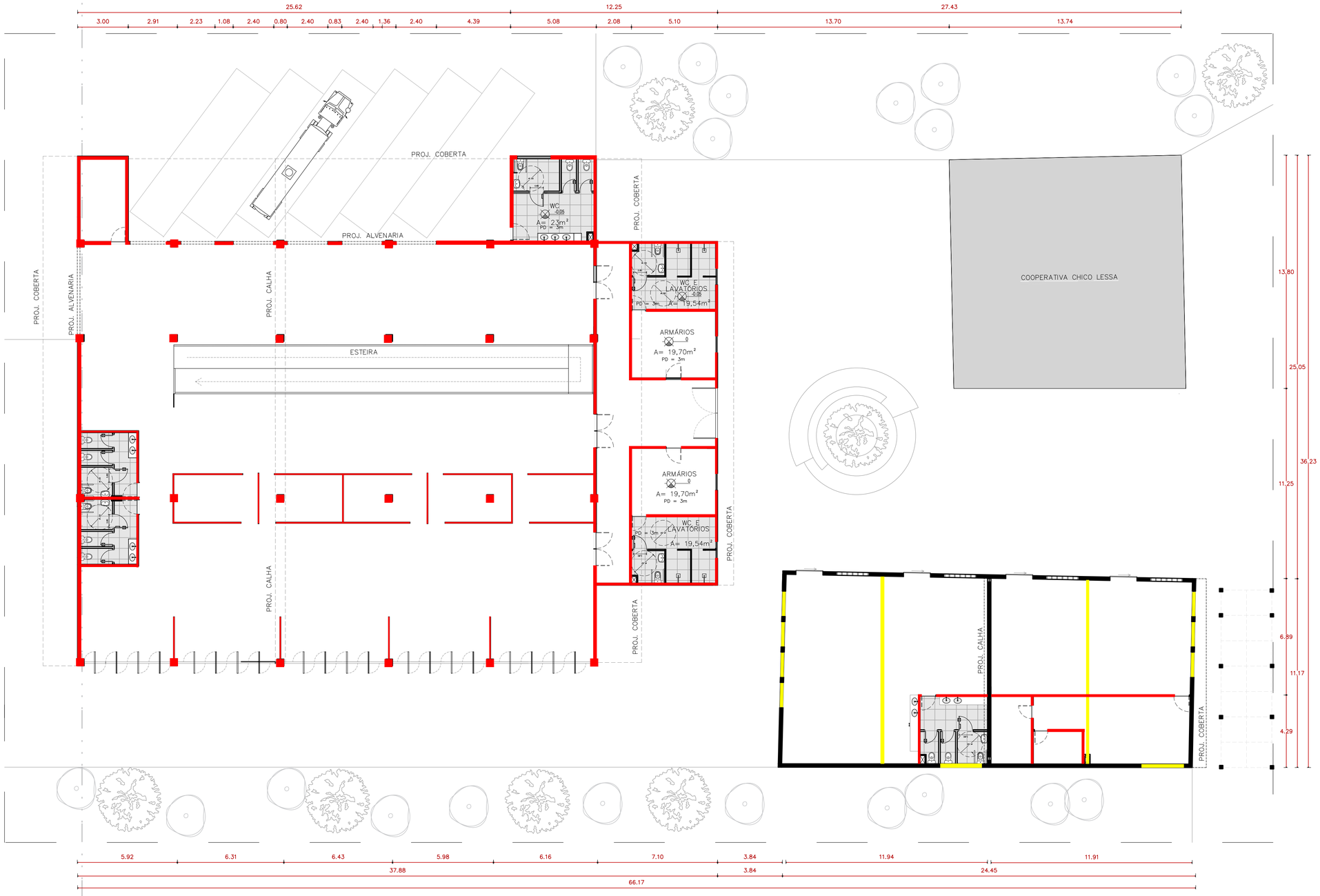


PLANTA DE COBERTA - COOPERATIVA DE RECICLAGEM, OFICINAS E LANCHONETE/CAFÉ

ESCALA _____ 1/125

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO	PLANTA DE COBERTA COOPERATIVA DE RECICLAGEM, OFICINAS E CAFÉ	PRANCHA: 15/20
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PROJETO: CASA CHICO END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	ESCALA: 1/125 DATA: 20/01/23
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL		REVISÃO:

TAM.A1



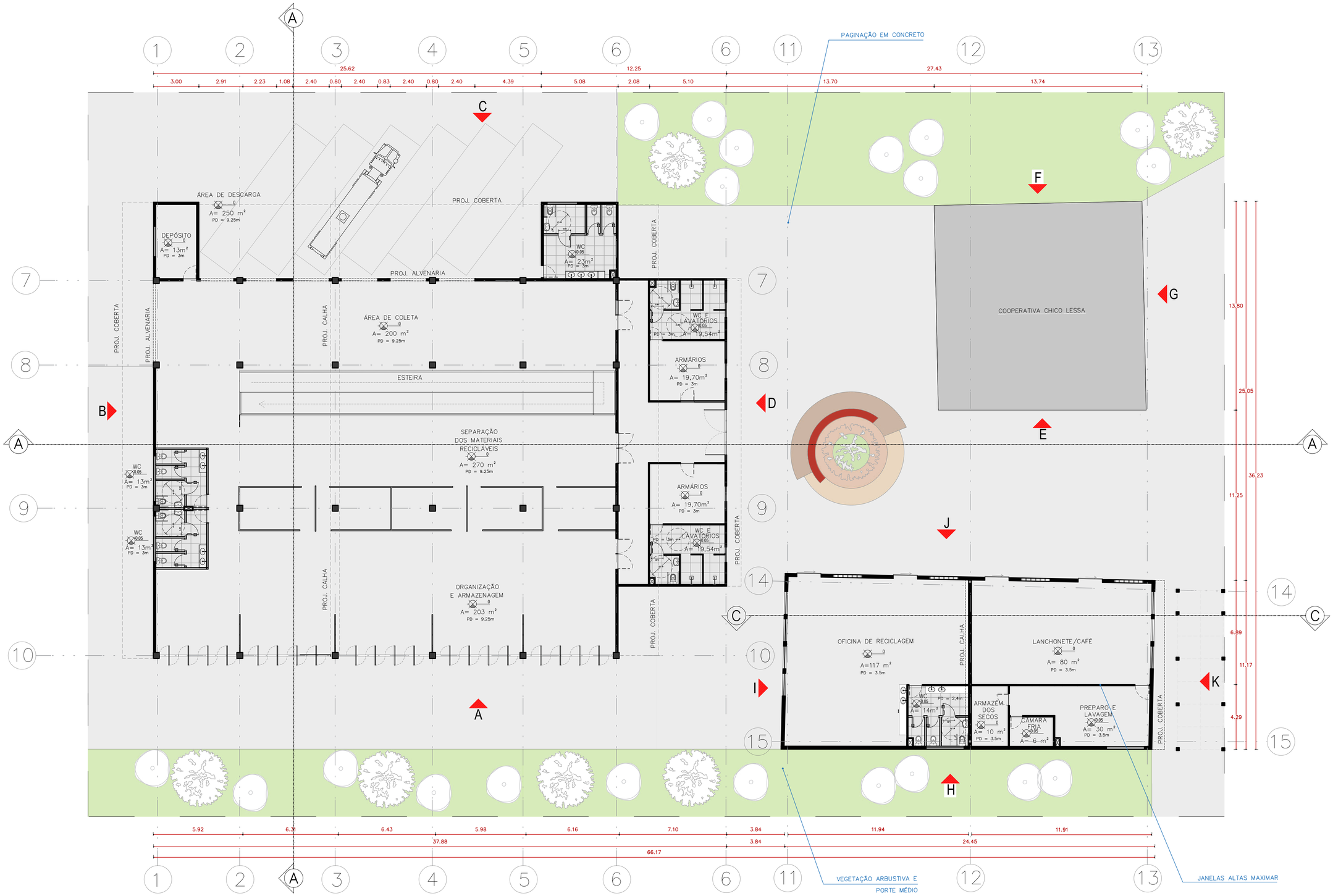
PLANTA BAIXA - REFORMA COOPERATIVA DE RECICLAGEM, OFICINAS E LANCHONETE/CAFÉ

ESCALA 1/125

LEGENDA:
DEMOLIDO | CONSTRUÍDO | EXISTENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PLANTA BAIXA DE REFORMA: COOPERATIVA DE RECICLAGEM, OFICINAS E CAFÉ	PRANCHA: 16/20
	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL		REVISÃO:

TAM.A1



PLANTA BAIXA - COOPERATIVA DE RECICLAGEM, OFICINAS E LANCHONETE/CAFÉ

ESCALA 1/125

LEGENDA:
- PAREDE DE ALVENARIA
- DRYWALL
- PILAR DE CONCRETO

QUADRO DE ÁREAS			
AMBIENTE	ÁREA TOTAL	AMBIENTE	ÁREA TOTAL
LANCHONETE/CAFÉ	80m²	ÁREA DE DESCARGA	250m²
CÂMARA FRIA	6m²	DEPÓSITO	13m²
ARMAZÉM DOS SECOS	10m²	ÁREA DE COLETA	200m²
OFICINA DE RECICLAGEM	117m²	SEPARAÇÃO DOS MATERIAIS RECICLÁVEIS	270m²
WC	63m²		
ARMÁRIOS	19,7m²	ARMÁRIOS	203m²
WC E LAVATÓRIOS	19,54m²	ORGANIZAÇÃO E ARM.	

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550

ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL

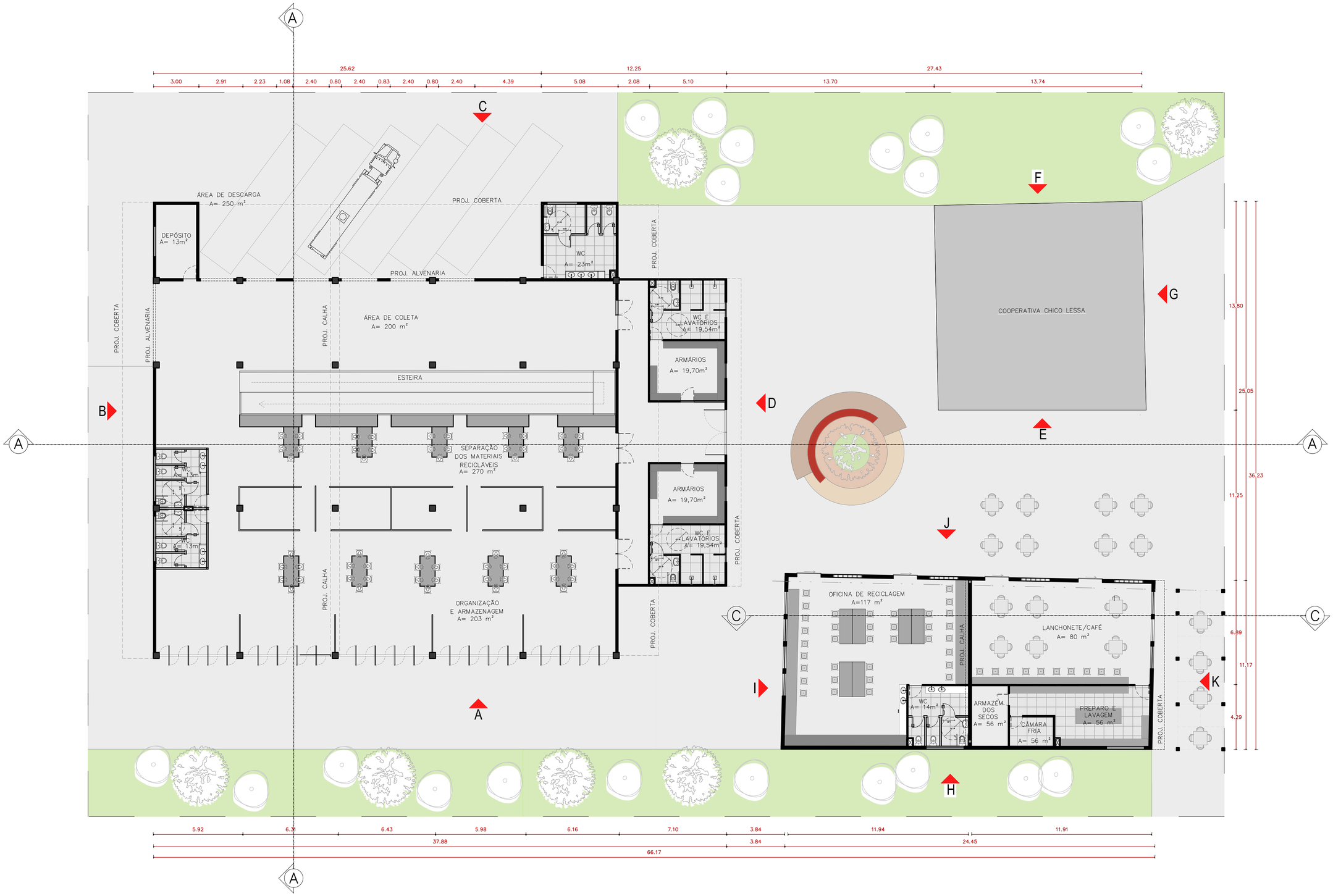
PLANTA BAIXA: COOPERATIVA DE RECICLAGEM, OFICINAS E CAFÉ

PROJETO: CASA CHICO

END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690

PRANCHA: 17/20
ESCALA: 1/125
DATA: 20/01/23
REVISÃO:

TAM.A1



PLANTA BAIXA - LAYOUT COOPERATIVA DE RECICLAGEM, OFICINAS E LANCHONETE/CAFÉ

ESCALA _____ 1/125

LEGENDA:

PAREDE DE ALVENARIA	PILAR DE CONCRETO
DRYWALL	

QUADRO DE ÁREAS

AMBIENTE	ÁREA TOTAL	AMBIENTE	ÁREA TOTAL
LANCHONETE/CAFÉ	80m²	ÁREA DE DESCARGA	250m²
CÂMARA FRIA	6m²	DEPÓSITO	13m²
ARMAZÉM DOS SECOS	10m²	ÁREA DE COLETA	200m²
OFICINA DE RECICLAGEM	117m²	SEPARAÇÃO DOS MATERIAIS	270m²
WC	63m²	RECICLÁVEIS	
ARMÁRIOS	19.7m²	ARMÁRIOS	203m²
WC E LAVATÓRIOS	19,54m²	ORGANIZAÇÃO E ARM.	

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550

PLANTA BAIXA: COOPERATIVA DE RECICLAGEM, OFICINAS E CAFÉ

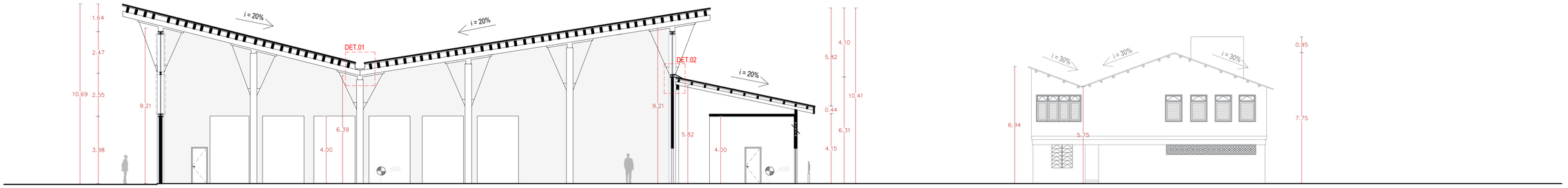
PROJETO: CASA CHICO

END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690

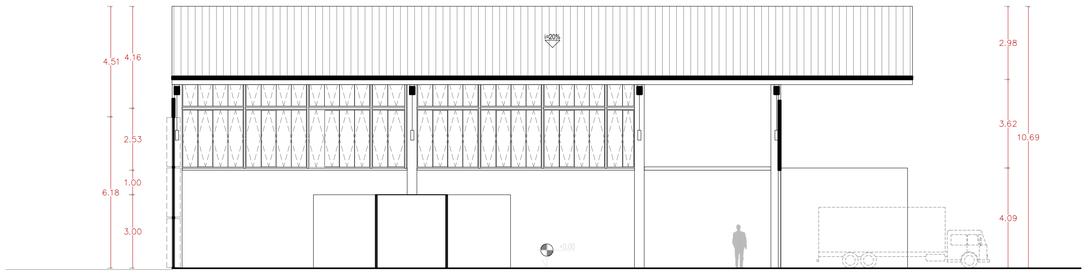
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL

PRANCHA: 18/20
ESCALA: 1/125
DATA: 20/01/23
REVISÃO:

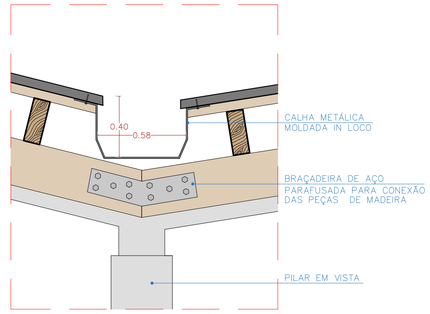
TAM.A1



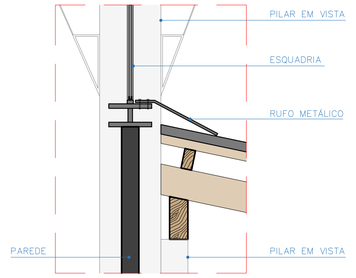
CORTE AA
ESCALA _____ 1/125



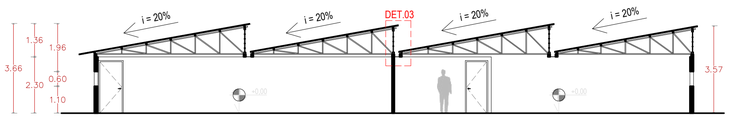
CORTE BB
ESCALA _____ 1/125



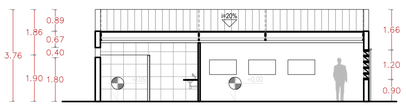
DETALHE 1 - CALHA
ESCALA _____ 1/20



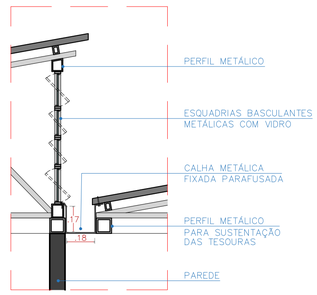
DETALHE 2 - ENCONTRO TELHADO E PAREDE
ESCALA _____ 1/20



CORTE CC
ESCALA _____ 1/125



CORTE DD
ESCALA _____ 1/125

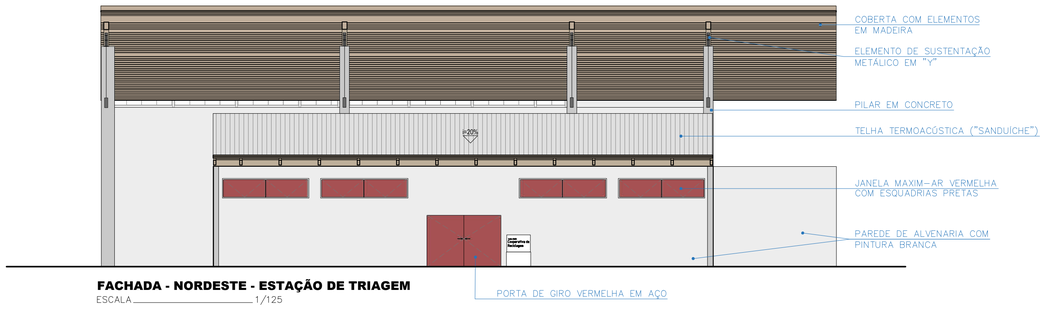


DETALHE 3 - CALHA
ESCALA _____ 1/20

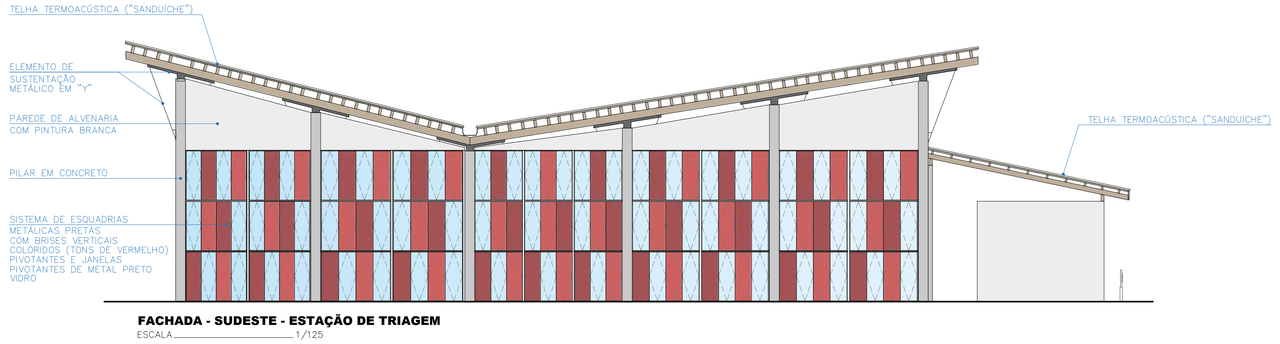
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550 ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL	CORTES ESTAÇÃO DE TRIAGEM E RECICLAGEM PROJETO: CASA CHICO END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	PRANCHA: 19/20 ESCALA: 1/125 DATA: 20/01/23 REVISÃO:

TAM.A1

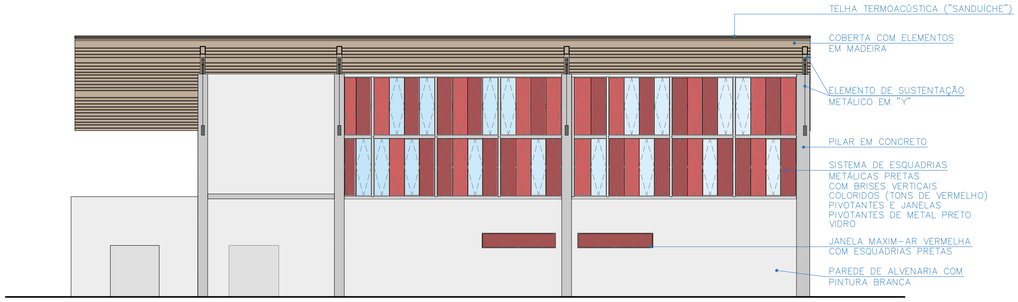
APÊNDICE T - FACHADAS COOPERATIVAS, OFICINA, CAFÉ E LANCHONETE



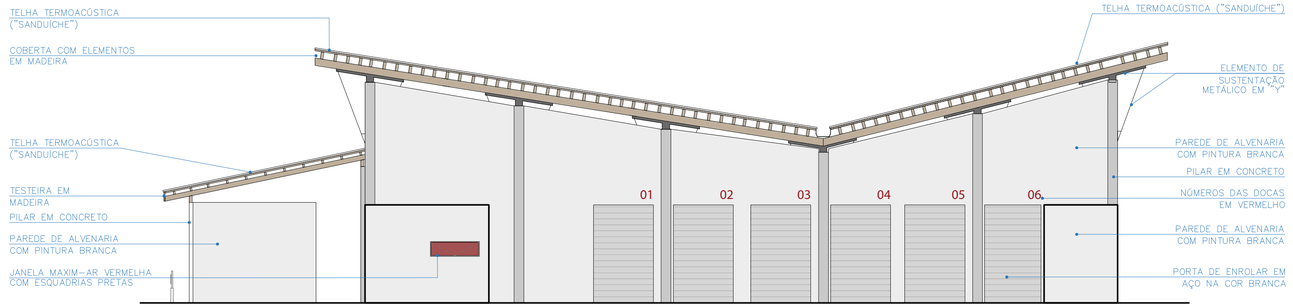
FACHADA - NORDESTE - ESTAÇÃO DE TRIAGEM
ESCALA 1/125



FACHADA - SUDESTE - ESTAÇÃO DE TRIAGEM
ESCALA 1/125

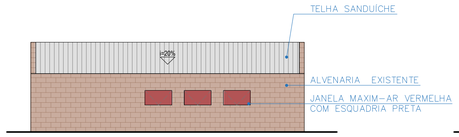


FACHADA - SUDOESTE - ESTAÇÃO DE TRIAGEM
ESCALA 1/125

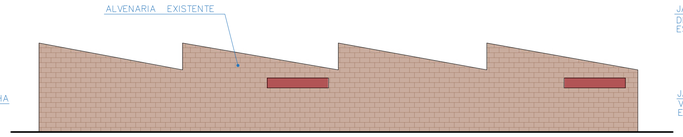


FACHADA - NOROESTE - ESTAÇÃO DE TRIAGEM
ESCALA 1/125

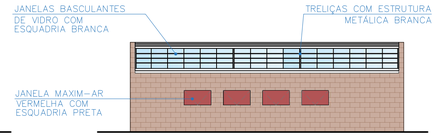
FACHADA - NOROESTE - EXISTENTE - OFICINA, LANCHONETE E CAFÉ
ESCALA 1/125



FACHADA - NORDESTE - OFICINA, LANCHONETE E CAFÉ
ESCALA 1/125



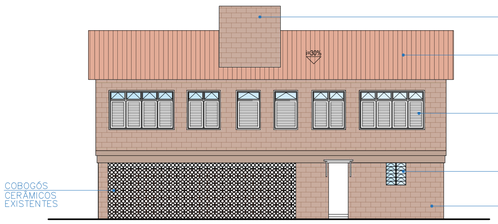
FACHADA - SUDESTE - OFICINA, LANCHONETE E CAFÉ
ESCALA 1/125



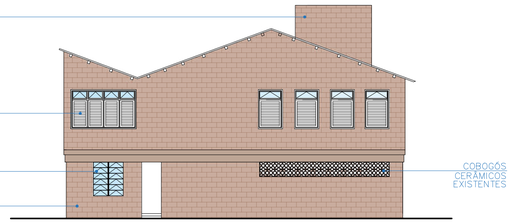
FACHADA - SUDOESTE - OFICINA, LANCHONETE E CAFÉ
ESCALA 1/125



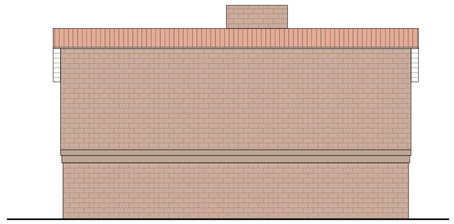
FACHADA - NOROESTE - PROPOSTA - OFICINA, LANCHONETE E CAFÉ
ESCALA 1/125



FACHADA - NORDESTE - COOPERATIVA DE TRABALHO
ESCALA 1/125



FACHADA - SUDESTE - COOPERATIVA DE TRABALHO
ESCALA 1/125



FACHADA - SUDOESTE - COOPERATIVA DE TRABALHO
ESCALA 1/125



FACHADA - NOROESTE - COOPERATIVA DE TRABALHO
ESCALA 1/125

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO	FACHADAS COOPERATIVA DE RECICLAGEM, OFICINAS E COOPERATIVA CHICO LESSA	PRANCHA: 20/20
Av. da Arquitetura, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550	PROJETO: CASA CHICO	ESCALA: 1/125
	END: Av. da Recuperação, 727 - Guabiraba, Recife - PE, 50690	DATA: 20/01/23
ALUNA: MARIA HELLENA BORBA LEAL		REVISÃO:

TAM.A1

PERSPECTIVAS

FIGURA 01: VISTA DA OLARIA PELA BR-101



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 02: PROPOSTA PARA OS TALUDES



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 03: PROPOSTA PARA OS TALUDES



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA: 04 PROPOSTA PARA OS TALUDES



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

CASA CHICO

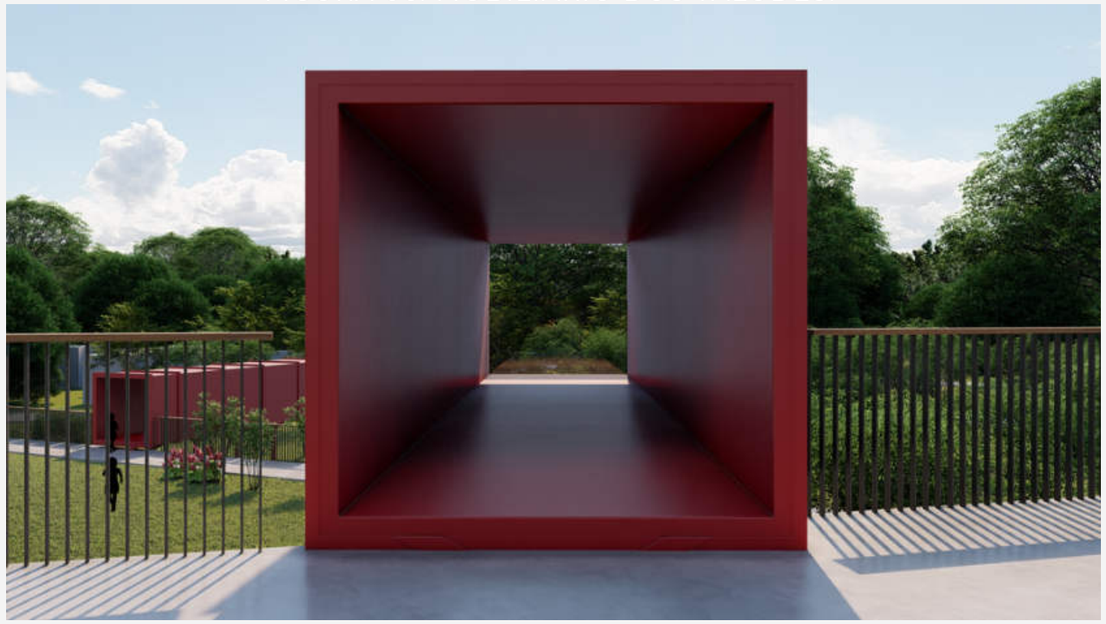
PERSPECTIVAS

FIGURA 05: PROPOSTA PARA OS TALUDES.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 06: MOBILIÁRIO DOS TALUDES.



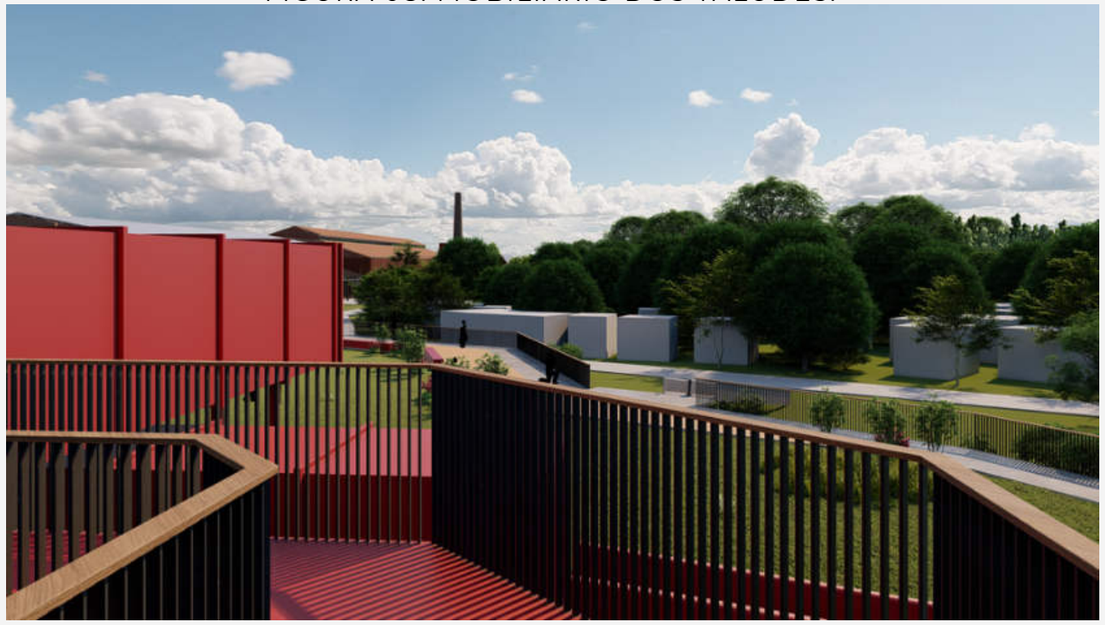
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 07: MOBILIÁRIO DOS TALUDES.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 08: MOBILIÁRIO DOS TALUDES.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

CASA CHICO

PERSPECTIVAS

FIGURA 09: MOBILIÁRIO DOS TALUDES.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 11: PISTA DE SKATE.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 10: PRAÇA DA INFÂNCIA



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 12: PÍER CAPIBARIBE.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

CASA CHICO

PERSPECTIVAS

FIGURA 13: PÍER CAPIBARIBE.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 14: BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL.



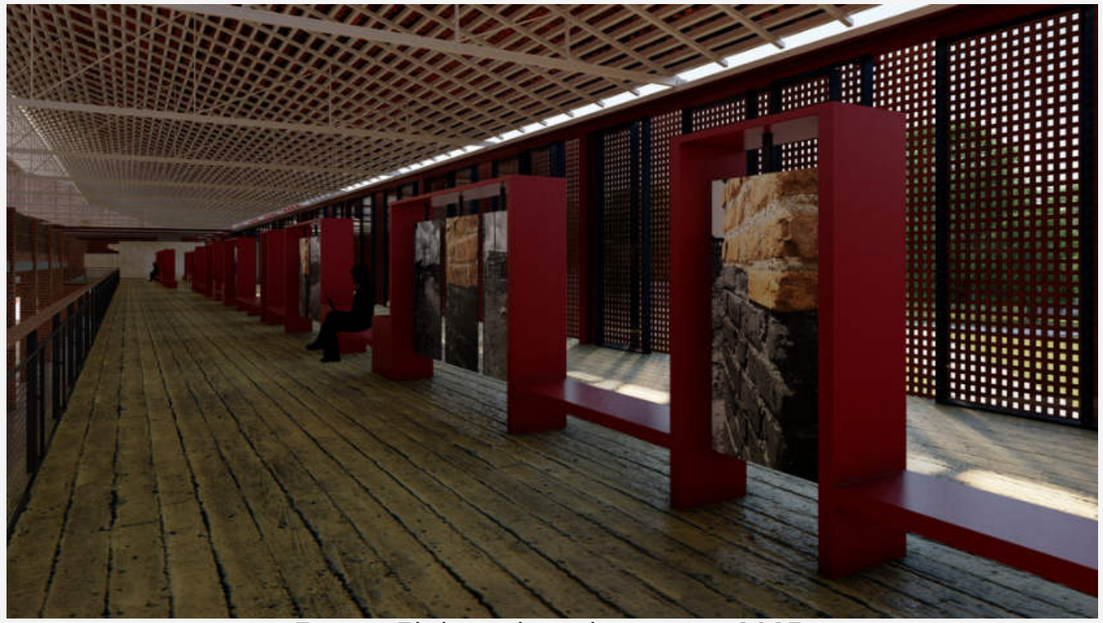
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 15: BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 16: MEMORIAL SOCIEDADE FOLCLÓRICA



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

PERSPECTIVAS

FIGURA 17: INTERIOR BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 18: MEZANINO



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 19: CONTAINERS



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 20: BLOCO EDUCACIONAL E COMERCIAL



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

PERSPECTIVAS

FIGURA 21: OFICINA, CAFÉ E LANCHONETE



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 22: COOPERATIVA DE RECICLAGEM



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 23: COOPERATIVA DE RECICLAGEM



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 24: PÍER COM ÁREA DE ESTAR



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

PERSPECTIVAS

FIGURA 25: ARQUIBANCADA RETRÁTIL



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 26: JARDIM BLOCO EDUCACIONAL



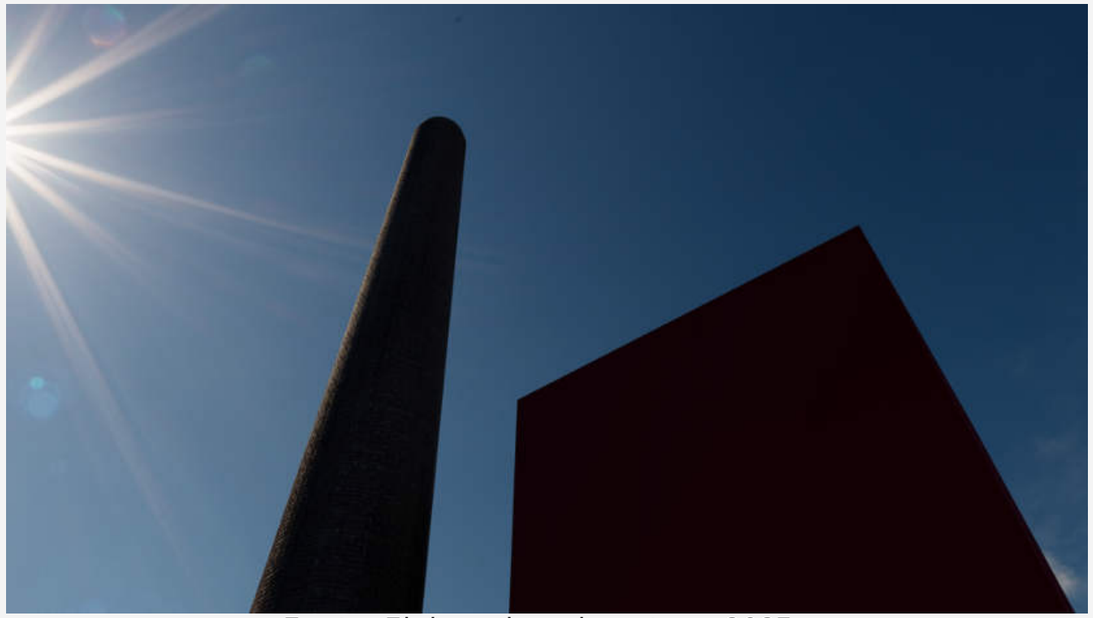
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 27: HORTA COMUNITÁRIA



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

FIGURA 28: VOLUME DA ESCADA E CHAMINÉ



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.